

**Ieda Maria Alves**  
**João Henrique Lara Ganança**  
**(Organizadores)**

**OS ESTUDOS LEXICAIS EM DIFERENTES  
PERSPECTIVAS**



Imagem do site Pinterest

**VOLUME VI**

# OS ESTUDOS LEXICAIS EM DIFERENTES PERSPECTIVAS

## Volume VI

---

**Ieda Maria Alves**  
**João Henrique Lara Ganança**  
(Orgs.)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
São Paulo  
2016

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Reitor: Marco Antonio Zago  
Vice-Reitor: Vahan Agopyan

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Diretor: Maria Arminda do Nascimento Arruda  
Vice-Diretor: Paulo Martins

**COMISSÃO ORGANIZADORA**

Coordenação Geral: Ieda Maria Alves

Revisão: Ieda Maria Alves  
João Henrique Lara Ganança

Capa: João Henrique Lara Ganança  
Diagramação: Gabriel Isola-Lanzoni

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Aderlande Pereira Ferraz  
André Crim Valente  
Antonio Luciano Pontes  
Bruno Oliveira Maroneze  
Claudio Cesar Henriques  
Elis de Almeida Cardoso  
Ieda Maria Alves  
Mariangela de Araújo  
Maria Aparecida Barbosa

Catálogo na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

---

E82 Os estudos lexicais em diferentes perspectivas [recurso eletrônico] :  
volume VI / organizado por Ieda Maria Alves, João Henrique Lara  
Ganança. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2016.  
6819,84 Kb ; PDF.

Trabalhos apresentados durante o X Colóquio Os Estudos Lexicais em  
Diferentes Perspectivas, realizados na Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, nos dias 17, 18 e 19 de  
novembro de 2014.

ISBN 978-85-7506-290-6

1. Lexicologia. 2. Lexicografia. 3. Terminologia. I. Colóquio Os Estudos  
Lexicais em Diferentes Perspectivas. II. Alves, Ieda Maria, *coord.* III.  
Ganança, João Henrique Lara, *coord.*

CDD 410

---

## SUMÁRIO

Apresentação	
<i>Ieda Maria Alves</i> .....	7
▪ O “proibido” em dicionários	
<i>Claudia Zavaglia</i> .....	9
▪ Variantes horizontais na terminologia da crise econômica mundial: por que a preferência?	
<i>Manoel Messias Alves da Silva</i> .....	19
▪ As metáforas no discurso sobre a crise econômica mundial no português do Brasil: alguns resultados	
<i>Odair Luiz Nadin</i> .....	30
▪ A crise econômica mundial e a criação de neologismos metafóricos	
<i>Ieda Maria Alves, Liriane de Andrade</i> .....	42
▪ O prefixo <i>des-</i> em criações lexicais de Manoel de Barros	
<i>Ariadne Mattos Olímpio</i> .....	54
▪ Léxico de falantes religiosos: estudo comparado	
<i>Danivia da Cunha Mattozo Wolff</i> .....	67
▪ Produção do sufixo latino <i>-mentum</i> , no português	
<i>Érica Santos Soares de Freitas</i> .....	86
▪ Neologia: uma análise combinatória de morfossintaxe e semântica	
<i>Fernanda Mello Demai</i> .....	93
▪ Produtividade e criatividade dos neologismos em <i>blogs</i> de jornais do Sul do Brasil	
<i>Fernanda C. Panichella, Manoel Messias Alves da Silva</i> .....	110
▪ A informação fônica no dicionário <i>Parole Chiave</i>	
<i>Maritana Luiza Onzi</i> .....	122
▪ Da agricultura ao agronegócio: um estudo sobre os formativos <i>agri-</i> e <i>agro-</i> em português	
<i>Neide Higino da Silva, Carlos Alexandre V. Gonçalves</i> .....	135
▪ Neologismos formados por composição e expressividade léxico-semântica na poesia de Paes Loureiro	

<i>Raphael Bessa Ferreira</i> .....	165
▪ Os <i>splinters</i> -nese, -nejo e -tone: uma análise pela gramática multissistêmica	
<i>Regina Simões Alves</i> .....	177
▪ Processos de ampliação lexical	
<i>Vito Manzollilo</i> .....	193

## APRESENTAÇÃO

Ieda Maria ALVES  
 Universidade São Paulo  
 iemalves@usp.br

Este volume, o sexto da série *Os Estudos lexicais em diferentes perspectivas*, representa uma seleção de textos apresentados no X Colóquio *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*, realizado de 17 a 19 de novembro de 2014 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Em seu trabalho intitulado *O “proibido” em dicionários*, apresentado no mencionado colóquio sob forma de conferência, Cláudia Zavaglia procura desvendar a *linguagem proibida*, iniciando sua investigação por inserções ou ausências dessa linguagem em obras lexicográficas de referência.

No âmbito da Terminologia, os trabalhos de Manoel Messias Alves da Silva (*Variantes horizontais na terminologia da crise econômica mundial: por que a preferência?*), Odair Luiz Nadin (*As metáforas no discurso sobre a crise econômica mundial no português do Brasil: alguns resultados*) e Ieda Maria Alves e Liriane de Andrade (*A crise econômica mundial e a criação de neologismos metafóricos*), apresentados na mesa-redonda *As diferentes imagens da crise econômica mundial na imprensa espanhola e brasileira*, expõem aspectos variacionais e metafóricos relativos a neologismos, utilizados nas denominações da crise econômica mundial desencadeada em 2008, nos Estados Unidos.

Estudos de caráter lexicológico são apresentados por vários autores deste volume.

Em *Neologia: uma análise combinatória de morfossintaxe e semântica*, Fernanda Mello Demai apresenta relações entre os tipos de neologia sintagmática e semântica na configuração dos termos da Educação do Campo. Fernanda C. Panichella e Manoel Messias Alves da Silva estudam, em *Produtividade e criatividade dos neologismos em blogs de jornais do Sul do Brasil*, a ocorrência de neologismos em três blogs de jornais da região Sul brasileira. Em *Processos de ampliação lexical*, Vito Manzolillo analisa os vários processos de ampliação lexical que ocorrem no português brasileiro. E ainda, na perspectiva da Semântica Lexical e da Lexicologia Social, Danivia da Cunha Mattozo Wolff estuda a relação entre o léxico e a religião, no texto intitulado *Léxico de falantes religiosos: estudo comparado*.

Os estudos morfológicos são representados por trabalhos abordados sob diferentes perspectivas.

Do ponto de vista diacrônico, em *Produção do sufixo latino -mentum, no português*, Erica Santos Soares de Freitas busca identificar o percurso histórico do sufixo *-mento* por meio de análises de obras lexicográficas, gramáticas e tratados sobre morfologia. Estudando construções consagradas e novas, Neide Higino da Silva e Carlos Alexandre V. Gonçalves apresentam, em *Da agricultura ao agronegócio: um estudo sobre os formativos agri- e agro- em português*, os formativos *agro-* e *agri-* em

processos (composição neoclássica, recomposição e um processo intermediário entre os dois) que constituem antigas e novas palavras. No texto *Os splinters –nese, -nejo e –tone: uma análise pela gramática multissistêmica*, Regina Simões Alves analisa a construção de cruzamentos vocabulares com os formativos *-nese, -nejo e –tone*.

Dois trabalhos abordam a Morfologia em textos literários. No estudo intitulado *O prefixo des- em criações lexicais de Manoel de Barros*, Ariadne Mattos Olímpio apresenta a polissemia do prefixo *des-* em criações lexicais extraídas dos poemas de Manoel de Barros. Raphael Bessa Ferreira, em *Neologismos formados por composição e expressividade léxico-semântica na poesia de Paes Loureiro*, analisa neologismos compostos, empregados pelo poeta paraense, que revelam características regionais.

No âmbito da Lexicografia, Maritana Luiza Onzi estuda as informações sobre pronúncia apresentadas no dicionário *Parole Chiave*, obra desenvolvida para aprendizes brasileiros da língua italiana.

A todos os leitores, uma boa leitura.

Dezembro de 2016



## O “PROIBIDO” EM DICIONÁRIOS

Claudia ZAVAGLIA

Universidade Estadual Paulista – São José do Rio Preto  
zavaglia@ibilce.unesp.br

**RESUMO:** O léxico é capaz de traduzir as relações de ordem econômica, social e política que existem entre as diversas classes sociais, designando o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma sociedade linguística comunicam-se entre si. O uso frequente da chamada linguagem proibida por falantes da língua portuguesa do Brasil incitou nosso interesse por tentar desvendá-la, iniciando a nossa investigação pelas inserções dadas a ela ou não em obras lexicográficas de referência. De fato, como, onde e de que maneira o léxico “proibido” é armazenado em dicionários? E ainda: esse tipo de unidade lexical é passível de fazer parte da nomenclatura de dicionários gerais de língua portuguesa do Brasil? Se sim, de que forma? São algumas questões que gostaríamos de discutir neste artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Léxico tabu; Eufemismos; Dicionário.

### INTRODUÇÃO

A língua é um importante símbolo de identidade de um grupo, na qual os comportamentos linguísticos se refletem, seja na busca de aprovação social ou na ênfase das diferenças. Nela, o léxico é capaz de traduzir as relações de ordem econômica, social e política que existem entre as diversas classes sociais, designando o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística se comunicam entre si.

O léxico forma o conjunto de palavras de uma língua disponível ao emprego para os falantes; é um sistema aberto, em contínua expansão, condicionado pelas mudanças socioculturais, em que novas criações lhe são cotidianamente adicionadas, outras esquecidas e ainda, aos poucos, marginalizadas. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados itens que retornam à circulação, com novos sentidos. Isso equivale a dizer que são os falantes que determinam esse léxico, criam-no e o mantêm em sua língua. O léxico é então um fato social, submetido à sociedade; conseqüentemente, é mutante, flexível e está em evolução contínua.

O léxico “proibido”, entendido como “tabu”, define-se tanto pelo seu uso quanto pelo seu conteúdo, visto que apresenta uma duplicidade de sentidos fornecida, muitas vezes, pelas metáforas que veiculam, como é o caso da unidade lexical *cornu*, em que o significado denotativo “ter, possuir apêndices ósseos na parte superior da cabeça de alguns animais” dá lugar à pessoa traída pelo amado. E não há consenso da origem da trilogia *cornu*, *chifre* e *traição* na historiografia. A título de exemplificação, uma possível explicação, e bastante aceita no Brasil, é aquela relacionada ao domínio territorial que o boi, enquanto animal, exercia sobre outros bois. Em uma briga, os

cuidadores desses animais, ao se darem conta de que o boi perdedor, ou seja, aquele que havia sido chifrado pelo outro, ficava sem o seu território e sem as vacas pertencentes a ele (o território), associaram o homem traído, que acabava sem a esposa, ao boi chifrado que tudo perdera. Àquela vinculada à cultura grega é bastante interessante também: Zeus, deus grego de alta respeitabilidade, era exímio em trair Hera, sua esposa. Para traí-la, ele se camuflava de touro e passava em frente dela com aqueles enormes chifres e ela não desconfiava que fosse seu marido.

Considerando os estudos sociolinguísticos, esse tipo de unidade lexical é concebido como uma variante popular, ou melhor, vulgar. As variações linguísticas dividem-se entre a norma culta e a norma popular – a primeira é aquela de maior prestígio social, isto é, a que se impõe como marca dos falantes com maior grau de escolaridade, e a segunda é vulgar, ou seja, seu inverso. Embora essa afirmação tenha grande valia e seja pertinente, o prestígio das variantes linguísticas depende também do contexto em que são empregadas.

Se pensarmos no discurso presente em um dicionário, por meio das suas paráfrases definitórias, podemos nos perguntar: até que ponto os lexicógrafos devem “permitir” ou “proibir” a entrada dessas unidades lexicais em suas obras lexicográficas? Qual “norma” será privilegiada, a culta ou a popular? Ou as duas? Afinal, existe alguma regra para isso?

## LÉXICO PROIBIDO

O uso frequente da chamada linguagem proibida por falantes da língua portuguesa do Brasil incitou nosso interesse por tentar desvendá-la, iniciando a nossa investigação pelas inserções dadas a ela ou não em obras lexicográficas de referência.

Para a decodificação desse tipo de léxico é preciso partir sempre de uma pressuposição erótico-tabu, manifestada nos semas de carga semântica obsceno-proibitiva. Semas são as unidades mínimas de significação presentes num item lexical. Por exemplo, o “senso comum associa a ereção do pênis às noções de rigidez, energia, ação e potência /.../” (ALVES, 2004, p.11); à mulher estão ligados mais frequentemente os semas de /abertura/, /moleza/, /pelagem/ e /beleza/. É comum na linguagem proibida o exagero de alguns semas, especialmente aqueles ligados ao aspecto físico.

Em consonância com a obra de Arango (1991), podemos afirmar que a lexia obsceno-tabu, além de retratar uma cultura, revela a essência do ser humano. De fato, “nela se expressa, na sua forma mais pura e transparente, sem véus e sem pudores, o misterioso instinto que existe desde a origem da vida” (ARANGO, 1991, p. 162). Obsceno, portanto, é sinônimo de indecente, imoral, grosseiro ou chulo.

Mas, qual a origem da palavra “tabu”?

Segundo Riboldi (2012, p. 3), trata-se de uma unidade lexical adotada por Freud para se referir à proibição de determinados atos contrários a padrões morais, presente em várias línguas com diversas origens:

Na origem tonga, de “tapu”, língua bata falada em Moçambique, com o sentido de algo consagrado, destinado a um propósito especial; restrito ao uso de divindades, reis, chefes e proibido ao uso comum; proibido a um grupo social particular. No polinésio “tabu”, proibido, intocável. No inglês, “taboo”, proibição de tocar, fazer ou dizer algo

por medo de um castigo sobrenatural, tornar proibido ou privilégio apenas de alguns. No francês, “tabou”, interdição de ordem social, cultural e religiosa sobre a qual se evita falar por superstição, pudor ou crença. Em sentido amplo, proibição convencional imposta por tradição ou costume à prática de determinados atos, modos de vestir, temas, palavras, etc., tidos como impuros, e que não pode ser violada, sob pena de reprovação ou até perseguição social. Há tabus alimentares, linguísticos, morais, etc. (RIBOLDI, 2012, p. 3)

Admitimos, então, que às palavras atribuem-se valores éticos, os quais só se alteram, no decorrer dos anos, com a mudança de costume da sociedade, e, de certo modo, com a sua evolução. Nessa linguagem, estão as “formas estigmatizadas e de baixo prestígio, condenadas pelos padrões culturais, o que as transformou, com poucas exceções, em tabus linguísticos” (PRETI, 1984a, p. 3).

O tabu que delimita e determina essa tipologia lexical caracteriza-se por ser um sistema de superstições relacionado à religião, a elementos sociais, econômicos e morais, ou seja, podem ser atinentes a nomes de animais, a nomes de partes do corpo, a doenças, lesões e anormalidades e a nomes de deuses e demônios. Assim, é algo fruto de proibição e, ao mesmo tempo e por esse motivo, objeto de desejo. Em outras palavras, é sinônimo de transgressão; estipula o que é autorizado e o que não se permite em determinada sociedade. O tabu linguístico é decorrente das proibições, restrições e escrúpulos sociais; atua na não permissão ou na interdição de se pronunciar ou dizer certos nomes ou certos itens lexicais, aos quais se atribui algum poder e que se violados poderão trazer perseguições e castigos para quem os emprega.

## LÉXICO E DICIONÁRIO

### LÉXICO ERÓTICO-OBSCENO E TABU

Conforme dissemos, o léxico é o componente linguístico mais suscetível a variações e transformações, no qual surgem novas palavras a todo momento e outras podem se tornar obsoletas rapidamente. Nesse processo, segundo Preti (2003b, p. 55), “/.../ vocábulos que se ligam a certos grupos ou atividades específicos, passam a se vulgarizar, entrando para a linguagem comum”. Com efeito, notamos a vulgarização de vocábulos e expressões considerados de baixo prestígio social, como as gírias e o léxico obsceno, que podem adentrar na linguagem dos falantes em geral, encaixando-se em outros níveis de prestígio social. Por prestígio social entendemos uma valoração social positiva, ou seja, a propriedade de ser digna de imitação, por ser positivamente avaliada, na base da alta escala social. O prestígio não é, portanto, uma propriedade objetiva, mas depende da avaliação de certas características sociais ou pessoais que membros de uma comunidade consideram particularmente desejáveis em termos de sucesso, riqueza, imagem ou estilo de vida.

Cria-se, assim, outra norma linguística subjetiva, por meio da qual se estabelecem critérios de aceitabilidade social da linguagem (BERRUTO, 2005).

Esse fato de vocábulos e expressões de baixo prestígio social serem absorvidos, de certa maneira, ao discurso culto e prestigiado, via oral ou escrita pelos meios de

comunicação de massa, prenuncia que o léxico erótico-obscoeno e os palavrões em geral estão cada dia mais presentes nos recursos afetivos da língua.

De acordo com Preti (2003b), é fantasioso creditar o uso desse léxico às classes econômicas mais baixas. De fato, a apreciação da obscenidade e do erotismo já foi objeto de classes nobres, desde a época dos romanos, com os poetas eróticos latinos. Esse mesmo autor, em 2003 ainda, escreveu que, nos dias de hoje: “A sociedade moderna, com a rápida transformação dos costumes, em particular dos conceitos de moralidade, tem sido propícia à liberação maior desse tipo de vocabulário” (p. 60).

Será?

Sírio Possenti (2014, p. 1) diz que “evitar termos tabus ou negativos é algo constitutivo no funcionamento das línguas”. Com isso, a estratégia do uso de eufemismos hoje, na nossa língua, está cada vez mais acentuada e, não raro, acaba sendo motivo de brincadeiras linguísticas, como é o caso da designação *afrodescendente* para aquele que é descendente de família ou indivíduo africano negro. Chamar alguém de *negro* ou *preto* é politicamente incorreto, podendo levar o infrator a penalidades judiciais. De fato, as minorias ganharam voz e não aceitam ser denominadas por termos ou expressões ditos ofensivos. Por consequência, tudo, de uma hora para a outra, mudou de nome: o “Samba do Crioulo Doido”, de Stanislaw Ponte Preta, nos dias de hoje, seria algo como “Samba do Afrodescendente Mentalmente Desequilibrado”, segundo Gonzalez (2013). Nessa esteira, a “bolacha negresco” deverá ser chamada de “bolacha afrodescendesco” e a expressão “a coisa tá preta” deverá ser substituída por “a coisa tá afrodescendente”.

Outras tantas formas eufemísticas têm circulado nas falas dos brasileiros, tais como: “secretária ou auxiliar ou pessoa praticamente da família” para “empregada doméstica”; “manifestantes” para “vândalos”; “concessão” por “privatização”; “colaborador” para “trabalhador ou empregado”; “Personal stylist for shoes” por “engraxate”; “agente júnior de atividades diversificadas” para “office-boy”; “CEO de entretenimento adulto” para “cafetão”; “empreendedor de novas oportunidades” por “desempregado” etc.

Quando se usam os ditos “palavrões”, provocam-se, de imediato, duas reações diferentes na sociedade: uma de crítica porque infringe os padrões linguísticos e outra de curiosidade, visto que qualquer reação às regras sociais em vigor causa surpresa. Em geral, o léxico proibido é utilizado pelos falantes para expressar injúria, blasfêmia, agressão ou para exprimir um sentimento mais do que uma comunicação. Por isso, deixa de ser exclusivo de uma só classe. Esse tipo de emprego vocabular é visto como elemento de libertação para aliviar a tensão social, abarcando todos os níveis da comunidade.

O palavrão de carga semântica erótico-obscoena também é associado a uma ofensa, desacato ou ultraje. Segundo Borba (2003), “O grau de ofensa expresso pelo insulto depende da intimidade das pessoas implicadas, do nível de educação e traquejo social, das circunstâncias em que se dá o discurso” (p. 32). Para muitos, alguns itens desse léxico perderam a carga semântica aviltante que possuíam; constata-se que ainda há preconceito em relação ao emprego do palavrão, todavia, a cada dia em menor escala. Muitos deles não são aceitos em todos os contextos, mas entre amigos, familiares e em relacionamentos amorosos, encontra-se um emprego que prenuncia intimidade, familiaridade. A unidade lexical *caralho*, dependendo do contexto em que for empregada, além da entonação, e para quem for dirigida, terá valoração positiva ou negativa, como por exemplo: “Festa do *caralho* ontem, véio!”. Desse modo, se há relação de proximidade, adotar palavrões é admissível e não se padece de restrições

morais. É um meio eficaz de despertar a atenção do receptor, não refletindo propriamente um insulto ou uma obscenidade. Deprendemos que, para considerarmos uma unidade léxica erótico-obscena como sendo um palavrão, isto é, para se estabelecer uma expressão como insulto ou chulismo, devemos refletir, primeiramente, se existe ou não a vontade de se constranger alguém e com qual inflexão de voz é (ou foi) dita, ou se há (ou houve) simplesmente o desabafo de uma emoção naquela comunicação.

## DICIONÁRIO

O dicionário, grosso modo, é um livro apenas de consulta; por esse motivo os usuários deveriam encontrar rápido e facilmente entre seus “parágrafos” a informação de que necessitam em particular. A disposição das palavras em um dicionário geralmente é feita em ordem alfabética, como entradas lexicais, ou lemas.

O conjunto dessas entradas ordenadas, comumente chamado de nomenclatura e disposto de forma vertical, recebe o nome de macroestrutura. Para se estabelecer o que vai fazer parte dela, ao produzir um dicionário, é preciso fixar-se em alguns critérios preestabelecidos a sua produção. A outra estrutura que compõe o dicionário se denomina microestrutura, e está organizada de forma horizontal após os lemas. Ela tem como eixos básicos a definição da unidade lexical que constitui a entrada e a ilustração contextual.

O dicionário busca registrar e definir os signos lexicais que se referem a conceitos elaborados e cristalizados na cultura da língua em questão. Converte-se em um instrumento de grande importância nas sociedades contemporâneas, chega a representar uma autoridade nas questões de língua e confere prestígio àqueles que o possuem, podendo até mesmo ser considerado uma obra cultural.

Diante do que foi dito, como, onde e de que maneira o léxico “proibido” é armazenado em dicionários? Antes: esse tipo de unidade lexical é passível de fazer parte da nomenclatura de dicionários gerais de língua portuguesa? Se sim, de que forma?

Convém ressaltarmos que ao lexicógrafo é dada a tarefa de seleção da matéria léxica que fará parte da macroestrutura do dicionário e, nesse sentido, são significativas tanto a presença quanto a ausência de determinado tipo de entrada lexical. De fato, a exposição ou o ocultamento de certas unidades indica a tendência ideológica que é, ou se deseja que seja, veiculada no dicionário. Os insultos e os preconceitos podem ser difundidos e disseminados na nomenclatura, na definição e nos exemplos, quando existentes.

Neste trabalho, as unidades lexicais analisadas foram pesquisadas em três dicionários de língua geral do português do Brasil: *Aurélio* (Ferreira, 2010), *Houaiss* (2009) e *Caldas Aulete* (2014).

Alguns itens lexicais, naturalmente, merecem atenção especial quando se trata da elaboração de um dicionário, tais como aqueles relacionados à fisiologia da excreção ou da reprodução. É interessante ressaltar que, a esse âmbito léxico, dois tipos de tratamento têm sido sistematicamente empregados nas obras em questão, tanto para as unidades ditas tabu como para as designações técnico-científicas: (1) o uso das marcas de uso, com uma etiquetagem bastante diversa, tais como “chulo”, “tabuísmo”, “tabu” e (2) o emprego do eufemismo, por meio de definições (i) científicas ou neutras, (ii) remissivas e, frequentemente, (iii) circulares. Vejamos os exemplos para as ULs *cagar* e *foder*:

Dicionários	Cagar		Foder	
	Marcas de uso	Eufemismo	Marcas de uso	Eufemismo
<b>Aurélio</b>	+ chulo	<i>Remissiva:</i> V. V. Defecar (5)	+ chulo	<i>Remissiva:</i> V. copular (2)
<b>Houaiss</b>	+ informal ou tabuísmo	<i>Científica:</i> Expelir fezes; defecar	+ tabuísmo	<i>Remissiva:</i> m.q. COPULAR ('ter relação')
<b>Caldas Aulete</b>	-	<i>Científica + remissiva:</i> Expelir fezes pelo ânus; DEFECAR; EVACUAR.	+ tabu	<i>Científica + remissiva:</i> Ter relação sexual com; COPULAR

**Tabela 1:** Itens lexicais *cagar* e *foder* em dicionários

É interessante notarmos que para a UL *cagar*, os três dicionários utilizaram-se de remissivas “formais” em sua definição, sendo que Houaiss e Caldas Aulete acrescem de um texto explanatório, para em seguida indicar a UL a qual o usuário deverá se remeter para decodificá-la. O emprego das marcas de uso não foi feito somente pelo Caldas Aulete, enquanto os outros dois utilizaram-se de etiquetagem variada. Já para o verbo *foder*, os três dicionários empregaram a rotulagem, mesmo que diversa, além da remissiva. O Caldas Aulete é o dicionário que mais tenta “explicar”, mesmo que veladamente, a entrada tabuízada, enquanto que o Houaiss faz uso de um pós-comentário, após a remissiva, a nosso ver, desnecessário, uma vez que acrescenta que *copular* é “ter relação”, mas não indica que tipo de relação seria essa, dando a entender que esteja subentendido por parte do usuário qual seja e por isso mesmo não necessita ser explicitada.

Por sua vez, quando nos dirigimos às entradas remetidas, no caso os verbos *defecar* e *copular*, deparamo-nos com:

Dicionários	Defecar		Copular	
	Marcas de uso	Eufemismo	Marcas de uso	Eufemismo
<b>Aurélio</b>	-	<i>Neutra:</i> 5. Expelir os excrementos	-	<i>Neutra + circular:</i> 2. Ter cópula (2)
<b>Houaiss</b>	-	<i>Neutra:</i> 3. Expulsar excremento pelo ânus; borrar, bostar, descomer	-	<i>Neutra:</i> 2. Manter cópula ('relação sexual')
<b>Caldas Aulete</b>	-	<i>Neutra + remissiva:</i> 1. Expelir natural ou involuntariamente excrementos pelo ânus; EVACUAR; BOSTAR; OBRAR; DESCOMER; BORRAR; CAGAR [int.: <i>Seu passarinho quase não defecava</i> ]	-	<i>Neutra:</i> 2. Ter cópula, relação sexual (com). [tr. + com: Entre as formigas, a principal função dos machos é copular com as rainhas.] [int.: “As chimpanzés adultas tipicamente copulam centenas de vezes para cada filhote

concebido.” (Drauzio Varella, *A relação dos machos com as fêmeas* )

**Tabela 2:** Itens lexicais *defecar* e *copular* em dicionários

Os três dicionários parecem procurar uma neutralidade em suas definições explanatórias para esses dois itens lexicais, sendo que o Aurélio é aquele que tende mais à objetividade, além da circularidade, uma vez que leva o usuário a dirigir-se a outra entrada em busca de decodificação, como para a UL *copular*. Interessante notar que para *defecar*, apenas o Caldas Aulete oferece como primeira acepção a definição mais frequentemente conhecida do público leigo, ou seja, “expelir fezes pelo ânus”, enquanto que Aurélio e Houaiss oferecem-na nas quinta e terceira acepções, respectivamente; de fato, esses dois últimos dicionários transmitem, antes de mais nada, a conotação de “limpeza”, “pureza” e “depuração” para o ato de defecar. O mesmo se verifica para o verbo *copular*, cujo significado de “ter relações sexuais com” é introduzido apenas nas segundas acepções dos três dicionários, sendo que as primeiras difundem a conotação de “ligação”, “junção” e “união”. Salta aos olhos, também, o fato de ser o Caldas Aulete o único dicionário que insere exemplos nesses verbetes, o que seria um ponto bastante positivo para essa obra se não fosse o fato de que tanto para *defecar* como para *copular*, apenas animais como passarinhos, formigas e chimpanzés são considerados atores-sujeitos dessas ações, ao passo que ao homem, dotado da condição humana, parece possuir alguma outra posição nobre para esses dois atos, fato esse que o eleva, assim, a alguma outra categoria ou entidade ideologicamente superior àquela das outras espécies. É o que se pode depreender da leitura desses discursos. E é o que nos leva a acreditar na hipótese de que *defecar* e *copular* sejam consideradas também unidades-tabu por esses dicionaristas. É para se refletir sobre.

Visto que estamos vivendo um período, conforme já dito, de manifestações em prol do reconhecimento de certos grupos minoritários, voltamos nosso olhar também ao léxico dos homossexuais ou LGBT<sup>1</sup> uma vez que, pelo menos no Brasil, quase todos os dias podemos ler notícias sobre ações repressivas contra casais ou grupos que tentam encontrar respeitabilidade e aceitação numa sociedade que se mostra cada vez mais repressiva, coercitiva e impositiva de valores morais e éticos que não se sabe muito bem de que tipo.

Desse modo, selecionamos algumas unidades lexicais, de forma aleatória, a partir da obra lexicográfica *Gaycionário*<sup>2</sup> e buscamos a sua inserção nos três dicionários que estamos analisando, a saber: *amapô*, *bicha*, *divar*, *entendido*, *gilete*, *jeba*, *sapatona*, *sair do armário* e *tia*.

Vejam os resultados das análises junto aos dicionários:

Dicionários	Unidades lexicais								
	Amapô	bicha	divar	entendido	gilete	Jeba	sapatona	Sair do armário	Tia
<b>Aurélio</b>	-	+ [chulo]	-	+ [gír.]	+ [chulo]	+ [chulo]	-	+ [gír.]	+ [gír.]
<b>Houaiss</b>	-	+ [inf.]	-	+ [tabuísmo]	+ [tabuísmo]	+ [tabuísmo]	-	+ [informal]	+ [informal]
<b>Caldas Aulete</b>	-	+ [vulg.]	-	+ [gír]	+ [tabu]	+ [tabu]	+	+ [gír.]	+ [gír.]

**Tabela 3:** Itens lexicais extraídos do *Gaycionário* verificados em dicionários

Das nove unidades, três: *amapô* (ou *amapoa*, significa mulher), *divar* (ter atitude de diva) e *sapatona* (mulher homossexual que tem trejeitos bastante masculinizados) não foram encontradas nos dicionários, com exceção do Caldas Aulete que registra *sapatona* e a define como: Mulher masculinizada ou homossexual; lésbica; sapatão.

Todos os dicionários usam as marcas de uso “chulo”, “vulgar”, “tabuísmo” e “tabu” para rotularem as entradas *bicha*, *entendido*, *gilete* e *jeba*, com variações entre eles, como, por exemplo, Houaiss que marca *bicha* como “informal”, mas etiqueta com a marca “tabuísmo” a UL *entendido*, quando os outros dois dicionários a marcam como “gírica”. As expressões *sair do armário* e *tia*, este último definido como “homossexual ou idoso”, também são rotuladas como pertencentes à gíria por Aurélio e Caldas Aulete, ao passo que Houaiss as rotula como “informal”. Seria interessante se os dicionários acrescentassem, além das marcas de uso, outras informações que pudessem esclarecer ao usuário quando as empregar, em quais situações e para qual tipo de interlocutor, por meio de pós-comentários ou notas de uso.

Nota-se que esses dicionários lançam mão, também para essas lexias, de definições que buscam a neutralidade, mas que, no entanto, acabam por serem veladas, na medida em que se utilizam de itens lexicais opacos, tais como *efeminado*, utilizado nos contextos definitórios da UL *bicha* no Aurélio e no Houaiss, com exceção do Caldas Aulete que a define, sem rodeios, como “homossexual masculino”.

A propósito ainda de definições que transmitem, mesmo que de forma inconsciente, a ideologia de certos grupos dominantes, e que, por isso mesmo, acabam sendo tabuízadas e preconceituosas, damos o exemplo das unidades *cornudo*, *cornuda* e *cornu* em que, para *cornudo*, Aurélio a remete para a UL *cornu* e Caldas Aulete a ignora como sinônimo de *cornu*, ao passo que Houaiss a define como “diz-se de ou homem traído pela mulher, amante ou namorada”. Houaiss faz o mesmo com a UL *cornuda*, a saber: “mulher traída pelo marido, amante ou namorado”. Em relação ao item lexical *cornu*, Aurélio a define como: “Diz-se do marido de adúltera; chifrudo, galhudo, guampudo, aspudo”, Houaiss como “que ou aquele que é traído pela mulher; cornaça, cornudo, guampudo” e Caldas Aulete como “Marido cuja mulher tem ou teve relações sexuais com outros homens (com ou sem conhecimento ou consentimento dele); cabrão; chifrudo; cornudo; galhudo”. À parte os discursos relativos aos conceitos de traição e adultério, essas definições desconsideram totalmente a existência de qualquer relacionamento homoafetivo, tanto em relação ao homem, quanto em relação à mulher. De fato, o *cornudo* é apenas o homem que tem relação sexual com outra mulher e não com um homem e *cornuda*, por sua vez, a mulher que se relaciona sexualmente somente com outro homem e não com outra mulher.

## CONCLUSÃO

Muitas são as tarefas do lexicógrafo, conforme temos amplamente divulgado; entretanto, é empreitada dele também promover a **desideologização** das obras lexicográficas, procurando redigir definições objetivas, claras e neutras, apresentando usos linguísticos mais comuns e gerais, que reflitam, de fato, a sociedade na qual esse léxico está sendo veiculado e utilizado. O reflexo das mudanças sociais tem de ser verificado e estar presente também nos dicionários, seja pelos discursos que veiculam, sejam pelas unidades lexicais que contemplam, bem como pelos exemplos que



apresentam. Por vezes, as alterações são demasiado pequenas, se pensarmos nos efeitos que poderão gerar no futuro e para a vida das pessoas. De fato, com a substituição de duas unidades lexicais, no caso, *homem* e *mulher*, para apenas uma, a saber, “pessoa amada”, teríamos definições mais condizentes com a nossa realidade de hoje, para as entradas *cornudo*, *cornuda* e *corno*, ou seja: “diz-se de ou homem traído pela **pessoa amada**” e “mulher traída pela **pessoa amada**”, e que refletiriam o anseio de um grupo que apenas quer um lugar ao sol na sociedade para ter uma casa no campo e ser feliz.

## NOTAS

- (1) Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.
- (2) *Gaycionário*: o dicionário com as gírias mais engraçadas da comunidade gay. Disponível em: <http://igay.ig.com.br/2014-03-07/conheca-o-gaycionario-o-dicionarios-com-os-temas-mais-divertidos-da-comunidade-gay.html>. Acesso em: 15 nov. 2014.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, J. E. D. *A linguagem e as representações da masculinidade*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004. Disponível em: [http://www.ence.ibge.gov.br/images/ence/doc/publicacoes/textos\\_para\\_discussao/texto\\_11.pdf](http://www.ence.ibge.gov.br/images/ence/doc/publicacoes/textos_para_discussao/texto_11.pdf). Acesso em: 15 nov. 2014.
- ARANGO, A. C. *Os palavrões*. Trad. de Jasper Lopes Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BERRUTO, G. *Fondamenti di sociolinguistica*. Bari: Laterza, 2005.
- BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- CALDAS AULETE, F. J. *iDicionário Aulete*. Lexicon Editora Digital Ltda, 2014. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 15 nov. 2014.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0*. Curitiba: Editora Positivo, 2010.
- GONZALEZ, B. *Eufemismos*. 2013. Disponível em: [http://xbrunosgrx.blogspot.com.br/2013\\_06\\_01\\_archive.html](http://xbrunosgrx.blogspot.com.br/2013_06_01_archive.html). Acesso em: 15 nov. 2014.
- HOUAISS, A. *Houaiss Eletrônico*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

POSSENTI, S. Eufemismos. *Revista Ciência Hoje*. Disponível em:  
<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/palavreado/eufemismos>. Acesso em: 15 nov.  
2014.

PRETI, D. (Org.) *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo:  
Humanitas/FFLCH/USP, 2003b.

PRETI, D. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo:  
Queiroz, 1984a.

RIBOLDI, A. *Tabu, preconceito, gay, lésbica, homofobia, metrossexual*. 2012.

Disponível em:

[http://www1.prefpoa.com.br/pwcidadao/default.php?reg=84&p\\_secao=158](http://www1.prefpoa.com.br/pwcidadao/default.php?reg=84&p_secao=158). Acesso  
em: 15 nov. 2014.

---

## VARIANTES HORIZONTAIS NA TERMINOLOGIA DA CRISE ECONÔMICA MUNDIAL: POR QUE A PREFERÊNCIA?

Manoel Messias Alves da SILVA  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
manoelsilva042@gmail.com

**RESUMO:** Estas variantes, como um recorte na descrição proposta por Faulstich (2001), são consideradas geográficas, pois vão se dar no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua e podem ocorrer ou da polarização das diferentes comunidades linguísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais, ou mesmo pelas influências que cada comunidade sofreu durante sua formação. Ao lado delas, podem ser identificadas ainda as variantes terminológicas de discurso que vão se dar na sintonia comunicativa que se estabelece entre o elaborador e o usuário dos textos técnicos e científicos. O terceiro tipo do grupo são as variantes terminológicas temporais que se configuram como preferidas no processo de variação e mudança, pois duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma forma se fixe como a preferida. Toda essa classificação foi identificada dentro das variantes terminológicas de registro, um tipo de variante terminológica concorrente, ao lado da variante dita linguística. Sempre em contextos iguais, diz-se que tais UTs encontram-se em situação de concorrência, que pode conduzir para uma mudança no sistema lexical da língua, ou seja, um dos concorrentes cai em desuso e é substituído pelo outro; ou pode proporcionar a permanência de ambas as formas no uso do idioma. Serão apresentados neste artigo os resultados parciais identificados a partir da manipulação do *corpus* recolhido no Jornal *Folha de S. Paulo*, que integra o Projeto *Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crise econômica mundial; Variantes geográficas; Variantes horizontais; Variantes terminológicas concorrentes; Variantes terminológicas de registro.

### INTRODUÇÃO

A literatura sobre a variação terminológica tem contribuído enormemente para a compreensão de terminologias e despertado grande interesse nos pesquisadores que manipulam *corpus* com grande número de palavras-ocorrência. Há uma tendência mais tradicional e aceita que preconiza sua classificação em variantes terminológicas concorrentes, co-ocorrentes e competitivas. Dentro do primeiro grupo, há uma subdivisão em dois outros grupos: as variantes terminológicas linguísticas e as variantes terminológicas de registro.

As variantes terminológicas linguísticas "são aquelas cujo fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação" (FAULSTICH, 2001, p.

23). Dentro dessa ideia, pode-se dividi-la, de acordo com a autora, em variante terminológica fonológica, variante terminológica lexical, variante terminológica gráfica, variante terminológica morfológica e variante terminológica sintática.

Já a variante terminológica de registro é o segundo tipo de variante terminológica concorrente, ao lado daquela, e são definidas como "aquelas em que a variação decorre do ambiente de ocorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos" (FAULSTICH, 2001, p. 23). Seguindo esse ideário da autora, é possível dividi-la em variante terminológica geográfica, variante terminológica de discurso e variante terminológica temporal.

Esta última será o objeto de estudo neste trabalho, como um recorte de toda essa classificação descrita pela autora apenas para as denominadas variantes concorrentes.

Segundo a autora (FAULSTICH, 2001), quando ocorre o uso de duas Unidades Terminológicas (UTs) em contextos iguais, diz-se que tais UTs encontram-se em situação de concorrência. Esta concorrência pode conduzir para uma mudança no sistema lexical da língua, ou seja, um dos concorrentes cai em desuso e é substituído pelo outro; ou pode proporcionar a permanência de ambas as formas no uso do idioma.

Esta variação terminológica de registro, um dos tipos da variação terminológica concorrente, pode ser caracterizada como aquela variação que decorre da ambientação da ocorrência, isto nos planos horizontal, vertical e temporal. A primeira a ser apresentada é a *variante terminológica geográfica*. Ela se dá no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua e pode ocorrer ou da polarização das diferentes comunidades linguísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais, ou mesmo pelas influências que cada comunidade sofreu durante sua formação.

Outro tipo de variação nesse grupo é a *variante terminológica de discurso*, dita *vertical*. Este tipo de variação vai se dar na sintonia comunicativa que se estabelece entre o elaborador e o usuário dos textos técnicos e científicos. Pode ocorrer que o primeiro faça uma proposta mais elaborada que o seu usuário espera e, a partir da vulgarização da terminologia, ocorra uma adaptação.

Por último, sempre na visão de Faulstich (2001), há a *variante terminológica temporal*, que se configura como preferida no processo de variação e mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma forma se fixe como a preferida.

Mais recentemente, no entanto, outros teóricos começaram a se interessar por esse fenômeno, já que ele indica que a proposição wüsteriana de que cada termo deve corresponder a uma denominação não encontrava sustentação na descrição de terminologias *in vivo*.

Uma autora muito aceita hoje pela descrição que faz do fenômeno variacionista é Freixa (2013, 2014). Sua descrição abarca aspectos culturais e sociais, mas não será apresentada e comentada aqui em razão do espaço. Isso será feito em outra oportunidade. A intenção aqui é apresentar uma descrição em relação à proposta de Faulstich (1997, 2001, 2002), com base nos exemplos retirados do *corpus* de análise. A preocupação será sempre a de inferir se a variação horizontal predominou nesse recorte das metáforas identificadas e criadas a partir do advento da crise econômica mundial.

Este trabalho se insere em um projeto maior intitulado *Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita*, que está sendo desenvolvido mediante um acordo de cooperação mútua entre a Universidade de Vigo (Espanha) e a Universidade de São Paulo (Brasil), esta associada com a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita

Filho" (Araraquara) e a Universidade Estadual de Maringá (Maringá), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no âmbito do Brasil, e na Espanha, pela Direção Geral de Política Universitária (DGPU), vinculada ao Ministério da Educação, Cultura e Desportos (MECD), com vistas ao Programa de Cooperação Internacional CAPES-DGPU. O objetivo aqui é apresentar informações quanto à montagem do *corpus* em português brasileiro (PB) que coube ao autor, demonstrando ainda uma análise das variantes horizontais com o que já foi possível identificar em relação às imagens criadas pela crise econômica mundial.

## ESTABELECIMENTO E MANIPULAÇÃO DO *CORPUS*

A construção dos *corpora* em espanhol europeu (EE) e português brasileiro (PB) se deu inicialmente com a divisão em dois *subcorpora*: um *subcorpus* espanhol e um *subcorpus* brasileiro.

A princípio, constituiu-se, para cada uma das culturas, um *corpus* com as notícias divulgadas pela imprensa sobre a crise econômica mundial com as seguintes características: i. fontes: dois jornais de circulação nacional, de informação geral (*El País*, *El Mundo* // *Folha de S. Paulo*, *O Globo*) e um jornal especializado (*Expansión*// *Valor Económico*); ii. frequência: um exemplar por semana (sexta-feira); iii. período: agosto de 2007 a dezembro de 2013; iv. totais: foram examinados um total de 332 exemplares de cada um dos três jornais. Para cada cultura, o *corpus* foi constituído por 996 exemplares dos jornais. (ALVES et al, 2014, p. 2)

No recorte atribuído ao autor, a constituição do *corpus* se deu no Jornal *Folha de S. Paulo*, no período de agosto de 2010 a dezembro de 2013. Na escolha dos artigos que versavam sobre a crise econômica mundial, chegou-se a um número de quase dois milhões de palavras-ocorrência, devidamente catalogadas, conforme determinação estabelecida no protocolo do projeto.

Foi proposta a elaboração de uma ficha descritiva de cada jornal em que figurassem dados sobre: volume total de palavras de um exemplar desse jornal (ponderado) e um sumário que descrevesse as seções que representa. Cada um dos textos selecionados pelo parâmetro “crise econômica” foi identificado no começo e no final com uma chave que, posteriormente, permitiu saber de que texto provinha uma ou outra denominação:

O formato das etiquetas de identificação que figuram no começo e no final do texto incluíram informações sobre: o nome do jornal, a data da publicação do artigo, o número da página, a seção, o autor do texto e os dados de tradução, caso houvesse.

Assim, por exemplo, um texto da *Folha de S. Paulo* de 3 de agosto de 2007 que figurasse na página 8, na seção Internacional, assinada por Josep Stiglitz e traduzida por Walter Costa figuraria do seguinte modo: <FSP\_03/08/2007\_08\_INT\_JOSEP STIGLITZ\_T\_WALTER

COSTA>. Estes *corpora* foram constituídos por vinte e dois milhões de ocorrências em EE e trinta e cinco milhões de ocorrências no PB. (ALVES et al, 2014, p. 3)

Para se obter concordâncias, lista de palavras, contextos, estatísticas etc., foi utilizado o programa *Word Smith Tools* na versão 6.0. Para o recorte apresentado aqui, foi utilizado o programa *Unitex* 3.0. Do estudo destes *corpora* foram obtidas as seguintes informações: 1. quanto espaço cada um dos jornais/culturas dedica, em média, ao evento crise econômica com relação a um exemplar-modelo (ficha descritiva); 2. uma relação de termos especializados presentes nos documentos-fonte com seus contextos e data de edição, jornal, seção, autor etc.; 3. dados de frequência da presença de cada termo em relação com as variáveis cronológica, texto semiespecializado ou de divulgação, autor etc., ainda conforme Alves et al (2014).

A partir das concordâncias, buscou-se decidir, em revisão manual e por frequência, quais são os candidatos a UTs mais representativos da crise econômica mundial e quais os conceitos (e denominações) que esta crise introduz na sociedade de recepção (por exemplo, *crédito subprime*, *banco malo* etc.). Está sendo elaborada uma lista de termos da crise econômica (mais representativos + mais inovadores) que possam servir como palavras-chave para constituir a nomenclatura da crise econômica mundial.

É possível que a lista de termos seja ampliada conforme os textos compilados sejam estudados, de modo que um mesmo conceito possa registrar várias denominações, sendo possível que algumas dessas denominações somente sejam detectadas nesta fase. Está sendo importante compilar a maior quantidade de variantes terminológicas e realizar a busca também com estas denominações.

Estão sendo igualmente elaboradas as concordâncias com o programa *Word Smith Tools*:

Do estudo destes *corpora* serão obtidas informações pertinentes para um estudo semântico. A intenção é obter: 1. uma relação de termos especializados, presentes nos documentos-fonte, com seus contextos e data de edição, jornal, seção, autor etc.; 2. informação nocional que permita estabelecer relações semânticas entre os conceitos da crise econômica, como também relacionar cada uma das variantes denominativas com o conceito que representam; 3. a partir do estudo dos termos, busca-se identificar os que apresentam uma imagem (metáfora, anáfora, comparação) em seu interior. (ALVES et al, 2014, p. 4)

A partir das concordâncias se decidirá, por meio de revisão manual e por frequência, quais são os termos mais representativos da crise e quais os conceitos (e denominações) mais importantes e se aprofundará no modo como a crise se apresenta e por meio de que imagens, nas respectivas sociedades.

A partir de janeiro de 2014, foi iniciada uma Fase 2. Ela consistiu na elaboração de uma base de dados relacional que, partindo do conceito, sirva para agrupar suas variantes denominativas. Além disso, deve colocar em relação de equivalência as denominações que esse conceito receber em ambas as culturas.

Para cada variante se identificam os dados de localização e se inclui informação sobre o campo que serve de referência na imagem. A informação pode ser recuperada por este último campo. O desenho da base de dados já se encontra ativo com os pesquisadores trabalhando *on-line* na Espanha e no Brasil.

Dessas variantes todas identificadas na manipulação do *corpus*, esse específico e manipulado pelo autor, há uma gama diversificada de tipos que podem ser identificados, a partir da descrição proposta por autores diversos, dos quais Faulstich (2001) foi escolhida para a apresentação dos dados que se verá a seguir.

## ASPECTOS TEÓRICOS ELEITOS E EXEMPLIFICAÇÃO/ANÁLISE

Ao se debruçar sobre a proposta descritiva de Faulstich (2001), vê-se, como já mencionado na introdução, que a classificação das variantes terminológicas perpassa três grandes grupos: as concorrentes, as co-ocorrentes e as competitivas. Para os objetivos deste trabalho, interessam particularmente as variantes concorrentes, já que elas ocorrem em contextos iguais, ou seja, diz-se que tais Uts encontram-se em situação de concorrência, que pode conduzir para uma mudança no sistema lexical da língua, ou seja, um dos concorrentes cai em desuso e é substituído pelo outro; ou pode proporcionar a permanência de ambas as formas no uso do idioma.

Nessa perspectiva descritiva, há as variantes de registro, caracterizadas como as que decorrem da ambientação da ocorrência, isto no plano horizontal, vertical e temporal.

Adentrando um pouco mais nessa descrição proposta por Faulstich (2001), encontram-se as variantes terminológicas geográficas, que vão se dar no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua e podem ocorrer ou da polarização das diferentes comunidades linguísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais, ou mesmo pelas influências que cada comunidade sofreu durante sua formação.

É o que se observa, por exemplo, em:

O processo é um **balde de água fria** na negociação do acordo de livre-comércio entre Mercosul e União Europeia, cuja troca de ofertas de abertura de mercado estava marcada para este mês, mas foi adiada para janeiro a pedido dos europeus. <FSP\_20/12/2013\_B1\_MER\_LANDIM RAQUEL\_CRUZ VALDO>

A fala de Draghi teve o efeito de um **balde de água gelada** no mercado, com quedas nas Bolsas dos principais países europeus (Alemanha, França e Reino Unido) e no índice Dow Jones, da Bolsa nova-iorquina, que recuou 0,7% - no Brasil, a Bovespa fechou em baixa de 1,37%. <FSP\_03/08/2012\_A16\_MUN\_NOTÍCIAS AGÊNCIAS DE/>

A diferença por ser considerada muito tênue, mas a julgar pelos comentários do articulista do primeiro excerto, sua consideração é mais comedida do que aquela apregoadada pelo repórter, presente no segundo na Editoria Mundo do Jornal *Folha de S.*

*Paulo*, que parece estar mais preocupado em relatar a real situação dos mercados, ao invés de atenuá-la para os investidores, como quis fazer o articulista.

Além disso, esta unidade fraseológica, *balde de água fria*, é muito popular no Brasil, com feixes de lexias que remontam a um sentido figurado, típico das expressões metafóricas, no sentido de que "é pouco acolhedor, que não é caloroso" (HOUAISS ELETRÔNICO 3.0), em oposição ao neologismo fraseológico cunhado pelo repórter que conota um sentido também figurado de "estado de torpor; paralisado, petrificado" (HOUAISS ELETRÔNICO 3.0), o que efetivamente se concretizou nos mercados financeiros mundiais a partir de 2008.

Quanto aos aspectos geográficos, faz-se menção ao contexto latino-americano, inicialmente, para depois, em *gelada*, mencionar-se a realidade europeia e americana, naquele período de 2012 e 2013, regiões do globo terrestre muito afetadas pela crise econômica mundial no seu início.

Em novos contextos em período anterior e mais próximo do ápice da crise econômica mundial, pode-se verificar, mantendo a mesma temática do frio/gelado, um exemplo esclarecedor, como abaixo se vê:

BC Europeu põe uma **colher de água fria** no balde da fervura da crise, que ainda piora, sem solução à vista.  
<FSP\_16/09/2011\_B4\_MER\_FREIRE VINICIUS TORRES>

Entre **água fria e banho-maria**. As últimas notícias do universo paralelo da política econômica sugerem que tão cedo não haverá notícias relevantes na política econômica, afora o caso, como sempre, de catástrofes insuspeitas. <FSP\_29/04/2011\_B8\_MER\_FREIRE VINICIUS TORRES>

Aqui é interessante observar que a comparação que se faz agora está relacionada a um objeto menor que é a colher e não mais o balde, razão explicada, talvez, pelo fato de que no período da manchete do jornal o Brasil ainda não vivia a crise econômica mundial tão intensamente como os países europeus, o que já não ocorre hoje, em 2015, em que parece que a situação tenha se invertido.

Além disso, a presença de *banho-maria* parece indicar que a intenção do articulista tenha sido também de atenuar os efeitos que tal crise poderia causar ao País, à época com um presidente que chegou a denominá-la de *marolinha*. O sentido de "modo de aquecer, derreter, cozinhar ou evaporar qualquer substância em que o recipiente que a contém é colocado dentro de outro recipiente com água fervente ou quente" (HOUAISS ELETRÔNICO 3.0), já como verbete nesse importante dicionário geral da língua portuguesa, parece indicar que o susto já começava a se dissipar, mas não com aquela convicção que seria necessária para acalmar os mercados financeiros no Brasil.

A premissa colocada nesse trabalho parece ter acolhida com os exemplos trabalhados, haja vista que a criação dessas metáforas utilizou-se de variante horizontais para tecer considerações acerca do entendimento que a crise econômica mundial poderia causar ao País, independentemente dos clamores governamentais de que era necessário, à época, manter a calma e continuar com os projetos que tinham um custo elevado e que minavam as esperanças dos economistas da necessidade, naquele momento, de se manter aliado com as perspectivas de contenção de gastos que era a política econômica preferida de grande parte dos governos ocidentais.



Ainda em busca dessa perspectiva, vale analisar outra UT, utilizada metaforicamente, para demonstrar essas variantes terminológicas horizontais *in vivo*:

Nesse **tsunami às avessas**, os mercados financeiros do mundo emergente vão ter que conviver com juros mais elevados e moedas mais desvalorizadas em relação ao dólar.</FSP\_06/09/2013\_B7\_MER\_BARROS LUIZ CARLOS MENDONÇA DE/>

Os Jogos Olímpicos têm obviamente maior visibilidade mundial e o prêmio para a organização é o privilégio de gastar montanhas de dinheiro e receber um **tsunami de turistas**.</FSP\_10/05/2013\_A24\_MUN\_NAÍM MOISÉS\_T\_MIGLIACCI PAULO/>

Desses R\$ 46,3 bilhões, quase a metade (R\$ 20 bilhões) corresponde ao que se perde com o **tsunami tributário**. Mas o pesadelo se estende, como é notório, para as incontáveis autorizações, alvarás, processos e impedimentos que, do mero registro de uma empresa familiar até fabulosas obras governamentais, emperram qualquer iniciativa econômica e colocam o Brasil entre os países mais burocráticos do mundo.</FSP\_02/07/2010\_A2\_OPI\_EDITORIAL/>

Para usar uma imagem criada pelo ministro Mantega, a do **tsunami monetário** gerado pelas políticas expansivas nos Estados Unidos e na Europa, estamos sofrendo agora os efeitos deletérios de uma volta das águas para o leito natural do mar de dólares, que é o mercado americano de títulos e ações.</FSP\_12/07/2013\_B6\_MER\_BARROS LUIZ CARLOS MENDONÇA DE/>

O governo havia estendido a taxaço para barrar o excesso de dólares no Brasil. Temendo o "**tsunami da moeda**", ampliou duas vezes o prazo de cobrança do IOF, para três e para cinco anos. No mês seguinte, os empréstimos no exterior despencaram.</FSP\_15/06/2012\_A18\_POD\_RODRIGUES ORENNA\_OLIVEIRA PRISCILLA/>

Denunciamos o "**tsunami financeiro**" e o "protecionismo monetário" com que os países ricos conflagram "guerras cambiais". Desemprego elevado nos países da OCDE seria prova da fadiga desta fase mais recente do capitalismo. </FSP\_15/11/2013\_A22\_MUN\_TROYJO MARCOS/>

A base de todos esses sintagmas nominais é a UT *tsunami*, definida como "vaga marinha volumosa, provocada por movimento de terra submarino ou erupção vulcânica" (HOUAISS ELETRÔNICO 3.0) e considerada ainda como estrangeirismo oriundo de língua japonesa, com datação inicial de 1897. Sua utilização na terminologia estudada e em análise deve-se ao fato de construir uma imagem de uma grande onda que, por onde passa, vai destruindo tudo o que encontra pela frente, instaurando o caos.

As expansões identificadas na manipulação do *corpus* são todas acrescidas à direita dessa base, a saber: *tsunami às avessas*; *de turistas*; *tributário*; *monetário*; *da*

*moeda; financeiro*. Claro está que não poderia se considerar todos como variantes, mas é interessante observar que há sinonímia nos quatro últimos, o que pode ser considerado um indício de que, mais uma vez, as premissas colocadas no início do trabalho podem estar se concretizando.

Em uma análise rápida, pode se perceber que os excertos de textos apresentados pertencem, pela ordem, a um editorial, a um articulista e a dois repórteres de duas editorias diferentes, a saber, Poder e Mundo do mesmo jornal. Essas informações corroboram de certa maneira a densidade terminológica de cada sintagma nominal apresentado, uma vez que os primeiros são mais terminológicos do que os dois últimos, na tentativa dos repórteres de serem compreendidos pelo grande público, o que parece não ter ocorrido com o editorial e com o excerto de texto do articulista.

Pode-se concluir, portanto, que talvez haja mesmo uma preferência por parte dos autores dos contextos recolhidos em se mostrarem mais fáceis de serem entendidos se optarem por UTs que sejam consideradas menos terminologizadas, o que teoricamente poderia comprovar a preferência pelas variantes horizontes em se tratando de descrição da crise econômica mundial em contextos de divulgação produzidos no Brasil por brasileiros e para brasileiros.

Há outros tipos de variantes de registro, no entanto, que podem ser exemplificados, como os chamados verticais, em que a variação vai ser dar na sintonia comunicativa que se estabelece entre o elaborador e o usuário dos textos técnicos e científicos. É o que se tentará mostrar com a UT *turbulência* e suas criações metafóricas seguintes:

O comunicado não poderia deixar de mencionar o tema que acabou sendo o foco da cúpula do G20: a **turbulência nos emergentes** causada pelo anúncio da possível retirada, em breve, dos estímulos monetários nos EUA. </FSP\_06/09/2013\_B5\_MER\_ROSSI CLÓVIS/>

Em alusão à sua projeção de crescimento para a economia global de 4,6% para 2010, que representa alta de 0,4 ponto percentual em relação ao número divulgado em abril passado, o Fundo alertou: "Riscos [à recuperação] aumentaram fortemente em meio à **renovada turbulência financeira**". </FSP\_09/07/2010\_B3\_MER\_FRAGA ÉRICA/>

Esse caso desestabilizou o grupo. Mas as medidas de transformação de gestão vão permitir à Renault sair da **zona de turbulência**", afirmou o ministério francês, ressaltando que o governo vai discutir com Ghosn, a nova estratégia da montadora. "A Renault, que é uma empresa magnífica, deve continuar a funcionar, mas com regras de governança melhoradas", disse a ministra da Economia, Christine Lagarde, à rádio France Internacional. </FSP\_15/04/2011\_B8\_MER\_VALLONE GIULIANA/>

Trata-se de enfrentar a ameaça mais imediata de **turbulência econômica** do país: uma desvalorização do real tem o efeito de encarecer os importados e elevar a inflação — em pleno ano eleitoral. </FSP\_06/12/2013\_B1\_MER\_PATU GUSTAVO\_SOUSA ANA ESTELA DE/>

Crescimento chinês desacelera e reaviva temor de crise maior. PIB do país registrou alta de 7,6% no segundo trimestre; é o pior resultado desde 2009, após **turbulência global**.  
<FSP\_13/07/2012\_A9\_MUN\_NOTÍCIAS AGÊNCIAS DE>

Nestes exemplos, a UT **turbulência**, definida como "perturbação da ordem; agitação, tumulto" (HOUAISS ELETRÔNICO 3.0), fica mais próxima da tentativa de terminologização da crise do que seu sentido terminológico para a área da aeronáutica "escoamento do ar em turbilhão ao longo da asa do avião" (HOUAISS ELETRÔNICO 3.0) para designar a criação metafórica de que algo estava acontecendo na economia brasileira nos anos de 2010, 2011, 2012 e 2013, conforme atestam os contextos acima. Isso sem mencionar o fato de que há ampliação da base à direita e à esquerda, cunhando os sintagmas nominais *renovada turbulência financeira; zona de turbulência; turbulência econômica; turbulência global*.

A julgar pela data do surgimento dessas metáforas, fica nítido que há um crescendo sob o ponto de vista semântico que corrobora o que se tenta mostrar neste trabalho: a tentativa de preferir as variantes horizontais em detrimento das verticais por serem aquelas mais propícias ao entendimento da crise econômica mundial que criou UTs e metáforas com o intuito de descrever essa crise aos brasileiros, com opção por unidades lexicais terminológicas que fossem mais próximas ao dia a dia da população, ao invés de optar por apresentar UTs mais difíceis de serem entendidas pelos cidadãos.

Por último, para a completa apresentação da trilogia apresentada por Faulstich (2001), resta vislumbrar as chamadas variantes de registro temporais, em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma forma se fixe como a preferida. É o que pode ser apresentado nos exemplos seguintes:

Os riscos macroeconômicos ligados ao excesso de liquidez, à inflação, a **bolhas de ativos** e a um crescimento cíclico de maus empréstimos bancários estão crescendo significativamente", disse o presidente do banco central chinês, ZhouXiaochuan.  
</FSP\_22/10/2010\_B8\_MER\_MAISONNAVE FABIANO/>

Segundo dados divulgados na semana passada, os **ativos problemáticos** (empréstimos em atraso, por exemplo) no sistema financeiro espanhol tiveram alta de 4,5% no segundo semestre de 2011 e agora somam € 184 bilhões.  
</FSP\_04/05/2012\_A17\_MUN\_NOTÍCIAS AGÊNCIAS DE/>

Isso porque os "Três Grandes" conseguiram liquidar seus **ativos tóxicos**, sob a pressão de acionistas internacionais para que liquidassem os **ativos "desnecessários"**. Já os bancos nacionais menores enfrentaram os preços baixíssimos de liquidação estabelecidos pelos rivais de maior porte.  
</FSP\_18/05/2012\_A24\_MUN\_JENKINS PATRICK\_JOHNSON MILES\_T\_MIGLIACCI PAULO/>

O povo do mercado antecipou a coisa toda; os juros sobem lá em razão disso. Fica menos interessante fazer negócio em país esquisito, como o Brasil, ou especular com commodities, Bolsas e outros **ativos**

**de risco.** O dólar "se vai". </FSP\_16/08/2013\_B4\_MER\_FREIRE VINICIUS TORRES/>

Aqui, a UT *ativos*, definida na rubrica de economia como "conjunto de valores representado pelas aplicações de patrimônio e de capital de um empresa ou pessoa" (HOUAISS ELETRÔNICO 3.0) também recebe expansões à direita (*ativos problemáticos; ativos tóxicos; ativos 'desnecessários'; ativos de risco*) e à esquerda (*bolhas de ativos*). Essa capacidade de criação neolinguística da base trabalha no sentido de demonstrar a enorme adaptabilidade da língua portuguesa para compor UTs que tendem a traduzir de forma aproximada as diversas UTs forjadas nos países da crise para servir de explicações para o que estava ocorrendo na economia e/ou que poderia ocorrer.

É o que se pode comprovar em relação à já conhecida UT *ativos de risco*, que acabou sendo substituída por *problemáticos, tóxicos e desnecessários*. Isso se configura como uma tentativa de aproximação dos colunistas e do repórter para com o grande público para ver se uma dessas formas vai predominar em detrimento da outra, mas que por hora não se pode afirmar com clareza qual será a predominante. Vale observar também que o emprego de *bolhas de ativos* ainda é neolinguístico, sendo, portanto, uma tradução literal das propostas veiculadas em outras línguas europeias que já vivenciavam a crise econômica mundial nos anos indicados pelas reportagens.

## CONCLUSÕES

Como foi possível observar, a crise econômica mundial colaborou para a criação de várias imagens forjadas pelo uso da metáfora. Essas metáforas apresentaram uma variação e, dentro do recorte proposto pelo artigo em relação à apresentação da tipologia de Faulstich (2001), foram priorizadas aquelas de registro, subdivididas em horizontais, verticais e temporais. Aquelas que mais sobressaíram foram as horizontais, demonstrando, talvez, que a busca pelo entendimento do fenômeno crise econômica mundial tenha servido de suporte para atingir o grande público a partir dessas variantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. et al. Valores culturais na metáfora de especialidade: imagens da crise econômica mundial. In: III CIELLI - COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3, 2014, Maringá. *Anais Eletrônicos...* Maringá, 2014, p. 1-12. Disponível em: <<http://cielli2014.com.br/media/doc/ed24674691a219cfabc307fac2c057df.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

FAULSTICH, E. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. In: CORREIA, M. (Org.). *Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional*. Lisboa: Colibri/ILTEC, 2002. p. 61-74.

FAULSTICH, E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. *TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*, São Paulo, v. 7, p. 11-40, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49140/53222>>. Acesso em: 18 ago. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49140>.

FAULSTICH, E. Variação terminológica: algumas tendências no português do Brasil. In: *Cicle de conferències 96-97: lèxic, corpus i diccionaris*. Barcelona: IULA, 1997. p. 141-154.

FREIXA, J. La variación denominativa en Terminología: tipos y causas. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, v. 7. Campo Grande: EDUFMS, 2014. p. 311-329.

FREIXA, J. Otra vez sobre las causas de la variación denominativa. *Revista Debate Terminológico*, v. 9, n. 1, p. 38-46, 2013.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2012.

#### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ALVES, I. M. Em torno de um jargão técnico: o economês. In: URBANO et al (Orgs.). *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 173-80.

SILVA, M. M. A. da; LINO, M. T. R. da F. La variation intralinguistique dans des corpus comparables en portugais brésilien et européen dans la terminologie de la nanoscience/nanotechnologie. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 33, p.173-187, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/issue/view/571>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

## AS METÁFORAS NO DISCURSO SOBRE A CRISE ECONÔMICA MUNDIAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL: ALGUNS RESULTADOS

Odair Luiz NADIN

Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCLAr)

odairnadin@fclar.unesp.br

**RESUMO:** A crise econômica mundial (2007) motivou a criação e/ou a divulgação massiva de inúmeras unidades terminológicas metafóricas que denominam fatos, eventos, ações etc. referentes a esse momento histórico da Economia. Essas denominações tomam, muitas vezes, unidades léxicas da língua comum ou de outras áreas do conhecimento que se atualizam no discurso econômico-financeiro como metáforas. Dentre as unidades léxicas mais produtivas destacam-se unidades de áreas do conhecimento relativas a questões do meio ambiente, da medicina e das ciências naturais. A presente pesquisa se insere no projeto “Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita” (CAPES/DGPU), coordenado pela Profa. Dra. Ieda Maria Alves (USP), conjuntamente com a Profa. Dra. Iolanda Galanes Santos, da Universidade de Vigo (Espanha). Este projeto tem por objetivo descrever e analisar, a partir de um *corpus* textual extraído da imprensa escrita brasileira e espanhola do período de agosto de 2007 a dezembro de 2013, metáforas referentes à crise econômica. Neste texto, descrevemos uma amostra de unidades terminológicas metafóricas no Português do Brasil extraídas de parte do *corpus* em questão. O período considerado para este artigo é o de agosto de 2007 a junho de 2010.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáfora; Crise econômica; Português do Brasil.

### INTRODUÇÃO

*Dinheiro na mão é vendaval/É vendaval  
Na vida de um sonhador/De um sonhador  
/.../  
Dinheiro na mão é vendaval  
Dinheiro na mão é solução  
E solidão!  
E solidão! E solidão!  
/.../  
Pecado Capital – Paulinho da Viola*

Os versos da canção que nos servem de epígrafe nos mostra essa relação que fazemos, por meio da linguagem, entre as diferentes áreas do conhecimento. Ao “transferir” para *dinheiro* as características próprias relativas à força e à

tempestuosidade de um *vendaval*, o compositor faz uso de uma metáfora. Isso ocorre tanto em nossos discursos cotidianos quanto em discursos técnicos e científicos.

Dentre os discursos técnico-científicos com grande produtividade de metáforas destaca-se o da Economia. O discurso econômico-financeiro tanto usa unidades léxicas de outras áreas para veicular seus significados metafóricamente quanto é um dos que mais é usado para tal fim. Um exemplo já clássico em trabalhos sobre metáfora é o de quanto custa nosso tempo, ou seja, de que “tempo é dinheiro”<sup>1</sup> (LLAMAS SAÍZ, 2005; BERBER SARDINHA, 2007; IBARRETXE-ANTUÑANO, VALENZUELA, 2012).

Nosso objeto de estudo neste texto é, portanto, a ocorrência de metáforas no discurso econômico-financeiro, mais especificamente, referentes à crise econômica mundial. Essa crise econômica, cuja maior divulgação iniciou-se no ano de 2007, motivou a criação e/ou a divulgação massiva de inúmeras unidades terminológicas metafóricas para denominar as diferentes situações, produtos, causas e consequências desse momento histórico instável da Economia no mundo. Essas denominações tomam, em muitos casos, unidades léxicas da língua comum ou de outras áreas do conhecimento que se atualizam no discurso econômico-financeiro como metáforas.

Assim, dedicamo-nos, neste texto, a descrever uma amostra de unidades terminológicas metafóricas presentes em um *corpus* de língua portuguesa, variedade brasileira, relativas à crise econômica mundial. O *corpus* geral é composto por textos extraídos do jornal Folha de S. Paulo de agosto de 2007 a dezembro de 2013 e o período considerado para o presente trabalho foi de agosto de 2007 a junho de 2010.

## **METÁFORA: BREVES CONSIDERAÇÕES**

Nos últimos anos, dada a intensificação da crise econômico-financeira mundial, o discurso da Economia se tornou um dos mais estudados. Muitos pesquisadores têm se dedicado a descrever e analisar esses usos em diferentes contextos. Alves (2001), por exemplo, organizou um glossário de termos da Economia com foco na questão dos neologismos; Silva (2013) analisou as “conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa” e Berber Sardinha (2007) apresenta exemplos da Economia em seu livro sobre metáforas. Também nós, em nossa tese de doutoramento (SILVA, 2008), ocupamos um pequeno espaço para apresentar alguns exemplos de metáfora na Economia Monetária.

Entretanto, a metáfora tem recebido especial atenção por parte de pesquisadores há muito mais tempo, desde antes de Cristo, como observa Berber Sardinha (2007, p. 20): “a noção mais antiga de metáfora no Ocidente vem de Aristóteles, no século IV a. C.”. Desse modo, há diferentes perspectivas teórico-metodológicas a partir das quais se pode observar, descrever e analisar esse fenômeno da linguagem.

As metáforas, enquanto recurso natural de qualquer língua (BERBER SARDINHA, 2007), receberam diferentes definições segundo a(s) epistemologia(s) subjacente(s) a cada momento histórico. De um ponto de vista mais tradicional e genérico, a metáfora é um dos recursos existentes nas línguas para denominar conceitos de forma figurada, ou seja, usa-se de unidades léxicas de uma dada área do conhecimento ou do discurso comum em outra área, de forma que algum(ns) dos semas se projete(m) para a área em que está sendo usada<sup>2</sup>. Os versos que servem de epígrafe neste texto é um exemplo disso. O compositor faz uso das ideias de *força* e de

*tempestuosidade* de um *vendaval* para dizer, metaforicamente, o que o dinheiro pode, em determinadas situações, ocasionar.

Entretanto, o entendimento de que metáfora “é uma forma figurada” usada na língua não é a única nem a mais aceita. Esta definição está, como dito antes, mais relacionada às “vertentes tradicionais” dos estudos da metáfora às quais a veem como “uma figura de linguagem apenas ou como artifício para embelezar a linguagem” (BERBER SARDINHA, 2007, p. 19).

Assim, para dar conta de outras questões que vão além do embelezamento da linguagem, outras vertentes teóricas surgiram e propuseram descrever e analisar as metáforas a partir de diferentes pontos de vista, como as descritas por Berber Sardinha (2007, p. 17):

- Metáfora conceptual. Corrente fundada por George Lakoff y Mark L. Johnson, tida como a mais influente. Defende que a metáfora é um fenômeno cognitivo (mental) acima de tudo.
- Metáfora sistemática. Vertente bastante recente encabeçada por Lynne Cameron. Preconiza a atenção ao uso recorrente da metáfora na linguagem real, antes de fazer alegações sobre o funcionamento da mente.
- Metáfora gramatical. Esta é a teoria de metáfora criada por Michael Halliday e que sustenta toda a sua teoria de linguagem (linguística sistêmico-funcional).

Ressaltamos que nosso objetivo, neste texto, é o de apresentar resultados iniciais de uma pesquisa que está sendo desenvolvida em um âmbito mais abrangente. Desse modo, delimitamos nosso objeto de descrição, bem como as fontes de consulta. Assim, apresentamos na sequência o percurso metodológico seguido para esta parte da pesquisa e descrevemos alguns resultados iniciais. Por esta razão, não nos debruçamos de forma aprofundada, neste momento, sobre questões teóricas.

## **METODOLOGIA**

### **DA SELEÇÃO DOS TEXTOS E ORGANIZAÇÃO DO *CORPUS***<sup>3</sup>

A partir dos conceitos teórico-metodológicos da Linguística de Corpus, sobretudo o de que um *corpus* é “um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa linguística” (SINCLAIR, 1991, p. 171) ou, dito de outro modo, um “conjunto homogêneo de amostras da língua de qualquer tipo (orais, escritos, literários, coloquiais, etc.)” (BIDERMAN, 2001, p. 79), organizou-se um *corpus* textual com notícias de jornais brasileiros referentes à crise econômica.

Por questões metodológicas, a partir da escolha do jornal, optou-se pela seleção e coleta dos textos publicados nas edições das sextas-feiras, independentemente do



caderno no qual tenha sido publicado, que versassem sobre alguma questão relativa à crise econômico-financeira. Seleccionadas as edições das sextas-feiras, procedemos, inicialmente, à análise dos textos a partir de palavras-chave como, por exemplo, *crise*, *crise europeia*, *economia*, *banco*, *dólar*, *dinheiro* ou, ainda, a partir de unidades léxicas que já sabíamos ser metafóricas na Economia como, por exemplo, *marolinha* e *tsunami*, frequentes nos discursos do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva.

Os textos foram salvos em *word*, revisados e etiquetados. Para a etiquetagem, utilizou-se uma etiqueta-padrão na qual consta <nome do jornal\_data de publicação\_caderno de publicação\_autor>. Desse modo, por exemplo, um texto publicado no jornal Folha de S. Paulo, no dia 11 de janeiro de 2008, no caderno Mercado e escrito por Guilherme Barros, ficou assim etiquetado:

<FSP\_11/01/2008\_MER\_GUILHERME BARROS>

Essa etiqueta, colocada no início do texto, antes do título, é repetida no final do mesmo com uma barra antes da sigla. Com isso, ao buscar uma dada unidade léxica, encontra-se o contexto e pode-se recuperar facilmente a respectiva referência bibliográfica.

</FSP\_11/01/2008\_MER\_GUILHERME BARROS>

Após a etiquetagem, os textos foram convertidos para o formato *.txt* (cf. Figura 1).

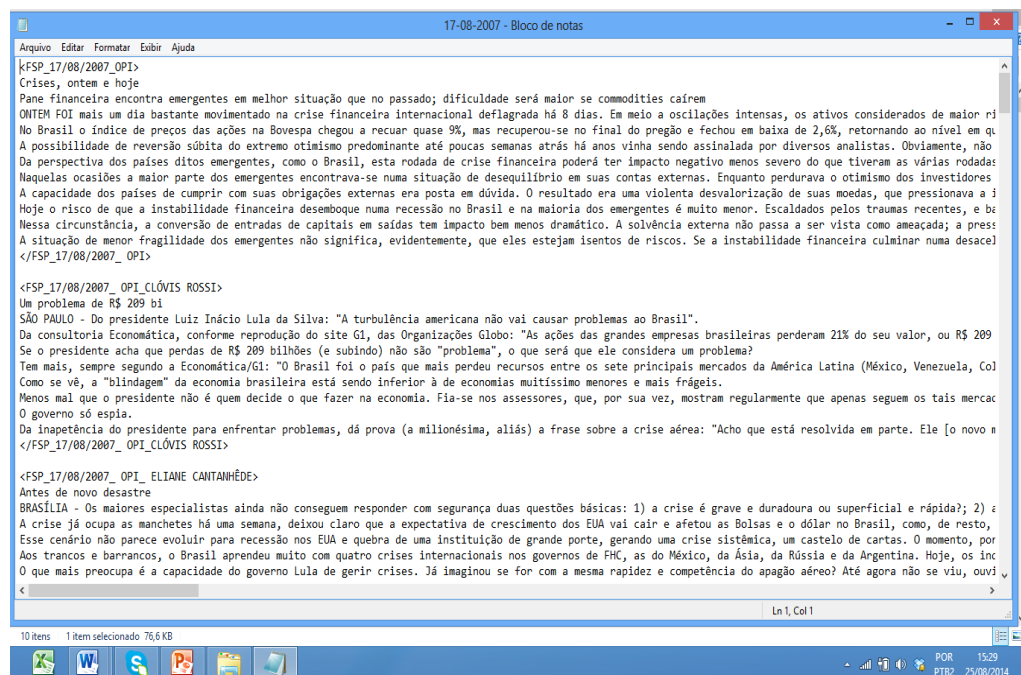


Figura 1: Textos etiquetados no formato *.txt*

No caso do recorte que fizemos para o presente trabalho, inserimos os textos etiquetados no programa Unitex<sup>4</sup> a fim de servir à geração das concordâncias e à seleção dos contextos para a descrição e a análise, conforme Figura 2.

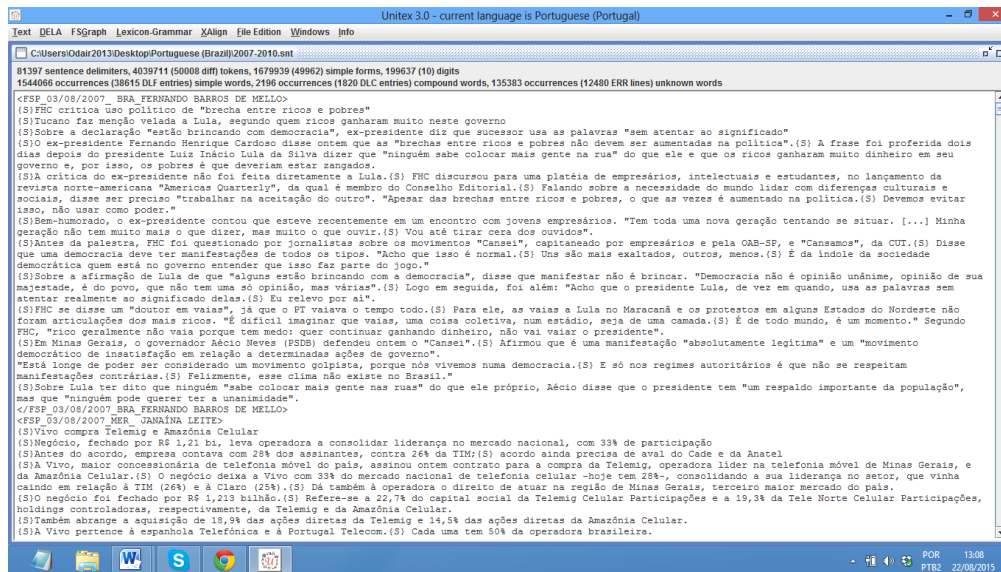


Figura 2: Página inicial do Unitex

## DA BUSCA DOS CANDIDATOS A UNIDADES TERMINOLÓGICAS METAFÓRICAS E DA SELEÇÃO DOS CONTEXTOS DE DESCRIÇÃO

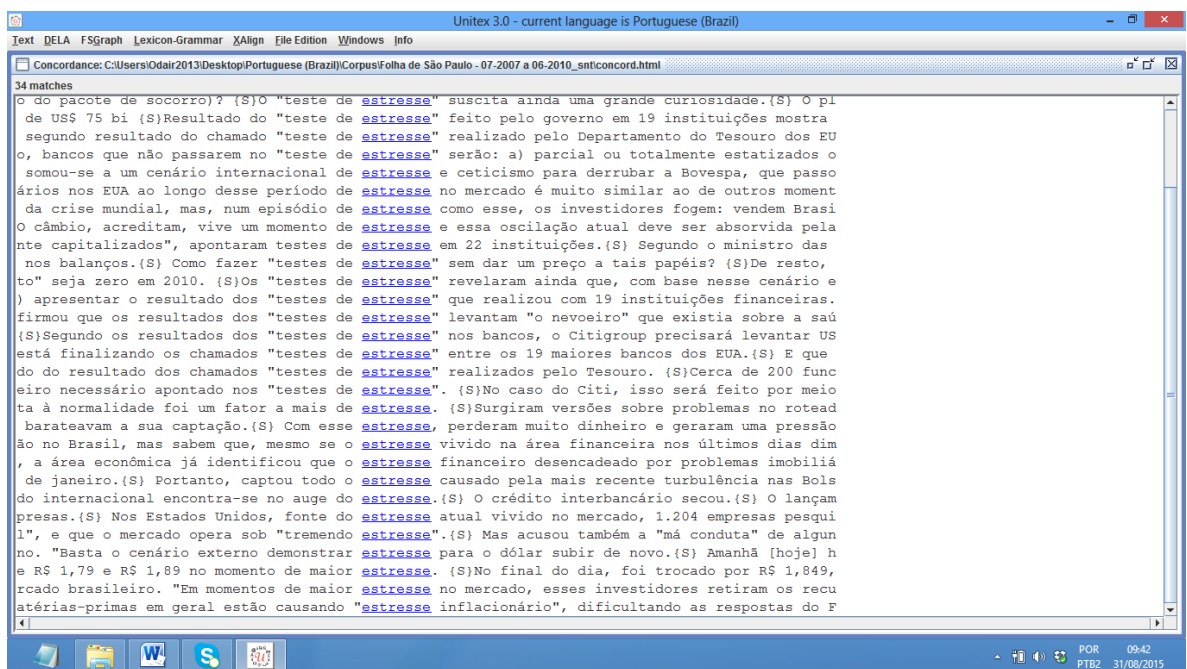
Após a inserção dos textos etiquetados no citado programa, geramos listas de frequência a fim de identificar os candidatos a unidades terminológicas metafóricas no contexto da crise econômico-financeira mundial. É possível, nesse programa, gerar listas por ordem alfabética ou por ordem de frequência. Analisamos, assim, as listas e selecionamos unidades léxicas que já conhecíamos e sabíamos que poderiam formar unidades terminológicas metafóricas como *tsunami*, *marola/marolinha*, *colapso* etc., bem como outras cujo uso no contexto da Economia nos causou, à primeira vista, certo estranhamento como, a título de exemplo, *adolescência*, *saúde*, *catarata*, *gripe*, *manada*, *doença*, entre outras. Muitas dessas unidades foram descartadas nesse momento do projeto ou por terem baixa frequência, ou porque após a seleção do contexto não ter sido identificado no uso nenhuma relação com nosso objeto de estudo. Em ambos os casos, essas unidades léxicas serão novamente observadas no conjunto total do *corpus*.

Desse modo, com os textos devidamente etiquetados e de posse da lista dos possíveis formadores de metáforas, iniciamos o processo de busca pelas concordâncias a fim de nos certificar do valor metafórico assumido pelas unidades selecionadas.

O método de investigação combinado com a habilidade de ler linhas de concordâncias fazem parte do *modus operandi* dos linguistas de *corpus*. O método e a habilidade tornaram evidente a inseparabilidade do léxico e gramática, materializando hipóteses como a *colocação* (a propriedade de as palavras “preferirem a companhia” de determinadas palavras); a *coligação* (a propriedade de as palavras preferirem determinadas posições na frase ou mesmo no texto); a *prosódia semântica* (a tendência de certas palavras preferirem ambientes negativos ou positivos), e a *preferência semântica* (certos itens

lexicais somente aparecem em contextos textuais específicos), /.../ (SHEPHERD, 2012, p. 15).

A esse conjunto de possibilidades de observância da língua em seus contextos de uso por meio da análise de linhas de concordâncias em *corpus* textuais citados pela autora, acrescentamos nosso objeto de estudo: a metáfora. Assim, ao observar o aparecimento no *corpus* de uma dada unidade léxica como, por exemplo, *estresse*, verifica-se pela análise das linhas de concordância se se trata de um uso metafórico, como podemos observar na figura 3.



**Figura 3:** Concordâncias da unidade léxica *estresse*.

A unidade léxica *estresse* possui trinta e quatro ocorrências no citado recorte do *corpus*. Dentre estas, muitas possuem o significado corrente de *estresse*. Entretanto, há alguns casos em que o contexto demonstra um uso metafórico como em *estresse financeiro* e *estresse inflacionário*. Para a comprovação de que se trata de uma unidade terminológica metafórica há, ainda, que se considerar a frequência dessa ocorrência no *corpus* bem como analisar os contextos.

## RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÕES

Após a análise dos candidatos a unidades terminológicas metafóricas, identificamos alguns contextos nos quais se usam unidades terminológicas referentes à Medicina, a fenômenos da natureza e ao meio ambiente, entre outros, que se atualizam como metáforas no contexto da crise.

No caso de unidades terminológicas referentes à Medicina, destacam-se aquelas relacionadas a doenças, tratamentos, medicamentos etc. Para Silva (2013, p. 293), “Há naturalmente lugar para diagnósticos, prognósticos, prescrições e terapias. /.../ isto é,

instituições e os sistemas financeiros e económicos são entidades orgânicas, corpos, pessoas que podem ficar doentes e conseqüentemente, carecem de cuidados médicos”<sup>5</sup>.

Com isso, para denominar conceitos referentes à crise econômica, usam-se unidades como *estresse*, *colapso*, *doença*, *contágio*, etc. que, unindo-se ou não a termos da Economia formam expressões metafóricas que funcionam no discurso econômico-financeiro como unidades terminológicas metafóricas:

- (i) /.../ já identificou que o **estresse financeiro** desencadeado por problemas imobiliários nos EUA /.../.
- (ii) /.../ aumentos de preços de energia e matérias-primas em geral estão causando "**estresse inflacionário**", dificultando as respostas do Fed /.../.
- (iii) Há duas escolhas políticas distintivas para uma economia exageradamente endividada, diante de um **colapso do sistema financeiro**.
- (iv) A agência Moody's alertou ontem para o risco de **contágio da crise grega** por parte de bancos desses países /.../.

Assim, o sistema econômico-financeiro como “entidades orgânicas, corpos, pessoas” (SILVA, 2013) pode ter estresse, colapso, pode sofrer contágios que afetam a saúde de todo um organismo que, de forma geral, seria o sistema financeiro de uma dada Economia. Um dos exemplos mais clássicos disso são as metáforas *saúde financeira* e *saúde econômica*:

- (v) Segundo o relatório preliminar sobre a **saúde econômica** dos países ricos /.../.

Ou um estado específico como em **paralisia econômica**, conforme contexto abaixo:

- (vi) “No resto do mundo, mais de um analista já sacou do coldre a palavra “estagflação”, essa nefanda combinação de **paralisia econômica** com inflação alta.”

Há, ainda, a ocorrência de metáforas que muitas vezes não usam nenhum elemento da Economia propriamente dita como, por exemplo, *gripe pequenininha*, usada pela presidente Dilma ao se referir ao possível problema que o Brasil sofreria com a crise mundial, mas que denomina um dado estado momentâneo de fragilidade do sistema econômico-financeiro:

- (vii) [...] o Brasil sofreria uma "**gripe pequenininha**" como decorrência do tal *tsunami*.

É também o que ocorre com as metáforas formadas a partir de unidades léxicas advindas de outros âmbitos como de questões relacionadas a fenômenos da natureza ou ao meio ambiente. No caso de fenômenos da natureza, as intempéries que podem ocorrer na natureza de maneira geral como *terremotos*, *maremotos*, *tempestades*, *tsunamis*, *trovões*, *furacões*, *inundações*, *dilúvio*, entre outras, unidas ou não a um termo

da Economia são bastante produtivas e geram unidades terminológicas metafóricas referentes à crise, como nos exemplos abaixo:

- (viii) O Lula dos ventos e a **tempestade dos juros**.
- (ix) Após a **tempestade econômica** que todos os países atravessaram, /.../.
- (x) A **tempestade financeira global** que castiga países ao redor do planeta /.../.
- (xi) Com o **turbilhão financeiro**, os países tornaram-se menos inovadores /.../.
- (xii) Muitos especialistas já alertam sobre o perigo de o Brasil contrair a chamada "doença holandesa", com a **inundação de dinheiro** na economia /.../.
- (xiii) OS GREGOS fizeram anteontem oferendas no altar rachado da estabilidade financeira europeia, sacrifícios que incluem uma **hecatombe** nos gastos com salários, /.../.
- (xiv) "O **Terremoto Financeiro** - A Primeira Crise Global do Século XXI".

Em casos assim, algum(s) sema(s) da unidade léxica se transfere(m) metaforicamente para a outra área, como no caso de *tsunami*, em que a característica de *destruição* é transferida para a área da Economia e, unida a termos dessa área – *crédito*, *dinheiro*, *dólares* – passa a denominar eventos que podem prejudicar o sistema financeiro de dado país:

- (xv) /.../ ter dito ontem que o mundo continua a enfrentar "um **tsunami de crédito** que ocorre uma vez a cada século".

No conjunto das unidades terminológicas metafóricas que sugeriram e/ou foram mais intensamente divulgadas no período mais crítico da crise há aquelas que advêm de questões relacionadas ao meio ambiente. Unidades léxicas como *devastar*, *lixo*, *tóxico*, entre outras que denominam ataques à natureza são frequentemente usadas no contexto econômico-financeiro para se referir a questões próprias da crise mundial. Assim, são comuns unidades terminológicas metafóricas como *banco podre* e *ativos tóxicos*, por exemplo:

- (xvi) Uma das ideias que se debatem hoje é a de dividir os bancos em dificuldades em um **banco podre** ("bad bank") e outro com menores problemas de crédito /.../.
- (xvii) /.../ a presidente da Seguradora Federal de Depósitos acusou ontem o Fed de negligência na supervisão do **papelório tóxico**.
- (xviii) Em primeiro lugar, os **ativos tóxicos** estão espalhados pelo sistema bancário mundial.
- (xix) A interação entre uma economia pesadamente endividada e um **sistema financeiro devastado**, /.../.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As metáforas são, portanto, um recurso comum e frequente usado pelos falantes de qualquer língua e em qualquer discurso para transmitir seus saberes. O falante busca em diferentes áreas formas menos abstratas para explicar as situações que vive em seu cotidiano.

Esse mecanismo de que o falante faz uso, isto é, as metáforas, podem ser descritas e analisadas de diferentes pontos de vista. Neste texto, apresentamos brevemente algumas características de diferentes possibilidades teóricas – versões tradicionais, a metáfora conceptual, a metáfora sistêmica e a metáfora gramatical – apenas com o intuito de contribuir na divulgação dessas teorias. Nosso objetivo foi o de realizar uma descrição preliminar da ocorrência de metáforas no *corpus* que organizamos sobre a crise financeira mundial.

Assim, em todos os casos descritos neste texto, extraídos do *corpus* textual, o que certifica seu uso no contexto econômico-financeiro, o falante, neste caso inserido em um discurso de divulgação científica, faz uso de unidades léxicas de diferentes discursos para denominar ações, fenômenos, instituições, enfim, situações gerais referentes à crise financeira mundial, no Português do Brasil. Isso contribui para o fortalecimento do uso e a divulgação de nossa língua em contextos terminológicos.

## NOTAS

- (1) Este exemplo foi proposto por Lakoff e Johnson (1999) e é citado por inúmeros autores.
- (2) Esse aspecto é denominado, no âmbito da Metáfora Conceptual, de DOMÍNIO ORIGEM/FONTE e DOMÍNIO META/ALVO.
- (3) O *corpus* ao qual nos referimos pertence ao Projeto “Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita” (CAPES/DGPU), citado no resumo do presente artigo, e está formado por textos jornalísticos referentes à crise econômico-financeira publicados em diferentes veículos de comunicação no Brasil e na Espanha.
- (4) O programa Unitex é um conjunto de softwares que permite processar os textos em línguas naturais utilizando recursos linguísticos” (UNITEX 1.2).
- (5) A análise desenvolvida pelo autor dá-se a partir da perspectiva da Metáfora Conceptual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. Glossário de termos neológicos da Economia. *Cadernos de Terminologia*, v. 3. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 2001.

BERBER SARDINHA, T. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística*. Teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (Dirs.). *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. *Lingüística Cognitiva: origen, principios y tendencias*. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (Dirs.). *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p. 13-38.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LLAMAS SAÍZ, C. *Metáfora y creación léxica*. Pamplona: EUNSA – Ediciones Universidad de Navarra, S. A., 2005.

SILVA, A. S. da. O que sabemos sobre a crise económica, pela metáfora. Conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa. *Revista Media & Jornalismo*. Número temático “Crise, Memória e Esquecimento”. Coimbra, v. 22, n.1, p. 11-34, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/290779369\\_O\\_que\\_sabemos\\_sobre\\_a\\_crise\\_economica\\_pela\\_metafora\\_Conceptualizacoes\\_metaforicas\\_da\\_crise\\_na\\_imprensa\\_portuguesa](https://www.researchgate.net/publication/290779369_O_que_sabemos_sobre_a_crise_economica_pela_metafora_Conceptualizacoes_metaforicas_da_crise_na_imprensa_portuguesa). Acesso em: 20 maio 2015.

SILVA, O. L. *Das Ciências do léxico ao léxico nas Ciências: uma proposta de dicionário português-espanhol de Economia Monetária*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SHEPHERD, T. M. G. Panorama da Linguística de *Corpus*. In: SHEPHERD, T. M. G.; BERBER SARDINHA, T.; PINTO, M. V. (Orgs.). *Caminhos da Linguística de Corpus*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

SHEPHERD, T. M. G.; BERBER SARDINHA, T.; PINTO, M. V. (Orgs.). *Caminhos da Linguística de Corpus*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

UNITEX 1.2. *Manual do usuário*. Disponível em: [www.nilc.icmc.usp.br/nilc/download/ManualUnitex-.d](http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/download/ManualUnitex-.d) >. Acesso em: 20 fev. 2012.

**Contextos retirados do *Corpus Folha de S. Paulo 2007 a 2010* e descritos neste trabalho:**

(1) Diferentemente das crises anteriores, a área econômica já identificou que o **estresse financeiro** desencadeado por problemas imobiliários nos EUA tem novas formas de contágio do Brasil que não apenas a volatilidade dos fluxos de capital especulativo de curto prazo. <FSP\_17/08/2007\_MER\_SHEILA D'AMORIM>

(2) O presidente do BC norte-americano reconheceu que os aumentos de preços de energia e matérias-primas em geral estão causando "**estresse inflacionário**", dificultando as respostas do Fed para reverter o enfraquecimento da economia. <FSP\_29/02/2008\_MER>

(3) Há duas escolhas políticas distintivas para uma economia exageradamente endividada, diante de um **colapso do sistema financeiro**. <FSP\_28/11/2008\_MER\_CHRIS WATLING\_T\_PAULO MIGLIACCI >

(4) A agência Moody's alertou ontem para o risco de **contágio** da crise grega por parte de bancos desses países... <FSP\_07/05/2010\_MER>

(5) "Segundo o relatório preliminar sobre a **saúde econômica** dos países ricos divulgado ontem em Paris, o PIB (Produto Interno Bruto) dos EUA deve crescer 1,4% neste ano, contra 2% projetados anteriormente". </FSP\_21/03/2008\_MER\_CÍNTIA CARDOSO>

(6) "No resto do mundo, mais de um analista já sacou do coldre a palavra "estagflação", essa nefanda combinação de **paralisia econômica** com inflação alta.". </FSP\_27/06/2008\_OPI\_CLÓVIS ROSSI>

(7) No dia seguinte, a ministra Dilma Rousseff, candidata "in pectore" de Lula para sua sucessão, dizia que, no máximo, o Brasil sofreria uma "**gripe pequeninha**" como decorrência do tal tsunami. </FSP\_30/10/2008\_OPI\_CLÓVIS ROSSI>

(8) O Lula dos ventos e a **tempestade dos juros**. <FSP\_02/05/2008\_OPI\_RODRIGO MAIA>

(9) Após a **tempestade econômica** que todos os países atravessaram, é imperativo definir para onde irá o Brasil. <FSP\_14/08/2009\_OPI\_ROBERTO LUIS TROSTER>

(10) A **tempestade financeira global** que castiga países ao redor do planeta deve provocar raios, trovoadas e temporais ainda mais intensos no Reino Unido do que em qualquer outra grande economia. <FSP\_02/01/2009\_MER\_PEDRO DIAS LEITE>

(11) Com o **turbilhão financeiro**, os países tornaram-se menos inovadores e poderão sofrer graves consequências nos próximos cinco anos. <FSP\_24/04/2009\_MER\_JULIO WIZIACK>



(12) Muitos especialistas já alertam sobre o perigo de o Brasil contrair a chamada "doença holandesa", com a **inundação de dinheiro** na economia que pode vir da produção do petróleo da camada pré-sal. <FSP\_11/06/2010\_MER\_ ADRIANO PIRES>

(13) OS GREGOS fizeram anteontem oferendas no altar rachado da estabilidade financeira europeia, sacrifícios que incluem uma **hecatombe** nos gastos com salários, saúde e aposentadorias, um corte de despesas para levar o deficit público grego de 12,7% do PIB para 8,7% até o final do ano, uma brutalidade. <FSP\_05/02/2010\_MER\_ VINICIUS TORRES FREIRE>

(14) "O **Terremoto Financeiro** - A Primeira Crise Global do Século XXI" <FSP\_23/10/2009\_MER\_ MARIA CRISTINA FRIAS\_ JOANA CUNHA\_MARINA GAZZONI>

(15) "Como a crise tem sido sincronizada no mundo todo, não parece exagerado dizer que a constatação do presidente da Ceoe vale de Tóquio a São Paulo, passando pelos Estados Unidos, a ponto de Alan Greenspan, ex-presidente do Fed (o banco central norte-americano), ter dito ontem que o mundo continua a enfrentar "um **tsunami de crédito** que ocorre uma vez a cada século". <FSP\_24/10/2008\_MER\_ CLÓVIS ROSSI >

(16) Uma das ideias que se debatem hoje é a de dividir os bancos em dificuldades em um **banco podre** ("bad bank") e outro com menores problemas de crédito ("good bank"). <FSP\_06/02/2009\_MER\_ LUIZ CARLOS MENDONÇA DE BARROS>

(17) No Congresso, funciona a Comissão de Inquérito da Crise Financeira, que investiga responsáveis pela crise (como banqueiros). Na mesma comissão, a presidente da Seguradora Federal de Depósitos acusou ontem o Fed de negligência na supervisão do **papelório tóxico**. <FSP\_15/01/2010\_MER\_ VINICIUS TORRES FREIRE>

(18) Em primeiro lugar, os **ativos tóxicos** estão espalhados pelo sistema bancário mundial. <FSP\_13/02/2009\_MER\_ LUIZ CARLOS MENDONÇA DE BARROS>

(19) A interação entre uma economia pesadamente endividada e um **sistema financeiro devastado**, em especial, sugere uma década de crescimento econômico baixo, enquanto a poupança nacional é reconstruída, e a confiança no sistema, restaurada. <FSP\_28/11/2008\_MER\_ CHRIS WATLING\_T\_ PAULO MIGLIACCI >

## A CRISE ECONÔMICA MUNDIAL E A CRIAÇÃO DE NEOLOGISMOS METAFÓRICOS

Ieda Maria Alves  
Universidade de São Paulo  
iemalves@usp.br

Liriane de Andrade  
Universidade de São Paulo<sup>1</sup>  
liriane.andrade@usp.br

**RESUMO:** Crises econômicas ocorrem em diferentes países e recebem diferentes denominações. Analisamos, neste breve estudo, algumas das denominações que recebe a crise econômica mundial iniciada em 2008, no português brasileiro, observadas em um *corpus* constituído por dois jornais de grande circulação e um jornal específico da Economia. O estudo enfatiza o entrelaçamento estabelecido entre duas ciências, a Economia e a Medicina, e os termos econômicos metafóricos que, por meio de figuras, especialmente a metáfora, refletem o cruzamento entre as mencionadas ciências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crise econômica mundial; neologia; neologismo; metáfora.

### INTRODUÇÃO

As crises econômicas que, periodicamente, ocorrem em diferentes países têm recebido diferentes denominações. Assim, o mundo assistiu, em 1929, ao início da grave crise norte-americana chamada de *Grande Depressão*, também conhecida como *crise de 1929*, que teve continuidade ao longo da década de 1930 e só terminou com a Segunda Guerra Mundial. Mais recentemente, podemos citar a *crise mexicana* de 1994, a *crise asiática* de 1997-1998, a *crise russa* de 1998, a *crise argentina* de 2001. Essas denominações costumam fazer referência ao período ou ao país ou região em que a crise ocorre.

Neste trabalho, apresentamos alguns aspectos denominativos da crise econômica mundial que, iniciada nos Estados Unidos devido à falência de um dos maiores bancos de investimento dos Estados Unidos, o Lehman Brothers, em 15 de setembro de 2008, teve repercussões em vários países da Europa, principalmente, e também no Brasil.

O estudo realiza-se no âmbito do Projeto *Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita*, estabelecido entre o Brasil e a Espanha e apoiado pelo Programa Capes-DGPU, que tem a finalidade de estimular o intercâmbio e a pesquisa entre pesquisadores e pós-graduandos de universidades brasileiras e espanholas. O projeto hispano-brasileiro cumpre o objetivo de realizar um estudo morfológico, conceptual e semântico comparado dessa crise econômica, tomando como base os termos neológicos criados para denominá-la, no português brasileiro e no espanhol europeu.

Dentre as ricas possibilidades de estudo que esse projeto tem proporcionado a seus participantes, neste trabalho analisamos um tipo específico de denominação da crise econômica, muito produtivo no *corpus* estudado, que reflete a relação que se estabelece entre diferentes ciências e ocasiona, como consequência, a criação de termos metafóricos na terminologia da Economia. Estudamos, especificamente, o entrelaçamento entre a Economia e a Medicina e a resultante criação de termos econômicos metafóricos, no português brasileiro, que refletem o cruzamento dessas duas ciências.

## CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E METODOLOGIA EMPREGADA

O *corpus* bilíngue constituído no âmbito do Projeto caracteriza-se como comparável (cf. TAGNIN, 2007) e, em cada língua, abrange dois jornais de grande circulação e de informações gerais e um jornal específico da área econômica. O *corpus* brasileiro é representado pelos dois jornais de maior circulação no território nacional, *Folha de S. Paulo* (FSP) e *O Globo* (OG), e pelo jornal *Valor Econômico* (VE), específico da área da Economia.

Do *corpus* constituído foram selecionadas as notícias concernentes à crise econômica mundial publicadas às 6as feiras, de agosto de 2007, período que marca o início da crise mundial enfocada, até dezembro de 2013. Nesse período foram analisadas matérias extraídas de 332 (trezentos e trinta e dois) exemplares de cada um dos três jornais considerados, que representam 996 (novecentas e noventa e seis) edições. Permitiu, assim, a observação da evolução dessa crise - e dos neologismos utilizados para denominá-la -, que tem início nos Estados Unidos e é por vezes denominada *crise norte-americana*. A falência de um dos maiores bancos de investimento dos Estados Unidos, o Lehman Brothers, no dia 15 de setembro de 2008, em razão da crise no mercado de crédito imobiliário de alto risco, foi determinante para o agravamento da situação crítica, conforme lemos em um exemplo extraído do *corpus*:

A crise norte-americana foi causada pelo estouro da bolha especulativa no mercado imobiliário, que contaminou boa parte do sistema financeiro dos EUA. A crise se agravou nesta semana com a falência do Lehman Brothers, quarto maior banco do país, e a dificuldade de obtenção de crédito. <FSP\_19/09/2008\_MER\_IURI DANTAS>

Os textos selecionados foram salvos em *word* e etiquetados. Foi criada uma etiqueta-padrão na qual constam o nome do jornal, a data de sua publicação, a forma abreviada do caderno em que o texto se insere e o nome do autor do texto. À guisa de exemplo, um texto extraído do jornal *O Globo*, publicado no dia 30 de março de 2012 no caderno *Opinião* e escrito por Nelson Motta recebeu a etiqueta <OG\_30/03/2012\_07\_OPI\_MOTTA NELSON><sup>2</sup>.

O *corpus*, convertido em formato *.txt*, foi processado pelo programa *Wordsmith Tools 6.0*, de autoria de Mike Scott, e, relativamente ao *corpus* brasileiro, forneceu o total de 6 258 416 (seis milhões e duzentos e cinquenta e oito mil e quatrocentos e dezesseis) tokens (palavras enunciadas) e 666 23 (seiscentos e sessenta e seis mil e vinte

e três) types (palavras diferentes). Consideramos como neológicas as unidades lexicais não integrantes da *Base de termos da Economia*, constituída por 4 794 (quatro mil e setecentos e noventa e quatro) termos da área da Economia e seus respectivos contextos, extraídos de jornais brasileiros de grande circulação desde o final da década de 1980. Como *corpus* de exclusão – materiais que servem de parâmetro para a consideração do caráter neológico ou não neológico de unidades lexicais – consideramos também as edições dos jornais FSP, OG e VE publicadas anteriormente ao período estudado<sup>3</sup>.

## ALGUNS RESULTADOS

Conforme argumentamos em Alves (2016), as interconexões entre ciências são comumente observadas em todos os gêneros textuais. A Economia, ciência presente em todas as atividades da vida cotidiana, entrelaça-se com outras ciências e desse cruzamento resultam neologismos constituídos por figuras, especialmente pela metáfora.

Silva (2013), em um estudo sobre a crise econômica mundial na imprensa portuguesa, observa a eficácia das relações entre a Economia e a Medicina para a conceptualização da crise econômica:

O modelo cognitivo da doença é um dos mais produtivos e eficazes na conceptualização da crise financeira e económica. Praticamente todos os estádios e componentes do cenário experiencial e vários do cenário médico da doença são utilizados na comunicação jornalística da crise. (SILVA, 2013, p. 15)

Essas considerações de Silva, referentes à comunicação estabelecida entre os jornalistas e os leitores portugueses, também está presente na imprensa brasileira, como especificaremos a seguir.

Na verdade, Economia e Medicina são bastante importantes para as pessoas, como constata a valsa brasileira *Fim de ano*, de David Nasser e Francisco Alves, com a qual os brasileiros celebram a chegada de um ano novo desejando, para eles mesmos e para os amigos e familiares, “muito dinheiro no bolso, saúde prá dar e vender”.

As intersecções entre as duas ciências e a resultante criação de metáforas podem ser compreendidas de acordo com as concepções de Lakoff e Johnson, que, na tão conhecida publicação *Metaphors we live by* (1980) - que no Brasil recebeu o título *Metáforas da vida cotidiana* - consolidam, segundo Zanotto et al, tradutoras e apresentadoras da obra, uma ruptura com a tradição retórica iniciada por Aristóteles, no século IV a.C., e o mito do objetivismo. Segundo esse mito, a metáfora e outras figuras deveriam ser evitadas sempre que se buscasse falar de maneira objetiva (cf. COSTA, 2007, p. 24).

Apesar dessa tradição de busca do objetivismo nas ciências, a comunidade científica tem sempre recorrido às figuras, sobretudo às metáforas, para a expressão de situações complexas para públicos não especializados, especialmente, mas também são atestados empregos de metáforas em *corpora* especializados<sup>4</sup>. Tomando termos da Economia, a título de exemplo mencionamos *ataque especulativo*, *ciranda financeira* e *paraíso fiscal*, que, muito empregados em contextos jornalísticos, constituem termos

sintagmáticos em que o primeiro elemento, pertencente à classe dos substantivos, é metafórico. Em contextos especializados, as metáforas também são observadas, como no exemplo a seguir, em que os autores estão conscientes de que o termo sintagmático *abrigo monetário*, construído por meio do substantivo metafórico *abrigo* e de um adjetivo da área da Economia, representa uma “analogia”:

As operações bancárias externas ocorrem em **abrigos monetários** como Londres, Luxemburgo, Cingapura, Panamá e Ilhas Cayman. **Abrigos monetários** são uma analogia – firmas e investidores deslocam renda para os abrigos fiscais, a fim de se aproveitarem de alíquota fiscal mais baixa. (MAYER; DUESENBERY; ALIBER, 1993, p. 172-173)

O *corpus* estudado também apresenta referências ao uso metafórico, como se observa no excerto a seguir, em que o jornalista explicita que utiliza o “linguajar médico” para referir-se a medidas - redução de juros - que foram *prescritas* como um *remédio* para o combate à *doença* representada pela crise econômica:

Sustentamos que a desaceleração econômica recente no Brasil é, em boa medida, resultado de má coordenação de políticas econômicas e de uma estratégia confusa, que não foi devidamente sinalizada aos agentes econômicos. Utilizando o linguajar médico, alguns **remédios**, ainda que recomendados (como redução de juros), foram insuficientes para **combater a doença**; outros, entretanto, foram erroneamente **prescritos**. <VE\_12/07/2013\_CUL\_ Luiz Fernando de Paula, André de Melo Modenesi>

Nossa análise enfatiza o entrelaçamento estabelecido entre duas ciências, a Economia e a Medicina, e os neologismos econômicos que, por meio de figuras, especialmente, a metáfora, refletem o cruzamento entre essas ciências.

Apoiamo-nos nas concepções dos autores já citados, Lakoff e Johnson, que, com base nos princípios teóricos da Semântica Cognitiva, postulam que a metáfora é uma forma de conceptualização, que estabelece uma relação entre dois domínios, um domínio-fonte e um domínio-alvo. Sardinha (2007, p. 32-33) enfatiza que, segundo a teoria dos autores, a metáfora constitui um sinônimo de metáfora conceptual, é cognitiva - existe na mente, atuando no pensamento - e, portanto é abstrata, manifestando-se linguisticamente por meio de expressões metafóricas.

Sardinha explicita também que as expressões metafóricas constituem expressões linguísticas que são manifestações de uma metáfora conceptual. Exemplifica essa afirmação com a expressão “nosso casamento está indo muito bem”, que constitui uma manifestação da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM<sup>5</sup>.

Assim, ao evocarem o domínio da Medicina para referirem-se à crise econômica no *corpus* analisado, os falantes, geralmente jornalistas, estabelecem relações entre o domínio-fonte da Medicina, mais conhecido pelos leitores, e o domínio-alvo que é a Economia, possibilitando que, com a metáfora originária da área médica, o falante não especializado em Economia possa compreender os conceitos da ciência econômica.

Desse modo, de maneira análoga a um ser vivo, a economia de um país, de um banco ou de uma empresa são definidos de acordo com o estado de saúde que apresentam:

Eu não entendo bem como isso funciona, mas, ao longo de minha vida, tenho presenciado muitas crises nas Bolsas de Valores e muitos dias de euforia, uma coisa e outra definindo a **saúde das economias dos países** e, hoje, do mundo inteiro. </FSP\_25/01/2008\_OPI\_ JOSÉ SARNEY>

Ao conceptualizarem a crise econômica como uma doença, os falantes tratam-na como um ser doente, que necessita de cuidados e pode espalhar suas características doentias para outros países, assim como se alastram as doenças contagiosas. Desse modo, utilizam expressões metafóricas que manifestam a metáfora conceptual A ECONOMIA É UMA DOENÇA:

Um cenário inimaginável. O euro, até há alguns anos a grande promessa, enfrenta sua maior encruzilhada devido à crise da dívida soberana, uma **doença** cujo **contágio** se espalha implacavelmente de um país a outro, apesar dos desesperados esforços (e bilhões de euros de resgate) da União Europeia. <OG\_29/07/2011\_21\_ECO\_SCRIVEN GAIL>

Esse ser doente, a crise econômica, pode ser diferentemente diagnosticado e diferentemente tratado, de acordo com a ideologia do jornalista ou do emissor. No excerto a seguir, ele foi visto como a pior crise desde a Grande Depressão, iniciada em 1929 nos Estados Unidos e sua gravidade, do ponto de vista médico, expressa pelo termo *parada cardíaca*. O *socorro* recebido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) evitou que muitas economias emergentes sofressem um grave *colapso*, estágio de doença mais grave do que a *parada cardíaca*:

O pior da crise ainda está por vir.  
O sistema financeiro mundial experimentou em 2008 sua pior crise desde a Grande Depressão, iniciada em 1929. /.../ Muitas economias emergentes, às vésperas de uma crise, tiveram de pedir ajuda ao Fundo Monetário Internacional (FMI). O sistema financeiro mundial literalmente sofreu uma **parada cardíaca** depois da falência do Lehman Brothers, e o **colapso** foi evitado por pouco, por uma política monetária altamente agressiva. Diante disso, o que nos espera em 2009? Será que o pior já passou ou ainda está por vir? <OG\_02/01/2009\_17\_ECO\_ROUBINI NOURIEL>

A gravidade da crise econômica é também expressa como uma *asfixia - asfixia do sistema financeiro* -, que, ao impedir ou dificultar a respiração, pode ser fatal para o ser humano e provocar a estagnação do sistema econômico:

Um dia após a transfusão de dólares para a Europa, volta a ansiedade sobre **asfixia do sistema financeiro**. COMO DE COSTUME, uma rotina, aliás, cada vez mais perigosa, passou a euforizinha a respeito da "ação coordenada dos bancos centrais" do mundo rico para dar um copo de dólares para a banca europeia, sob risco de sede terminal. Não podia ser de outro modo. <FSP\_02/12/2011\_B4\_MER\_FREIRE VINICIUS TORRES>

e ainda como uma *paralisia*, a qual, por significar a perda da capacidade de movimento voluntário de um músculo, reflete a estagnação da economia:

Nos EUA, a **paralisia do mercado imobiliário**, depois dos excessos dos anos anteriores à eclosão da crise de 2007 a 2009, continua a pesar sobre a economia. <VE\_07/10/2011\_0\_FIN>

Caso os líderes europeus não consigam chegar a um acordo que convença os investidores de que não será admitida uma sequência de calotes soberanos que chegue a atingir os maiores países, grandes bancos podem vir a quebrar. Teme-se que tal quebra deireira gere efeito dominó, semelhante ao ocorrido há três anos, quando quebrou o banco Lehman Brothers, nos EUA. Neste cenário catastrófico, no qual nosso BC decidiu apostar, se repetiria a **paralisia do crédito internacional** observada em 2008. <VE\_16/09/2011\_0\_OPI\_GARCIA\_MARCIO>

O estado doentio da crise financeira também pode ser diagnosticado como *estresse*, “gerado pela percepção de estímulos que provocam excitação emocional e, ao perturbarem a homeostasia, levam o organismo a disparar um processo de adaptação caracterizado pelo aumento da secreção de adrenalina, com várias consequências sistêmicas” (HOUAISS, 2012), causando o *estresse financeiro*:

“Reduções da atividade econômica e recessões precedidas por estresse relacionado ao sistema bancário tendem a durar mais e serem associados à maior média de perdas do PIB (Produto Interno Bruto) do que as que são precedidas por outros tipos de **estresse financeiro**”, diz um trecho do documento. <OG\_03/10/2008\_33\_ECO\_PASSOS JOS+ MEIRELLES>

Uma preocupação constante nos textos jornalísticos analisados, referentes a economias de distintos países, diz respeito ao perigo da propagação da crise, que, como um vírus, alastra-se e provoca *contágios* e *contaminações*:

Com o acordo fechado, a Grécia cortará 3,3 bilhões este ano e vai continuar sendo financiada para pagar sua dívida. Isso significa que os títulos no valor de 14 bilhões que vencem em março serão pagos. O que o país evitou ontem, portanto, foi a moratória desordenada, que

teria consequências temidas, uma delas a de **contágio** de outros países.  
<OG\_10/02/2012\_28\_ECO\_LEITAO MIRIAN>

Onde há fumaça há pânico.

Novidades da crise nos Estados Unidos tornam ainda mais difícil prever impacto na economia brasileira. HÁ TANTA FUMAÇA no tiroteio do mercado americano que está muito difícil saber quem passou a sangrar, quem está ferido de morte e, ainda mais imprevisível, descobrir quantas balas perdidas chegarão ao Brasil. Apesar do quase pânico desses dias, ainda há alguns sinais contraditórios nas alturas esotéricas das finanças americanas e nos dados da atividade econômica. /.../ E uma crise financeira feia assim seria o primeiro passo para a **contaminação** do Brasil.  
<FSP\_18/01/2008\_MER\_VINICIUS TORRES FREIRE>

De maneira análoga a um ser doente, que pode propagar sua doença para outros seres, a crise econômica deve receber auxílio para que seus efeitos sejam anulados, ou, pelo menos, amenizados. Assim, *receitas* de como proceder, *remédios* e *antídotos* também são evocados para estancar a crise ou diminuir seus efeitos nefastos:

O problema, diz Katainen, não é somente a crise da dívida, mas um déficit de competitividade de parte da Europa. “Uma das razões dessa crise é o grande desnível de competitividade entre os países. O **remédio** é muito simples: é preciso elevar a competitividade.” Para isso, a Finlândia apoia a **receita** alemã: equilibrar o orçamento (com corte de gastos e alta de impostos), realizar reformas estruturais e recuperar, assim, a confiança dos mercados.  
<VE\_17/02/2012\_0\_INT\_SACCOMANDI\_HUMBERTO>

É bem provável que os **antídotos** concebidos pela União Europeia no seu processo de integração venham a funcionar. Mas desta crise ficará uma lição: déficits públicos somente são financiáveis se o mercado estiver convencido de que a economia que os lastreia tem capacidade efetiva de reação. O mais prudente é, sempre, buscar o equilíbrio nas finanças governamentais. </OG\_07/05/2010\_6\_OPI>

A saída da situação crítica reflete também as relações entre o domínio-fonte da Medicina e o domínio-alvo da Economia. *Recuperar uma economia*, segundo um articulista, deve seguir etapas, dentre as quais o *diagnóstico*, que, como em um tratamento médico, representa o primeiro passo a ser seguido:

#### Sete lições para **recuperar uma economia**

Muitos livros foram escritos, e outros virão, sobre como evitar uma nova crise financeira. Mas eis aqui uma questão importante: O que os últimos anos nos ensinaram sobre como acelerar a recuperação depois que uma economia sofre um grave choque financeiro? Não é uma tarefa fácil e, como esse episódio ainda não acabou, ninguém pode saber as consequências finais do que já foi feito. Dito isto, algumas



lições iniciais parecem claras: 1. Faça o **diagnóstico** correto /.../  
<VE\_26/04/2013\_INT\_David Wessel>

Outra lição recomendada pelo mesmo articulista diz respeito ao cuidado com os bancos, que devem passar por *testes de estresse*, ou seja, um conjunto de técnicas que ajudam a avaliar a vulnerabilidade do setor financeiro em eventos excepcionais, porém plausíveis (cf. SANTOS, 2008, p. 12). Esses testes contribuem para verificar se uma instituição financeira é, analogamente a uma pessoa, *saudável*:

#### 4. Cuide dos bancos

Nos EUA, os **testes de estresse** de 2009 conseguiram credibilidade junto aos mercados, e o governo prometeu capital vindo do contribuinte para ajudar os bancos que não conseguiam captá-lo no mercado. Já os testes de estresse europeus não obtiveram credibilidade, em parte devido à delicada questão de reconhecer que os títulos do governo podiam valer menos que o seu valor nominal. Agora, os bancos americanos são considerados **saudáveis** e começam a emprestar mais facilmente. <VE\_26/04/2013\_INT\_David Wessel>

As estratégias de recuperação de uma economia são também representadas por *programas de socorro* ou *de salvamento*:

O primeiro-ministro grego, George Papandreou, negou, como era previsível, essa hipótese, sempre em Davos, mas não deixou de dizer que o FMI deve esticar os **programas de socorro** a países como a própria Grécia e que os juros devem ser reduzidos. </FSP\_28/01/2011\_B5\_MER\_ROSSI CLÓVIS>

Com lei aprovada, agora Paulson precisa implementar seu plano. O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Henry Paulson, disse hoje, após a aprovação do pacote de US\$ 700 bilhões pelo congresso, que o órgão vai agir “rapidamente”, mas de forma “cuidadosa” para dar início ao **programa de salvamento** do sistema financeiro norte-americano. <VE\_03/10/2008\_CAMPOS EDUARDO>

Ontem, o presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, afastou a perspectiva de que a Grécia, que enfrenta uma crise de dívida, não cumpra com seus pagamentos. Ele também disse que não há motivos para não confiar que o plano acertado para **socorrer** Atenas possa ser implementado, caso haja necessidade. <VE\_09/04/2010\_Karin Sato>

A recuperação, por fim, reflete etapas em que o processo crítico apresenta períodos de otimismo, que permitem observar a melhora do “humor do investidor”, ou, ao contrário, a convicção de que “os mercados vão cair ainda mais”, conforme constatamos, respectivamente, nos contextos a seguir:

### CRISE NOS MERCADOS

Pessimismo diminui, e Bolsas sobem. Pacote dos EUA, socorro a seguradoras e “caça a barganhas” nos mercados melhoram humor de investidor; Bovespa sobe 5,9%. Economistas evitam falar que o pior já passou e preveem mais instabilidade e mudanças de humor nas próximas semanas. Após três dias de forte pessimismo, os mercados globais esboçaram ontem uma **recuperação** generalizada nos preços de ações, papéis de dívidas e commodities. A melhora no humor, porém, não foi suficiente para cobrir as perdas registradas na semana. /.../ A **recuperação** ontem veio com o sentimento de que o governo americano e o Fed [Federal Reserve, o BC dos EUA] seguem alertas e farão o possível para minimizar as perdas do sistema financeiro, das empresas e também do consumidor. /.../ <FSP\_25/01/2008\_MER\_TONI SCIARRETTA>

**Recuperação** vai ser breve e ações voltam a cair, diz Soros

Para megainvestidor, Bolsas ainda não atingiram seu “ponto mínimo” com a crise. Na opinião do bilionário, “existe uma crescente relutância em investir em dólares, apesar da falta de alternativas adequadas”. O bilionário George Soros, 77, qualificou a atual crise financeira como a pior desde a Grande Depressão iniciada em 1929 e disse que os mercados vão cair ainda mais neste ano após uma breve **recuperação**. <FSP\_04/04/2008\_MER\_KATHERINE BURTON>

Quando os sinais da recuperação da economia e o final da crise tornam-se mais próximos e mais visíveis, a imagem do renascimento da natureza transparece no neologismo semântico *brotos verdes*, que, tal como os brotos verdes que despontam na primavera, denominam o início de um novo ciclo econômico:

Strauss-Kahn disse que o aumento da dívida pública (resultado dos gastos com pacotes para estimular a economia e da queda na arrecadação) será um dos principais problemas que os governos terão de enfrentar quando a crise amainar, mas que ainda é cedo para que eles comecem a apertar os cintos. “Corremos o risco de matar os famosos **brotos verdes**”, disse, citando a forma como vêm sendo chamados os sinais de recuperação da economia. <FSP\_10/07/2009\_MER>

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, ainda que breve, permitiu-nos constatar que, nos veículos analisados, os jornalistas recorrem frequentemente a metáforas da área médica para explicarem os fatos econômicos. Essas metáforas, empregadas para descreverem a crise econômica mundial como uma doença, possibilitam ao leitor a compreensão de muitos fatos e corroboram o caráter didático da metáfora. Lembra-nos Gutiérrez Rodilla (2004, p. 25), médica e também estudiosa da terminologia da Medicina, que os empregos

metafóricos são comumente observados na área médica, pois “o médico, como todos os cientistas, sempre construiu com base em metáforas muitas de suas explicações”.

Esses termos metafóricos que entrelaçam as áreas da Medicina com a da Economia representam neologismos semânticos, que, por meio de uma transferência semântica, permitem a criação de uma nova unidade lexical. Sablayrolles (2000, p. 226) lembra-nos de que “a metáfora e a metonímia são as duas grandes vias reconhecidas da neologia semântica: é por meio de uma dessas duas figuras que se passa do sentido atestado (usualmente denominado primeiro sentido) ao novo sentido (usualmente denominado sentido figurado)”<sup>6</sup>. Exemplificamos com dois termos muito frequentes no corpus estudado, *crise* e *colapso*, que, antes de integrarem a terminologia da Economia, eram utilizados em contextos médicos, conforme observamos em Houaiss (2012): *crise* - “segundo antigas concepções, o 7º, 14º, 21º ou 28º dia que, na evolução de uma doença, constituía o momento decisivo para a cura ou para a morte”; *colapso* - “estado semelhante ao choque, caracterizado por prostração extrema, grande perda de líquido, acompanhado ger. de insuficiência cardíaca”.

O corpus analisado oferece outras possibilidades de análise. Resultados desses estudos serão apresentados no *Dicionário da crise econômica mundial* (DiCEM), que, após sua finalização, será disponibilizado *on-line* sob forma de base de dados.

## NOTAS

- (1) Bolsista de Iniciação Científica do Programa CNPq/PIBIC de 08-2013 a 07-2015 para a execução do Projeto *Terminologia da Economia e empregos metafóricos: as múltiplas imagens da crise econômica na imprensa escrita*.
- (2) Outras informações sobre a metodologia empregada no trabalho podem ser consultadas em Galanes Santos e Alves (2015).
- (3) Essa metodologia, que considera neológica a unidade lexical não integrante de uma obra lexicográfica ou de um conjunto de textos, denominada *corpus* de exclusão por Jean-Claude Boulanger (1979), tem sido amplamente utilizada em trabalhos de coleta de neologismos.
- (4) Kocourek, em seu estudo sobre a língua francesa empregada nos textos técnico-científicos (1991, p. 167), lembra-nos de que o emprego figurado, observado em textos científicos, como também nos sistemas semióticos utilizados nas ciências, não se mostra incompatível com a busca de precisão nas linguagens terminológicas.
- (5) Convencionou-se designar as metáforas conceptuais em caixa alta.
- (6) La métaphore et la métonymie sont les deux grandes voies reconnues de la néologie sémantique: c’est par l’une de ces deux figures que l’on passe du sens attesté (appelé souvent sens premier) au nouveau sens (appelé souvent sens figuré).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. As denominações da crise econômica mundial no entrecruzamento da Economia e da Medicina. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v.18, n. 1, 2016, p. 43-67.

BOULANGER, J.-C. Problématique d'une méthodologie dynamique d'identification des néologismes en terminologie. In: *Néologie et terminologie*. Paris: Larousse, 1979. p. 36-46.

COSTA, E. A. da. *Um estudo cognitivo das metáforas geradas em um corpus jornalístico da Economia*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). 2007 - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GALANES SANTOS, I.; ALVES, I. M. Metodología de trabajo para el estudio de las múltiples imágenes de la crisis económica en la prensa escrita. In: GALLEGO-HERNÁNDEZ, D. (Ed.). *Current approaches to business and institutional translation*. Berna: Peter Lang, 2015. p. 77-88.

GUTIÉRREZ RODILLA, B. Entre el mito y el logos: la medicina y sus formas de expresión. In: CABRÉ, M. T.; ESTOPÀ, R. (Eds.). *Objetividad científica y lenguaje: la terminología de las ciencias de la salud*. Barcelona: Edicions a Petició, SL, 2004. p. 15-32.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Grande dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2012. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 25 jan. 2016.

KOCOUREK, R. *La langue française de la technique et de la science*. 2è. éd. Wiesbaden: Brandstetter Verlag, 1991.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. L. *As metáforas da vida cotidiana*. Trad. de Mara Sophia Zanotto et al. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/EDUC, 2002.

MAYER, T.; DUESENBERY, J. S.; ALIBER, R. Z. *Moedas, bancos e a economia*. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1993.

SABLAYROLLES, J.-F. *La néologie en français contemporain*. Paris: Honoré Champion, 2000.

SANTOS, T. R. E. dos. *Testes de estresse em sistemas financeiros: uma aplicação ao Brasil*. Dissertação (Mestrado em Economia). 2008 - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

SILVA, A. S. O que sabemos sobre a crise econômica, pela metáfora. Conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa. *Revista Media & Jornalismo*. Número temático "Crise, Memória e Esquecimento". Coimbra, v. 22, n.1,

p. 11-34, 2013. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/290779369\\_O\\_que\\_sabemos\\_sobre\\_a\\_crise\\_economica\\_pela\\_metafora\\_Conceptualizacoes\\_metaforicas\\_da\\_crise\\_na\\_imprensa\\_portuguesa](https://www.researchgate.net/publication/290779369_O_que_sabemos_sobre_a_crise_economica_pela_metafora_Conceptualizacoes_metaforicas_da_crise_na_imprensa_portuguesa). Acesso em: 29 ago. 2015.

TAGNIN, S. A identificação de equivalentes tradutórios em corpora comparáveis. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPUI, 1, Belo Horizonte, 3 a 6 de junho de 2007. *Anais...* Belo Horizonte: 2007. Disponível em:  
<http://www.fflch.usp.br/dlm/comet>. Acesso em: 25 jan.2016.

---

## O PREFIXO *DES-* EM CRIAÇÕES LEXICAIS DE MANOEL DE BARROS

Ariadne Mattos OLÍMPIO  
 Universidade de São Paulo (Doutoranda)  
 ariadneolimpio@usp.br

**RESUMO:** Este artigo pretende mostrar, por meio de criações lexicais encontradas em poemas de Manoel de Barros, a polissemia do prefixo *des-* quando se junta a bases como verbos, adjetivos e substantivos. Como se verá, o prefixo *des-* possui outros significados além de negação, oposição, separação, falta, tais quais registrados pelos dicionários; exprime também as ideias, segundo Alves (2000), de cessação de uma situação (“deixar de”), de mau ou ruim (ou “estranho”). Além desses, nas criações lexicais de Manoel de Barros, surge ainda o sentido “ser diferente”, que perpassa toda a temática manoelina. Toda essa polissemia do prefixo *des-* e seus encontros inesperados com verbos, adjetivos e substantivos tornam a poética de Manoel de Barros fortemente expressiva, contribuindo para seu estilo “neológico”, “diferente”, “especial”. As criações lexicais com o prefixo *des-* e seus encontros inesperados com determinadas bases acabam por dar forma e sentido, na obra manoelina, às coisas desimportantes, aos seres diferentes, àqueles que não pertencem à norma.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neologismos; prefixação; Manoel de Barros.

### A PREFIXAÇÃO

A prefixação é um processo de formação de palavras pela adjunção de um prefixo a uma palavra já existente. Não há, ainda, um consenso sobre o número de prefixos existentes na Língua Portuguesa. Segundo Alves (1990), prefixos são as partículas independentes (separáveis) ou não independentes (inseparáveis) que, “antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma ideia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série” (p.15). Como exemplos de prefixos separáveis, teríamos o *ex-*, o *super-*, que podem ser usados como palavras independentes:

- (1) Aquela mulher não fala mais com seu *ex*.
- (2) Ela é *super* em tudo: no visual super bem transado, na linguagem superfácil de ser entendida e, principalmente, no seu conteúdo surpreendente, superespetacular e superemocionante (exemplo extraído de Alves).

Como exemplo de prefixo não independente, teríamos o prefixo negativo *des-*, objeto deste capítulo. Os prefixos não-independentes não funcionam como palavras autônomas, apenas como formas presas:

- (3) Aquela criança *desobedeceu* ao seu pai.

Os prefixos, segundo Alves (2000), tiveram origem adverbial ou preposicional. Isto quer dizer que, no latim, algo que era advérbio ou preposição se adjungiu a um vocábulo dando origem aos prefixos. Trata-se de um processo de gramaticalização: emergência de uma nova categoria gramatical; perda da categoria gramatical existente; mudança no conjunto dos elementos de uma categoria gramatical. Para Alves (2000), esse processo continua ocorrendo atualmente. É o caso do advérbio *não* e da preposição *sem* que vêm funcionando como prefixos.

Na morfologia histórica do Português, assistimos a esse “trânsito” entre preposições, advérbios e prefixos, sendo, por vezes, difícil atribuir certas fronteiras entre um e outro.

Segundo Martins,

a prefixação oferece menos possibilidades expressivas que a derivação sufixal. Grande parte dos prefixos é de natureza erudita (gregos e latinos), sendo de uso maior na linguagem científica ou culta. Ao contrário dos sufixos, os prefixos não mudam a classe de palavras a que se ligam, sendo menos intensa a alteração que acarretam. (1997, p.120)

Entretanto, Alves afirma que, contextualmente, alguns deles são capazes de mudar a classe gramatical do elemento ao qual se adjungem. É o caso do prefixo *anti-* e do prefixo *inter-* que, antepostos a uma base substantiva, constituem uma unidade lexical que, integrada a um sintagma nominal, exerce a função de adjetivo: *teste antipoluição*.

## AS CRIAÇÕES LEXICAIS FORMADAS PELO PREFIXO *DES-*

Segundo Martins,

o prefixo *des-*, indicativo de múltiplas ideias — negação, oposição, separação, afastamento, divisão, supressão, e em alguns vocábulos até de intensificação (*desinfeliz*) —, é com certeza o prefixo mais produtivo, mais popular, e desde as cantigas de escárnio já revelava a sua vitalidade. (1997, p. 121)

Alves (2000), ao levantar dados históricos dos prefixos, afirma que as gramáticas e os dicionários atribuem a *des-* mais de um significado: “coisa contrária” ou “falta de”, “cessação de uma situação”, “extração” ou “separação de uma coisa”. Há, ainda, o significado de “reforço” e “intensidade”. Alves ainda cita casos coletados por Sandmann (1991) em que *des-* significa “mau”, “ruim”.

O dicionário Houaiss (2009) parece sintetizar bem os significados desse prefixo: “*des-* pref. de form. vern., talvez do lat. *dis-*, talvez de *deex*; exprime sobretudo: 1)

oposição, negação ou falta: *desabrigo, desleal*; 2) separação: *descascar*; 3) reforço, intensidade: *desinfeliz*.”

Apesar de ser dependente (ou inseparável), o prefixo *des-*, assim como muitos outros afixos da língua portuguesa, pode apresentar mais de um significado, como os mencionados acima. Essa polissemia do prefixo *des-* mostra o movimento da língua. Segundo Alves (2006),

é certo que as palavras lexicais, representadas pelas classes dos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios formados com o sufixo *-mente*, pertencem a um inventário aberto, sempre susceptível de receber novos elementos. No entanto, o inventário de elementos gramaticais, como os prefixos e os sufixos, é também susceptível de sofrer alterações. Afixos podem apresentar mais de um significado, assim como as unidades lexicais. (2006, p. 5)

Como se verá, Manoel de Barros explora e reforça as várias acepções desse prefixo por meio da expressividade em seus poemas, a saber, o sentimento da falta, da ausência, da negação, do contrário, da separação, do reforço, da intensidade, do deixar de fazer algo que já existia anteriormente, inventando mais um sentido para o prefixo *des-*: fazer diferente. Para dar conta desses sentidos, o poeta

- (i) se vale das acepções do prefixo *des-* que já foram dicionarizadas, como também acrescenta a ele outras, ainda não dicionarizadas;
- (ii) junta o prefixo *des-* a bases não esperadas/inusitadas, criando novas palavras na língua.

As criações lexicais formadas com o prefixo *des-* serão analisadas, num primeiro momento, de acordo com as características significativas do prefixo arroladas por Alves (2000): (i) coisa contrária; (ii) falta/ausência de; (iii) cessação de uma situação; (iv) extração ou separação de uma coisa; (v) reforço ou intensidade; (vi) mau ou ruim. Nas análises, veremos como Manoel de Barros relaciona intimamente esses sentidos do prefixo *des-* à sua temática e como esse prefixo, atrelado a esses sentidos, podem ganhar uma “nova cor”, um “tom a mais” em sua poética.

Ao estudar os sufixos da língua, Viaro (2005) nos diz que, em línguas flexionais como o português, há, nas palavras derivadas, um “tríplice significado” e que, portanto, faz-se necessário “diferenciar o significado da palavra-base (muitas vezes apagado com o tempo), o do sufixo (que, quando perde a produtividade, também pode se tornar apagado) e o da palavra derivada (que é, muitas vezes, imprevisível)”.

Essa imprevisibilidade é acentuada quando a palavra derivada é uma criação lexical encontrada em enunciados poéticos que objetivam necessariamente o imprevisível, o inusitado, contribuindo para marcar o estilo individual de um autor.

O *corpus* analisado neste artigo é composto das criações lexicais encontradas em cinco livros de Manoel de Barros: *Arranjos para assobios* (1980), *O guardador de águas* (1989), *Memórias inventadas – a infância* (2003), *Memórias inventadas – a segunda infância* (2006) e *Memórias inventadas – a terceira infância* (2008).



**DES- COMO “FALTA/AUSÊNCIA DE”**

a)

**Estreante**

Fui morar numa pensão na rua do Catete.  
 A dona era viúva e buliçosa  
 E tinha uma filha Indiana que dava pancas.  
 Me abatia.  
 Ela deixava a porta do banheiro meio aberta  
 E isso me abatia.  
 Eu teria uns 15 anos e ela 25.  
 Ela me ensinava:  
 Precisa não afobar.  
 Precisa ser bem animal.  
 Como um cavalo. Nobremente.  
 Usar o desorgulho dos animais.  
 Morder lamber cheirar fugir voltar arrodar  
 lamber beijar cheirar fugir voltar  
 Até.  
 Nobremente. Como os animais.  
 Isso eu aprendi com minha namorada indiana.  
 Ela me ensinava com unguentos.  
 Passava unguento passava unguento passava unguento.  
 Dizia que era um ato religioso foder.  
 E que era preciso adornar os desejos com unguento.  
 Só depois que adornava bem ela queria.  
 Pregava que fazer amor é uma eucaristia.  
 Que era uma comunhão.  
 E a gente comungava o Pão dos Anjos.  
 (2006, p.71)

Neste poema, da época em que Manoel de Barros morou no Rio de Janeiro (“rua do Catete”), o poeta conta que deveria usar, em sua primeira relação sexual, a *falta de orgulho dos animais*.

b)

**Invenção**

Inventei um menino levado da breca para me ser.  
 Ele tinha um gosto elevado para chão.  
 De seu olhar vazava uma nobreza de árvore.  
 Tinha desapetite para obedecer a arrumação das  
 coisas.  
 Passarinhos botavam primavera nas suas palavras.  
 Morava em maneira de pedra na aba de um morro.  
 O amanhecer fazia glória em seu estar.  
 Trabalhava sem tréguas como os pardais bicam as  
 tardes.  
 Aprendeu a dialogar com as águas ainda que não  
 soubesse nem as letras que uma palavra tem.  
 Contudo que soletrasse rãs melhor que mim!

Era beato de sapos.  
 Falava coisinhas seráficas para os sapos como se  
 namorasse com eles.  
 De manhã pegava o regador e ia regar os peixes.  
 Achava arrulos antigos nas estradas abandonadas.  
 Havia um dom de traste atravessado nele.  
 Moscas botavam ovo no seu ornamento de trapo.  
 As garças pensavam que ele fosse árvore e faziam  
 sobre ele suas brancas bostas.  
 Ele não estava nem aí para os esterco brancos.  
 Porém o menino levado da breca ao fim me falou  
 que ele não fora inventado por esse cara poeta  
 Porque fui eu que inventei ele.  
 (2003, p. 128)

O prefixo *des-* em *desapetite* também significa, assim como em *desorgulho*, *falta de*. O menino levado da breca não tem apetite para a “arrumação das coisas”. Ele tem uma infância diferente, gosta de estar em comunhão com a natureza, gosta de estar no chão; o menino brinca com as águas, com as rãs e com os sapos. Parece um menino solitário, ainda que tenha a natureza como sua companheira de manhãs e manhãs, tardes e tardes...

c)

### **O Lavador de Pedra**

A gente morava no patrimônio de Pedra Lisa. Pedra Lisa era um arruado de 13 casas e o rio por detrás. Pelo arruado passavam comitivas de boiadeiros e muitos andarilhos. Meu avô botou uma Venda no arruado. Vendia toucinho, freios, arroz, rapadura e tais. Os mantimentos que os boiadeiros compravam de passagem. Atrás da Venda estava o rio. E uma pedra que aflorava no meio do rio. Meu avô, de tardezinha, ia lavar a pedra onde as garças pousavam e cacaravam. Na pedra não crescia nem musgo. Porque o cuspe das garças tem um ácido que mata no nascedouro qualquer espécie de planta. Meu avô ganhou o desnome de Lavador de Pedra. Porque toda tarde ele ia lavar aquela pedra. A Venda ficou no tempo abandonada. Que nem uma cama ficasse abandonada. É que os boiadeiros agora faziam atalhos por outras estradas. A Venda por isso ficou no abandono de morrer. Pelo arruado só passavam agora os andarilhos. E os andarilhos paravam sempre para uma prosa com o meu avô. E para dividir a vianda que a mãe mandava para ele. Agora o avô morava na porta da Venda, debaixo de um pé de jatobá. Dali ele via os meninos rodando arcos de barril ao modo que bicicleta. Via os meninos em cavalo-de-pau correndo ao modo que montados em ema. Via os meninos que jogavam bola de meia ao modo que de couro. E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro. Tudo isso mais os passarinhos e os andarilhos era a paisagem do meu avô. Chegou que ele disse uma vez: Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia. Dom de ser poesia é muito bom!  
 (2003, p. 34)

No poema acima, o prefixo *des-* em *desnome* significa *falta de* um nome, uma vez que “Lavador de Pedra” não é um nome, mas um apelido que ganha o avô do enunciador por lavar uma pedra que “aflorava no meio de um rio”.

## DES- COMO “COISA CONTRÁRIA”

a)

### Um olhar

Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas. Dizia que seu avesso era mais visível do que um poste. Com ela as coisas tinham que mudar de comportamento. Aliás, a moça me contou uma vez que tinha encontros diários com as suas contradições. Acho que essa frequência nos desencontros ajudava o seu ver oblíquo. Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a contemplavam. Chegou de ir no oculista. Não era um defeito físico falou o diagnóstico. Induziu que poderia ser uma disfunção da alma. Mas ela falou que a ciência não tem lógica. Porque viver não tem lógica — como diria a nossa Lispector. Veja isto: Rimbaud botou a Beleza nos joelhos e viu que a beleza é amarga. Tem lógica? Também ela quis trocar por duas andorinhas os urubus que avoavam no Ocaso de seu avô. O Ocaso de seu avô tinha virado uma praga de urubu. Ela queria trocar porque as andorinhas eram amoráveis e os urubus eram carniceiros. Ela não tinha certeza se essa troca podia ser feita. O pai falou que verbalmente podia. Que era só despraticar as normas. Achei certo. (2006, p.105)

Temos, aqui, as criações “despraticava” e “despraticar”, revelando o modo como a namorada do enunciador praticava as normas; não é o caso de dizer que ela não praticava as normas, isto é, *des-* não funciona como “falta ou ausência de”, mas o caso de dizer que ela praticava as normas de uma forma contrária: ao invés de ela ver a garça na beira de um rio, ela via um rio na beira da garça. Ao invés de ela contemplar as paisagens, eram as paisagens que a contemplavam. A namorada “tinha encontros diários com a suas contradições” (grifo meu).

O mesmo acontece no poema IV, do livro *Arranjos para assobio* (1980): o poeta explora mais uma vez o sentido de *des-* como “coisa contrária”:

b)

Pierrô é desfigura errante.

andarejo de arrebol.  
vivendo do que desiste,  
se expressa melhor em inseto.

Pierrô tem um rosto de água  
que se aclara com a máscara.  
Sua descor aparece  
como um rosto de vidro na água.

Pierrô tem sua vareja íntima:  
é viciado em raiz de parede.  
Sua postura tem anos  
de amorfo e deserto.

Pierrô tem o seu lado esquerdo  
atrelado aos escombros.  
E o outro lado aos escombros.

.....  
Solidão tem um rosto de antro.  
(1980, p. 171)

Pierrô não é apenas uma figura contrária às outras, massobretudo, diferente/especial/exótica: “*tem sua vareja íntima:/é viciado em raiz de parede./ Sua postura tem anos/ de amorfo e deserto*”. E ele não tem apenas algumas características contrárias/diferentes/especiais/exóticas: ele *inteiro* é assim — “Pierrô tem seu lado esquerdo/atrelado aos escombros./ E o outro lado aos escombros”. Ele parece estar um tom a mais gauche que o gauche *drummondiano*.

## **DES- COMO “CESSAÇÃO DE UMA SITUAÇÃO”**

a)

### **Gramática do Povo Guató**

Rogaciano era índio Guató. Mas eu o conheci na condição de bugre. (Bugre é índio desaldeiado, pois não?) Ele andava pelas ruas de Corumbá bêbedo e sujo de catar papel por um gole de pinga no bar de Nhana. De tarde esfarrapado e com fome se encostava à parede de casa. A mãe fez um prato de comida e eu levei para Rogaciano. Ficamos a conversar. Ele ria pelas gengivas e mandava pra dentro feijão com arroz. O bife escorregava de gordura com as costas da mão. Uma hora me falou que não sabia ler nem escrever. Mas seu avô que era o Chamã daquele povo lhe ensinara uma Gramática do Povo Guató. Era a Gramática mais pobre em extensão e mais rica em essência. Constava de uma só frase: Os verbos

servem para emendar os nomes. E botava exemplos: Bentevi cuspiu no chão. O verbo cuspir emendava obentevi com o chão. E mais: O cachorro comeu o osso. O verbo comer emendou o cachorro no osso. Foi o que me explicou Rogaciano sobre a Gramática do seu povo. Falou mais dois exemplos: Mariano perguntou: — Conhece fazer canoa pessoa? — Periga Albano fazer. Respondeu. Rogaciano, ele mesmo, não sabia nada, mais ensinava essa fala sem conectivos, sem bengala, sem adereços para a gurizada. Acho que eu gostasse de ouvir os nadas de Rogaciano não sabia. E aquele não saber me mandou de curioso para estudar linguística. Ao fim me pareceu tão sábio o Chamã dos Guatós quanto Sapir. (2008, p. 90)

Índio *desaldeiado* é o índio que deixou de ser da aldeia. O prefixo *des-*, nessa unidade lexical, tem o sentido de “desfazer algo que tinha sido feito”, a exemplo de “economia desacelerada”, isto é, a economia que *deixou de* acelerar. Pressupõe-se um processo: o índio era da aldeia e *deixou de* ser da aldeia; a economia estava acelerada e *deixou de* acelerar.

No poema *Desobjeto*, em que o próprio título é uma criação lexical, o poeta Manoel de Barros também explora esse sentido do prefixo *des-*:

O menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente.  
O pente estava próximo de não ser mais um pente. Estaria mais perto de ser uma folha dentada. Dentada um tanto que já se havia incluído no chão que nem uma pedra um caramujo um sapo. Era alguma coisa nova o pente. O chão teria comido logo um pouco de seus dentes. Camadas de areia e formigas roeram seu organismo. Se é que um pente tem organismo.  
O fato é que o pente estava sem costela. Não se poderia mais dizer se aquela coisa fora um pente ou um leque. As cores a chifre de que fora feito o pente deram lugar a um esverdeado a musgo. Acho que os bichos do lugar mijavam muito naquele desobjeto. O fato é que o pente perdera a sua personalidade. Estava encostado às raízes de uma árvore e não servia mais nem para pentear macaco. O menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxergava o pente naquele estado terminal. E o menino deu para imaginar que o pente, naquele estado, já estaria incorporado à natureza como um rio, um osso, um lagarto. Eu acho que as árvores colaboravam na solidão daquele pente. (2003, p. 27)

Podemos também ver, com o prefixo *des-* em *desobjeto*, um processo em que o objeto deixou de ser objeto, deixou de ter sua função de pente.

## **DES- COMO “EXTRAÇÃO” OU “SEPARAÇÃO DE UMA COISA”**

No poema XI do livro *O guardador de águas* (1989), observa-se o neologismo *desigualar*:

De tonto tenho roupa e caderneta.  
 Eu sei desigualar por três.  
 Já gostei muito de mula  
 E Estação de Estrada de Ferro.  
 Depois troquei por anu-branco  
 E Estação de Estrada de Ferro.  
 Hoje gosto de santo e peneira.  
 Uma dona me orvalha sanguemente.  
 O que no alforje eu trago  
 É um azul arriscado a pássaros...  
 Eu sei o nome das letras.  
 E desenvolvo moscas em peneira.  
 Sou muito lateralmente entretontos.  
 O que desabre o ser é ver e ver-se.  
 Aragem cor de roupa me respande.  
 (1989, p. 246)

O poeta parece brincar com esse sentido do prefixo *des-*. Segundo Mário Barreto (apud Alves, 2000),

Se *des* é a forma vulgar do prefixo *dise* se *dis* é o mesmo prefixo latino *dis*, de igual origem de *bis*, ou seja o mesmo que originou o numeral *duo*, *dois*, se assim é, *DIS* com as formas *DIS* (dispor), *DES* (desigual), *DI* (divertir) significa originalmente *duplicidade* como *dissecar* (cortar em dois), *disjungir* (separar duas coisas juntas), depois *separação* ou *diversidade de partes* como *dispor*, *divertir* e finalmente *oposição*, como *desleal*, *desamável*, *desaplicável*.

Assim é que, se *des-*, em seus primórdios, separava em dois, o enunciador consegue separar em três: “Eu sei *desigualar* por três”.

### **DES- COMO “REFORÇO” E “INTENSIDADE”**

No poema *Cabeludinho*, Manoel de Barros cria as formas *disilimina/disiliminei*, em que se verifica o caráter meramente reforçativo do prefixo *des-*.

a)

Quando a Vó me recebeu nas férias, ela me apresentou aos amigos:  
 Este é meu neto. Ele foi estudar no Rio e voltou de ateu. Ela disse que eu voltei de ateu. Aquela preposição deslocada me fantasiava de ateu. Como quem dissesse no Carnaval: aquele menino está fantasiado de palhaço. Minha avó entendia de regências verbais. Ela falava de sério. Mas todo-mundo riu. Porque aquela preposição deslocada podia fazer de uma informação um chiste. E fez. E mais: eu acho que buscar a beleza nas palavras é uma solenidade de amor. E pode ser instrumento

de rir. De outra feita, no meio da pelada um menino gritou: Disilimina esse, Cabeludinho. Eu não desiliminei ninguém. Mas aquele verbo novo trouxe um perfume de poesia à nossa quadra. Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. Comecei a não gostar de palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar. Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelo que elas informam. Por depois ouvi um vaqueiro a cantar com saudade: Ai morena, não me escreve / que eu não sei a ler. Aquele a preposto ao verbo ler, ao meu ouvir, ampliava a solidão do vaqueiro. (2003, p. 40)

Nesse caso, *des-* expressa “eliminar mais”, “eliminar bastante” ou, como fala o enunciador, o prefixo *des-* aqui está dando não uma informação a mais, mas um “perfume de poesia” a mais à palavra.

O prefixo *des-* com o sentido de *intensidade*, aquele sentido que encontramos em *desinfeliz*, pode ser observado também na criação *desagero*, no poema *Sobre importâncias*:

b)

Um fotógrafo-artista me disse outra vez: Veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. Que um osso é mais importante para o cachorro do que uma pedra de diamante. E um dente de macaco da era terciária é mais importante para os arqueólogos do que a Torre Eiffel. (Veja que só um dente de macaco!) Que uma boneca de trapos que abre e fecha os olhinhos azuis nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que o Empire State Building. Que o cu de uma formiga é mais importante para o poeta do que uma Usina Nuclear. Sem precisar medir o ânus da formiga. Que o canto das águas e das rãs nas pedras é mais importante para os músicos do que os ruídos dos motores da Fórmula 1. Há um desagero em mim de aceitar essas medidas. Porém não sei se isso é um defeito do olho ou da razão. Se é defeito da alma ou do corpo. Se fizerem algum exame mental em mim por tais julgamentos, vão encontrar que eu gosto mais de conversar sobre restos de comida com as moscas do que com homens doutos. (2008, p. 23)

No poema apresentado, o poeta “exagera” o sentido da palavra “exagero”, acrescentando-lhe o prefixo *des-*.

Galery (1969, apud Alves, 2000), cita ocorrências desse sentido do prefixo *des-* em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa: “adjetivo desenorme, advérbio desolhadamente e verbos desbadalar, deslamber, desproceder”.

### **DES- COMO “MAU” OU “RUIM”**

Caberiam aqui também o poema *Desobjeto* e o poema IV de *Arranjos para assobio*, em que o poeta fala sobre a figura de Pierrô. Dadas as interpretações gerais dos dois poemas, pode-se afirmar que o pente, o desobjeto, passou a seu um objeto ruim, sem valor. Assim como Pierrô, a *desfigura* parece ser uma figura sem valor, ruim, má, marginalizada por ser tão diferente.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

As criações lexicais de Manoel de Barros com o prefixo *des-* são motivadas, produtivas em sua poesia e contribuem não só para uma forte expressividade de seus enunciados poéticos (e, conseqüentemente, para seu estilo individual), como também para a polissemia de um prefixo da língua portuguesa.

Ainda que os neologismos literários não cheguem a se dicionarizar e não sejam frequentes na língua geral, eles contribuem para a exploração das possibilidades do sistema da língua. No caso estudado, ao lado dos sentidos “falta/ausência de”, “coisas contrárias”, “cessação de uma situação”, “mau/ruim”, observamos o sema “ser/fazer diferente/especial” ou o “não ser/não fazer o normal”. Esses novos sentidos só são gerados, no entanto, em razão do encontro do prefixo *des-* com bases (substantivais, adjetivais e verbais) inusitadas e inesperadas.

Dadas as formas lexicais derivadas, juntamente com o todo do poema, temos uma forte expressividade, um “tom neológico”, um “tom estranho/inusitado”, um “tom diferente”, um “tom especial”, assim como são “neológicos/estranhos/inusitados/diferentes/especiais” o “primeiro *desorgulho*” do poeta, o “*desapetite*” do menino levado da breca, o “*desnome*” do avô, o “*despraticar*” da namorada, a “*desfigura*” que é um personagem da *Commediadell'arte*, o bugre “*desaldeiado*”, o “*desobjeto*” sem função, o “*desagero*”, a ação de “*desigualar*” e de “*desiliminar*”. Em suma, as formas criadas são inusitadas, e os conteúdos semânticos dessas formas também o são, porque assim transcorre a temática manoelina: dando voz, forma e sentido às coisas desimportantes, aos trastes, aos diferentes. O poeta “desengaveta” os sentidos do prefixo *des-*, mudando-o de lugar.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, I.M. *Neologismo*. Criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.



ALVES, I. M. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p.131-144, 2006.

ALVES, I. M. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microsistemas prefixais do português contemporâneo*. 2000. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

AZEVEDO, C. S. A “desutilidade poética” de Manoel de Barros: questão de filosofia ou poesia? *Revista.doc* Ano VIII, n. 3, Janeiro/Junho 2007.

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

BARROS, M. de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, M. de. *Memórias inventadas III (A terceira infância)*. São Paulo: Editora Planeta, 2008.

BARROS, M. de. *Memórias inventadas II (A segunda infância)*. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

BARROS, M. de. *Memórias inventadas. Infância*. São Paulo: Editora Planeta, 2003.

CARDOSO, E. de A. *Drummond, um criador de palavras*. São Paulo: Annablume, 2013.

CARDOSO, E. de A. A poesia: escolha lexical e expressividade. In: GIL, B. D.; CARDOSO, E. de A.; CONDÉ, V. G. (Orgs). *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

CARDOSO, E. de A. Os prefixos negativos: criação e expressividade na poesia de Drummond. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 8, p.11-22, 2006.

CRESSOT, M. *O estilo e suas técnicas*. São Paulo: Edições 70, 1980.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LINHARES, A. R. F. *Memórias inventadas: figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel de Barros*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1997.

RIFATERRE, M. *Estilística estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.

VIARO, M. Os sufixos portugueses numa visão diacrônica. In: XVI SEMINÁRIO DO CELLIP, 16, Londrina. *Anais...* Londrina: Universidade Estadual de Londrina/Cellip/Fundação Araucária, 2005.

## LÉXICO DE FALANTES RELIGIOSOS: ESTUDO COMPARADO

Danivia da Cunha Mattozo WOLFF  
Universidade Federal de Minas Gerais (Doutora)  
danivia@gmail.com

**RESUMO:** Este trabalho se insere nos estudos de Semântica Lexical e Lexicologia Social e objetiva mostrar a relação entre o léxico e a religião. Nos estudos do léxico, a realidade social tem-se mostrado uma importante aliada. Léxico e realidade caminham juntos, sendo um o reflexo do outro. Dentre os aspectos sociais que atuam sobre o léxico está a religiosidade. Os falantes religiosos possuem um léxico específico, e a manutenção desse léxico está diretamente relacionada à manutenção da crença. O objetivo deste trabalho, portanto, foi analisar o léxico religioso de falantes de quatro religiões diferentes e compará-lo, a fim de verificar se as diferenças sociais, expressas pelas diferenças doutrinárias, são refletidas em diferenças lexicais. Foi feito um levantamento e uma comparação das doutrinas de cada igreja e dados de quatro tipos textuais foram coletados na internet. Os resultados refletiram parcialmente o quadro comparativo doutrinário, o que pode ser indício de mudança na abordagem atual das igrejas analisadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Léxico; Religião; Semântica lexical.

### INTRODUÇÃO

Comparado aos demais níveis linguísticos, o léxico é a instância da linguagem que possui maior afinidade com a cultura porque tem, por excelência, função referencial. À medida que a realidade se diferencia, o léxico se diferencia também, ou seja, os signos se alteram em virtude das mudanças culturais. Assim, o léxico flui em contínua mudança, tal qual a realidade. Segundo Carvalho (2010, p. 420), “palavras são emblemas culturais, símbolos com significados sociais, que conservam a experiência da atividade humana”. Assim, o léxico carrega em si as marcas da realidade.

Segundo Biderman (2001, p. 179), “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. /.../ As mudanças sociais acarretam alterações nos usos vocabulares /.../ o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade.” Da tensão entre eles se origina o léxico.

Da mesma forma, Alves (2006, p. 32) considera que o léxico renova-se incessantemente tal qual a realidade. Fruto de novas necessidades e novas preocupações, os neologismos atestam o compasso do léxico com a realidade. Assim como o léxico se renova conforme a necessidade e inovação cultural, muitos termos tornam-se arcaicos porque seus referentes deixam de ser empregados devido a novas tecnologias, teorias ou necessidades.

Bernardo e Mendes (2012, p. 1) compartilham da mesma opinião: os ambientes onde os sujeitos sociais interagem e compartilham seus saberes e costumes são permeados pela cultura. Logo, o léxico é um reflexo dos fatores sociais.

Considerando-se como fatores sociais as várias forças da sociedade que moldam a vida, os costumes e o pensamento das pessoas, pode-se dizer que a religiosidade é um fator social, pois é um importante marcador de traços culturais e da organização social da comunidade. Assim, a religião está intimamente ligada à cultura na qual está inserida e, logo, está intimamente ligada ao léxico.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é apresentar uma pesquisa que considere a relação entre o léxico e a religiosidade, a fim de mostrar como o léxico reproduz as diferenças existentes entre as igrejas. Para tanto, serão usados como aparato teórico a Lexicologia Social, de Matoré (1973); a Teoria do Campo Lexical, de Trier (GEERAERTS, 2010); e, como fonte metodológica, a Linguística de *Corpus*, de Sardinha (2004).

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### LINGUÍSTICA DE *CORPUS*

Para trabalhar os dados nesta pesquisa, é preciso um aparato metodológico que dê conta das diversas variáveis sob análise. A Linguística de *Corpus* apresenta uma metodologia bastante desenvolvida e testada, que parece apropriada para tal tarefa.

A Linguística de *Corpus* ocupa-se da coleta e da exploração de *corpora* para pesquisa de uma língua ou variedade linguística por meio de evidências empíricas extraídas por computador. Dessa forma, no cerne dessa ciência está a concepção de corpus.

Além disso, para ser representativo, um *corpus* deve apresentar o maior número possível de sentidos de cada palavra. A alta frequência de determinadas palavras pode esconder sentidos variados, que, se separados, apresentariam baixa frequência.

Em termos mais práticos, Sardinha (2004, p. 45-82) fala sobre a coleta de dados. Segundo ele, a internet tornou-se um vasto depósito de textos e pode ser encarada, ela mesma, como um *corpus* em si. Recentemente tornou-se comum entre os linguistas usar a internet como um *corpus* virtual. A internet é maior que qualquer biblioteca existente, e nela encontram-se inclusive palavras pouco frequentes. Contudo, como não se sabe que critérios foram usados para compor seus textos, devem-se interpretar seus dados cuidadosamente, especialmente no que diz respeito à frequência. Há textos escritos, cópias de textos escritos e textos que refletem a fala. Além disso, a internet é um *corpus* virtual e, assim como o discurso de qualquer comunidade de fala, não se pode esperar acessá-la como um todo.

Nesta pesquisa, o *corpus* será formado por dados da internet. Trabalhar-se-á com lemas, e a análise da frequência será essencial. Assim, a Linguística de *Corpus* se mostra uma metodologia adequada para esse tipo de análise e será, portanto, adotada nesta pesquisa, pois além de definir a composição do *corpus*, delimita as formas de análise e fornece recursos computacionais para se alcançarem resultados mais precisos.

## MODELOS DE ORGANIZAÇÃO DO LÉXICO

### ORGANIZAÇÃO MENTAL DO LÉXICO

Ao contrário do que se possa pensar, o léxico não é um emaranhado de palavras dispersas na mente sem qualquer organização. Ele é organizado segundo critérios específicos, e seu armazenamento não é aleatório. Essa organização proporciona maior agilidade de acesso e eficiência de uso.

De acordo com Biderman (1981, p. 138), o léxico possui uma organização estruturada no cérebro dos indivíduos de cunho material, por meio de padrões neuronais. Esse arquivamento na memória é muito semelhante entre falantes da mesma língua, pelo fato de a criança, o adolescente e o indivíduo adulto aprenderem novas palavras e novas denotações e conotações de uma palavra conhecida, por meio da interação social com outros indivíduos representantes da mesma comunidade linguística. Segundo Biderman, essas novas incorporações são feitas de maneira organizada, e não como uma mera estocagem de palavras que se vão empilhando nos neurônios do cérebro.

Outro trabalho que respalda a ideia de organização mental do léxico é o de Aitchison (2003). Essa autora procura estabelecer como é a organização mental das palavras nos seres humanos a partir da observação de trabalhos empíricos. Segundo ela, as palavras são organizadas num sistema intrincado cujos princípios podem ser descobertos por meio de algumas pistas, como trocas e erros de fala ou lapsos de memória. Ela entende que as palavras não poderiam ficar dispersas na mente de forma aleatória por dois motivos: primeiro, porque elas são muitas; segundo, porque elas são acessadas muito rapidamente. Se estivessem dispersas na mente, como representam uma quantidade enorme, o acesso seria difícil e muito mais lento.

Em relação ao conteúdo, no léxico mental não há limite. As pessoas adicionam novas palavras a todo momento, bem como alteram a pronúncia e o sentido das já armazenadas. E isso ocorre de forma discreta, enquanto a fala está em progresso.

Assim, de forma resumida, pelo fato de o léxico mental ser extenso e complexo ao mesmo tempo – pois um sem-número de palavras está estocado e novas palavras e novos sentidos são acrescentados a cada instante – e, ainda assim, haver eficiência no acesso, Aitchison (2003) conclui que, nada é feito de forma aleatória no léxico mental, pelo contrário, tudo é cuidadosamente organizado.

Na memória estocamos vários modelos mentais – situações marcantes, redes de memórias –, que são acessados conforme necessário. Esse *backup* mental em relação ao léxico pode funcionar de duas formas: ou o léxico mental é organizado de forma que as palavras mais importantes sejam acessadas mais rapidamente, ou a mente simplesmente seleciona o que considera importante e descarta o que não é. O mais provável é que esses dois mecanismos trabalhem conjuntamente.

### AS REDES MENTAIS

Biderman (1981, p. 139) considera que as associações mentais formam redes semânticas. Esse fenômeno seria comprovado empiricamente pelo fato de que, dada

uma palavra, ela produz imediatamente uma palavra-resposta. Isso seria resultado do encadeamento do léxico em redes semânticas. Assim, a rede semântica mental seria formada por ligações entre os lexemas de modo funcional, formando campos léxicos. “Uma rede semântica é composta da integração estruturada de vários campos léxicos. Um campo léxico integra uma rede semântica juntamente com muitos outros campos léxicos.”

Aitchison (2003) também considera a existência de redes mentais. Segundo ela, haveria em cada indivíduo um sistema interconectado cujos nós não são equidistantes. Assim, dentro de um campo semântico, as palavras estariam interligadas por nós, como numa rede. Recorrendo a um estudo em que se mostrava uma palavra ao falante e este devia escrever outra que imediatamente lhe viesse à mente, a autora mostra evidências de que as ligações entre as palavras nas redes mentais são formadas por hábitos. Palavras usadas frequentemente juntas adquirem uma associação mental também. Desses estudos, a autora levanta três importantes pontos:

- quase sempre se selecionam itens do campo semântico da palavra original – palavras relacionadas a um mesmo tópico são armazenadas juntas;
- quase sempre se aciona um item de um par em lugar do outro quanto há lapsos de fala. Por exemplo: *marido* em vez de *mulher*; *grande* em vez de *pequeno* etc.;
- adultos tendem a responder com uma palavra da mesma classe – um nome chama outro nome; um adjetivo, outro adjetivo etc.

Com relação aos erros de linguagem, as trocas de fala dão muitas pistas sobre o léxico mental. Outra descoberta importante apontada por Aitchison (2003) é que, ao se equivocar, tende-se a se manter a mesma classe de palavra, ou seja, nomes são trocados por nomes, verbos por verbos, adjetivos por adjetivos etc. Assim, parece de fato haver uma separação entre as classes na organização do léxico mental.

Outro estudo evocado pela autora forneceu evidência para essa conclusão e ainda mostrou que as trocas diferem conforme a classe morfológica. Testes aplicados mostraram que erros de troca são muito menos frequentes com verbos (menos de 10%). Isso indica que, na rede mental, os verbos são acionados mais facilmente. Seriam armazenados, então, em um lugar mais acessível, privilegiado, a fim de garantir a estrutura sintática do resto da sentença, que é formada a partir do verbo.

Em relação à estrutura sonora no léxico mental, parece que algumas partes de palavras são mais proeminentes no armazenamento que outras. Elas ficam mais profundamente encravadas na mente. É o caso dos sons do início e do final das palavras e o padrão rítmico geral, que é ligado aos sons. As palavras são possivelmente armazenadas em grupos, de forma que aquelas cujo início, o final e o ritmo são similares ficam agrupadas próximas.

Assim, Aitchison (2003) conclui que as palavras são como moedas: de um lado, sentido e classes de palavras; do outro, sons. Não há, contudo, uma ligação intrínseca entre som e sentido; a conexão é arbitrária – com exceção das onomatopeias, que diferem de uma língua para outra.

Com base no que foi visto, pode-se dizer que o léxico mental é complexo, mas organizado. As palavras se agrupam em campos semânticos e são ligadas por nós. As ligações podem ser mais fortes ou mais fracas, de forma que os campos não são rígidos, podendo aceitar novos membros conforme necessário. A respeito do acesso das palavras, Aitchison (2003, p. 249 e 250) apresenta as seguintes cinco conclusões:

1. O léxico mental contém palavras inteiras, que podem ser representadas como moedas. Um lado da moeda é composto por sentido e classes de palavras, e o outro, pela estrutura sonora.

2. Ambos os lados da moeda possuem certas características gravadas mais fortemente, como um código de área telefônico, que sobressai. Eles fornecem pontos de entrada para recuperação e são mais duráveis na memória que detalhes menos expressivos.

3. As informações sobre esses dois aspectos de uma palavra ficam em módulos separados, mas ligados. Esses módulos se ligam a um terceiro componente – de formação de palavras (*word-formation*).

4. Cada módulo pode ser visto como uma rede densa e múltipla, na qual poucos nós são firmes e duráveis; a maioria das ligações é temporária e formada conforme a necessidade.

5. A expressão *léxico mental* pode dar uma falsa impressão de rigidez. Contudo, a mente humana está preocupada com ligações, não com localização; com núcleos, não com periferias; com estruturas de contorno, não com estruturas fixas.

## A TEORIA DO CAMPO LÉXICO

Entre 1930 e 1975, aproximadamente, a Semântica Lexical se dedicou aos estudos da Semântica Estrutural. A ideia central da Semântica Estrutural é de que a linguagem deve ser vista como um sistema, com princípios próprios que determinam seu funcionamento.

Em meio à grande variedade de posições teóricas e métodos descritivos que emergiram da concepção estruturalista de significado, destaca-se a Teoria do Campo Lexical.

Segundo Geeraerts (2010), a Teoria do Campo Lexical é um programa de pesquisa que emanou a partir de uma visão adotada por Weisgerber. Essa abordagem europeia continental surgiu e floresceu de 1930 a 1960 e predominou em trabalhos de estudiosos alemães e franceses. A visão de que a linguagem constitui um nível conceitual intermediário entre a mente e o mundo inspirou a noção metafórica de campo lexical: se se pensar a realidade como um espaço de entidades e eventos, a linguagem, por assim dizer, desenha linhas dentro desse espaço, dividindo o campo em parcelas conceituais.

Apesar de sua base teórica ter sido estabelecida por Weisgerber, o estudo mais influente na história da Teoria do Campo Lexical foi a monografia de Jost Trier, intitulada *Der Deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes: die Geschichte eines sprachlichen Feldes* (*O vocabulário alemão no campo da mente: a história de um domínio linguístico*), de 1931. Nesse trabalho, Trier apresenta uma formulação teórica da abordagem de campo e investiga como a terminologia para propriedades mentais evoluiu a partir do alto alemão antigo e vai até o início do séc. XIII. De acordo com Abbade (2011, p. 1338), Trier estuda as palavras visando ao “setor conceitual do entendimento, mostrando que elas constituem um conjunto estruturado onde uma está sob a dependência das outras”. As palavras, então, estariam numa cadeia, e a mudança de um conceito afetaria os conceitos vizinhos e vice-versa.

A teoria de Trier tem como princípio a visão fundamentalmente estruturalista de que apenas uma demarcação mútua das palavras em análise pode prover uma resposta definitiva quanto ao seu valor exato. Ou seja, as palavras não devem ser consideradas de forma isolada, mas em sua relação com palavras semanticamente relacionadas: a

demarcação pressupõe a existência de outro item, pois se dá sempre em relação a outras palavras.

A discriminação geralmente é uma propriedade que se encontra no núcleo do campo – há uma zona de transição ao redor do núcleo onde os membros daquele campo são menos claramente definidos. Um exemplo disso foi um estudo que Gipper (apud GEERAERTS, 2010) efetuou no alemão, solicitando que as pessoas vissem figuras e as classificassem como *cadeira* ou *poltrona*. O resultado foi uma grande quantidade de itens localizados entre os dois conceitos, como num *continuum* – alguns podiam ser classificados tanto como um quanto como outro conceito, e outros em nenhum dos conceitos.

Gipper também mostrou a centralidade de alguns itens. Essa configuração, com áreas centrais claras de itens individuais, cercadas por áreas periféricas, remete novamente ao que é descrito na semântica contemporânea como organização prototípica. Nas áreas centrais bem delimitadas estão os protótipos da categoria, mas a categoria como um todo não precisa ser tão bem definida como é a área central.

Os fundamentos da abordagem estruturalista foram muito bem recebidos por muitos estudiosos, no entanto, críticas também foram formuladas levando a abordagens alternativas. Uma delas se refere ao fato de que a terminologia da Teoria do Campo Lexical é relativamente instável e talvez não tão abrangente quanto deveria. Surgem “lacunas lexicais” quando a cobertura do campo conceitual pelo campo lexical não é completa. Por exemplo, enquanto *cavalo* é um termo que cobre *garanhão* e *égua*, não existe termo semelhante para *touro* e *vaca*.

Para Geeraerts (2010), essa instabilidade não é puramente terminológica, ela envolve questões substanciais sobre o que incorporar em um campo lexical. Campos contêm apenas palavras? Essas palavras poderiam pertencer a diferentes classes de palavras? Se se for além das palavras, incluir-se-iam formas flexionadas de palavras ao lado de locuções ou palavras compostas? Perguntas como essas sobre a constituição interna de campos lexicais não estão restritas à questão sobre que tipo de elementos entram no campo; elas também envolvem especificamente a questão de que relações prever. O autor, então, retoma a seguinte questão: enquanto o campo conceitual introduzido por Weisgerber e Trier leva em conta relações semânticas de similaridade (as palavras do campo têm significados semelhantes), um campo não deveria também abranger as relações formais e considerar coocorrências entre as palavras?

Outra impressão equivocada da imagem do mosaico é de que campos são, tanto interna quanto externamente, claramente delineados, ou seja, que as palavras em um campo, tal como peças de um mosaico, são separadas por sentido de contorno nítido e que diferentes campos se ligam de forma bem definida. No entanto, conforme Helmut Gipper (1959 apud GEERAERTS, 2010) e a própria Aitchison (2003), as fronteiras entre os conceitos tendem a ser difusas, e, conseqüentemente, é difícil indicar exatamente onde um campo termina e onde outro começa.

Além das críticas pertinentes já existentes, pode-se acrescentar o fato de que esse método considera apenas aspectos internos à linguagem, não levando em conta aspectos sociais e históricos, que têm grande influência na formação do sentido de uma palavra e, conseqüentemente, na formação do campo lexical. Contudo, conforme aponta Abbade (2011), cada palavra “acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais /.../. Estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza.” Assim, a Teoria do Campo Lexical seria apenas um modelo de descrição do léxico, sem ser capaz de responder a questões mais profundas, como, por exemplo, como e por que o léxico se organiza como tal.



Assim, a Teoria do Campo Lexical se mostra um método interessante de análise do léxico, contudo localiza-se estritamente no terreno linguístico, deixando de considerar, além de aspectos formais, aspectos extralinguísticos fundamentais para uma compreensão mais ampla e adequada. Nesse sentido, a Lexicologia Social, que será apresentada mais à frente, pode ser uma abordagem complementar, que preencherá essa lacuna.

## A LEXICOLOGIA SOCIAL

Alguns autores entendem o léxico como um mecanismo de mapeamento do mundo. Georges Matoré, que desenvolveu o conceito de lexicologia social, é o principal deles. Esse autor entende que

/.../ as palavras não exprimem as coisas, mas a consciência que os homens têm delas. Para a lexicologia, os fatos sociais têm, com efeito, o aspecto de *coisas*, mas das coisas vistas, sentidas, compreendidas pelos homens; nossa disciplina deverá então visar às realidades sociológicas das quais o vocabulário é a “tradução”, ao mesmo tempo objetivamente, como realidades independentes do indivíduo, e subjetivamente, em função dos seres que vivem em um meio concreto, em certas condições sociais, econômicas, estéticas, etc. (MATORÉ, 1973, p. 42-43)

Moreira (2010) aponta que na Semântica Estrutural se desenvolveu uma concepção teórica significativa de descrição do léxico: a Lexicologia, abordagem que cresceu consideravelmente na escola francesa e cujo pioneiro e principal representante foi Matoré. A Lexicologia foi uma área fértil para o estudo dos campos, daí sua proximidade com a Teoria do Campo Lexical.

Os principais pressupostos teóricos da lexicologia social de Matoré são os seguintes<sup>1</sup>:

a) Forma e conceito são indissociáveis. Matoré rejeita a ideia de distinção entre significado e significante, conforme defendido por Saussure;

b) A criação de uma palavra equivale à formação de um conceito. Esse processo, inicialmente individual, ultrapassa esse estágio, e o conceito se torna coletivo, sendo compartilhado pela sociedade ao longo do tempo. Isso faz com que a palavra se torne instrumento de compreensão social, uma vez que ela acompanha as mudanças sócio-históricas. Segundo Cambraia (2013, p. 160), “Matoré considera que a palavra representa uma espécie de *mapeamento do mundo*”.

c) A palavra possui caráter social. A lexicologia tem como objetivo o estudo dos fatos sociais, partindo da palavra para tentar explicar a realidade social. Assim, o caráter social da palavra não é apenas essencial na lexicologia social, mas é principal, é o centro da abordagem. Dessa forma, aspectos formais ficam em segundo plano, dando-se ênfase ao conceito das palavras.

d) A oposição entre sincronia e diacronia é relativa. Matoré novamente se afasta da proposta de Saussure ao considerar que não se deve separar a palavra do fator tempo. Ele entende que as palavras têm passado e que a lexicologia descritiva e a lexicologia histórica se complementam.

A respeito do trabalho de Matoré, Biderman comenta:

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e idéias. Matoré tem razão quando afirma que a palavra tem uma existência psicológica e um valor coletivo. Também está certo ao afirmar que é pela palavra (diríamos a nomeação) que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo. A palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes. (BIDERMAN, 1981, p. 132)

As críticas à lexicologia social de Matoré incluem que sua análise não seria propriamente linguística, pois estaria mais no campo do uso que do sistema. As oposições que ele sugeriu seriam de origem sociológica, e não linguística. Assim, ele teria dado tanto ênfase ao aspecto social que teria deixado de dar a devida importância ao aspecto linguístico. Ele também não explicita como cada palavra se posiciona dentro do campo e se existe hierarquia entre elas.

Apesar das críticas, a lexicologia social de Matoré se mostra de grande valor no estudo do léxico. Propostas posteriores que deram continuidade ao estudo do léxico e do conceito de campo, apesar de avançarem muito em termos de adoção de uma visão sistêmica e de desenvolvimento de métodos de formalização das oposições entre itens lexicais, perderam ao excluir o fator social da análise, pois deixaram uma lacuna no que se refere a mudanças lexicais. Segundo Cambraia (2013, p. 167), “a lexicologia de Matoré é *social* (pois considera as transformações no mundo real ao analisar a língua, mais especificamente, o léxico), mas não é *sociolinguística* (pois não considera as diferenças na sociedade – de gênero, de idade, de classe social, de região, de formação escolar, etc. – ao analisar o léxico)”. Por outro lado, sua vantagem em relação à Teoria do Campo Lexical está em seu forte compromisso com a realidade social, pois considera as questões sociais na constituição e organização do léxico.

Enfim, a lexicologia social apresentou métodos aparentemente arbitrários para análise dos dados e colocou critérios linguísticos em segundo plano. Mas foi de grande valor ao considerar aspectos extralinguísticos, sociais na análise. Entende-se que, sem eles, a análise não dá conta de explicar as mudanças lexicais, a análise diacrônica fica incompleta e a análise em geral perde amplitude. Para esta pesquisa, a abordagem de Matoré é válida ao mostrar a possibilidade de se articularem critérios linguísticos e sociais para analisar a estrutura lexical.

## METODOLOGIA

A hipótese que se pretende testar neste trabalho é de que o léxico religioso de falantes religiosos se espalha para contextos não religiosos de uso, mais especificamente em textos não declaradamente religiosos. Por isso, foram escolhidos quatro tipos de

texto para análise: sermão, artigo, *blog* e notícia. Destes, apenas sermão é um texto declaradamente religioso. Assim, pretende-se avaliar a ocorrência de léxico religioso nos demais textos em comparação com o primeiro.

Para tanto, foram coletados dados da internet – um campo vasto para o tipo de *corpus* que se pretendia construir. Para se obter um controle maior dos dados, limitou-se a autoria dos textos ao gênero masculino. A idade dos autores foi um dado não disponível, portanto, impossível de controlar. Contudo, a escolaridade foi um fator de certa forma controlável, pois a maioria dos textos é de teólogos (padres ou pastores), o que pressupõe curso superior, ainda que não reconhecido pelo MEC.

Neste trabalho, adotou-se o programa o AntConc como ferramenta computacional. Esse programa permite buscas e faz o cálculo estatístico das ocorrências das palavras em um *corpus* escrito. Está disponível no site do LabLEX gratuitamente<sup>2</sup>.

## AS IGREJAS ANALISADAS

Foram escolhidas para esta pesquisa quatro igrejas: Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), Igreja Evangélica Assembleia de Deus (IEAD) e Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

A pesquisa do IBGE de 2010 revelou que a religião com maior representação entre os brasileiros é a católica, com 64,6% da população, o que significa cerca de 123,3 milhões de fiéis<sup>3</sup>. Contudo, embora o perfil religioso da população brasileira mantenha, em 2010, a histórica maioria católica, esta religião vem perdendo adeptos gradativamente. Houve um enorme crescimento dos evangélicos, que passaram de 15,4% para 22,2% da população brasileira – um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Dentre os evangélicos, os adventistas foram os que apresentaram maior crescimento na última década, mais de 29%. No grupo dos pentecostais, a Assembleia de Deus é a que possui o maior número de fiéis (12,3 milhões) e obteve forte crescimento nesses 10 anos (46,3%). Já a Igreja Universal foi a pioneira do ramo neopentecostal, representando uma nova corrente religiosa, e, o mais importante, tendo sua origem no Brasil. Apresentou uma queda entre 2000 e 2010 decênio (-10,1%) em virtude do surgimento de muitas igrejas neopentecostais no país, contudo, continua sendo a que possui maior número de adeptos, com quase 2 milhões de membros.

Assim, essas igrejas se mostram relevantes nesta pesquisa pois representam quatro diferentes correntes de crenças, de doutrinas que influenciam as escolhas lexicais de grande parte da população brasileira. Estudar essas igrejas permitirá analisar quatro realidades religiosas distintas do país e, por meio delas, quatro realidades linguísticas igualmente distintas.

## COMPARAÇÃO DOCTRINÁRIA

As quatro igrejas analisadas apresentam similaridades doutrinárias que as unem num mesmo grupo – o cristianismo; ao mesmo tempo, apresentam diferenças significativas, em virtude de sua história peculiar. A IURD é uma neopentecostal que surgiu a partir do grupo pentecostal; a IEAD é uma pentecostal que surgiu a partir das

protestantes; a IASD é uma protestante que derivou de outras igrejas protestantes (basicamente, metodista, batista e presbiteriana), que, por sua vez, vieram do movimento de Reforma, que se deu a partir de uma cisão com a ICAR. Essa cisão foi tão forte que doutrinariamente dividiu o cristianismo em dois grupos: católico e protestante. Como IURD, IEAD e IASD se estabeleceram dentro de um protestantismo já consolidado ou dele derivaram, espera-se que apresentem mais similaridades entre si e mais divergências em relação à ICAR. Da mesma forma, espera-se maior proximidade entre IURD e IEAD, que pertencem ao ramo pentecostal ou dele derivaram.

Para se averiguar isso, foram analisadas as principais doutrinas dessas igrejas. Esse levantamento baseou-se em manuais e publicações de cada igreja. A intenção foi fornecer de forma objetiva subsídios para determinar similaridade ou distinção entre as igrejas. Abaixo, apresenta-se um quadro comparativo das doutrinas das quatro igrejas estudadas.

Doutrinas	Igrejas	Divergências
Trindade	ICAR IASD IEAD IURD	
Batismo	ICAR	Bebês - por aspersão
	IASD IEAD IURD	Adultos - por imersão
Igreja	ICAR	Una, santa, apostólica e católica
	IASD	Família de Deus, corpo de Cristo, noiva de Cristo, comunidade, remanescente
	IEAD	Corpo de Cristo para missão, adoração e aperfeiçoamento
	IURD	Reunião de cristãos fiéis para comunhão
Volta de Jesus	IASD	Ênfase na pregação dessa mensagem e na preparação
	ICAR IEAD IURD	
Juízo final	ICAR IASD IEAD IURD	
Nova terra/céu	ICAR IASD IEAD IURD	
Vida eterna	ICAR IASD IEAD IURD	
Santa ceia	ICAR	Consubstanciação
	IASD IEAD IURD	
Bíblia	IASD IURD	Escrita por homens divinamente inspirados
	IEAD	Inspirada verbalmente por Deus
Dons espirituais	IASD	Fé, cura, profecia, proclamação, ensino, administração, reconciliação,

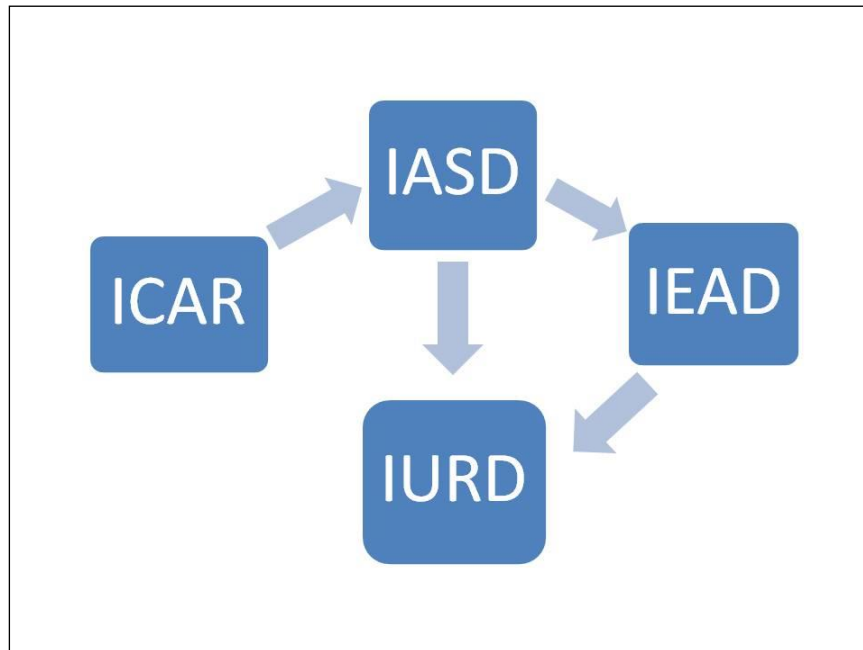
		compaixão e serviço abnegado e caridade – ênfase em profecia
	IEAD	Falar em outras línguas
	IURD	9 dons bíblicos; menciona falar em línguas estranhas e dom de profecia
Conduta cristã	IASD	Mordomia, vestuário, alimentação, casamento, família
	IEAD	Santificação
Criação	IASD	
	IEAD	
Batismo no Espírito Santo	IEAD IURD	Evidência: manifestação do dom de línguas
Santos intercessores	ICAR	Ênfase em Maria – sempre virgem e assunta ao céu
Infalibilidade papal	ICAR	
Grande conflito	IASD	
Lei/mandamentos	IASD	Ênfase no sábado
Cura divina	IEAD	
Arrebatamento	IEAD	
Justificação pela fé	IURD	
Dízimos e ofertas	IURD	
Direito a vida abundante	IURD	Teologia da prosperidade

**Tabela 1:** Comparação Doutrinária das Igrejas

No total, foram 22 temas doutrinários. Eles foram agrupados de acordo com a coincidência ou não entre as igrejas. Desse total, 8 (36,4%) doutrinas são comuns às quatro igrejas, ainda que haja algumas diferenças entre elas; 2 (9,1%) são compartilhadas entre IASD, IEAD e IURD; 2 (9,1%) são compartilhadas entre IASD e IEAD; 1 (4,5%) é compartilhada entre IEAD e IURD; 2 (9,1%) são exclusivas da ICAR; 2 (9,1%) são exclusivas da IASD; 2 (9,1%) são exclusivas da IEAD; e 3 (13,6%) são exclusivas da IURD.

É interessante notar nesses dados que a maior parte das doutrinas é compartilhada (59,1%), enquanto apenas 40,9% são doutrinas exclusivas das igrejas. Isso não significa que elas sejam desconhecidas nas outras igrejas. Talvez sejam até usadas, mas não são mencionadas no texto doutrinário principal. Também se pode notar que, para além das doutrinas não coincidentes entre as quatro igrejas, não houve semelhança entre a ICAR e outra igreja. Isso mostra que, conforme ocorreu historicamente, suas doutrinas ganharam maior distanciamento em relação às demais igrejas. Não menos importante é observar que houve, diferentemente do esperado, maior proximidade entre IASD e IURD que entre IEAD e IURD, mais próximas historicamente. Isso pode ser indício de que a IURD se baseou doutrinariamente não apenas nas doutrinas pentecostais, mas também nas protestantes (ou evangélicas), ainda não tão distantes historicamente.

Baseando-se nisso, pode-se sugerir o seguinte esquema de desenvolvimento doutrinário das igrejas:



**Figura 1:** Comparação Doutrinária das Igrejas.

Esse esquema procura mostrar, baseado no que se viu sobre as doutrinas, que a construção doutrinária acompanhou, de certa forma, a evolução histórica das igrejas. Assim, pode-se entender que as doutrinas católicas foram base para as doutrinas protestantes (IASD), que, por sua vez, foram base para as doutrinas pentecostais (IEAD) e também neopentecostais (IURD), que, além de beberem da fonte protestante, também foram influenciadas pelas doutrinas pentecostais.

Para este estudo, essas convergências e divergências doutrinárias são extremamente importantes, pois pretende-se avaliar justamente se o léxico reflete o aspecto social, ou seja, as crenças dos fiéis. Assim, acredita-se que as diferenças histórico-doutrinárias das igrejas aqui estudadas serão refletidas no léxico de seus falantes.

## ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram classificados em religioso, não religioso ou ambos, ou seja, de aplicação tanto religiosa quanto não religiosa. Vejam-se alguns exemplos:

- Religioso: igreja, cruz, fé, graça, santidade, pecado etc.
- Não religioso: refrigerante, região, treinamento, mês, história, colégio etc.
- Ambos: mãe, filho, senhor, espírito, fruto, ovelha, irmão, pai, homem, palavra etc.

Neste último caso, uma mesma palavra foi encontrada sendo usada com sentido não religioso e, em outro contexto, com sentido religioso, como mostrado a seguir:

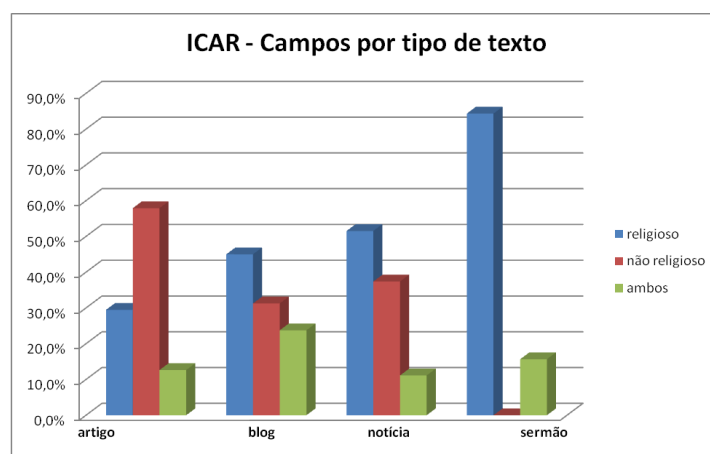
“Seu *filho* e sucessor Alexandre Janeu tentou exterminá-los...”  
 “... roupas, músicas, linguagem comuns aos *filhos* das trevas.”

“Seu conjunto nos apresenta um *caminho* da realização pessoal e comunitária.”

“O seu *caminho* espiritual, sempre atormentado, conhece altos e baixos.”

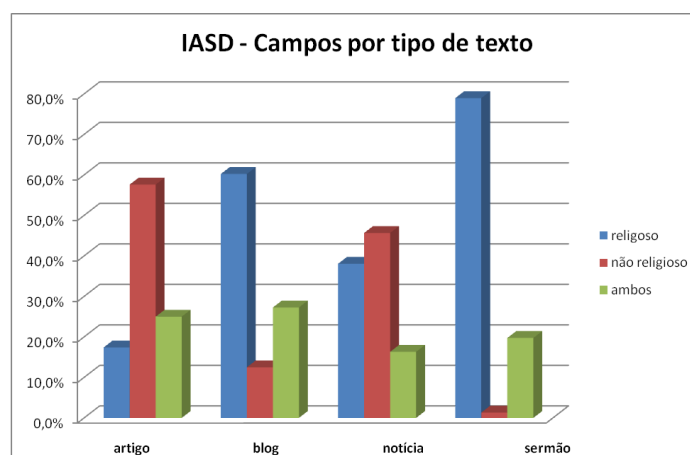
## ANÁLISE POR IGREJA

A primeira análise realizada compara os campos classificados acima (religioso, não religioso e ambos) por tipo de texto em cada igreja estudada. A primeira igreja analisada foi a ICAR. Veja-se o gráfico abaixo:



Esses dados mostram que o léxico religioso está presente em todos os tipos textuais. Dentre eles, o tipo sermão apresenta maior quantidade de léxico religioso, seguido por notícia, *blog* e artigo. Observou-se também que o léxico usado tanto em campos lexicais religiosos quanto não religiosos mantém-se mais ou menos constante em todos os tipos de texto. Além disso, o *blog* foi o tipo textual que mais equilibrou as três formas de léxico.

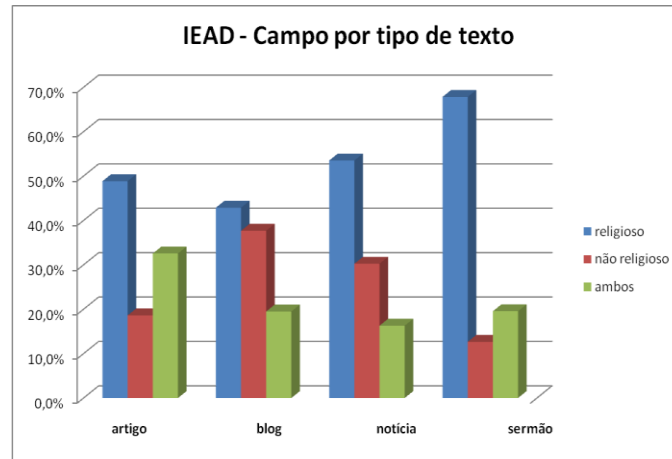
A mesma análise foi feita na IASD, conforme se observa a seguir:



Assim como na ICAR, na IASD, o léxico religioso está presente em todos os tipos textuais, e o tipo sermão se destaca na quantidade de léxico religioso, seguido por

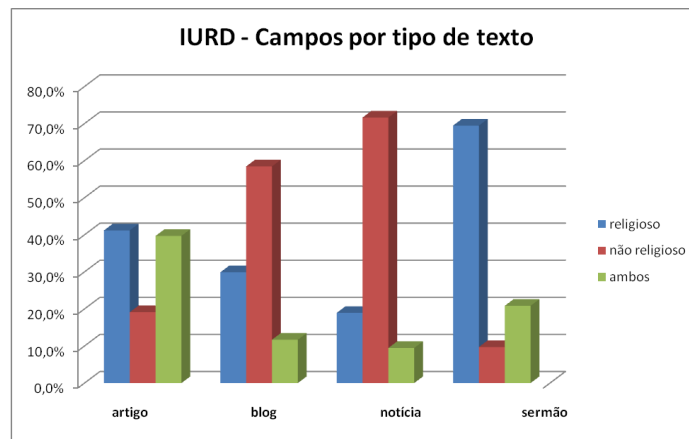
*blog*, notícia e artigo. Da mesma forma, o léxico usado tanto em campos lexicais religiosos quanto não religiosos mantém-se mais ou menos constante em todos os tipos de texto, com destaque para *blog*.

A análise da IEAD revelou o seguinte panorama:



Mais uma vez, o léxico religioso está presente em todos os tipos textuais. Aqui também o tipo sermão apresenta maior quantidade de léxico religioso, seguido por notícia, artigo e *blog*. O léxico usado tanto em campos lexicais religiosos quanto não religiosos mantém-se mais ou menos constante em todos os tipos de texto, com destaque para artigo.

Veja-se agora o caso da IURD:



Assim como aconteceu nas demais igrejas analisadas, na IURD, o léxico religioso está presente em todos os tipos textuais. Também igualmente, o tipo sermão apresenta maior quantidade de léxico religioso, seguido por artigo, *blog* e notícia. O léxico usado tanto em campos lexicais religiosos quanto não religiosos mantém-se mais ou menos constante em todos os tipos de texto, com destaque para artigo.

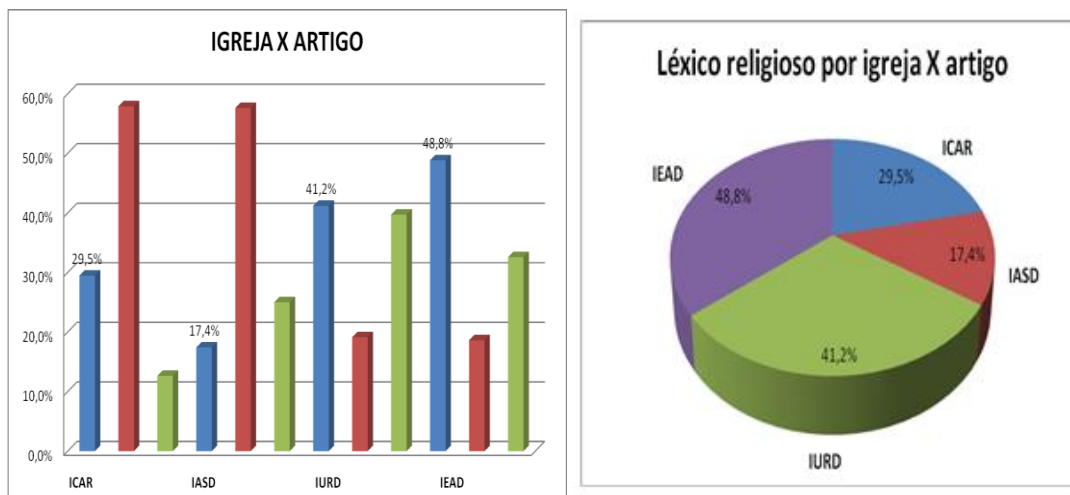
O que se percebe desta primeira análise é que o léxico religioso se espalha para os quatro tipos de texto, obviamente com maior presença no texto de sermão, um texto conhecidamente religioso. Também se notou que palavras de duplo uso, tanto religioso



quanto não religioso, são bastante produtivas, variando sua presença nos tipos textuais de acordo com cada igreja.

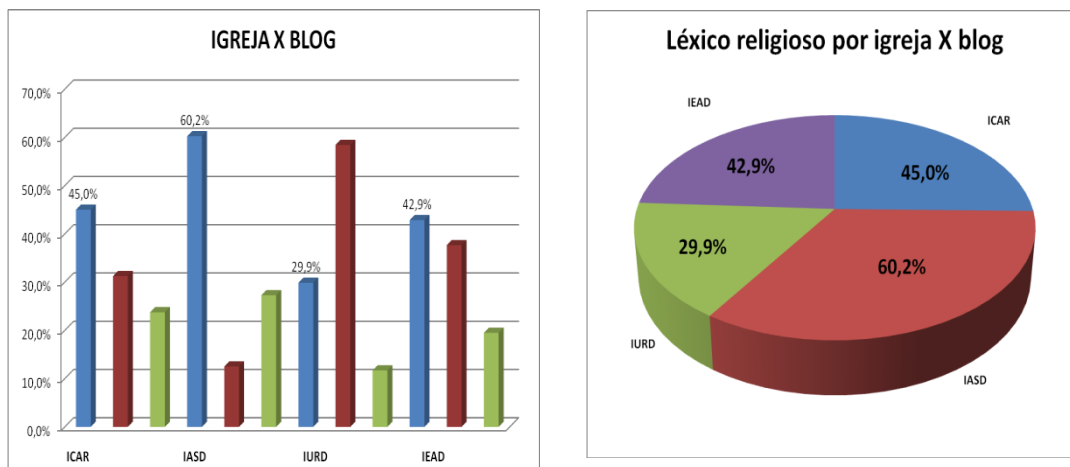
## COMPARAÇÃO POR TIPO TEXTUAL

Neste momento será apresentada uma análise baseada nos tipos de texto. Será considerado apenas o léxico classificado como religioso. O objetivo é verificar quais tipos de texto foram mais produtivos na difusão do léxico religioso em cada igreja. O primeiro tipo analisado foi o artigo.



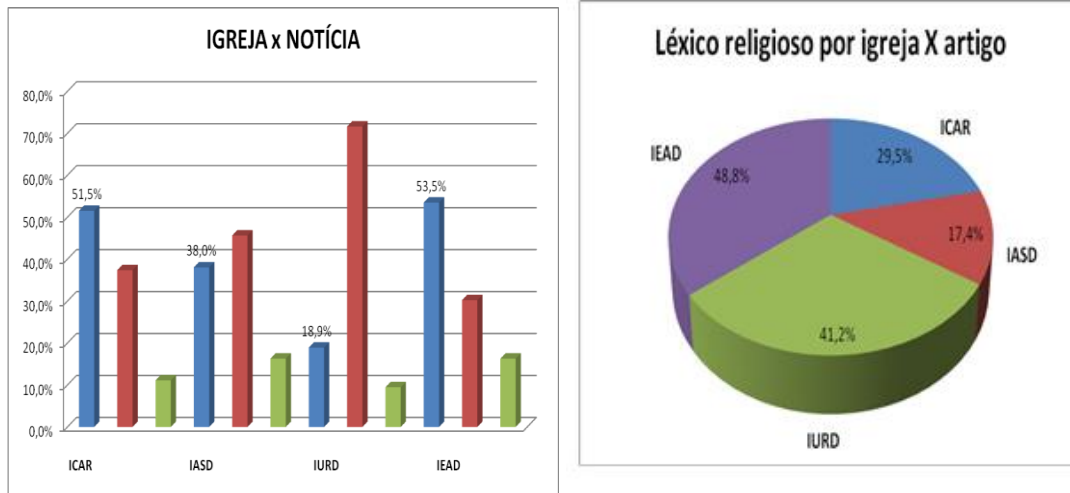
Esses dados mostram que a IEAD e a IURD foram as igrejas que mais usaram léxico religioso nesse tipo textual. Por outro lado, a IASD e a ICAR foram as que apresentaram menor frequência e seu resultado foi praticamente igual. A semelhança entre estas últimas era de se esperar, já que historicamente são igrejas mais próximas, assim como as duas primeiras.

O segundo tipo de texto analisado foi o *blog*. Vejam-se os resultados:



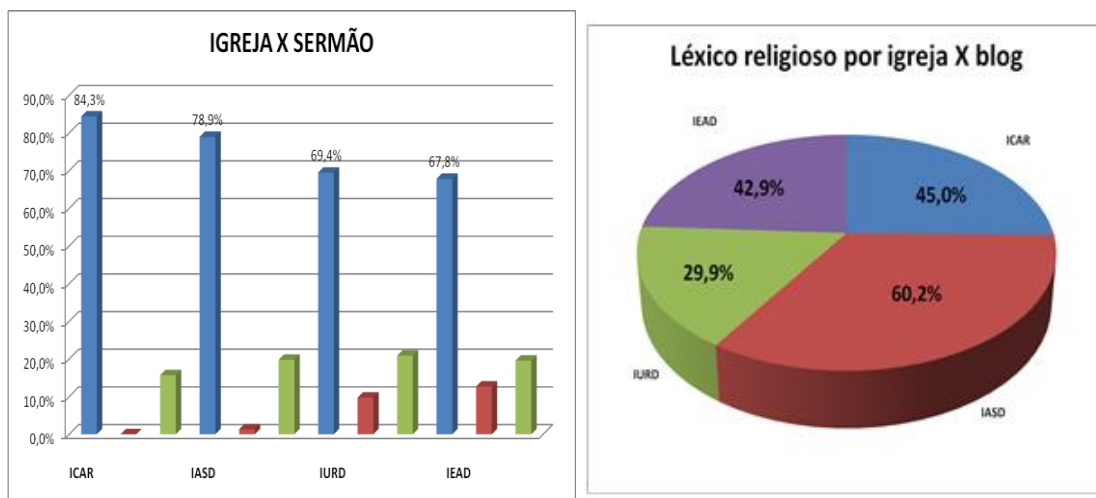
Em relação ao *blog*, os dados mostraram que a IASD se destacou nesse tipo textual como a que mais usou léxico religioso. Isso mostra que essa igreja dedica esse tipo de texto também para a difusão de suas crenças. Também se nota semelhança entre os resultados da IEAD e da ICAR, algo que não era esperado, já que são igrejas histórica e doutrinariamente distantes, conforme se viu na Figura 1.

O terceiro tipo de texto analisado foi a notícia, um tipo de texto mais jornalístico e descritivo. Os resultados foram os seguintes:



A IEAD e a ICAR novamente apresentam resultados muito semelhantes – 53,5% e 51,5%, respectivamente. Elas foram as que se destacaram no uso do léxico religioso no texto de notícia. Por outro lado, a IURD se destacou por usar mais léxico não religioso nesse tipo textual (cerca de 70%).

Em relação ao sermão, tipo de texto com maior presença de léxico religioso, como se viu na seção anterior, os dados revelaram os seguintes resultados:



Como já dito, o sermão foi o tipo que mais apresentou léxico religioso em todas as igrejas, conforme esperado. Apesar disso, podem-se destacar dois grupos principais com números muito próximos: ICAR e IASD de um lado e IEAD e IURD de outro.

Esse resultado fica dentro do esperado, com igrejas mais próximas histórica e doutrinariamente coincidindo nos resultados da análise. Vale destacar a ICAR, como a igreja que apresentou maior número de léxico religioso nos textos de sermão, seguida da IASD, IURD e IEAD.

## CONCLUSÕES

Foi feita uma análise de quatro tipos de textos de quatro igrejas diferentes. O objetivo era ver se o léxico religioso se espraiava para contextos não religiosos e comparar os resultados entre as igrejas. Os resultados mostraram que:

- O léxico religioso se espraiou para outros contextos de uso nas quatro igrejas, confirmando a hipótese inicial;
- O sermão é o tipo de texto que mais apresenta léxico religioso, também como esperado, já que é um texto notadamente de uso religioso;
- Esperava-se que ICAR e IASD apresentassem maior semelhança quanto ao uso do léxico religioso por tipo textual. Contudo, isso se confirmou parcialmente, pois se assemelharam apenas no tipo sermão;
- Esperava-se que IURD e IEAD apresentassem maior semelhança quanto ao uso do léxico religioso por tipo textual. Contudo, isso se confirmou parcialmente, mais especificamente nos tipos artigo e sermão;
- Diferentemente do esperado, ICAR e IEAD apresentaram semelhanças nos tipos notícia e *blog*;
- As quatro igrejas apresentaram resultados diferentes, considerando-se os quatro tipos textuais;
- Os resultados dos dados refletiram apenas parcialmente o resultado da comparação doutrinária, o que pode ser reflexo de uma mudança na abordagem das igrejas estudadas e um conseqüente afastamento das doutrinas originais.

Este trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto. É apenas uma introdução de um tema até então pouco explorado. Certamente um *corpus* maior trará resultados mais significativos e definitivos.

## NOTAS

(1) Cf. Cambraia (2013, p. 160).

(2) <<http://cel08.fclar.unesp.br>> e no site <[http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc\\_index.html](http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc_index.html)>.

(3) Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=1&idnoticia=2170&view=noticia>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, C. M. de S. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cardernos do CNLF*, v. XV, t. 2, n. 5, p. 1332-1343, 2011.

AITCHISON, J. *Words in the mind: an introduction to the mental lexicon*. 3. ed. Oxford: Blackwell, 2003.

ALVES, I. M. A renovação lexical nos domínios de especialidade. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, abr.-jun. 2006.

BERNARDO, J. L.; MENDES, E. de P. P. Manifestações culturais e léxico: credices e religiosidade em contextos rurais do município de Catalão (GO). *XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária – Territórios em disputa: os desafios nas contradições do desenvolvimento brasileiro*. Uberlândia, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. (Ed.). *Estudos de filologia e linguística*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

CAMBRAIA, C. N. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 21, n. 1, p. 157-188, jan./jun. 2013.

CARVALHO, N. A unidade lexical no discurso publicitário regional. *Cadernos do CNLF*, v. XIV, n. 2, t. 1, 2010. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_1/419-424.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/419-424.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2014.

GEERAERTS, D. *Theories of lexical semantics*. New York: Oxford University Press, 2010.

IBGE. *Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/IBGE, 2010. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religio\\_o\\_Deficiencia/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_o_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf)>. Acesso em: 5 jun. 2014.

MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie: domaine français*. Nouv. éd. Paris: Didier, 1973.

MOREIRA, C. F. *As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu/ Vera Cruz /Bahia*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

SARDINHA, T. B. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BIDERMAN, M. T. C. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, abr.-jun. 2006.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.

CAMBRAIA, C. N.; VILAÇA, C. E. de L.; MELO, T. C. A. de. Unidade lexical e unidade cultural: o léxico românico de religião em traduções medievais. *In-Traduções*, Florianópolis, v. 5, n. 9, p. 22-39, jul.-dez. 2013.

CARVALHO, N. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COELHO, B. J. Dicionários: estrutura e tipologia. In: COELHO, B. J. *Linguagem: lexicologia e ensino de português*. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008. p. 13-41.

COSTA, K. P. V. de A. *O vocabulário dos livros didáticos e dos dicionários escolares infantis: uma análise do campo lexical dos sentimentos humanos*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FAULSTICH, E. Análise operacional de esquemas contextuais: o campo lexical e a moldura. *Acta semiótica et lingvistica*, v. 15, n. 1, 2010.

ILARI, R. *Introdução ao estudo do léxico – Brincando com as palavras*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KADER, C. C. C.; RICHTER, M. G. Linguística de *corpus*: possibilidades e avanços. *Instrumento*, v. 15, n. 1, p. 13-23, jan./jun. 2013.

OLIVEIRA, S. R. de. Léxico. In: OLIVEIRA, S. R. de. *Léxico, cultura, tradição e modernidade: um retrato sociolinguístico do congado montes-clarense*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2009. p. 45-46.

MARTÍNEZ, M. Definiciones del concepto *campo* en semántica: antes y después de la *lexemática* de E. Coseriu. *Odisea*, v. 3, p. 101-130, 2003.

TEUBERT, W. Language and corpus linguistics. In: HALLIDAY, M. A. K. et al. *Lexicology and corpus linguistics: an introduction*. London; New York: Continuum, 2004.

## PRODUÇÃO DO SUFIXO LATINO *-MENTUM*, NO PORTUGUÊS

Érica Santos Soares de FREITAS  
 Universidade de São Paulo (Pós-doutoranda)<sup>1</sup>  
 ericafreitas@uol.com.br

**RESUMO:** Após um levantamento bibliográfico em obras lexicográficas, gramaticais e sobre morfologia acerca do percurso histórico do sufixo *-mento*, identificamos seus significados, atestando por meio de paráfrases que todas as palavras derivadas com este afixo possuem uma base verbal, indicando-lhes sua datação (por meio de inserção de data ou retrodatação da data indicada nas obras pesquisadas). Também inserimos alguns verbetes não encontrados na bibliografia pesquisada, resultando em um *corpus* original, com alta produtividade nos séculos XIX e XX, contestando as obras lexicográficas consultadas, em que os substantivos derivados em *-mento* são escassos no período indicado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística; Morfologia; Sufixação.

### INTRODUÇÃO

Em Freitas (2008), fizemos um levantamento bibliográfico de grande proporção sobre o sufixo *-mento*, apontando como diversos dicionários de língua portuguesa abordam o assunto; além disso, pesquisamos em várias gramáticas e obras sobre morfologia o percurso histórico deste sufixo, a fim de apresentarmos um panorama sobre o assunto.

Na pesquisa atual, identificamos os significados do sufixo *-mento* nas palavras encontradas, com o objetivo de confirmarmos a hipótese de todas serem originadas de uma base verbal, com sentido de substantivo, apresentando para cada palavra uma paráfrase. Além disso, indicamos a datação para as palavras sem essa informação, retroagimos a data de outras e inserimos verbetes não encontrados nas obras lexicográficas de língua portuguesa utilizadas nesta pesquisa.

Após todas essas alterações no *corpus* original (FREITAS, 2008, 2014), mostramos quão produtivos foram os séculos XIX e XX para a língua portuguesa, épocas em que quase não há palavras em *-mento* indicadas na pesquisa anterior, provavelmente por não haver estudo aprofundado e direcionado a tais séculos e, portanto, não existirem muitas palavras datadas nestes.

Na pesquisa anterior, apresentamos uma norma feita por meio da observação dos fatos de alta frequência e distribuição regular do sufixo *-mento*, no Português, com o objetivo de conhecer a frequência de uma palavra em contraste com um conjunto de outras palavras, visto ser tão importante quanto conhecer os diferentes sentidos que pode obter nos contextos de que faz parte (GENOUVRIER; PEYTARD, 1974). Estabelecemos um parâmetro (substantivos formados pelo acréscimo do sufixo *-mento* a um verbo) para fazermos uma relação hiponímica<sup>2</sup> morfológica entre as palavras

destacadas para este trabalho, em que os vários substantivos deverbiais formados por verbo + *-mento* são co-hipônimos do sufixo *-mento* (o qual possui alguns aspectos, sendo o principal ‘ação de X’ – TRS), tendo como campo semântico do grupo dessas palavras os próprios substantivos deverbiais que comportam no seu semantismo um elemento comum (DUBOIS, 2001 (1973), p. 533): o sufixo *-mento*.

As gramáticas do Português, em geral, consideram a forma de substantivos em *-mento* como um processo de sufixação; *-mento* é, pois, um sufixo que se adiciona a verbos para formar substantivos que denotem ação.

Certos termos, como *documento*, *monumento*, vieram com sentido especializado do latim para o português, desamparados dos verbos que lhes deram origem e que se extinguíram com a língua-mãe. *Instrumento*, aplicado a objetos concretos, usa-se em português como nas demais línguas românicas, como se não tivesse nenhuma conexão com *instruere*, *instruir*, de que se derivou *instrução* como nome abstrato. Só em linguagem jurídica é que o termo *instrumento* nos recorda ainda a significação primitiva (*público instrumento*, etc.). (SAID ALI, 1964, p. 240)

Ocorre essa derivação, por exemplo, em acolhimento, ferimento, sofrimento, rompimento, lançamento; assim como do verbo \*letrar, forma-se a palavra letramento: ‘estado resultante da ação de letrar’; a palavra traz o sufixo *-mento*, que forma substantivos de verbos, acrescentando a este o sentido de ‘estado resultante de uma ação’: RES.

Vilela (1994) aponta que *-mento*, ao lado de outros sufixos nominalizadores (*-agem* e *-ção*), forma “substantivos deverbiais autênticos: assumem os traços dos verbos, a sua valência etc.” (VILELA, 1994, p. 68). Já Said Ali (1964) indica que o Português antigo criava com excepcional facilidade substantivos abstratos com o sufixo *-mento*; entretanto, a partir do século XVI isso ficou mais raro.

De qualquer modo, o desaparecimento de inúmeros vocábulos com essa terminação – como é o caso de mostramento, repousamento, soltamento, satisfazimento e tantos outros que hoje nos soam estranhos – não “impediu, contudo, que se continuasse a empregar muitos outros e que a eles se juntassem ainda várias criações novas.” (SAID ALI, 1964, p. 241). Essa premissa é falsa, pois o sufixo *-mento* continuou a ser produtivo após a época apontada por Said Ali, principalmente nos séculos XIX e XX, não obstante as obras pesquisadas não apontem isso. Vejamos, a partir da próxima seção, como se comporta o sufixo *-mento* e todas as palavras dele derivadas.

## LEVANTAMENTO DO CORPUS

O levantamento do *corpus* de análise para as palavras sufixadas em *-mento* portuguesas foi intenso. Possuíamos uma listagem selecionada com 1.297 registros com datação, étimo, origem e acepção semântica do verbete, além de uma infinidade de cognatos, desenvolvida em Freitas (2008). Entretanto, era baseada em menos da metade das palavras em *-mento* disponíveis no Dicionário Houaiss Eletrônico (DHE), em que há um total de 2.844 verbetes em *-mento*, já que optamos, naquele momento, em trabalharmos somente com as palavras que estavam datadas. No trabalho, fizemos uma pequena pesquisa para complementar a acepção semântica e uma grande recolha de cognação, apresentando-a de modo exaustivo, razão pela qual não realizamos novamente tal análise.

Na pesquisa atual, optamos em trabalhar com todo o *corpus* disponibilizado no DHE, ainda que necessitando encontrar a data e a acepção semântica para a maioria das palavras. Além dele, pesquisamos em outros *corpora* indicados no decorrer desta seção e encontramos, ainda, outras palavras em *-mento* não dicionarizadas no DHE. Assim, partindo do *corpus* incompleto, com 1.297 entradas datadas, incluímos 1.547 palavras (ainda sem data), totalizando 2.844 verbetes.

Fizemos um tratamento da listagem, antes de prosseguirmos a pesquisa, eliminando palavras compostas, como: bico-pimenta, livre-pensamento, canela-gosmenta, termoelemento, quadrimomento, fibrocimento, diplossegmento, artepensamento, auto-abastecimento, auto-afastamento. Contudo, algumas palavras foram mantidas por haver a indicação de terem se originado de um verbo, ou seja a prefixação ocorreu antes da sufixação, por exemplo co-financiamento ← co-financiar. Também excluímos algumas palavras prefixadas, como desperfilamento ← des- + perfilamento, mas mantivemos aquelas formadas a partir de um verbo: desacobardamento ← desacobardar, desarreigamento ← desarreigar, preconcebimento ← preconceber, reaquecimento ← reaquecer.

Foram excluídos: a palavra que indica o próprio sufixo *-mento*, o substantivo mento ‘queixo’, e todos os adjetivos que formam coincidentemente um falso sufixo, por exemplo gosmento, lesmento, asmento, originados em gosma, lesma e asma (por meio do sufixo adjetival *-ento*), respectivamente. Foi excluída, ainda, a palavra memento por ela ser a flexão de primeira pessoa do imperativofuturo, mementō, do verbolatino meminī.

Ainda numa primeira ordenação, observamos as palavras indicadas como homônimas e verificamos, como nas outras línguas, que a maioria são verbetes derivados semanticamente (polissemia) em algum momento da língua, com a mesma origem; portanto, somente a forma mais antiga foi mantida, por exemplo aleitamento, apontamento, acoirelamento, amuniciamento.

Mesma ação tivemos para alguns verbetes duplos em que uma das formas sofreu alterações ortográficas, pois estavam indicadas com mesmo étimo, como gripamento/agripamento, lagrimamento/lacrimamento, ericação/erriçamento, freamento/frenamento; mantivemos a que estava com a data mais antiga ou com a indicação de ano, em vez de século, ainda que não seja, atualmente, a forma mais usual: embalsamamento (1845) / embalsamento (XIX), levantamento (XIII) / alevntamento (XIX), adjuntamento (XIII) / ajuntamento (XIV). Em outras, foram mantidas ambas as formas, por haver indicação de étimos diferentes e somente por meio de pesquisa mais profunda talvez pudéssemos excluir uma ou outra forma: bombardamento (do Italiano bombardamento)/bombardeamento (do Português bombardear). Contudo, neste trabalho, não apontamos os cognatos (trabalho já realizado), tampouco as formas divergentes das palavras; elas ficarão para um trabalho posterior, em que há a intenção de datar essas formas ortográficas e, quem sabe, as derivações de suas acepções.

Outro grupo de que excluímos palavras foi o das palavras terminadas em *-menta* formadas em Português por meio de flexão de gênero, isto é, não possuíam origem latina na forma *-menta*, como fardamenta, em cuja microestrutura há a indicação de originar-se em fardamento, com alteração da vogal; há também o exemplo de jumenta (com mesma explicação). Uma outra palavra foi excluída por ter o caminho inverso: pimento > pimenta. Juntamos a esse grupo o substantivo menta e a composição salpimenta.

Após essa organização, havia em nosso *corpus* 2.668 palavras no total, porém 1.453 palavras estavam sem datação indicada. Partimos, primeiramente, para uma



pesquisa a partir do *site* “*Corpus do Português*” (CDP), a qual não foi produtiva: depois de pesquisarmos cerca de 1.500 palavras, havíamos datado somente 85.

Dessa forma, mudamos o rumo da pesquisa e partimos em busca das datações por meio do *site* Google books<sup>3</sup> (GB). Conferimos nosso *corpus* não datado em muitas obras disponibilizadas para consulta, parcial ou total, por exemplo todas as edições do *Vocabulário Ortográfico da língua Portuguesa* (VOLP), e em diversas obras de referência lexicográfica, como as de Cunha (2006, 1999), Nascentes [1955 (1932)], Bluteau (1712), Machado [1967 (1956)], Freire (1939-44, 1954), Cândido de Figueiredo (1899), Moraes Silva (1813), Aulete (1881), dentre outros. Além disso, o *corpus* do GB conta com pesquisa em obras existentes nos bancos de muitas universidades, tanto brasileiras, como a USP, UNESP, UNICAMP, UERJ, como estrangeiras, por exemplo a Universidade de Lisboa, a Universidade Nova de Lisboa, a Universidade do Porto, a Universidade de Aveiro, a Universidade de Coimbra, dentre as pesquisadas com obras em língua portuguesa.

A pesquisa foi intensa, detalhada e contou com um tempo muito maior que o gasto nas outras línguas, pois precisávamos verificar se a palavra era a que estávamos procurando, sua data mais antiga, muitas vezes o contexto e se, de fato, era em Português, visto que em algumas obras, como a do Padre Vieira, há partes em Latim, outras em Português, e palavras como amento deveriam ser datadas na língua de pesquisa. Além disso, as palavras iniciadas pela letra ‘a’ muitas vezes apareciam cortadas, como se seu início fosse um artigo, como aparelamento # aparelamento.

Das 1.453 palavras, somente uma não foi datada, enovelamento; pesquisamos no Google diretamente e a encontramos em alguns artigos, o mais antigo com data de 2006, três anos antes da data em que a encontramos no VOLP.

Ainda havia 423 palavras sem indicação de aceção semântica. A pesquisa feita pelas remissões indicadas em cada microestrutura dos verbetes no DHE trouxe-nos a resolução de quase todas. Ao verificarmos o verbe, geralmente a informação contida na microestrutura era uma remissão para um cognato em *-ção*, em *-agem*, em *-ura*, alguns inclusive apontados em Freitas (2008), como *-eza*, *-dela* ou uma palavra regressiva e/ou palavra-base, por exemplo: remodelamento – ver remodelação; martelamento – ver martelagem; rastejamento – ver rastejadura; agudamento – ver agudeza; piscamento – ver piscadela; saracoteamento – ver saracoteio; gaguejamento – ver gaguejo. Outras, remetiam para palavras com prefixos diferentes ou sem prefixo, por exemplo atintamento – entintamento, afuzilamento, fuzilamento; ou ainda palavras com alterações ortográficas: esturricamento/estorricamento.

Numa outra fase de montagem do *corpus*, fizemos uma larga pesquisa no CDP, com as palavras previamente datadas, e conseguimos retrodatar 109 verbetes, com até cinco séculos de retroação.

Portanto, nosso quadro mudou: 22 palavras entraram o século XIV, 12 para o século XV, 14 para o XVI, 35 para o XVII e quatro para o XVIII.

Durante a pesquisa no CDP, deparamo-nos com algumas palavras que não constavam em nosso *corpus*, um total de 387 verbetes. Algumas eram, na verdade, alterações ortográficas, por exemplo aprecimento/aparecimento, arrecolhimento/recolhimento, avorecimento/aborrecimento. Entretanto, o restante, 313 palavras, eram legítimas, portanto foram organizadas para serem inseridas em nosso *corpus* de análise, pois necessitavam, além da data, de inserção de étimo, origem e uma aceção semântica. Além disso, precisavam de uma proposta lexicográfica de abonação, a fim de possivelmente serem inseridas no DHE, em uma futura edição, já que não constam nessa obra lexicográfica e tampouco em outras consultadas.

Buscamos primeiramente pelo étimo da palavra, por meio dos verbos em Português. Alguns encontramos somente no GB, outros no próprio DHE. Duas palavras inserimos como empréstimos: aggiornamento (Italiano) e podrimento (Castelhano), as demais são formações feitas no Português.

Estávamos trabalhando nas análises do *corpus*, então com 2.933 verbetes, todos datados, com origem, étimo e acepção semântica indicados, quando obtivemos gentilmente o acesso ao *corpus* do Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB), do grupo da Unesp/CNPq, liderado pela profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa. Por meio de uma pesquisa pela terminação *\*mento*, obtivemos resultado de 21.479 ocorrências de palavras nos séculos XVI, XVII e XVIII; elaboradas em linhas de abonação, com a palavra indicada em negrito, pudemos compará-las com nosso *corpus* e, ao final, introduzimos 13 palavras novas em nossa listagem, além de retrodatar 41 verbetes, o que alterou, novamente, toda a nossa pesquisa de palavras em *-mento*, no Português.

As palavras foram introduzidas na mesma listagem que aquelas encontradas no CDP, inexistentes em nosso *corpus*. A intenção desta pesquisa atual não é elaborar verbetes, mas analisar as palavras e não desperdiçar informações obtidas sobre elas, que podem ser utilizadas em outras obras lexicográficas.

Houve também uma alteração no *corpus* por meio dos trabalhos de retrodatação feitos em Freitas (2008, 2009, 2010a, 2010b); a partir deles, retrodatamos cinco verbetes para o século XIII e inserimos a data correta em mais 13 palavras.

Nossa última pesquisa que gerou uma alteração no *corpus* foi devido à alteração da vogal temática que ocorre nos verbos de 2ª conjugação, ao formarem as palavras em *-mento*: de ‘e’ para ‘i’. Não há no Português derivação de verbos com vogal temática ‘e’ que derive um substantivo em *-mento*, com exceção das formas analógicas adimplemento e inadimplemento, ambas oriundas dos verbos adimplir e inadimplir, cuja base latina é adimplēre, derivada de plēre, verbo que derivou diversas formas, dentre elas as palavras portuguesas de origem latina complemento, replemento, suplemento e por meio das quais poderia ter ocorrido analogia para formar adimplemento e inadimplemento, com consequente manutenção da vogal latina ‘e’.

Pesquisamos no *Dictionnaire étymologique de la langue latine* (DEM) e vimos que há diversos verbos derivados de plēre, dentre eles adimplēre, mas não há registro da forma *\*adimplementum*: talvez ela existisse no Latim, mas não a encontramos nas obras lexicográficas de nossa pesquisa, por isso acreditamos que ela não tenha sido registrada. No *Dictionnaire Latin Français* (DLF) só encontramos a derivada cognata em *-tio*, adimpletio. Dando por fim as buscas, encontramos 19 ocorrências no século XVI, com variações entre adimplementum e a forma preposicionada de implementum, adimplementum. Separando os dois tipos de ocorrência, a mais antiga forma pela qual buscávamos encontrada no Latim é de 1545, e consta na obra “*De juris apicibus, tractatus VIII, et De juris Arte, tractatus XX*”, de Petri Lorioti Salinensis. Vistute Duce, Comitè Fortuna, MDXLV, p. 66.

Voltamos para nossos *corpora* (Português, Francês, Castelhano e Italiano) e ao observarmos o que havia de indicação no étimo e na origem das palavras mencionadas em Português, não concordamos com as informações de ambas serem formadas no Português, derivadas dos verbos adimplir (adimplemento) e inadimplir (inadimplemento). Nos *corpora* das demais línguas, utilizados neste trabalho, não há a palavra. Procurando pela forma francesa *\*adimplement* em algumas obras indicadas no GB, encontramos a forma latina sem a terminação completa em *-mentum* indicada na microestrutura de adimpletio: adimplement, como explicação do substantivo em *-tio*.

Deparamo-nos, ainda, com uma obra francesa de 1679, em cujo conteúdo há a palavra *adimplement*. No Castelhana, há o verbete *adimplemento* com primeiro registro encontrado por nós em 1621; no Italiano, o mais antigo está em 1610.

Somente a título de curiosidade, visto que o Inglês não faz parte desta pesquisa, embora tenhamos desenvolvido o *corpus* para a pesquisa, não há a palavra *adimplement* no Oxford English Dictionary (OED), porém a encontramos em diversas obras de língua inglesa constantes no GB, a mais antiga numa obra de 1805.

Como *adimplemento* era uma forma indicada com a data 1899 como origem no Português, em contrapartida de seu antônimo *inadimplemento*, procuramos por ambas no GB, com busca somente em língua portuguesa. Desta forma, alteramos a data de entrada de *adimplemento* para 1766, além de corrigirmos o étimo para o Latim, como as outras formas em *-plemento*, devido a confirmarmos a hipótese de esta palavra não ter se originado no Português, mas por empréstimo latino, numa primeira vista. *Inadimplemento* foi encontrada com a mesma data que já havia sido indicada, 1811, e nossa hipótese é a de que foi formada como negação de *adimplemento*, ou seja, por meio de prefixação, por isso foi excluída de nosso *corpus* de análise.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, encerramos as pesquisas de montagem de nosso *corpus*, elaborado através de outros *corpora*, de acordo com as indicações, e o resultado obtido foram 2.945 palavras analisáveis, maior *corpus* deste trabalho. Ao buscar informações na listagem obtida em Freitas (2014), facilmente o consulente identificará as palavras alteradas, tamanhos foram os acréscimos e mudanças feitas em seus dados, com mais de 60% de seu conteúdo alterado, a fim de lhes garantir dados precisos e informações importantes, que resultaram nas hipóteses confirmadas deste trabalho.

## NOTAS

- (1) Processo Fapesp Fapesp 2014/12543-1.
- (2) Conforme Vilela (1979).
- (3) <<https://books.google.com/>> Acesso em: 20 nov.2014.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*CORPUS DO PORTUGUÊS*. Disponível em <[www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)> Último acesso: 20 jun. 2015.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2001 [1973].

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Histoire

des mots. 4. éd. Paris: Klincksieck, 2001 [1932].

FREITAS, E. S. S. *Em busca do mento perdido*. Análise semântico diacrônica do sufixo -mento, no português. 2008. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FREITAS, E. S. S. *O tempo e o mento*: história do sufixo latino -mentum e de seu desenvolvimento na língua portuguesa, em contraste com outras línguas românicas. 2014. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire Illustré Latin-Français*. Paris: Hachette, 1934. Disponível em: <http://www.lexilogos.com/latin/gaffiot.php>. Último acesso em: 27 jun. 2015.

GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. *Lingüística e ensino do português*. Coimbra: Almedina, 1974.

GOOGLE BOOKS. Disponível em: <<http://books.google.com.br/>> Último acesso em: 30 jun. 2015.

GRANDE DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão beta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível apenas para assinantes em: <<http://houaiss.uol.com.br>> Último acesso em: 20 jun. 2015.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-Rom.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. 2. ed. Oxford University Press, v. 4.0, 2009. CD-Rom.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964 [1931].

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

VILELA, M. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

---

## NEOLOGIA: UMA ANÁLISE COMBINATÓRIA DE MORFOSSINTAXE E SEMÂNTICA

Fernanda Mello DEMAI  
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps)  
Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec – SP)  
fernanda.demai@gmail.com

**RESUMO:** Educação do Campo (EC) é o termo que designa o ensino e a aprendizagem nas regiões rurais, protagonizados por mulheres, homens, crianças e idosos que integram movimentos sociais em prol da Reforma Agrária. Neste trabalho, objetivamos apresentar as relações entre os tipos de neologia sintagmática e semântica na configuração dos termos da EC, com a utilização de princípios e de métodos da Terminologia, da Morfossintaxe, da Semântica, da Pragmática e dos Estudos da Neologia. Estrutturamos um *corpus* de análise neológico, com base em uma seleção de termos numa sincronia de 10 anos, envolvendo a produção de 3 instituições brasileiras e autores independentes. São compostos sintagmáticos 99% dos 700 termos. Propomos uma tipologia da combinatória entre o plano sintagmático e o semântico-pragmático, com as categorias: 1) composições sintagmáticas em combinatória com metáforas; 2) composições sintagmáticas em combinatória com metonímias; 3) composições sintagmáticas sinônimas; 4) composições sintagmáticas em combinatória com empréstimos de outras áreas; 5) composições sintagmáticas em contexto ideológico. Destacam-se as composições sintagmáticas em combinatória com metonímias. Exemplos: *adolescência Sem Terra; analfabetismo nos assentamentos; conquista da terra; infância Sem Terra; luta por terra; revalorização rural.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Terminologia; Neologia; Morfossintaxe; Semântica; Educação do Campo.

### INTRODUÇÃO

Apresentamos neste trabalho alguns resultados obtidos a partir de nossa pesquisa de doutorado, defendida em 2014, sob orientação da Profa. Dra. Ieda Maria Alves, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, que versou a respeito da formação da terminologia da Educação do Campo.

Educação do Campo (EC) é o processo direcionado por práticas e por princípios sócio-históricos relacionados ao ensino e à aprendizagem nas zonas rurais, protagonizados por sujeitos políticos inseridos em movimentos sociais em prol dos trabalhadores do campo.

Objetivamos apresentar aspectos da criação lexical (neologia) nessa linguagem de especialidade, a terminologia da área de Educação do Campo, com ênfase nos aspectos morfossintáticos e semânticos.

O *corpus* de análise neológico (conjunto de termos sob análise, que perfaz aproximadamente 700 termos) foi estruturado a partir de uma seleção de unidades terminológicas numa sincronia de 10 anos (2000-2010) e sua abrangência se estende à produção documental de três instituições brasileiras e de autores independentes, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). Quase todos os termos são compostos sintagmáticos; a ocorrência de termos simples e de compostos propriamente ditos é praticamente nula.

Propomos, a fim de classificar e descrever a neologia da EC, uma tipologia da combinatória entre o plano sintagmático e o semântico-pragmático; em última instância, faremos uma sistematização do macroprocesso de formação de termos da EC (terminologização), com especial ênfase na composição sintagmática (processo sintático) em combinatória com metonímias e com metáforas (processo semântico).

## FUNDAMENTAÇÃO E PROPOSIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A neologia, como sistemática das possibilidades de criação lexical, dá origem a novas unidades linguísticas, incluindo novas unidades terminológicas.

Partimos do pressuposto de que são neológicos os termos que apresentam inovações no significante (forma) e/ ou no significado (conteúdo).

Abordaremos, principalmente, dois tipos de criação de unidades linguísticas:

a) **neologia sintagmática**: caracterizada por alterações no plano da organização horizontal dos elementos na frase, cujo princípio é a formação de um novo signo a partir da combinação de vários signos distintos já existentes na língua;

b) **neologia semântica**: caracterizada pela formação de significados inéditos, por sentidos metafóricos ou metonímicos. (GUILBERT, 1975); (ALVES, 2000; 2007); (BARBOSA, 1981)

Consideramos então o neologismo um signo linguístico, que se caracteriza pelo seu aspecto inovador, em forma, ou em conteúdo.

Procuraremos demonstrar a combinação das etapas do processo de terminologização da área em questão, ou seja, a transposição de conceito para termo (BARBOSA, 2007) como a criação no plano da expressão (neologia morfossintática) e a respectiva criação no plano do conteúdo (neologia semântica, a qual depende de aspectos pragmáticos).

Escolhemos tratar do conceito de *terminologização*, pois as teorias e práticas terminológicas existem em função da terminologização, ou seja, da necessidade de transposição do nível conceptual para o nível linguístico.

A Terminologia pode ser encarada como o estudo dos conceitos, ou como o estudo dos termos, ou como o estudo do signo terminológico, com suas faces significante e significado indissociáveis, concepção esta última que adotamos.

Não podemos separar significado e significante, conteúdo e expressão, conceito e termo, pois precisamos materializar o conceito, de forma que possamos utilizá-lo na comunicação, fazer referência a ele, questioná-lo, refutá-lo, valorizá-lo. Da forma como nos organizamos, seria dificultoso haver ciência ou tecnologia sem a terminologização, pois, para a comunicação, oral, escrita, e até mesmo para nossos pensamentos, utilizamos elementos linguísticos.

Buscaremos representar alguns pontos do patamar conceptual, que dá origem ao aparato linguístico. Temos novas palavras e novos termos porque temos novos conceitos, de acordo com as transformações históricas, sociais, científicas, técnicas e tecnológicas.

Assim, com a necessidade de instauração de uma nova grandeza sígnica, uma nova palavra, ou um novo termo, dá-se a neologia, tanto na língua geral, como nas linguagens de especialidade.

Particularmente em relação à Educação do Campo, nem o próprio termo que denomina a área existiria se não existisse primordialmente um novo conceito de Educação, com motivação bem determinada. Se não existissem acampamentos e assentamentos de reforma agrária, se não houvesse interesse de alguns grupos sociais em modificar aspectos sociais e políticos da história do mundo e da história do nosso país, não haveria a necessidade de elaboração dos textos, dos quais retiramos os termos que formam o *corpus* de análise.

Neste trabalho, procuramos dar ênfase, igualmente, aos conceitos (eixo paradigmático) e aos termos (eixo sintagmático). Logo, nesta tese serão verificados dois percursos: o semasiológico (a partir das unidades em presença, manifestadas linguisticamente, numa análise do termo para o conceito) e também o percurso onomasiológico (a partir das unidades em ausência, as possibilidades, numa análise do conceito para o termo).

Propomos a combinação de dois ou mais tipos de neologia como processos principais e não como forma secundária ou consequência de um processo anterior.

Essa proposição da neologia em combinatória tem a pretensão de contribuir para os estudos da criação lexical, uma das acepções possíveis de Neologia.

## DISCUSSÃO E ANÁLISE

A neologia em combinatória proposta neste trabalho não é consequência, mas sim afirmamos que ocorrem, paralelamente, em planos discursivos diversos (como em diferentes vocabulários de linguagens de especialidade que permutam termos) com o mesmo grau de importância, dois ou mais tipos de neologia. Daí serem considerados os dois processos como principais (em combinação) e não como complementares (um principal e outro(s) secundário(s)).

É necessário ressaltar que os tipos de neologia são constructos teóricos para a representação de um fenômeno linguístico dinâmico - como tudo que está relacionado à língua e à linguagem. Dessa forma, as proposições mais generalizantes acabam insuficientes para todas as especificidades da comunicação humana.

Com fins metodológicos e didáticos, serão utilizadas as classificações propostas como base para a descrição do fenômeno da neologia na terminologia da Educação do Campo, sem o intuito de esgotar o assunto da criação lexical, discutido há décadas pela Filologia e pela Linguística.

### (a) combinatória dos tipos de neologia morfossintática e semântica

termo	Subtipos de neologia em combinatória
analfabetismo nos assentamentos	composição sintagmática e metonímia
campo da educação do campo	composição sintagmática e metáfora

Educação Básica do Campo	composição sintagmática e metonímia
Educação do Campo	composição sintagmática e metonímia
ocupação da escola	composição sintagmática e metáfora
projeto político da Educação do Campo	composição sintagmática e metonímia
realidade como base da produção do conhecimento	composição sintagmática e metáfora
sem-terra como sujeito de sua pedagogia	composição sintagmática e metonímia
memória da educação do campo	composição sintagmática e metonímia
Mística dos educadores	composição sintagmática e metáfora

**Figura 1** – Combinatória dos tipos de neologia morfossintática e semântica (amostragem).

Fonte: DEMAI, 2014, p. 223.

Toda combinatória inédita no eixo sintagmático gera inediticidade semêmica; contudo, priorizamos enfatizar a combinatória entre os subtipos de neologia: a composição morfossintática e metáfora e metonímia, visto que não há apenas uma nova combinatória semântica, como também um acréscimo de semas conotativos.

Assim, o termo *memória da educação do campo* carrega o significado metonímico da substituição do conceito abstrato da “capacidade mental de lembrar-se de algo” pelo conceito concreto de “relato historiográfico dos feitos de um povo”.

**(b) combinatória dos tipos de neologia morfossintática e semântica (incluindo empréstimos internos de outras áreas do saber para a Educação do Campo)**

<b>termo</b>	<b>Subtipos de neologia em combinatória</b>
ações do MST	composição sintagmática, metonímia e empréstimo interno
adolescência Sem Terra	composição sintagmática, metonímia e empréstimo interno
comunidade camponesa	composição sintagmática, metonímia e empréstimo interno
concepção de campo	composição sintagmática, metáfora, metonímia e empréstimo interno
juventude das áreas de reforma agrária	composição sintagmática, metonímia e empréstimo interno
luta por terra	composição sintagmática, metonímia e empréstimo interno
mística da luta pela terra	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística da abertura	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística da luta	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística da luta popular	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística da militância	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística do militante	composição sintagmática, metáfora e empréstimo



	interno
mística do Movimento	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística dos povos do campo	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno

**Figura 2** – Combinatória dos tipos de neologia morfossintática e semântica (incluindo empréstimos internos de outras áreas do saber para a Educação do Campo)

Fonte: DEMAI, 2014, p. 224

As composições sintagmáticas associam-se a metáforas, a metonímias e a empréstimos internos para a formação de termos complexos da área de Educação do Campo.

Um dos objetivos deste trabalho é demonstrar algumas das possibilidades de combinação de vários subtipos na criação terminológica, com a mobilização de aspectos morfossintáticos e de aspectos semânticos.

Em relação aos aspectos semânticos, temos algumas considerações de destaque, conforme segue.

Em *ações do MST*, observamos o recurso da metonímia com a substituição dos integrantes pelo nome da instituição MST - são ações executadas pelas pessoas que compõem o MST - a instituição por si nada executa.

Em *adolescência Sem Terra*, temos a ocorrência da metonímia caracterizada pela nomeação de substantivos concretos, os *adolescentes Sem Terra*, pelo substantivo abstrato *adolescência Sem Terra*. O mesmo ocorre em *juventude das áreas de reforma agrária* - e também em *luta por terra*, em que *terra*, substantivo concreto, acaba designando substantivos abstratos como dignidade, justiça, oportunidades de trabalho etc. Em *comunidade camponesa*, o processo da metonímia dá-se pela substituição dos indivíduos (*camponeses*) pelo coletivo (*comunidade camponesa*).

Já na formação do termo *concepção de campo*, constatamos que *campo* substitui os sujeitos, as ações e todos os processos de luta pelos direitos dos habitantes de zonas rurais - daí termos a relação metonímica de lugar pelas pessoas ou acontecimentos. Ao lado dessa relação metonímica, encontra-se a metáfora da concepção no sentido de “gerar um novo significado ou uma interpretação” a um conceito. Nessa instância, *conceber* seria relacionado a um pensamento particular ou novo acerca de algo.

Nos termos *mística da luta pela terra*, *mística da luta popular*, *mística da militância*, *mística do militante* e *mística dos povos do campo*, há o emprego metafórico de *mística*, que significa “um conjunto de valores transcendentais”, uma “força além dos limites do conhecido”.

Além disso, todos os termos discutidos neste subitem caracterizam-se por não serem da área da Educação, mas sim empréstimos internos de outras áreas, como a Reforma Agrária e os movimentos sociais que lutam por ela, nos campos da Política, da História e da Sociologia.

Partindo para os destaques da análise morfossintática, recorreremos às classificações, entre outros autores, de Barros (2007), em: **termos simples** são “unidades terminológicas constituídas por um único lexema, independente do processo de formação deste”; os **termos compostos** são “unidades terminológicas formadas por dois ou mais lexemas que se encontram em situação de não autonomia representada graficamente pela utilização do hífen”; já os **termos complexos** são “unidades formadas por composição sintagmática, ou seja, por um grupo de lexemas e morfemas gramaticais (palavras nocionais e gramaticais) não ligados por hífen, também independentes dos processos de formação dos termos”. (BARROS, 2007, p. 399)

Sablaylorles (2000), retomando a tipologia de Pottier, bem resume as proposições: **lexias simples**: formadas por uma palavra; **lexias compostas**: representam a integração semântica manifestada formalmente; **lexias complexas**: são sequências em via de lexicalização, em diferentes gradações. (SABLAYROLLES, 2000, p. 148)

Na metalinguagem da ciência Terminologia, temos uma multiplicidade de denominações, o que se justifica por diferentes teorias e pontos de vista.

Escolhemos a denominação *termos simples* neste trabalho, que podem também ser denominados *termos lexicáticos* ou *termos-palavras*. Utilizaremos também a denominação *termos complexos*, a qual concorre, muitas vezes, com *termos sintagmáticos*, *termos-sintagmas* ou *sintagmas terminológicos*. (BARROS, 2004, p. 101)

Diretamente em Pottier (1972), temos a definição de lexia: “unidade lexical memorizada”. O autor diferencia essas unidades armazenadas em uma memória lexical das combinações momentâneas, elaboradas “no momento da fala”. (POTTIER, 1972, p. 16)

As unidades lexicalizadas “supõem uma combinação frequentemente realizada no discurso”. (POTTIER, 1972, p. 17)

Em nossa pesquisa, as lexicalizações de construções discursivas em recortes sintagmáticos são a grande fonte de neologia terminológica, em combinação com processos semânticos e pragmáticos, como ocorre em outros fenômenos da linguagem.

Alves (2001a), acerca do *Glossário de termos neológicos da Economia*, ressalta:

Do ponto de vista da formação, os termos deste glossário constituem, na maior parte dos casos, **sintagmas nominais que classificamos como substantivos nas referências gramaticais**. Esse fato reitera observações já feitas por estudiosos de várias línguas que têm observado que, em uma terminologia, **um número considerável de termos é formado por constituintes de frases que vão se cristalizando e gerando novas unidades**. De maneira análoga ao que se verifica em outras terminologias, **a maioria dos sintagmas é constituída por um substantivo e um adjetivo** (*dívida externa, economia globalizada*), **ou por um substantivo seguido de uma preposição e de outro substantivo** (*meios de pagamento, nicho de mercado*). Outras estruturas sintagmáticas, embora menos frequentes, são também observadas: *crédito direto ao consumidor, longo prazo, moeda única europeia, plano de previdência privada*) (ALVES, 2001a, p. 11, grifos nossos)

Assim como os termos neológicos referenciados, da área de Economia, os termos da área de Educação do Campo são formados por sintagmas lexicalizados (ou terminologizados), pois um único elemento vocabular parece não ser suficiente para a criação de termos no processo de terminologização da área. Para novos conceitos, os termos devem ser novos, neológicos, e, para a área de Educação do Campo, à semelhança de outras áreas, conforme enfatizou Alves (2001a), existe a necessidade de especificação de um termo genérico, com a expansão cada vez mais e mais presente nas terminologias. Esse é o processo mais produtivo na neologia da área de Educação do Campo: não a criação de uma nova sequência fonológica, não a atribuição de novos significados a significantes já existentes, mas sim novas combinatórias de elementos lexicais já existentes, com a atribuição de novo significado, totalmente novo e que não

se confunde com o significado isolado das partes, mas que é um significado composicional, que só existe *na* e *pela* composição, mais especificamente pela composição sintagmática.

Dessa forma, termos como *aluno cooperado*, *agricultura camponesa*, *agenda do Movimento*, entre muitos outros da área de Educação do Campo, só puderam ser configurados com a combinação de elementos lexicais já existentes, que não são obscuros para as pessoas que possuem um conhecimento de mundo e um conhecimento linguístico razoáveis. Entretanto, os novos significados, oriundos de novos conceitos e das novas combinatórias, podem ser obscuros sem uma necessária contextualização, uma certa apropriação conceitual e pragmática dos princípios e objetivos da área em questão. Assim, *agricultura camponesa*, apenas para destacarmos um termo/ conceito, não é apenas um tipo de agricultura que se dá no campo, ou que é praticada por camponeses (o que pode parecer óbvio e até redundante para quem ainda não teve contato com os conceitos da área); *agricultura camponesa* é um tipo de agricultura exercida de acordo com determinados princípios e objetivos dos movimentos sociais do campo que participam e promovem uma redistribuição de terras, de renda e de trabalho, de modo diferenciado, nas regiões rurais. Não houve um termo simples “capaz” de representar esse novo conceito. Daí a riqueza do recurso neológico do processo sintagmático no macroprocesso da terminologização.

Em nossa pesquisa dos termos da Educação do Campo, consideramos **termos simples** aqueles constituídos de uma única unidade vocabular. Esse tipo de formação não é representativo no *corpus* da Educação do Campo.

Os **termos compostos “propriamente ditos” ou compostos** são aqueles constituídos por mais de um elemento vocabular, não separáveis e não intercambiáveis, formando um sentido único apenas com a formação cristalizada, já de consenso na comunidade sócio-linguístico-cultural (ligados ou não por hífen).

Já os **termos complexos**, também formados por mais de um elemento vocabular, não ligados por hífen, devem passar pelos testes da inseparabilidade, da irreversibilidade dos elementos para garantir seu estatuto de unidade de sentido. Este tipo de formação vocabular conta também, em muitos casos, com a inserção de letras ou de números isolados, além de siglas, em sua construção.

Destacamos as siglas e os acrônimos em categoria à parte, visto que são produtos da redução dos termos sintagmáticos, configurados de maneira peculiar, mas também manifestações da neologia morfossintagmática.

Mantivemos essas quatro categorias - termos simples, termos compostos, termos complexos e siglas/acrônimos para fins metodológicos, mas, na prática, nosso *corpus* de análise da área de Educação do Campo pode ser caracterizado como formado por termos complexos - composições sintagmáticas.

Em suma: é o processo sintagmático o que mais se destaca na terminologização da área em estudo e será aprofundado em nossa análise, devido à sua representatividade e à sua produtividade.

Analisando a classe lexical e a categoria gramatical, verificamos que a classe nominal (substantivo) é a mais representativa, sendo aproximadamente 60% substantivos femininos e 40% substantivos masculinos, quase todos termos complexos (compostos sintagmáticos).

Consideramos substantivos os sintagmas nominais, como *Educação do Campo*, *dinâmica do campo*, *conquista da terra*, *professor de fora*, entre outros muitos.

Segundo Alves (2001b):

**No que diz respeito à formação, tanto na língua geral como nos tecnoletos, os mesmos processos presidem à criação de novos elementos:** derivação, composição, transferência semântica, truncação, **formação sintagmática** e por siglas, empréstimos oriundos de outros sistemas linguísticos. Caracterizam-se os neologismos tecnoletais, no entanto, por apresentarem alguns traços que os particularizam.

Desse modo, observamos que, **enquanto na língua geral predomina a formação de unidades lexicais simples**, constituídas com um único elemento, **nos tecnoletos são mais constantes as formações sintagmáticas**, compostas por dois ou mais elementos que integram uma **unidade complexa e correspondem a um único conceito**. (ALVES, 2001b, p. 28, grifos nossos)

Como nosso *corpus* de análise é relativo a uma terminologia e é essencialmente neológico, é perfeitamente natural a predominância da composição sintagmática na formação dos termos, pois este tipo de processo evidencia que o processo de lexicalização (ou de terminologização) dos encadeamentos vocabulares está incompleto – ou seja: esses termos ainda podem sofrer modificações de forma e de conteúdo no eixo histórico.

De acordo com a análise do *corpus* da Educação do Campo, os termos estão em processo de lexicalização, sendo alguns mais lexicalizados e outros menos.

Nessa área, neológica, em que há muita instabilidade (devido particularmente ao caráter altamente ideológico dos conceitos representados pela terminologia em questão), consideramos que o processo de lexicalização está avançado, não nos esquecendo de que nossas fontes são escritas e não orais (não podemos verificar as variantes da oralidade, por exemplo, ou de situações formais e situações informais, ou a variação linguística geográfica, ou a diacrônica ou o estilo dos falantes).

Quanto à estrutura sintática e à forte ligação léxico-semântica entre os constituintes, podemos afirmar que todos os termos coletados e apresentados são termos sintagmáticos, pois seus constituintes não podem ser alterados (suprimidos, substituídos, trocados de ordem, determinados, separados) sem que seja alterado o significado. Exemplos: *Pedagogia da Práxis, Pedagogia da Terra, Pedagogia da Alternância, Pedagogia da Cultura, Pedagogia da História, Pedagogia da Luta, Pedagogia do Movimento, Pedagogia do Oprimido, Pedagogia do Trabalho* - nitidamente, se trocados os determinantes, serão outros os significados.

Em relação ao isolamento semântico, ou imprevisibilidade semântica, podemos afirmar que os termos selecionados representam significado autônomo e diferenciado do significado das partes, que carrega as especificidades da conceptualização da área de Educação do Campo. O significado composicional é diferenciado e não pode ser depreendido sem um determinado nível cognitivo em relação à área. Muitos desses significados são também metafóricos e/ou metonímicos.

Todos os termos classificados como sintagmáticos estão ligados a um conceito em particular, sendo significante e significado indissociáveis nesses signos terminológicos da área de Educação do Campo. Exemplos: *concepção de campo, cultura de campo, interesses do campo, latifúndio do saber, mística da luta pela terra, memória da Educação do Campo*, como muitos outros termos de nosso *corpus* de análise, designam um conceito particular, um novo conceito, para o qual foram

necessários processos de terminologização para colocar-se em termo esse novo conceito. Dessa forma, dentre os termos citados, sem um conhecimento prévio do discurso e dos significados da Educação do Campo, nenhum receptor teria condições de interpretar o *campo* como “espaço de identidade própria, com valorização positiva de sua cultura, de sua tradição e de suas características”, muito menos o termo *mística* seria depreendido corretamente como “crença na possibilidade de conquista da terra por meio da implantação da Reforma Agrária”. Apenas esses poucos conceitos e respectivos termos demonstram o isolamento e a imprevisibilidade semânticos, sendo possível constatar que são termos sintagmáticos, com significante e significado próprios e indissociáveis.

Escolhemos neste trabalho adotar as denominações *isolamento semântico* e *imprevisibilidade semântica* para enfatizar os novos significados das composições sintagmáticas, que não são a união do significado das partes, necessariamente. Os significados parciais podem sim possuir alguns semas ativados na composição (os quais são previsíveis, devido às virtualidades do sistema da língua), mas, na terminologia da Educação do Campo, a especificação de significados, própria das linguagens de especialidade, ao lado dos fatores extralinguísticos, ideológicos e pragmáticos, bem como o processo de lexicalização dos termos (em diferentes gradações), são determinantes inquestionáveis do nível semântico, fazendo-o diferenciado em seu engendramento.

A seguir, destacamos a tipologia de termos sintagmáticos, que parte da análise combinatória dos aspectos morfossintáticos e semânticos:

- 1) composições sintagmáticas em combinatória com metáforas
- 2) composições sintagmáticas em combinatória com metonímias
- 3) composições sintagmáticas sinônimas
- 4) composições sintagmáticas em combinatória com empréstimos de outras áreas
- 5) composições sintagmáticas em contexto ideológico

Nessas estruturas, podemos notar que:

Quanto aos itens 1 e 2: as composições sintagmáticas em combinatória com metonímias são mais representativas e mais recorrentes que as composições sintagmáticas em combinatória com metáforas. Julgamos que, como as metonímias representam relações mais concretas que as metáforas, a força metonímica nas terminologias tende a ser mais relevante em algumas áreas de especialidade, e a Educação do Campo é uma delas.

Por exemplo: são muito significativas expressões metonímicas como as que seguem, pois representam claramente a conceptualização da área de Educação do Campo e trazem à tona a “força” que os conceitos da área carregam na sociedade:

- (1) adolescência Sem Terra
- (2) analfabetismo nos assentamentos
- (3) conquista da terra
- (4) infância Sem Terra
- (5) luta por terra
- (6) revalorização rural

As metonímias da Educação do Campo, a nosso ver, terão, com a continuidade da transformação diacrônica dos termos da área, sempre uma supremacia em relação às

metáforas, as quais, para serem depreendidas, necessitam de um conhecimento prévio maior do ouvinte/ leitor, enquanto que as metonímias terminológicas da Educação do Campo permitem associações mais diretas e objetivas de um público leigo (e quase toda a sociedade brasileira é um público leigo em relação aos conceitos e aos termos da Educação do Campo).

As metáforas da Educação do Campo, a exemplo do que ocorre também em relação às metáforas de outras áreas de especialidade e às metáforas da língua geral, necessitam de uma maior “afinidade cultural” para sua interpretação; são mais abstratas as relações metafóricas.

Os termos metafóricos a seguir, por exemplo, constituem-se possivelmente em enigmas para o público leigo, que passará por eles sem alcançar cognitivamente seu verdadeiro significado com uma leitura imediatista e/ou objetivista:

- cultivo da Mística do MST
- escola base
- professor de fora
- professor de dentro
- processo de ocupação da escola
- escola em movimento.

Esses termos metafóricos são mais herméticos, pois um leitor pouco ou nada familiarizado com a conceptualização e com a terminologização da Educação do Campo não terá como depreender o que é a "Mística do MST", muito menos o que seria seu cultivo, nem mesmo pelos contextos isolados - seria necessário pesquisar e ler atentamente um conjunto de obras, um *corpus* da Educação do Campo. Também esse leitor leigo teria várias dificuldades de saber que a “escola base” é base de uma escola itinerante do campo, bem como que existe uma tensão entre “professores de dentro” e “professores de fora” de um assentamento/ acampamento de reforma agrária, e que a “ocupação na escola” não é uma “invasão” de uma escola que já existe e sim que é a construção de uma escola nos moldes e de acordo com os princípios da luta pela Reforma Agrária - e que essa construção é menos de tijolos e cimento que de valores ideológicos. Tampouco esse leitor, mesmo que insistentemente tentasse, não descobriria facilmente que a “escola em movimento” é a “escola diferente”, voltada aos princípios e com a metodologia da Educação do Campo.

Já as metonímias, pela sua simples leitura, com uma contextualização mínima, permitem um maior poder de esclarecimento de termos na área de Educação do Campo, como nos exemplos que seguem:

- (1) analfabetismo nos assentamentos
- (2) juventude do campo
- (3) modelo de desenvolvimento do campo
- (4) relação campo-cidade
- (5) memória da Educação do Campo
- (6) cultura do Campo.

Um leitor medianamente inserido nos valores culturais relacionados consegue entender o que é o “analfabetismo nos assentamentos”, e que existe um conjunto de pessoas jovens no campo, e que há uma “cultura do Campo”, cuja “memória” é retratada de formas específicas, que existe uma tensão e uma “relação entre campo e

cidade”, que se pensa em um “modelo de desenvolvimento do campo” etc., ou seja: com os termos metonímicos, os conceitos passam a ser de mais fácil compreensão, pelo menos na área em questão.

Constata-se, assim, que os ideólogos e criadores da terminologia da Educação do Campo deram preferência às formações metonímicas por uma necessidade urgente e emergente de compreensão e de divulgação dos conceitos e dos termos da área. Não que isso com certeza tenha sido pensado propositalmente, mas os recursos linguísticos estão à disposição de todos os falantes da língua portuguesa do Brasil, e podemos afirmar que alguns conceitos são mais fáceis de se explicar metonimicamente que metaforicamente.

Quanto ao item 3: as composições sintagmáticas sinônimas perfazem aproximadamente 25% do *corpus*, o que é bastante representativo, ao lado de aproximadamente 10% de quase-sinônimos, totalizando um arquiconjunto sinonímico que soma 35% do *corpus* de análise.

No processo de terminologização, ou seja, com a criação de termos (neologia) para representar novos conceitos, existem significantes diferentes para os quais podemos atribuir o mesmo significado, dentro de uma área de especialidade (formas sinônimas, então) e também são criadas formas para as quais podemos atribuir o mesmo significado, mas não em todos os contextos, nem mesmo no interior de uma área de especialidade (formas quase-sinônimas).

Trazemos um exemplo dessa distinção:

cultura do campo (pref)

sin. **cultura camponesa; cultura dos povos do campo**

quase-sin. **cultura escolar cooperativa**

*Cultura do campo* é termo preferencial, com maior número de ocorrências, tendo como sinônimos terminológicos *cultura camponesa* e *cultura dos povos do campo* (estes três termos são utilizados um pelo outro nos textos técnicos do universo de discurso, em todos os contextos delimitados na área de Educação do Campo); entretanto, *cultura do campo* não é intercambiável em todos os contextos com *cultura escolar cooperativa*, que somente é utilizado para fazer referências às escolas do campo que se utilizam da metodologia de *cooperativa-escola*. Logo, *cultura escolar cooperativa* é um quase-sinônimo de *cultura do campo*, podendo ser utilizado no lugar do termo preferencial em apenas alguns contextos, não em todos, ainda que no interior do mesmo universo de discurso.

Quanto ao item 4, composições sintagmáticas em combinatória com empréstimos de outras áreas, podemos citar os termos:

(1) agricultura camponesa

(2) Anca

(3) Sem Terra

Percebe-se que esses termos foram apropriados pela Educação do Campo, mas que, originariamente, são nomes de instituições ou termos que dizem respeito a conceitos não ligados necessariamente à EC, conforme já explanado.

Quanto ao item 5, composições sintagmáticas em contexto ideológico, existe, como é sabido, a necessária contextualização, para que seja instaurado o sentido na comunicação, inclusive na comunicação terminológica. Na área de Educação do Campo todo o conjunto terminológico passa por coerções ideológicas, tanto dos emissores, quanto dos receptores, tanto do enunciador, como do enunciatário, como dos canais e dos meios de comunicação. Assim, todo o processo de criação de termos da EC, bem

como sua difusão e aceitação/ não aceitação estão condicionados às ideologias subjacentes - não que isso não ocorra em outras terminologias, ou que a terminologia da EC seja especial nesse aspecto, mas sim porque em nossa área de estudo as ideologias aparecem de forma explícita, tanto em prol dos conceitos terminologizados, como contra eles.

Esquemáticamente, quanto à análise semântico-pragmática das composições sintagmáticas que integram a terminologia da área de Educação do Campo, temos:

**termo sintagmático da EDUCAÇÃO DO CAMPO =**

{semas denotativos +/- semas conotativos + semas próprios +/- semas emprestados + contexto ideológico}

Tomando o processo de terminologização como um todo, considerando as faces significante e significado do signo terminológico, em relação a um conceito a ser representado linguisticamente, temos:

**termo sintagmático da EDUCAÇÃO DO CAMPO  
em contexto ideológico e em função semiótica:**

semas denotativos +/- semas conotativos + semas próprios +/- semas emprestados  
elemento linguístico em função substantival + elemento/ conjunto linguístico em função adjetival

Considerando os isolamentos morfossintáticos recorrentes na determinação dos termos de nossa área em estudo, nos próximos parágrafos faremos uma associação do processo sintagmático ao processo semântico, a fim de evidenciar a necessária ligação entre esses dois níveis de análise.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de termos que possuem sentidos metafóricos ou sentidos metonímicos, combinados com isolamentos morfossintáticos recorrentes:

<b>Isolamentos morfossintáticos recorrentes</b>	<b>Sentidos metafóricos/ Exemplos</b>	<b>Sentidos metonímicos/ Exemplos</b>
<b>camponês/ camponesa/ camponeses/ camponesas</b>	1. campo da agricultura camponesa 2. identidade de camponês	1. comunidade camponesa
<b>da terra/ de terra</b>	1. ocupação de terra	1. conquista da terra 2. homem da terra 3. mulher da terra
<b>do assentamento/ de assentamento</b>	7. companheiro do assentamento	assembleia do assentamento
<b>do campo</b>	1. dinâmica do campo 2. dinâmica social do campo	1. cultura do campo 2. cultura dos povos do campo
<b>do Movimento Sem Terra/ do Movimento</b>	1. ciranda infantil do Movimento 2. mística do Movimento	1. Agenda do Movimento 2. Cotidiano do Movimento



<b>do MST/ no MST</b>	1. Base social do MST 2. Concepção de educação do MST	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ações do MST</li> <li>• Cotidiano do MST</li> <li>• Educador do MST</li> </ul>
<b>no campo</b>		1. vida no campo
<b>Sem Terra/ sem-terra/ Sem-Terra/ dos sem terra/ dos sujeitos Sem Terra</b>	1. Marcha dos Sem Terra 2. Cultivo da identidade Sem Terra 3. Companheiro Sem Terra	1. Adolescência Sem Terra 2. Infância no Movimento Sem Terra 3. Juventude Sem Terra 4. Comunidade Sem Terra 5. Formação dos Sem Terra

**Figura 3** – Isolamentos morfossintáticos com sentidos metafóricos ou metonímicos. Fonte: DEMAI, 2014, p. 353

Interessa-nos ressaltar os “isolamentos semânticos” decorrentes de usos metafóricos e de usos metonímicos, associados a isolamentos morfossintáticos. Dessa forma, vamos tratar os significados composicionais, que são diferentes dos significados das partes.

Muitos desses significados composicionais são metafóricos ou metonímicos, conforme a Figura 3.

A recorrência de isolamentos morfossintáticos e suas funções semânticas foram sistematizadas por Louis Guilbert (1965), quando de seu estudo da formação do vocabulário da aviação. O autor trata dos adjetivos recorrentes em composições sintagmáticas, ou *sintagmas de integração*, principalmente na transferência entre domínios de especialidade. Dessa maneira, o isolamento morfossintático e a recorrência de um segundo elemento composicional carrega um componente semântico altamente motivado e com funções bem delimitadas.

Na obra de Guilbert (1965), podemos distinguir três funções para esses elementos recorrentes:

1. **Adjetivos de transferência de domínio** (de um domínio mais antigo para um mais novo, de acordo com novos conceitos, que precisam ser terminologizados). Guilbert analisa o exemplo de *aérien, -ienne (aéreo, -a)*, enfatizando que seu conteúdo semântico e sua oposição ao elemento “água” (*eau*) operam a transferência de significação dos signos ao qual é aplicado. A junção, para o autor, de *aéreo, -a* a um substantivo constitui uma “oposição significativa entre o primeiro elemento e o segundo elemento do sintagma: *vagão aéreo, estação aérea, locomotiva aérea, vias aéreas (wagon aérien, station aérienne, locomotive aérienne, vois aériennes)*”. Dessa forma, houve a transferência de domínio (dos transportes terrestres, como o ferroviário, ou ainda dos transportes navais), para um então novo domínio, do transporte aéreo, e um adjetivo recorrente teve esse papel de “principal instrumento linguístico de transferência”. Em um estágio anterior de língua, cultura e tecnologia havia *vagão (wagon)*, de um trem, por exemplo; com a transformação tecnológica, novas áreas surgiram, como a Aviação, a qual não poderia utilizar somente *vagão (wagon aérien)*, que se referia a um domínio mais antigo; houve então o engendramento do termo *vagão aéreo*, para atender à necessidade de terminologização de um novo conceito.

2. **Adjetivos de especificação de domínio** (para especificação de um conceito muito abrangente, há necessidade de determinação). O adjetivo recorrente *aéreo, -a* foi analisado por Guilbert como altamente produtivo também nessa função, a exemplo de: *equilíbrio aéreo, direção aérea, suspensão aérea (équilibre aérien,*

*direction aérienne, suspension aérienne*). Nessa função, conceitos e respectivos termos muito amplos, utilizados em várias terminologias, precisam ser especificados para atender às novas necessidades terminológicas de delimitação de um significado, bem como de sua precisão. Os conceitos citados, *equilíbrio, direção* e *suspensão* (*equilibre, direction, suspension*), podem e são utilizados em muitas outras áreas (*equilíbrio emocional, equilíbrio ambiental, direção segura, direção preventiva, suspensão compulsória, suspensão fixa*). O adjetivo recorrente na área da Aviação, *aéreo-a*, vem atender à necessidade de especificação semântica na respectiva terminologia.

3. **Adjetivos de transposição da língua geral para a linguagem de especialidade** (passagem da língua geral para uma terminologia). Segundo Guilbert, o adjetivo *aéreo, -a*, recorrente na terminologia da Aviação, serve à especificação de palavras da língua comum, como *exercício* ou *cena* (*exercice, scène*). Com o acréscimo do referido adjetivo, há possibilidade de terminologização, ou seja, da colocação de um conceito em termo: *exercícios aéreos, cenas aéreas* (*exercices aériens, scènes aériennes*).

Na terminologia da área de Educação do Campo, há recorrência tanto de adjetivos, como de sintagmas preposicionados, na determinação dos compostos.

Com a função 1, de transferência de domínio, podemos citar o próprio arquiconceito e arquitermo *Educação do Campo*, que foi engendrado a partir de uma nova concepção de Educação, concebida e desenvolvida para e por integrantes de movimentos sociais do campo. O isolamento morfossintático recorrente *do campo* é utilizado para a transposição de um domínio “antigo”, Educação Geral *no* campo (ou ainda Educação Rural), para o então novo domínio, Educação do Campo, engendrado para se opor ao domínio “antigo” da Educação Tradicional. O mesmo se dá com *agricultura camponesa, Educador do MST*, cujos determinantes são motivados ideologicamente (por vias linguísticas), com o intuito de fundamentar um domínio novo e autônomo, oposto ao anterior.

Com a função 2, de especificação de um domínio, podemos citar os determinantes *do Movimento, do Movimento Sem Terra, do MST, do campo*, que determinam o primeiro elemento em várias composições sintagmáticas. Os elementos determinados *cultura, mística, dinâmica e Base Social* são muito abrangentes e utilizados em outros campos do saber. Com a determinação por esses sintagmas preposicionados, há uma especificação semântica, que faz parte da rede conceptual-terminológica da área em estudo, a exemplo de: *mística do movimento, mística do Movimento Sem Terra, Base Social do MST, cultura do campo, dinâmica do campo, dinâmica social do campo*.

Com a função 3, de transposição da língua geral para a linguagem de especialidade, podemos citar os determinantes *da terra, do assentamento, de camponês, camponês(a), do Movimento, Sem Terra*, que, em formações sintagmáticas com determinados da língua comum, contribuem para o processo de terminologização, a exemplo de: *conquista da terra, homem da terra, mulher da terra, companheiro do assentamento, assembleia do assentamento, identidade de camponês, comunidade camponesa, agenda do Movimento, cotidiano do Movimento, adolescência Sem Terra, Juventude Sem Terra, Comunidade Sem Terra*. Somente *homem*, por exemplo, não estaria na função de termo na Educação do Campo, mas com a determinação *da terra*, foi obtido novo termo, *homem da terra*, que apresenta um isolamento semântico, um significado diferenciado e específico da área de Educação do Campo.

Fizemos referência a alguns termos, para fins de exemplificação, mas não podemos deixar de comentar que a recorrência de formações sintagmáticas e de adjetivos, com fins de especificação semântica, é um recurso de engendramento conceptual-terminológico verificado em quase metade de nosso *corpus*, o que, sem dúvida, é muito significativo.

Com Guilbert e outros autores estudados e referenciados, pudemos observar que a riqueza do recurso da determinação em termos compostos vai além do eixo sintagmático, fazendo parte de todo um complexo processo semântico – e também pragmático e ideológico – que representa a criação e a criatividade lexical no âmbito das sociedades e das culturas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos de terminologização são profundamente ligados e dependentes da neologia, pois a terminologização diz respeito à colocação de um conceito na forma linguística de um termo, que precisa ser criado, de acordo com vários processos à disposição na língua, como o fonológico, o sintagmático, o semântico - na verdade, uma combinatória de todos esses processos, destacando-se um, como desencadeador da criação lexical-terminológica.

Dentre os processos de terminologização, é o sintagmático o determinante na criação dos termos da área de Educação do Campo, conforme a discussão e a análise presentes neste artigo.

A necessidade de criação de novos termos, para expressar novos conceitos, foi respondida pela neologia sintagmática.

Com a neologia morfossintática, deu-se a combinatória com a neologia semântica (além da neologia semântica e da neologia fonológica como processos complementares) e também com a neologia por empréstimo interno.

O processo semântico, em combinatória com o processo morfossintático da criação de termos é representado pelos fenômenos da metáfora e da metonímia. Na criação de termos, muitas vezes os semas denotativos não são suficientes, ou não são os mais eficazes ou favoráveis, sendo necessária a utilização de semas conotativos. Adotando um posicionamento teórico-metodológico mais cognitivista, podemos atribuir às metáforas e às metonímias um estatuto conceitual, e não puramente estilístico, artístico, ou seja: as metáforas e as metonímias são imprescindíveis ao próprio patamar conceptual, pré-linguístico, a fim da estruturação e organização do conhecimento, por meio de comparação e de transferência de domínios e de experiências anteriores para novas conceptualizações - e não recursos linguísticos, considerados por muitos, como dispensáveis, apenas estéticos. Nesse ponto, as composições sintagmáticas e as metáforas e metonímias, ao se combinarem, otimizam os recursos de terminologização, ao priorizarem a função cognitiva subjacente tanto ao processo sintagmático, como ao semântico.

Consideramos que a neologia tem papel inquestionável na sociedade e na vida humana, pois não nos comunicamos sem os termos, nem exercemos manipulação social sem os termos, ou sem as palavras da língua comum.

Os termos e as palavras, em profunda interação e ligação semiótica com os conceitos, configuram o que conhecemos por *mundo* e por *vida*, e a neologia é a

concretização do poder de criação não só de signos, mas de significados e da própria experiência humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. *Neologismo*. Criação lexical. 3 ed. São Paulo: Ática, 2007.

ALVES, I. M. (Coord.). Glossário de termos neológicos da Economia. *Cadernos de Terminologia*, v. 3. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001a.

ALVES, I. M. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, v. 1. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001b. p. 25-31.

ALVES, I. M. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo*. 2000. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BARBOSA, M. A. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de aplicação. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 433-445.

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

BARROS, L. A. Estruturas morfossintáticas e léxico-semânticas dos termos da Dermatologia. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 397-407.

BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CENTRO PAULA SOUZA. Disponível em: <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

CENTRO PAULA SOUZA. Unidade de Ensino Médio e Técnico (CETEC). Disponível em: <<http://www.cpscetec.com.br>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

DEMAI, F. M. *Processos de terminologização: descrição e análise da neologia da área de Educação do Campo*. 2014. 417 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

GUILBERT, L. *La formation du vocabulaire de l'aviation*. Paris: Larousse, 1965.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Página da internet. Disponível em: <<http://www.mst.org.br>>. Acesso em : 22 fev. 2015.

POTTIER, B. *Grammaire de l'espagnol*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

SABLAYROLLES, J.-F. *La néologie en français contemporain: examen du concept et analyse de productions néologiques récentes*. 2<sup>è</sup>. éd. Paris: Honoré Champion, 2000.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL (SENAR). Disponível em: <<http://www.faespsenar.com.br>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

**PRODUTIVIDADE E CRIATIVIDADE DOS NEOLOGISMOS  
EM *BLOGS* DE JORNAIS DO SUL DO BRASIL**

Fernanda C.PANICHELLA  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
fcallefi@yahoo.com

Manoel Messias Alves da SILVA  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
manoelsilva042@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a ocorrência de neologismos em três *blogs* de jornais da Região Sul do Brasil após sistematização nas fichas neológicas. Também são demonstrados os assuntos que mais propiciam a produção destes neologismos, a classe de palavras mais predominante para a sua formação e o tipo de neologia mais encontrado. Foi utilizada como ferramenta para a manipulação do programa *Microsoft Word*, em que foi possível armazená-los por um período de um ano. Como resultados, chegou-se à conclusão de que os assuntos mais recorrentes foram a política e o futebol, a classe de palavras foi a dos substantivos e o tipo de neologia predominante foi o estilístico devido ao gênero que foi analisado, que exige cada vez mais criatividade dos blogueiros, como também por serem jornalistas que tentam transmitir as informações diárias de uma forma mais atraente, o que propicia mais acesso e postagem dos leitores.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Blog*; Brasil; Neologismo; Região Sul.

## INTRODUÇÃO

Este artigo trata de questões de neologia recorrentes em *blogs*, principalmente aqueles destinados às grandes áreas urbanas, a relação de dependência que este tipo de neologismo cria com o contexto em que foi utilizado e também com o conhecimento de mundo partilhado pelos falantes. É parte dos resultados de uma pesquisa de Mestrado defendida em 2014 no Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Pretendeu-se com esse estudo averiguar a produtividade desse tipo de neologismo na língua e observar sua formação morfológica, a classe de palavras mais produtiva para a formação dessas Unidades Lexicais Neológicas (ULNs), os assuntos que propiciaram seu surgimento e qual foi o tipo de neologia mais recorrente de acordo com as ULNs analisadas.

O advento da Internet tem contribuído para a configuração dos recursos expressivos desenvolvidos pela escrita, resultando na construção de uma linguagem escrita emergente, que faz parte do nosso cotidiano. Transcriar um pensamento é aproximar identidades e diferenças naquilo que se ambiciona exprimir, produzindo

novos sentidos e novas estruturas que conduzem à descoberta de novas realidades, ampliando o sentido da ideia original e, simultaneamente, completando-a criativamente. O usuário da língua, em vários momentos, acaba se deparando com novas experiências que demandam a adoção de neologismos para dar conta desse universo criativo.

A língua está em constante transformação, o que revela o seu dinamismo, e permite que os falantes a utilizem como uma forma de estabelecer contato, com vistas a fortalecer as relações interpessoais. Desse modo, as línguas humanas não constituem realidades estáticas e fechadas, mas mudam no tempo e no espaço, adaptando-se às necessidades culturais, científicas e de comunicação dos falantes. Entender esse fenômeno e procurar analisá-lo parece ser uma necessidade dos estudos linguísticos atuais e foi, com certeza, um forte motivador para a realização desta pesquisa.

## MATERIAL E MÉTODOS

Ao se mencionar o tema ULN, há uma área mais geral que se denomina léxico. Léxico, neste aspecto, pode ser definido a partir de Bloomfield (1933, p. 274), que o considerou como “um apêndice da gramática, uma lista de irregularidades básicas”. Já Pottier (1968) o definiu como um conjunto de lexias memorizadas e virtuais. As lexias em estado de dicionário são vocábulos e registram-se enquanto norma de uso do indivíduo, membros de uma linguagem social, linguística, cultural e ideológica.

O léxico passa a ser, portanto, o conjunto de unidades lexicais efetivas (realizadas) e virtuais (realizáveis). É um sistema que possui o vocabulário (norma), que é o conjunto das unidades lexicais atualizadas em discurso. O léxico efetivo divide-se em passivo (lexias decodificáveis, porém não atualizadas pelo indivíduo) e ativo (lexias decodificáveis e codificáveis pelo indivíduo), sendo este um subconjunto daquele.

De acordo com Dubois et al (1999), o termo *léxico* designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de um locutor, de uma atividade humana, entre outros. Dessa forma, a unidade lexical (UL) *léxico* entra em diferentes sistemas de oposição, conforme o modo pelo qual o seu conceito é considerado.

O léxico considerado aqui é o de um falante e, por mais considerável que seja o *corpus* constituído, só pode fornecer um vocabulário e não pode explicar a totalidade do léxico desse falante, em oposição ao léxico ativo, que é aquele que diversos interlocutores utilizam efetivamente. Este termo linguístico geralmente é utilizado para designar as unidades significativas não necessariamente gramaticais.

A passagem do vocabulário ao léxico exige que seja levado à posse, pelo falante/ouvinte, de um vocabulário passivo, quer dizer, todo falante tem uma dupla competência léxica, não redutível a uma oposição entre competência e *performance*. Nesse sentido, numerosas unidades são compreendidas sem nunca serem realizadas e a consideração da situação bastará para seus entendimentos, já que certas palavras, corretamente registradas e decodificadas pelo falante, podem não ter probabilidade alguma de emprego ativo para o falante.

Ainda segundo Dubois et al (1999), a consideração das dificuldades encontradas pela linguística descritiva na determinação do léxico tem levado a linguística moderna a diferentes tentativas para atribuir o lugar do léxico na gramática como também na competência linguística geral.

O campo do léxico, diferentemente do campo semântico, pode estabelecer-se com base em outras significações. Por exemplo, refinar possui dois campos

derivacionais diferentes: tem-se (1) **refinar** (alguém) terá por nominalização **refinamento**; também se tem o sentido (2) **refinar** (petróleo, açúcar) que terá por nominalização **refinação**. Os derivados **refinação** e **refinaria** corresponderão apenas ao segundo exemplo. O campo do léxico é reservado para estabelecer o conjunto das palavras que designam os aspectos diversos de uma técnica, de uma ideia, de uma relação, entre outros. Com efeito, tem-se um campo lexical das relações de parentesco orientado por certo número de dimensões estruturais, variáveis, conforme as línguas.

A probabilidade de se atribuir outro significado a uma unidade lexical já existente ou mesmo de criar significações para novas situações e experiências do falante distancia-se da noção de fixidez lexical, e é o que permite compreender palavras como **babado** (molhado de baba), **babado** (parte de vestimenta), **babado** (fofoca), **galhada** (emaranhado de galhos de árvore), **galhada** (pessoa traída), **twitter** (chilrear, som que os pássaros emitem), **twitter** (mensagem, postagem).

Esses exemplos mostram casos de unidades com dois ou mais sentidos, que não estão unicamente associadas com as suas estruturas morfológicas e sim às circunstâncias de um processo de comunicação. É no contexto de uso da língua que o significado dessas unidades é atualizado e reciclado.

Estes exemplos confirmam o conceito de léxico proposto por Sprenger-Charrolles (1984, apud TURAZZA, 2005, p. 77) de que o léxico é resultado da atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos. Já Rosa (2005, p. 88), por sua vez, demonstra que o léxico representa o conjunto de palavras que está disponível para a atuação das regras morfológicas. De acordo com a autora, as palavras no léxico pertencem às classes abertas, ou seja, as classes que sincronicamente podem admitir novos membros e apresentam novos significados.

Os autores citados definem o léxico como um sistema aberto, composto por lexemas, mas alguns autores não fazem menção às categorias híbridas de palavras. De tal modo, a categoria de léxico e gramática deve ser analisada, conforme a noção de *continuum* de classes gramaticais, para contemplar as categorias híbridas da língua.

Alves (1990, p. 5), por exemplo, aponta que o acervo lexical de todas as línguas vivas se modifica e se renova com o passar do tempo. Dessa forma, algumas palavras caem no desuso e tornam-se antigas, outras novas são criadas pelo falante de uma comunidade linguística. Oliveira e Isquerdo (1998, p. 7), em sua apresentação da 1ª edição da obra *As Ciências do Léxico*, ressaltam que “o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade /.../ na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define também fatos da cultura”. Conforme as autoras, pode-se dizer que o léxico constitui o patrimônio vocabular de uma determinada comunidade linguística ao longo de seu processo histórico. No entanto, para os estudos em gramaticalização, a língua varia com o passar dos anos, significando que antigas formas da língua podem ser recrutadas para exercer novas funções, ou então novas formas linguísticas podem emergir na língua com o intuito de satisfazer as necessidades dos usuários da língua em uma dada situação comunicativa.

Como se pôde perceber, o aparato teórico acerca do léxico, segundo os diferentes autores, de certa forma corrobora a necessidade de se empreenderem pesquisas sobre as novas contribuições de criação de ULNs na contemporaneidade, o que se procurou realizar neste trabalho. Na sequência, será abordada uma problemática que busca averiguar a interface entre o léxico utilizado pelos jornalistas produtores de *blogs* e suas criações neológicas ditas regionais, embora a pesquisa reconheça a dificuldade em estabelecer tal critério a partir da internet.



## MARCAS DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL NO LÉXICO

Para Benveniste (1989, p. 100), a língua e a sociedade mantêm entre si uma relação semiótica de interpretante (língua) e interpretado (sociedade), em que esta é contida por aquela. O nível linguístico em que a relação língua/sociedade é mais explícita, ou evidente, é no léxico. Como, porém, ressalta o autor, não é possível examinar o léxico fora de sua enunciação, a língua tem de ser analisada em relação a sua realidade social.

No léxico é que se rotulam as mudanças encadeadoras dos caminhos e dos descaminhos da humanidade, pois estas compõem o cenário de revelação tanto da realidade quanto dos fatos culturais que permeiam a sua história. O léxico é marcado pela mobilidade, isto é, as palavras e as expressões com elas construídas surgem, desaparecem, perdem ou ganham significações.

A necessidade de se comunicar obriga os usuários da língua a se lançarem no uso de ULs para enunciarem seus pensamentos por meio de entidades vocabulares que, nem sempre, estiveram ou estão disponíveis para o seu uso impondo-se, desta forma, a urgência de criá-las ou evocá-las no fragor do ato expressivo. O falante é instado a ampliar o seu inventário vernacular para dar conta do seu entorno e do seu estar-no-mundo, sob pena de ser exilado dos jogos de convivência que revelam, na unidade lexical, o seu penhor e a sua fonte de produção. Tendo em vista o surgimento do *blog*, viu-se a necessidade de nomear o usuário desse gênero textual virtual como blogueiro, por exemplo.

O léxico só pode ser adequadamente interpretado quanto analisado a partir do contexto em que foi enunciado, isto é, a partir de sua enunciação, da relação produto (enunciado)/processo (enunciação). Neste aspecto, é previsto que o acervo lexical de uma língua está sempre se renovando. Para a língua portuguesa, uma das maiores contribuições atuais está por conta da influência da língua inglesa, principalmente, no uso informal. Um dos motivos é o grande uso de equipamentos de informática, assim como o uso de *softwares* e *hardwares*, cujo uso requer ULs e expressões que estão a cada dia mais presentes na língua portuguesa do Brasil. Além de tais contribuições, ocorre diariamente e de maneira muito discreta, sem a percepção consciente do usuário da língua, uma renovação vocabular. Isso ocorre, pois algumas palavras caem em desuso, dando espaço para novas palavras, iniciando um processo de criação lexical, o qual recebe o nome de neologia, em que o elemento resultante, a nova palavra, recebe o nome de neologismo.

Inicialmente, para se entender o que é um neologismo, será ressaltado o que significa léxico. Léxico, como já foi abordado, é o conjunto das unidades lexicais significativas de uma dada língua, em um determinado momento da sua história. Diversos linguistas relacionam o par léxico/vocabulário com as oposições preconizadas por Saussure entre *langue/parole*. As unidades virtuais do léxico, que constituem sistemas abertos (ou inventários ilimitados) são atualizadas no discurso. Nesse contexto, léxico opõe-se a gramática, dado que o léxico é um sistema aberto e a gramática um sistema fechado.

De acordo com Barbosa (1981, p. 78), a neologia constitui o processo pelo qual a mudança linguística fornece o aparecimento de formas significante e significado que ainda não tinham sido identificadas na língua ou em um dado conjunto de enunciados. Tal processo é estruturado no nível de suas consequências, de resultados, originando

novas palavras. A neologia exige um sistema, ou seja, um conjunto de regras que possuem uma coerção sobre a criação, a determinação, a sinalização e o emprego dessas novas ULs.

Barbosa ressalta que o primeiro momento, o da criação, está ligado ao processo de enunciação, quando o locutor, ao perceber um novo dado antropocultural e, ao estruturar um novo signo linguístico, passará esse dado a outro falante, em um ato de enunciação em que ele apareça pela primeira vez. Já as ULs existentes no léxico, que poderiam servir para aquele novo modelo, não são empregadas por não exprimirem, a seu ver, todos os traços sêmicos que o locutor deseja transmitir.

O segundo momento, o da aceitabilidade, só passa a ter estatuto se o seu uso se generalizar a ponto de ser um vocábulo disponível, pelo menos, de um grupo de pessoas. Em um primeiro momento, os membros do grupo tomam conhecimento da criação do neologismo e, conseqüentemente, passam a usá-lo. Dessa forma, ele vai se difundindo. Ou pode ocorrer uma rejeição natural da ULN e esta desaparecer logo depois de aparecer. Mas, se a unidade neológica passa a ser de uso frequente e de distribuição regular entre os usuários da língua de uma comunidade, ela deixa de ser neologismo e perde seu caráter inovador.

Por fim, o terceiro momento, o da perda da consciência do fato neológico, ocorre com a repetição do neologismo, à medida que se emprega esse neologismo e os falantes/ouvintes vão tendo contato com ele gradativamente. Nesse momento, desaparece o ímpeto provocado inicialmente pela novidade lexical, até que, sem perceber, os vocábulos passam a integrar o acervo das ULs memorizadas entre os falantes.

A evolução da língua está inteiramente ligada à necessidade de expressão do falante. Isso significa dizer que, se o falante cognitivamente cria uma sensação, ele terá de nomeá-la, ou utilizando um referente já existente na língua ou criando uma nova UL para representá-la. Cada nova UL criada, utilizada e institucionalizada dá suporte para a evolução do acervo daquela língua. Isso mostra que o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas ULNs deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de ULNs é criada pelos falantes de uma comunidade linguística.

Ao criar um neologismo, o emissor tem, muitas vezes, plena consciência de que está inovando, gerando novas ULs, pelos processos de formação vernaculares ou pelo emprego de estrangeirismos. Essa sensação de neologia traduz-se graficamente por processos visuais como aspas, maiúsculas e itálicos, que visam a realçar o resultado da criatividade lexical. É por meio dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que as ULNs recém-criadas têm oportunidade de serem conhecidas e, eventualmente, serem difundidas. Entretanto, ser conhecido pelo falante é diferente de pertencer ao acervo lexical de uma língua. Nesse caso, o que ocorre é que a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não difusão, decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma.

O dicionário geral ainda representa a maior obra lexicográfica existente, não apenas da língua portuguesa, mas também de outros idiomas. A institucionalização significa que uma formação foi abonada e incluída no dicionário deixando de ser, portanto, neológica, se for considerado esse produto dicionarístico como *corpus* de exclusão.

A seguir, algumas considerações acerca do gênero textual *blog* e a descrição de como a pesquisa foi desenvolvida.

## O GÊNERO *BLOG*

Quando se fala de textos produzidos na Internet, há que se mencionar o hipertexto. Para Xavier (2004 apud MARCUSCHI, p. 171), “hipertexto é uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”.

O que mais chama a atenção nesse gênero *blog* é o abundante uso da escrita como espelho da fala, criando características específicas, uma identidade reconhecida hoje como *Internetês*. Conforme Camara Jr. (1980), a língua é, de maneira geral, coletiva, mas cada um de nós tem certas peculiaridades linguísticas, ou pelo menos preferências. Dessa forma, a equidade presente nos traços estilísticos deste gênero assume uma nova identidade e se projeta como um dialeto comumente utilizado por esta comunidade linguística, em que a escrita e a oralidade se tornam uma só, assinalada pela completa despreocupação com a formalidade gramatical. O *blog* ou caderno digital é uma página da *Web*, cuja estrutura permite a atualização rápida.

Apesar da nítida sensação de estarem em uma conversa, devido às diversas postagens sobre um determinado assunto que foi relatado para que as pessoas possam colocar suas opiniões, os enunciados que estão sendo produzidos são construídos em um texto falado por escrito. Surge, dessa forma, uma espécie de acordo entre os componentes que utilizam este novo gênero, iniciando uma sociedade linguística possuidora do poder de criação e transformação do uso da língua que apresenta como características: a utilização de vocábulos gírios e neologismos; o aparecimento de marcas de envolvimento entre os interlocutores, o tom de informalidade e descontração presentes no diálogo; as interrupções sintáticas, a perda da continuidade conversacional; a repetição de períodos curtos e simples, até mesmo com uso de palavras reduzidas e a incorporação de estrangeirismos; hesitações, repetições, paráfrases e marcadores conversacionais.

Tudo isso aproxima a escrita da fala cotidiana, solicitando uma nova reconfiguração das formatações tradicionais da escrita e ainda um ritmo conversacional aproximado da esfera dialógica cotidiana. Conseqüentemente, essa atividade comunicacional apresenta também uma vinculação situacional, isto é, não pode a língua, nesta esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva (MARCUSCHI, 1991, p. 5-16). Assim, existe uma infinita possibilidade e permissividade de recursos linguísticos que estão em constante movimento e que, de uma forma geral, são responsáveis por manterem vivo esse gênero.

Segundo Bakhtin (1998, p. 123), sendo a palavra o material privilegiado de interação entre as pessoas, não pode a linguagem ser compreendida separadamente do fluxo da comunicação verbal. O processo de interação verbal para Bakhtin versa em uma unidade básica, de natureza dialógica, que não funciona separadamente entre o discurso oral ou escrito, o que ratifica o *blog* enquanto produção de linguagem. O texto produzido no *blog*, apesar de ser escrito, também põe em uso a modalidade de uso da fala, apresentando uma nova articulação da linguagem, que pode ser concebida como forma complementar de ver e compreender o mundo, propondo uma visão de interação dialógica atingida na comunicação entre os seres humanos.

Assim, pode-se descrever o plano textual do *blog* que, para Bronckart (1999), refere-se à organização de conjunto do conteúdo temático, mostrando-se visível no processo de leitura. Em relação a esse gênero, o plano geral se apresenta desta forma:

- a) no cabeçalho, é apresentado o nome e um resumo do tema do diário;

- b) as laterais são utilizadas, em geral, para mostrar o perfil do dono do *blog* e seus contatos e, ainda, arquivos de textos e fotos já publicados, além de endereços e comentários recomendados pelo blogueiro;
- c) o texto que se apresenta vem acompanhado de assinatura, data e horário em que foi escrito. O dono do *blog* coloca também atalhos para que o leitor possa encontrar outros textos com o mesmo tema, ou aos quais o texto principal faz alusão;
- d) há um espaço para que o leitor do *blog* deixe seu comentário.

As mensagens *on-line* são enunciados linguísticos, enviados ao destinatário que está naquele mesmo momento ligado ao computador, através do *blog*, o qual recebe mensagens instantâneas, estabelecendo-se um diálogo. Essa interação simultânea se dá entre duas pessoas ou também com um grupo de pessoas. Resumidamente, o *blog* é considerado uma agenda, com o intuito de arquivar informações, que podem ser atualizadas a qualquer momento e também propiciam o diálogo de diversas pessoas, por meio dos *posts*.

Tal instrumento que permite a conversação *on-line* possui detalhes que desconstróem completamente os conceitos tradicionais de comunicação, pois permitem ainda que os envolvidos no processo possam ver imagens.

## DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

O armazenamento desses *corpora* ocorreu no programa *Microsoft Word*. Primeiramente, foram realizadas leituras minuciosas, separando o que se acreditava serem candidatas a ULNs nas mensagens dos blogueiros. Pesquisou-se no *Dicionário Eletrônico Houaiss*, considerado como *corpus* de exclusão, cada ULN para verificar se alguma estava dicionarizada. Se estivesse, logo era descartada. Após isso, foram analisadas essas ULNs conforme os itens que constam nas fichas neológicas: ULN, referências gramaticais, contexto, descrição da ULN, assunto, referência do contexto, observações linguísticas, sinônimos, número de ocorrências, autora, revisora e data, como será visto mais adiante de forma sistematizada.

Para preencher o número de ocorrências daquelas ULNs que foram retiradas das mensagens dos blogueiros, utilizou-se a ferramenta *localizar* do programa *Microsoft Word*. Assim, colocou-se a ULN encontrada e foi verificado o número de vezes em que aquele neologismo apareceu nos *corpora*, ou seja, nos três *blogs* que foram utilizados para a coleta das ULNs. Na sequência, para verificar o número de ocorrências, foram adicionados o número de vezes em que determinada ULN aparecia nas mensagens dos blogueiros, como também nas mensagens dos *posts*.

Foi possível perceber os assuntos em que as ULNs estavam inseridas devido às análises das fichas neológicas, mais especificamente, por meio dos contextos. Além disso, foram constatadas as possíveis condições de produção de cada ULN.

Verificou-se a qual tipo de neologia pertenciam as ULNs analisadas, utilizando-se como base teórica os critérios de Correia e Almeida (2012, p. 18). As autoras destacam três tipos de neologia: denominativa, estilística e unidades que resultam da neologia da língua. O tipo de neologia foi demonstrado mediante uma tabela, na qual constavam as ULNs encontradas nos *blogs* e o tipo de neologia. Por fim, a classe de palavras tornou-se evidente por conta do contexto de uso, como será visto na análise.

Conforme as análises apresentadas, constataram-se os seguintes resultados quantitativos. No *blog* que representou o Estado do Paraná (PR), houve 34 ocorrências. Já o *blog* destinado ao Rio Grande do Sul (RS) obteve cinco ocorrências. Por fim, no *blog* que representou Santa Catarina (SC) houve nove ocorrências, totalizando 48 ULNs, fato que foi constatado com as fichas neológicas.

Para a sistematização da análise quantitativa, foi utilizado um modelo de ficha neológica, que serviu como dossiê de cada uma das ULNs coletadas. Ele contou com os seguintes campos: 1. *ULN* - encontrada na mensagem dos blogueiros; 2. *Referências gramaticais* - indicações morfológicas mínimas para a identificação da ULN; 3. *Contexto* - transcrição do contexto, preferencialmente de caráter definitivo, colocado entre<>; 4. *Referências do contexto* - indicações do site que remete ao *corpus*; 5. *Descrição da ULN* - identificação de traços necessários para identificação do conceito, ou seja, um elemento genérico e suas características específicas que individualizam a ULN definida; 6. *Assunto* - refere-se ao assunto em que a ULN está inserida; 7. *Observações linguísticas* - indicações de particularidades gramaticais; 8. *Sinônimo* - indicações de diferentes significantes para a ULN, que possuem o mesmo significado; 9. *Número de ocorrências* - as ocorrências da ULN analisada nas mensagens dos blogueiros e nos *posts* dos leitores do *blog*; 10. *Autora da ficha de pesquisa neológica* - nome da pesquisadora que preencheu a ficha; 11. *Revisora* - nome da pesquisadora que revisou a ficha; 12. *Data* - quando foi identificada a ULN analisada pela primeira vez.

Para a apresentação dos dados da pesquisa, foi necessário chegar a uma espécie de verbete. Neste sentido, foram eleitos como itens recorrentes: ULN, referências gramaticais, contexto, referências do contexto, data, descrição da ULN sob o ponto de vista semântico, procurando explicar o seu sentido e, em outro parágrafo, a descrição de sua formação. Não foi proposto nenhum item não recorrente porque não houve necessidade diante dos objetivos da pesquisa. As fichas de pesquisa neológica estão disponíveis em um banco de dados no site [www.dlp.uem.br/nuterm](http://www.dlp.uem.br/nuterm), pois se estivessem no presente trabalho ocupariam um espaço relevante.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível constatar que o número de ocorrências ficou em 48 ULNs identificadas pelo critério de seleção descrito. É importante salientar ainda que foram destacadas as ULNs empregadas pelos blogueiros como também as dos *posts* dos leitores, ou seja, estes números representaram 164 ocorrências em relação às 48 ULNs.

Ficou evidente que, no *blog* que representava Estado do PR, o número de ocorrências de ULNs foi maior em relação aos demais *blogs*, totalizando 120 ocorrências. Já no *blog* que representava SC, houve 34 ocorrências. Por fim, o *blog* que representava o RS obteve apenas 10 ocorrências. Além disso, foi possível detectar que, dentre as ULNs analisadas, 15 foram sintagmáticas.

Os assuntos que mais propiciaram o surgimento das ULNs foram a política, com 66 ocorrências, e o futebol, com 37 ocorrências. Também é importante salientar que essas ULNs foram utilizadas, na maior parte das vezes, como uma forma de criticar, denunciar ou até mesmo satirizar algumas situações ocorridas por conta de alguns políticos que, muitas vezes, utilizam práticas ilícitas para, desta forma, obter aquilo que desejam, por exemplo, “a principal novidade na **dança das cadeiras**, que o governador Raimundo Colombo (PSD) promove agora em seu governo...” Em relação ao futebol,

percebe-se que o emprego de certas ULNs é uma forma de satirizar algumas situações, por exemplo, “a seleção brasileira será **varrida** do campeonato...” ou mesmo “Neymar exhibe o penteado estilo **vassoura** no treino da seleção”.

Dentre as análises realizadas nas fichas neológicas, foi possível observar que o grande número de ULNs, principalmente nos *blogs* que foram analisados, com assuntos destinados ao público adulto, estão sendo produzidas em larga escala para remeter a uma ideia de crítica, até porque essas ULNs têm como principal assunto a política. Logo, devido aos diversos descasos pelos quais a política brasileira tem passado, de alguma forma os Estados que formam a Região Sul do País também acabaram sendo afetados, o que fica evidente com a ocorrência de 30 ULNs com a ideia de crítica. Em segundo lugar, com 12 ocorrências, ficou a ideia de sátira, pois de algum modo uma parte dessas ULNs têm a política como assunto.

O *blog* que representava o PR contribuiu com 22 ULNs utilizadas para criticar e dez ULNs usadas para satirizar. Já o *blog* que representava SC obteve oito ULNs como crítica e apenas um neologismo como sátira. Por fim, no *blog* que representava o RS, houve apenas quatro ULNs como crítica e duas como sátira. É possível perceber que, nos três *blogs*, as ULNs que estão sendo utilizadas com a ideia de crítica foram as mais recorrentes.

A classe de palavras que predominou na análise foi a dos substantivos, por ser a classe de referência, obtendo 37 ocorrências, sendo 26 masculinos e 11 femininos. Os verbos ficaram em segundo lugar, com sete ocorrências. Já os adjetivos e advérbios tiveram duas ocorrências cada.

O número de substantivos primitivos foi maior, com 35 ocorrências em relação ao substantivo derivado, com 13 ocorrências, talvez porque formações como essas exigem menor esforço cognitivo do falante, por isso há um largo uso de ULNs primitivas.

Também é importante ressaltar que o *blog* que representava o PR contribuiu dentro deste período de pesquisa com 206.826 palavras-ocorrências, obtendo 41,64% do total. O *blog* que representava SC conseguiu atingir 280.653 palavras-ocorrências, com 56,50%. O *blog* que representava o RS contribuiu apenas com 9.202 palavras-ocorrências, com 1,85%. O total geral chegou a 496.681 palavras-ocorrências analisadas.

A partir desses dados, foi perceptível que, dentre 496.681 palavras-ocorrências, o *blog* que representava o PR foi o que mais produziu ULNs, pois por meio de 41,64% de palavras analisadas contribuiu com 120 ocorrências entre as mensagens do blogueiro e os *posts* dos leitores. É importante salientar que grande parte dessas ULNs apareceram no título das mensagens do blogueiro, como uma forma de produzir títulos mais atrativos com o intuito de conseguir atrair o leitor para ler as informações ou até para que postasse no *blog*, porém também foi possível encontrar ULNs no corpo do texto. Com a análise, ficou evidenciado que este *blog* não tem um público-alvo específico.

No *blog* que representava SC, foi possível perceber que o comentário do blogueiro era longo, havia um uso da norma padrão culta da língua e, por conta disso, como também por causa dos *posts*, que não eram muitos, foi possível concluir que este *blog*, diferentemente do *blog* que representava o PR, possuía um público-alvo específico.

Por fim, o *blog* que representava o RS apresentava características semelhantes a aquelas encontradas no *blog* que representava SC, ou seja, mensagens longas, uso da norma culta da língua, baixo número de *posts*. O número de mensagens postadas pelo blogueiro foi bem menor em relação ao *blog* que representava o PR e SC, pois restou

visível que este *blog* tinha um público específico. Sem contar que o blogueiro não postava todos os dias e, às vezes, deixava semanas sem atualizar o *blog*, o que pode ser evidenciado com o baixo número de palavras-ocorrências encontradas.

A partir dos *blogs* que representavam RS e SC, foi possível perceber que, embora se tenha um gênero virtual, que não exigiria, talvez, um vocabulário tão formal, ainda existiria uma certa resistência por parte dos leitores de que a língua escrita deva ser apenas essa. Logo, as variedades linguísticas desses Estados não estavam presentes nesses *blogs*, e a linguagem formal foi bastante predominante, fato que não foi evidenciado no *blog* que representava o PR.

Para finalizar, segue apenas uma amostra de três verbetes de análises dos neologismos que foram encontrados nos *blogs* dos três Estados da Região Sul do Brasil. Como se viu acima, foram recolhidos 48 neologismos que compuseram os *corpora* totais e a descrição completa está presente na dissertação publicada.

#### **cornificação** sm

*É o que podemos chamar de “indústria da <cornificação>”.* ([www.blogs.odiario.com/edsonlima/](http://www.blogs.odiario.com/edsonlima/)) - 22/10/2012

A ULN *cornificação* está se referindo à traição. Um site incentiva homens e mulheres casados a traírem, defende a infidelidade, mas não foram aceitas propagandas de tal site na Rede Globo de madrugada, porém a Rede Bandeirantes e a Record aceitaram. O site já arrecadou 60 milhões de dólares no ano passado. Já, neste ano, esperam-se 90 milhões. Substantivo simples. Formado pelo processo da derivação sufixal, com o sufixo -ção, a partir da base verbal *cornificar*, que por sua vez, é constituída pela base *corno* mais o sufixo -ficar com ideia de algo recorrente. (Neologismo lexical).

#### **pedinheiro** sm

*<Pedinheiro>As aulas na UEM começaram hoje e os calouros estão pelas ruas pedindo dinheiro para motoristas.* ([www.blogs.odiario.com/edsonlima/](http://www.blogs.odiario.com/edsonlima/)) - 04/01/2013

A ULN *pedinheiro* designa que os alunos da Universidade Estadual de Maringá (UEM) utilizam como uma forma de trote impor aos calouros que peçam dinheiro nos semáforos para que deste modo possam conseguir recursos para fazerem alguma festa e, assim, é possível que calouros e veteranos acabem se conhecendo. Por meio deste contexto, fica evidente que essas pessoas que pedem dinheiro no sinal são chamadas de *pedinheiro*. Substantivo composto. Formado por truncamento, ou seja, pedir mais dinheiro. (Neologismo lexical).

#### **semaforizado** adj

*Rotatória <semaforizada> Claro que, como sempre, haverá crítica, mas já deu pra ver que os semáforos colocados pela Secretaria de Transportes na Praça 7 de Setembro (Praça do Peladão) melhorou o trânsito no local.* ([www.blogs.odiario.com/edsonlima/](http://www.blogs.odiario.com/edsonlima/)) - 26/02/2012

A ULN *semaforizada* é designada para um local com vários semáforos. No presente contexto, a ULN foi utilizada para caracterizar a rotatória de uma praça em Maringá. Substantivo simples. Formado por derivação de *semaforizar* com ideia de colocar semáforos. (Neologismo lexical).

## CONCLUSÃO

Este trabalho buscou apresentar uma análise de ULNs identificadas em três *blogs*, cujos blogueiros eram jornalistas de três jornais da Região Sul do Brasil (correspondendo aos Estados do PR, RS e SC), por meio das fichas neológicas transformadas em uma espécie de verbete, como demonstraram as ocorrências dessas ULNs que foram analisadas nos *blogs*, e também mostram, entre os assuntos que estavam presentes nos *blogs*, os que mais propiciaram a criação de ULNs. Assim, propôs uma discussão a respeito das definições de ULNs por meio do embasamento teórico já citado.

Em uma análise geral, que inclui as mensagens dos blogueiros mais os *posts* dos leitores dos *blogs*, que representou o Estado do PR, o número de ocorrências de neologismos foi maior em relação aos demais *blogs*, totalizando 120 ocorrências. Já no *blog* que representou SC houve 34 ocorrências. Por fim, o *blog* que representou o Estado do RS teve apenas 10 ocorrências, totalizando 164 ocorrências de neologismos.

Dentre as análises realizadas nas fichas neológicas, foi possível observar que grande parte dos neologismos, principalmente nos *blogs* analisados, estão sendo produzidos em larga escala para remeter à ideia de crítica, até porque esses neologismos têm como principal assunto a política. Logo, devido aos diversos descasos pelos quais a política brasileira tem passado, de alguma forma os Estados que compõem a Região Sul do País também acabaram sendo afetados. É importante ressaltar que o tipo de neologia mais encontrada nas ULs analisadas foi a estilística, devido ao gênero que foi analisado, que exige cada vez mais criatividade dos blogueiros, que são jornalistas vinculados aos três grandes jornais desses Estados e tentam transmitir as informações diárias de uma forma mais atraente, o que propicia mais acesso e postagem dos leitores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. M. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKHTIN, M. V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. Campinas: Pontes, 1989.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York; Chicago; San Francisco; Toronto: Holt, Rinehart & Winston, 1933.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP, 1999.
- CAMARA Jr., J. M. *Princípios de linguística geral*. 6 ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria, 1980.



CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. de B. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão monousuário 3.0. Instituto Antônio Houaiss: Editora Objetiva, 2009.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. Trad. de Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1991.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. *Hipertexto e gêneros textuais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Editora Lulna, 2004.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, v. 1. Campo Grande: UFMS, 1998.

PANICHELLA, F. C. *A criação vocabular em blogs: motivações e análises*. 2014. 113f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

POTTIER, B. *Presentación de la lingüística*. Madrid: Románia, 1968.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2005.

TURAZZA, J. S. *Léxico e criatividade*. São Paulo: Annablume, 2005.

### **Documentos eletrônicos**

LIMA, E. Jornal “*O Diário do Norte do Paraná*”. Disponível em: <http://blogs.odiarario.com/edsonlima/>. Acesso em: 13 fev.2012 a 13 fev.2013.

PEREIRA, M. Jornal “*O Diário Catarinense*”. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/moacirpereira>. Acesso em: 13 fev.2012 a 13 fev.2013.

BENVEGNÚ, C. Jornal “*Zero hora*”. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/sensoincomum>. Acesso em: 13 fev.2012 a 13 fev.2013.

## A INFORMAÇÃO FÔNICA NO DICIONÁRIO *PAROLA CHIAVE*

Maritana Luiza ONZI  
 Universidade de São Paulo (Doutora)  
 tanaluiza@hotmail.com

**RESUMO:** Os dicionários são instrumentos indispensáveis na aprendizagem das línguas estrangeiras. Eles são um ótimo instrumento pedagógico, pois constituem uma ferramenta de pesquisa e ensino ao incorporarem aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos e fonéticos das línguas reunidos em um só lugar. Dado que a informação fonética está entre as indicações que integram os dicionários, nosso trabalho tem como objetivo analisar a pronúncia no dicionário *Parola Chiave*, obra bilingualizada e desenvolvida para aprendizes brasileiros da língua italiana. Svensén (1993) defende que a necessidade de pronúncia nos dicionários varia entre as línguas. No italiano, as não correspondências entre a ortografia e a pronúncia são poucas e sistemáticas, no entanto, a posição do acento nem sempre é previsível e deve ser indicada no dicionário. Há dicionários, como é o caso da obra analisada, que marcam o acento somente na entrada, ou seja, sem a repetição da palavra. Nesse caso, a marca que indica a sílaba tônica deve ser colocada entre as letras ou embaixo, porque acima pode parecer parte da ortografia da palavra. Como metodologia de análise do dicionário, observamos: 1) qual sistema de notação é utilizado para anotar a pronúncia; 2) como a informação fônica é descrita no *outsidematter*; 3) se a obra em análise auxilia o aluno na produção oral. Com as análises feitas, poderemos verificar se o dicionário em estudo consegue fornecer ao consulente, de forma clara e satisfatória, as informações que ele busca quanto à pronúncia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dicionários; Língua italiana; Pronúncia.

### INTRODUÇÃO

O interesse em elaborar dicionários que tornem mais produtiva a consulta pelos usuários fez com que lexicógrafos desenvolvessem questionários sobre quais informações os consulentes buscam nesse tipo de obra. E os resultados dessas pesquisas<sup>1</sup> apontam que o dicionário é utilizado por várias razões, entre elas: checar a ortografia, verificar a pronúncia, conferir as relações sintagmáticas e principalmente procurar o significado de uma palavra.

O anseio dos usuários em relação ao que eles procuram nos dicionários é corroborado por Ettinger (1982). O autor defende que os dicionários não devem só informar sobre as unidades lexicais aceitáveis e suas significações, mas têm de fazer afirmações sobre ortografia, pronúncia, nível linguístico e frequência de uso. As obras lexicográficas devem conter, portanto, em cada entrada, uma série de indicações de caráter orientativo.

As pesquisas que consultamos apontaram que a pronúncia está entre os três itens que os consulentes mais procuram, porém nem sempre a maneira como as indicações da

pronúncia aparecem dentro da microestrutura ajudam o consulente a localizar rapidamente a informação desejada e, em muitos casos, não permitem nem mesmo que o consulente entenda que tipo de informação está sendo oferecida. Um importante componente do dicionário, o *outsidematter*, no qual está presente o guia de pronúncia, poderia elucidar possíveis dúvidas dos usuários ao se depararem com os símbolos aplicados na microestrutura. Acreditamos que um guia de pronúncia bem elaborado facilita a compreensão do consulente e é uma peça fundamental para o sucesso do usuário nas respostas que ele busca quanto à informação fônica.

A maneira de registrar a pronúncia nos dicionários está condicionada à relação existente entre a representação ortográfica e a pronúncia das línguas. Línguas como o inglês e o francês, em que o que se escreve é bastante diferente do que se lê, a indicação da pronúncia deve ser feita com a utilização do Alfabeto Fonético Internacional e deve ser mostrada em todas as entradas. Já para o italiano e o português, em que o princípio fonêmico é semelhante ao gráfico, podem-se utilizar outras maneiras de indicar a pronúncia, como a indicação pela ortoépia. Essa maneira de registrar a pronúncia consiste em colocar letras e acentos logo após a palavra-entrada que contém peculiaridades de pronúncia.

Para investigar as possibilidades de indicação da pronúncia e ver se respondem a contento as dúvidas dos usuários, selecionamos para as nossas análises um dicionário bilingualizado: *Parola Chiave – Dizionario di italiano per brasiliani*. Os dicionários bilingualizados são os que acumulam as funções de dicionário monolíngue e bilíngue. Esses dicionários oferecem uma definição na língua estrangeira e uma tradução na língua do usuário. Será observada qual notação o dicionário usa para indicar a informação fônica e se a maneira como ele anota essa informação comporta as necessidades dos consulentes. Dentre as indicações contidas no *outsidematter* está o guia de pronúncia. Faremos uma reprodução parcial do guia, analisaremos como o dicionário o apresenta, se explica de forma clara e precisa os símbolos utilizados e se os exemplifica.

A pronúncia é um item presente na maioria dos dicionários e consultada pelos aprendizes, porém estudos referentes à informação fônica nos dicionários é um campo pouco explorado em Lexicografia, por isso justificamos a pertinência do nosso trabalho.

Para uma melhor organização, o presente estudo está dividido em cinco sessões: 1) as funções dos dicionários; 2) o dicionário como instrumento pedagógico; 3) a informação fônica nos dicionários; 4) análise do dicionário *Parola Chiave*; 5) considerações finais.

## AS FUNÇÕES DOS DICIONÁRIOS

Ainda que a principal função dos dicionários seja a de relacionar uma série de palavras de um idioma e oferecer seu significado, no caso dos dicionários monolíngues e bilingualizados, e a tradução ou equivalência em outro idioma, em se tratando de dicionários bilíngues e bilingualizados, é sabido, com base em pesquisas, que os consulentes esperam muito mais desse tipo de obra. Além do significado e da tradução, os usuários desejam encontrar nos dicionários a maior quantidade possível de esclarecimentos gramaticais, buscando, dessa maneira, uma orientação para o melhor uso de um idioma.

Seguindo a trilha do caráter orientativo dos dicionários, Dubois; Dubois (1971) defendem que os dicionários são objetos manufaturados, cuja produção é importante para as sociedades desenvolvidas, respondendo às exigências de informação e comunicação. São instrumentos de educação permanente, pois são ao mesmo tempo o livro da idade escolar e o da idade adulta, são o ponto de referência da língua e da cultura para todos os indivíduos pertencentes a uma comunidade. Os dicionários são o símbolo de uma cultura avançada, são objetos culturais, testemunham uma civilização em um dado momento histórico e linguístico.

Constatamos, dessa maneira, que a função das obras lexicográficas é muito mais do que ser um repositório de palavras, elas assumem papéis que podem ser pedagógicos e normativos. Dessa maneira tais obras desdobram-se em vários formatos, objetivando estar de acordo com seus propósitos e a necessidade dos usuários. São usadas para fornecer informações mínimas que ajudariam o consulente no processo da junção das peças do discurso, isto é, de produzir, de compreender e de traduzir em qualquer idioma.

O dicionário é, portanto, uma ferramenta indispensável na aprendizagem das línguas estrangeiras, e o aluno deve saber manejá-lo para tirar dele todo o proveito possível, visto que é a ferramenta que conduz o aluno à autonomia. Os dicionários são um ótimo instrumento pedagógico, pois constituem um recurso de pesquisa e ensino ao incorporar aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos e fonéticos das línguas reunidos em um só lugar. Essa obra é um eficaz instrumento para a aprendizagem de uma língua e ainda não foi possível despertar nos alunos, nativos ou estrangeiros, o interesse por descobrir toda a sua potencialidade.

## O DICIONÁRIO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Nos últimos anos, parece ter despertado um maior interesse dos lexicógrafos para o caráter educacional do dicionário, o qual passou a ser visto não somente como material de apoio e consulta, mas também como um instrumento pedagógico.

Entre os autores que se voltam ao caráter pedagógico dos dicionários em seus estudos está Béjoint (1981). Esse autor acredita que os aprendizes de uma língua estrangeira necessitam, em primeiro lugar, de informações que os capacitem a uma comunicação mais efetiva na língua que estão aprendendo. Eles têm no dicionário uma importante ferramenta a seu dispor, nem sempre perfeita, mas muito útil, que pode levá-los a compreender melhor a abrangência de sentido de uso de uma nova palavra e propiciar uma produção mais correta e exata nas habilidades escrita e oral.

Desenvolver tais habilidades é um dos principais anseios dos consulentes, os quais necessitam de uma orientação sobre a forma mais apropriada para se expressar em sua língua materna ou em língua estrangeira e o dicionário é um instrumento adequado para satisfazer tal anseio.

Referentemente à escolha do dicionário no auxílio ao processo de comunicação, Béjoint (1981) ressalta em seu trabalho que, para as atividades de recepção, o melhor dicionário é aquele que contém o maior número de entradas e as informações necessárias nesse dicionário são o significado denotativo e conotativo, variações de linguagem e informações sobre as irregularidades dos verbos.

Para as atividades de produção, o autor (op. cit.) menciona que, durante a escrita, o aluno necessita de informações ortográficas a fim de saber como se escreve uma

determinada palavra e como a dividimos. Já em atividades orais, as informações fonéticas são necessárias para se conhecer a pronúncia das palavras.

Os dicionários de cunho pedagógico, e nesses se incluem os dicionários bilingualizados, foram criados ante essas necessidades dos estudantes de língua estrangeira, tornando-se uma ferramenta que os ajuda, não só na recepção (leitura, compreensão oral, versão e aquisição de vocabulário da língua que estão aprendendo), mas também em outras atividades, como a produção de textos orais e escritos. Por esse motivo, nos dicionários pedagógicos, tão ou mais importante que a definição, é a informação gramatical, isto é, a indicação das regras dos verbos e adjetivos, das morfologias irregulares e da pronúncia.

Em suma, para os aprendizes ou falantes de um idioma, aprender e saber como usar uma palavra tem uma importância didática, psicológica e social. Saber como usar um lexema corretamente envolve aprender para entender e usar sua fonologia, sua gramática, sua morfologia e seu potencial sintático.

O dicionário é uma obra que tem grande potencial para ser elevado à categoria de material didático utilizado durante o estudo de um idioma, em atividades como: desenvolvimento de vocabulário, estudo da gramática, verificação da pronúncia, uso adequado da língua na produção e recepção de informações, além do conhecimento da cultura. Com todos os recursos e informações presentes nos dicionários sendo utilizadas, podemos afirmar que ele se apresenta como uma ferramenta pedagógica, uma obra necessária que auxilia na aprendizagem de uma língua.

## A INFORMAÇÃO FÔNICA NOS DICIONÁRIOS

A equivalência, ou não, entre a grafia e a pronúncia é um argumento bastante questionado entre os autores para o registro da pronúncia nos dicionários. Welker (2004) acredita que quando um sistema ortográfico se distancia notavelmente do princípio fonêmico, as indicações sobre a pronúncia são imprescindíveis se o elemento léxico não está na competência do falante, seja ele nativo ou não da língua. Em línguas como a francesa e a inglesa, por exemplo, não existe uma correspondência unívoca e constante entre os signos gráficos e fônicos, o que ocasiona a imprevisibilidade da pronúncia de muitos lexemas, por isso a indicação da pronúncia de forma sistemática em todas as entradas é indispensável. Svensén (2009) assume que, para as línguas em que existe uma grande diferença entre a ortografia e a pronúncia, o AFI é o único sistema possível, especialmente para os dicionários bilíngues.

Já para línguas como o português, o italiano e o espanhol, Welker (2004) assume que há regras as quais permitem pronunciar adequadamente a grande maioria dos lexemas, pois existe uma maior coincidência entre a grafia e a pronúncia. O autor argumenta que os dicionaristas podem usar letras e acentos existentes nestas línguas para indicar a pronúncia somente das entradas que podem gerar dúvidas.

Nos dicionários, a informação fônica pode aparecer de forma sistemática em todas as entradas ou somente naqueles vocábulos com peculiaridades de pronúncia. Sobre isso, Svensén (1993) defende que a necessidade do registro da pronúncia em todas as entradas varia entre as línguas. No italiano, por exemplo, as não correspondências entre a ortografia e pronúncia são poucas e sistemáticas, por esse motivo não há necessidade da informação da pronúncia em todas as entradas. No

entanto, o autor chama a atenção para a posição do acento na língua italiana, que não é previsível em muitas palavras e isso deve ser mostrado sempre que haja dúvidas.

Para Svensén (2009), a necessidade de se informar a pronúncia também varia entre os diferentes tipos de dicionários. Em princípio, informações sobre a pronúncia são necessárias nos dicionários que são inteiramente ou parcialmente elaborados para a produção oral. Nos dicionários monolíngues, a pronúncia é necessária apenas nas palavras que podem causar dificuldades, além de todas as palavras estrangeiras. Já nos dicionários bilíngues e também nos bilingualizados, a pronúncia deve ser mostrada em todas as palavras.

Há dicionários que indicam a pronúncia diretamente na palavra-entrada, como é o caso do dicionário que estamos analisando neste estudo. Relacionado a isso, Svensén (2009) defende que para línguas como o italiano, em que há bastante coerência entre a grafia e a pronúncia, a informação fônica pode estar presente no lema sem necessidade da repetição do mesmo; no entanto, a sílaba tônica nem sempre é previsível nessa língua. Nesse caso, o autor diz que o acento pode estar marcado na palavra-entrada, mas deve ser apresentado entre as letras ou embaixo, porque acima pode parecer parte da ortografia da palavra.

O guia de pronúncia, presente no *outsidematter*, tem grande relevância em responder as perguntas dos usuários sobre os símbolos usados na microestrutura. No *outsidematter*, devem ser apresentadas e explicadas as informações de pronúncia que aparecem no interior dos verbetes. Caso o consulente se depare com alguma informação no interior de um verbete que não é entendida, ela poderá ser facilmente recuperada no *outsidematter*.

Expostos os questionamentos que permeiam o assunto por nós levantado e o arcabouço teórico sobre o tema, passemos para as análises do dicionário *Parola Chiave*.

## ANÁLISE DO DICIONÁRIO *PAROLA CHIAVE*

O *Parola Chiave* é um dicionário bilingualizado. Tais dicionários incluem as definições e exemplos em língua estrangeira e ao final de cada definição se acrescenta uma tradução na língua do usuário. Esse tipo de obra combina características do dicionário monolíngue e do bilíngue, o que se acredita favorecer a aprendizagem da língua estrangeira, por desempenhar diversas atividades bastante importantes para a aquisição de uma língua estrangeira: com essa obra o consulente pode decodificar e compreender o idioma que está aprendendo e também codificar e se expressar na língua estrangeira.

Selecionamos o dicionário *Parola Chiave* por se tratar de uma obra que foi concebida especialmente para os estudantes brasileiros da língua italiana. Nas nossas análises, buscamos conferir se ele auxilia o aprendiz nas atividades orais, nas quais as informações fonéticas são necessárias para se conhecer a pronúncia das palavras.

O registro da pronúncia diretamente na palavra-entrada proporciona uma boa economia de espaço, e pode ser viável para o italiano, dado que é um idioma em que existe uma correspondência maior entre a forma oral e a forma escrita. Essa é a opção feita pelo dicionário *Parola Chiave*: a informação fônica nessa obra é registrada no lema com o uso de um acento, que indica a sílaba tônica. Seguem abaixo exemplos extraídos do dicionário:

Chiàve

Equivalére

Misùra

Sógno

Spìna

No italiano somente algumas palavras oxítonas contêm acento gráfico, por exemplo, *università, caffè, virtù*. Tanto as paroxítonas quanto as proparoxítonas não recebem acento gráfico e, como bem salientou Svensen (2009), registrar a pronúncia com o acento sobre a vogal fica parecendo que o mesmo faz parte da ortografia da palavra, o que poderia ocasionar interpretações errôneas dos consulentes do dicionário em análise, já que a marcação do acento é mostrada acima da vogal. O dicionário poderia marcar o acento entre as letras ou embaixo da sílaba tônica, a utilização de um sinal embaixo da sílaba tônica poderia chamar a atenção do usuário e talvez ele fosse buscar mais informações no outsidematter ao se deparar com esses sinais.

A nosso ver, o aprendiz de italiano terá várias dúvidas ao se defrontar com essa maneira de indicar a pronúncia escolhida pelo *Parola Chiave*, pois ainda que exista uma grande coincidência entre a grafia e a pronúncia, no italiano, diversos sons e letras são ambíguos.

Consideramos que a maneira adotada pelo dicionário em análise não seja a melhor maneira de registrar a pronúncia no italiano, pois nesse idioma uma letra pode ter dois sons, o que causa ambiguidade. Por exemplo, a letra **c** se pronuncia como /k/ diante das vogais **a, o, u** e como /tʃ/ diante das vogais **e ei**. Tomando como exemplo a palavra “*caccia*”, que está registrada como (*càccia*) no dicionário, não dá para perceber que existe diferença de pronúncia.

A opção de registrar a pronúncia na palavra-entrada pode funcionar bem entre os falantes nativos que estão familiarizados com os sons de sua língua, mas não funciona entre aprendizes estrangeiros, que podem não saber como se pronuncia uma letra e podem utilizar os equivalentes da sua língua. Por exemplo, no dicionário em análise, a pronúncia da palavra *appiglio* é **appìglio**, esse modo de indicar a pronúncia deixa o usuário falante do português sem nenhuma instrução, o que pode levá-lo a uma pronúncia errada, pois na língua portuguesa, no encontro consonantal **gl** sempre se pronunciam as duas letras, como por exemplo, *glicose, globo*. Na língua italiana, o **gl** é pronunciado diferentemente, dependendo do ambiente em que se encontra: diante da vogal **i** é pronunciado como o fonema /ʎ/, e, em português, este fonema é representado pelo dígrafo **lh**. Nos outros contextos vocálicos, o **gl** em italiano é pronunciado como em português.

Nossa sugestão para resolver o problema das letras e sons ambíguos e da equivalência do som de duas línguas diferentes é que a pronúncia seja registrada na microestrutura empregando os símbolos do AFI. Wells (1985) é partidário da utilização do AFI, afirmando que o uso dos símbolos fonéticos ajuda resolver a ambiguidade ortográfica de algumas consoantes. Queremos salientar novamente a relevância do guia de pronúncia, pois é difícil para os usuários que não têm conhecimento do AFI a decodificação de símbolos de difícil compreensão. No guia, poderia haver informações de fonética articulatória, a exposição dos grafemas, depois os símbolos fonéticos e

exemplos das consoantes e dígrafos que se pronunciam diferentemente de uma língua para outra.

A seguir, passamos a analisar o guia de pronúncia do dicionário *Parola Chiave*. Ele é exibido no final da obra e são reservadas dez páginas para tratar da pronúncia da língua italiana. Salientamos que a sequência e os exemplos foram transcrições feitas a partir do dicionário sofrendo apenas algumas alterações.

O dicionário inicia trazendo uma tabela, que apresenta as letras do alfabeto do italiano, os nomes das letras e os símbolos do AFI:

Letra	Nome	Pronúncia IPA
A	A	/a/
G	G	/j/ /g/
C	Ci	/c/ /k/
S	Esse	/s/ /z/
Z	Zeta	/dz/ /ts/

Depois da tabela, a obra explica de maneira mais detalhada a pronúncia da língua italiana. Inicia dizendo que no italiano há grande correspondência entre os sons e a sua representação gráfica, havendo onze letras do alfabeto que representam de modo unívoco os onze sons correspondentes e cada um deles é pronunciado de uma única maneira, são eles: **a, b, d, f, l, m, n, p, r, t, v**. As outras letras exprimem sons diversos.

A obra faz uma breve observação sobre as variações de pronúncia existentes na Itália, esclarecendo que existem muitas pronúncias regionais e locais e que, por isso, há a necessidade de um modelo de pronúncia unificada. E a variedade escolhida pelo *Parola Chiave* foi a florentina culta, pois essa é a variedade preponderante nos meios de comunicação de massa.

As explicações sobre as vogais e consoantes são separadas e a obra começa explicando as vogais com uma tabela que contém o símbolo do AFI, a representação ortográfica e exemplos:

Representação do som no alfabeto	Representação na grafia corrente	Exemplos na grafia corrente da língua italiana
/a/	a – à	casa – papà
/ɛ/	e – è	bello – caffè
/e/	e – é	pena – perché
/i/	i – ì	libro – così

Logo após a tabela, o dicionário informa que o alfabeto italiano prevê cinco letras para expressar as vogais, mas o sistema de sons vocálicos é formado por sete sons. As vogais “e” “o” são as responsáveis por essa biunivocidade. Quando são abertas, são representadas pelos sons vocálicos /ɛ/, /ɔ/, e quando são fechadas, são representadas pelos sons vocálicos /e/, /o/.

A pronúncia do “e” tônico é aberto e representado pelo símbolo /ɛ/ nos seguintes casos:

- a) No gerúndio dos verbos e nas palavras que terminam em –endo, –enda. Exemplo: correndo /kor’rendo/.
- b) No particípio presente dos verbos. Exemplo: scrivente /skri’vente/.



- c) No condizionale presente dos verbos. Exemplo: verrei /ver'rei/.
- d) No ditongo ie. Exemplo: piede /'pjede/.
- e) Em várias formas verbais do verbo essere. Exemplo: eravamo /era'vamo/.
- f) Nas palavras que terminam em -eca; -ema; -ello, -ella; -enza; -estre. Exemplo: ombrello /om'brello/.

A pronúncia do “e” tônico é fechada e representada por /e/ nos seguintes casos:

- a) Nos advérbios terminados em -mente. Exemplo: velocemente /veloce'mente/.
- b) Nas palavras que contêm o sufixo -mento. Exemplo: portamento /porta'mento/
- c) Nas palavras formadas por uma só sílaba. Exemplo: ne /ne/.
- d) No infinitivo dos verbos em -ere. Exemplo: vedere /ve'dere/
- e) Nas desinências verbais dos verbos em -ere. Exemplo: vedremo /ve'dremo/.
- f) Nas conjunções com sílaba tônica no final. Exemplo: perché /per'ke/.
- g) Nas contrações. Exemplo: dele /'delle/.
- h) Nas palavras que terminam em -eccia, -eccio, -efice, -eggio, -egna, -egno, -esca, -esco, -esse, -esa, -eso, -essa, -etta, -etto, -ezza. Exemplo: dottoressa /dotto'ressa/.

A pronúncia do “o” tônico é aberta e seu símbolo correspondente /ɔ/ ocorre nos seguintes casos:

- a) Nas palavras monossilábicas. Exemplo: no /'nɔ/.
- b) Nas palavras com sílaba tônica no final. Exemplo: perciò /per'tʃɔ/.
- c) Nas palavras que terminam em -occhia, -occhio, -occia, -occio, -olo. Exemplo: coccio /'kɔtʃɔ/.
- d) Nas palavras com ditongo uo. Exemplo: uovo /'wɔvo/.

A pronúncia do “o” tônico é fechada e simbolizada por /o/ nos seguintes casos:

- a) Nas palavras com os sufixos -oio, -oni, -ione, -oce, -onda, -ondo, -ona, -one, -onte, -ore, -osa, -oso, -uosa, -uoso, -zione. Exemplo: mattone /mat'tone/.

Em seguida, o *Parola Chiave* expõe as consoantes. O dicionário inicia com uma tabela que contém: os símbolos do AFI, as características fonéticas do som, a representação ortográfica e exemplos.

Representação do som no AFI	Características fonéticas do som	Signo do som simples ou dobrado	Exemplos
/p/	Bilabial oclusiva surda	p; pp	papa – pappa
/b/	Bilabial oclusiva sonora	b; bb	bambino – babbo
/ts/	Alveolar africada surda	z; zz	azione – pizza
/dz/	Alveolar africada sonora	z; zz	zero – azzerare

/tʃ/	Palatal africada surda ce – ci – cia – cio –ciu	c; cc	cena – ciabatta – accecare.
/k/	Velar oclusiva surda ca – co – cu – ch – che – chi – k – qu – qua – que – qui – quo – c + consoante	c, cc, cch, cq	casa, cuore, chiedere, quadro, acquistare.

Ao final do quadro, a obra explica que as consoantes não são apresentadas em ordem alfabética, mas segundo: a) o ponto de articulação dos órgãos de fonação começando pelo mais anterior e terminando com o mais posterior (labial, labiodental, alveolar, palatal e velar); b) o modo de articulação (fricativa, africada, oclusiva, nasal e líquida); c) a presença ou ausência da vibração das cordas vocais (surda, sonora).

Salienta que a letra “h” não corresponde a nenhum som. É uma consoante usada nas conjugações do verbo *avere*, nas exclamações e para indicar o som velar de “c” /k/ e de “g” /g/ quando precedem as vogais “i” e “e”.

Separando por tópicos, o dicionário esclarece algumas características das consoantes da língua italiana:

- 1) Todas as consoantes, exceto o “h”, podem geminar-se e ter a emissão dobrada. A geminação pode ocorrer entre duas vogais ou entre uma vogal e as letras “l” e “r”. Exemplo: *allagare*, *applicare*.  
Consoantes simples e geminadas distinguem palavras diferentes. Exemplo: *capello* /ka'pello/ x *cappello* /kap'pello/.  
Os sons consonantais /k/ (gl), /ɲ/ (gn), /ʃ/ (sc), /ts/ e /dz/ (z), quando se encontram entre duas vogais, são pronunciados de modo dobrado, mesmo que não estejam representados ortograficamente. Exemplo: *azoto* /ad'dzoto/.  
Numa sequência de duas palavras, a duplicação fonossintática leva a pronunciar de modo dobrado a consoante inicial da segunda palavra e ocorre quando a primeira palavra termina com vogal acentuada e com palavras monossilábicas. Essa duplicação ocorre sobretudo na variedade toscana e centro-meridional. Exemplo: *andò via* /an'dov'via/.
- 2) As consoantes “c” e “g” têm som velar /k/, /g/ diante de **a, o, u**. Exemplo: *casa*, *cura*, *gara*, *gola*. Têm som palatal /tʃ/, /dʒ/ diante de **e, i**. Exemplo: *cena*, *cinema*, *gita*.
- 3) As consoantes “s” e “z” têm dois sons diferentes cada uma. Podem ser sonoro /z/, /dz/ e surdo /s/, /ts/.

A pronúncia do **s** é sonora /z/ nos seguintes casos:

- Quando precede outra consoante sonora **b, d, g, l, m, n, v, z**. Exemplo: *sbadato* /zba'dato/.
- Quando está entre duas vogais. Exemplo: *genesi* /'dʒenezi/.
- Nas palavras que terminam em –esima, esimo; –asi, –isi, –usi. Exemplo: *ventesimo* /ven'tezimo/.

A pronúncia do **s** é surda /s/ nos seguintes casos:

- Quando precede outra consoante surda **c, f, p, q, t**. Exemplo: *spontaneo* /spon'taneo/.
- Em início de palavra, quando precede uma vogal. Exemplo: *sera* /'sera/.
- Quando segue outra consoante. Exemplo: *psicofarmaco* /psiko'farmako/.
- Nas palavras que terminam em *-ese* e *-oso*. Exemplo: *generoso* /dʒene'roso/.
- Quando é geminada. Exemplo: *rossa* /'rossa/.

A pronúncia do **z** é sonora /dz/ nos seguintes casos:

- Em muitas palavras que contêm os sufixos *-izzare, -izzatore, -izzazione*. Exemplo: *colonizare* /kolonid'dzare/
- Quando se encontra em início de palavra. Exemplo: *zanzara* /dzan'dzara/.

A pronúncia do **z** é surda /ts/ nos seguintes casos:

- Frequentemente no grupo *z + i + vogal*. Exemplo: *spazio* /'spattsjo/.
- Em muitas palavras que terminam em *-anza, -enza, -ezza, -ozza, -uzza, -uzzo*. Exemplo: *tendenza* /ten'dentsa/.

Neste último item, optamos pela correção do símbolo /ts/. O *Parola Chiave* transcreveu como /tz/, o que não está correto.

Após as explicações referentes às consoantes, o dicionário fornece informações sobre as semiconsoantes e as semivogais.

O **i** e **u**, em início de palavra ou sílaba e precedendo uma vogal, são considerados semiconsoantes, as quais são encontradas apenas nos ditongos. As semiconsoantes /j/, /w/ são pronunciadas como as vogais /i/ e /u/, porém têm um som mais breve. Exemplo: *ieri* /'jeri/, *uomo* /'womo/.

Quando seguem uma vogal, o **i** e **u** são considerados semivogais e também são pronunciados de maneira mais breve. Exemplo: *farai* /fa'rai/, *Laura* /'laura/.

Posteriormente, a obra oferece esclarecimentos sobre os ditongos, tritongos e hiatos da língua italiana.

Os ditongos e tritongos são formados respectivamente por duas e três vogais pronunciadas numa só emissão de voz, formando assim uma só sílaba. A primeira vogal é sempre um **i** ou **u**. Exemplo: *ieri* /'jeri/, *miei* /'mjei/, *uomo* /'womo/, *guai* /'gwai/.

Ocorre hiato quando duas ou três vogais próximas uma da outra são pronunciadas com distintas emissões de voz, ocasionando duas sílabas diferentes. Quando as vogais **i** e **u** são tônicas e **i** faz parte de um prefixo são chamadas de hiato. Exemplo: *paura* /pa'ura/, *riavere* /ria'vere/.

Sucessivamente, o dicionário, no guia de pronúncia, traz explicações sobre a divisão silábica no italiano. Inicia definindo o que é sílaba e informa que, para formar uma sílaba, é sempre necessária a presença de uma vogal. As regras de silabação da língua italiana são essas:

- Separam-se as consoantes geminadas. Exemplo: *babbo* – *bab-bo*.
- Separam-se os grupos de duas ou três consoantes, diferentes uma da outra, que nunca poderiam ser encontradas no início de palavra. Exemplo: *grande* – *gran-de*.

- Não se separam os grupos consonantais formados por **b, c, d, f, g, p, t, v** + **l** ou **r**. Exemplo: centrale – cen-tra-le
- Não se separa **s** + consoante. Exemplo: pasta – pa-sta.
- Não se separam os grupos consonantais que podem ser encontrados no início de palavra. Exemplo: aspro – a-spro.
- Uma vogal inicial de palavra, seguida de consoante, forma sozinha uma sílaba e separa-se do restante da palavra. Exemplo: ala – a-la.
- Não se separam os grupos consonantais **gl, gn, sc, gh, sch**, conhecidos como dígrafos e trígrafos, seguidos de uma ou duas vogais. Exemplo: lavagna – la-va-gna.
- Não se separam os ditongos e tritongos. Exemplo: ieri – ie-ri.
- Separam-se as vogais que formam hiato. Exemplo: paura – pa-u-ra.

Posteriormente, a obra explica a acentuação da língua italiana. Começa dizendo que o acento tônico nem sempre é indicado graficamente e que a maioria das palavras italianas apresenta acento tônico na penúltima sílaba, sendo, pois, paroxítonas. Exemplo: amico /a'miko/.

Algumas palavras têm acento tônico na vogal final, oxítonas, as quais quase sempre têm acento gráfico. Exemplo: caffè, perché, può.

As proparoxítonas que têm acento tônico na antepenúltima sílaba ocorrem no italiano, sobretudo nos superlativos terminados em –issimo, e nas terceiras pessoas dos verbos que contêm mais de uma sílaba. Exemplo: bellissimo /bel'lissimo/, ridevano /ri'devano/.

O acento tônico é indicado graficamente na forma de acento grave para marcar o som aberto e de acento agudo para marcar o som fechado. Na língua italiana, o uso do acento gráfico é obrigatório nos seguintes casos:

- Em palavras polissilábicas oxítonas. Exemplo: benché, sentirà.
- Em algumas palavras monossilábicas que contêm duas vogais. Exemplo: può, già.
- Em algumas palavras monossilábicas para diferenciar os homônimos. Exemplo: è (verbo) e (conjunção); sì (afirmação) e si (pronome).

Finalizando o guia de pronúncia, o dicionário apresenta as noções de elisão e de apócope.

Na elisão, que na escrita é indicada por um apóstrofo, ocorre a perda da vogal final diante de outra palavra que comece por vogal. Ocorre a elisão com os artigos **una, lo, la**; com **questo, quello** no singular; com a preposição **di**; com a palavra **come** + conjugações do verbo **essere**; e com muitas locuções. Exemplo: l'amico, un'oca, quast'uomo, d'inverno, com'è, senz'altro.

A apócope ou o truncamento é a queda do último elemento de uma palavra composta por mais de uma sílaba. Na apócope, pode ocorrer a queda da vogal mesmo que a palavra seguinte comece por consoante e não se costuma usar apóstrofo. Exemplo: ciascun libro, um bel cane, Il signor Bruno.

Consideramos o guia de pronúncia do dicionário *Parola Chiave* muito bom. Expressa a ortoépia da língua italiana, indica o timbre das vogais, mostra como se pronunciam os encontros consonantais que possam causar dificuldades para o usuário, chama a atenção para as consoantes geminadas que são pronunciadas com uma duração maior e inclusive formam pares mínimos (pares de palavras que se diferenciam somente

pela presença ou pela ausência da geminação de uma consoante), além de possuir informações que os outros dicionários não explicam, como elisão e apócope.

Um problema observado por nós são as falhas de revisão do guia. Esses equívocos podem ocasionar em alguns erros dos usuários, como no caso da transcrição da letra ‘g’, que em alguns momentos é transcrita como /dj/ e também /j/ quando deveria ser /dz/. E a letra “c”, que nos casos de a pronúncia ser velar, ao invés de o dicionário transcrever com o fonema /k/, a obra registra com /c/, símbolo que nemexisteno AFI. A transcrição da letra “z” também apresenta problemas: o *Parola Chiave* transcreveu como /tz/, o que não está adequado, o símbolo /ts/ é o correto.

Os quadros expostos são completos, o dicionário faz uso dos símbolos do AFI, nos quais constam informações de fonética articulatória e exemplos da língua italiana, o que contribui para a decodificação dos fonemas.

O guia de pronúncia do *Parola Chiave* oferece informações relevantes e não repetitivas, as explicações oferecidas auxiliariam o aprendiz de italiano na produção oral. É fundamental, na confecção de um dicionário, dar importância ao outsidematter, verificando a qualidade do guia de pronúncia, pois é essencial que as obras contenham informações sobre fonética articulatória, que mostrem os grafemas, depois os símbolos fonéticos, e, no caso daqueles que usam o AFI, exemplos das consoantes e dígrafos que se pronunciam diferentemente de uma língua para outra e a obra em análise oferece todos esses esclarecimentos.

Com as análises feitas do guia de pronúncia, verificamos que o dicionário em estudo consegue fornecer ao consulente, de forma clara e satisfatória, as informações que ele busca quanto à pronúncia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a presença da informação fônica é pertinente nas obras lexicográficas, principalmente para os dicionários com fins pedagógicos como é o caso do *Parola Chiave*.

Sabe-se que, normalmente, os usuários não apresentam habilidades suficientes para explorar todo o potencial de um dicionário. Essa dificuldade natural por parte do consulente deve ser sanada através de um instrumento heurístico, que atue como um facilitador entre o dicionário e o usuário, influenciando diretamente no resultado da consulta. Esse instrumento está representado através de um dos componentes do dicionário, o outsidematter.

O outsidematter é responsável por esclarecer ao consulente o funcionamento do dicionário, o que lhe permite manejar adequadamente a obra e tirar um melhor proveito das informações que ela fornece. Tal componente é uma introdução detalhada que tem como finalidade facilitar ao estudante o acesso à informação léxica, fônica, semântica, gramatical e cultural contidas em suas entradas.

Os dicionários têm grande potencial de se tornarem uma ferramenta mais útil no ensino/aprendizagem da língua italiana e de auxiliarem os aprendizes do italiano no momento da produção oral, com foco na pronúncia. E, em se tratando da informação fônica, mais vale pecar por excesso do que por deficiência. Um dicionário exaustivo será mais útil a mais pessoas.

## NOTA

(1) Cf., entre outros, ARAÚJO, E.; HÖFLING, C.; WELKER, H.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, E. M. V. M. *O dicionário para aprendizes em sala de aula: uma ferramenta de ensino e aprendizagem*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

BEJOINT, H. The foreign student's use of monolingual English dictionaries: a study of language needs and reference skills. *Applied Linguistics*, v. II, n. 3, p. 207-222, 1981.

DUBOIS, J.; DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie : le dictionnaire*. Paris: Librairie Larousse, 1971.

ETTINGER, S. La variación lingüística en lexicografía. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. p. 359-394.

HÖFLING, C. *Traçando um perfil de usuários de dicionários – estudantes de Letras com Habilitação em Língua Inglesa: um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

HÖFLING, C. *Da análise crítica de definições de nomes concretos em dicionários para uma proposta de definição padrão*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

GIUNTI, C. *Parola Chiave: Dizionario di italiano per brasiliani*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SVENSÉN, B. *A handbook of lexicography. The theory and practice of dictionary-making*. Cambridge: CUP, 2009.

SVENSÉN, B. *Practical lexicography: principles and methods of dictionary-making*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

WELLS, J. C. English pronunciation and its dictionary representation. In: Ilson. R. *Dictionaries, lexicography and language learning*. Oxford: Pergamon Press, 1985.

WELKER, H. A. *Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

## DA AGRICULTURA AO AGRONEGÓCIO: UM ESTUDO SOBRE OS FORMATIVOS AGRI- E AGRO- EM PORTUGUÊS

Neide Higino da SILVA  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Doutoranda)  
neidehigino@uol.com.br

Carlos Alexandre V. GONÇALVES  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
carlexandre@bol.com.br

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar o estatuto morfológico do formativo *agro-* no *continuum* composição-derivação, tal como proposto por Bauer (2005), Petropoulou (2009) e Ralli (2008), a fim de verificar seu posicionamento no referido *continuum*. Essa abordagem origina-se no comportamento de elementos que não se enquadram perfeitamente nas características prototípicas dos formativos que constituem a composição e a derivação, radicais e afixos, respectivamente. Construções consagradas e novas, tais como *agricultura*, *agribusiness*, *agronomia*, *agropecuária* e *agrofit*, embora possuam em comum os elementos composicionais *agri* e *agro*, apresentam características morfológicas, sintáticas e semânticas distintas. Com base nos dados, objetivamos discutir, segundo os parâmetros de diferenciação elencados em Gonçalves (2011a, 2011b, 2012) e Gonçalves e Andrade (2012), o estatuto desses formativos (*agro-* e *agri-*) e dos processos que constituem antigas e novas palavras: composição neoclássica, recomposição ou, ainda, um processo intermediário entre esses dois.

**PALAVRAS-CHAVE:** Composição; Derivação; *Continuum*; Compostos neoclássicos; Recomposição.

### INTRODUÇÃO

A dificuldade em categorizar alguns formativos (*agro-*, *-logo*, *-metro*, *-auto*, *homo-*, *drasta-*, *caipi-*, entre outros), segundo classificação proposta pela tradição gramatical (radicais, palavras, afixos), tem gerado reflexões sobre o estatuto desses constituintes. Formas como *drasta-* (sogradrasta), *-nese* (macarronese), *-nejo* (pagonejo), *caipi-* (caipimate) são consideradas elementos marginais, ao passo que formas como *-logo*, *-metro*, *-auto*, *homo-*, *agro-* são classificadas como radicais eruditos de origem grega; no entanto, esses formativos apresentam comportamento controverso, isto é, o conjunto de características que os identificam não se manifesta plenamente em algumas construções. Desse modo não preenchem todas as condições necessárias e suficientes para serem reconhecidos como radicais. Em função do exposto, examinaremos o estatuto do formativo *agro-* orientados pela perspectiva de *continuum* composição=derivação (KASTOVSKY, 2009; GONÇALVES, 2011a), pois esse

modelo de análise abrange a investigação de diferentes classes de formativos e as variações encontradas de uma classe para outra.

A composição e a derivação são analisadas, tradicionalmente, por meio de uma perspectiva aristotélica de classificação em que os membros devem possuir, igualmente, todas as condições necessárias e suficientes para pertencer a determinada categoria e, nessa ótica, os processos são compreendidos como totalmente distintos e estanques. No entanto, abordagens mais recentes – Bauer (2005), Ralli (2008), Petropoulou (2009), Gonçalves (2011a, 2011b, 2012), Gonçalves & Andrade (2012) e Andrade (2013), entre outras – propõem uma reanálise pautada no modelo de classificação originalmente apresentado por Rosch (1978), que parte de membros exemplares, mais facilmente reconhecíveis (os chamados protótipos), para membros periféricos, aqueles que exibem menor semelhança com o prototípico, gerando uma gradiência. Há, portanto, membros prototípicos e fronteiraços, ou seja, mais próximo ou mais distante do que melhor representa a categoria.

Aplicando esse modelo à morfologia, pode-se afirmar que existem formações que são composições prototípicas (o modelo NN de composição) e derivações prototípicas (X-eiro); no entanto, há, entre esses dois extremos, inúmeros processos de formação de palavras que não se assemelham inteiramente a esses protótipos, partilhando, em maior ou menor escala, características desses dois modelos básicos de expansão lexical.

A organização categorial por protótipos permite não apenas uma análise dos elementos de uma mesma classe – central e periférico –, mas dos elementos que figuram entre as classes, uma vez que há construções que partilham características das diferentes classes, tais como o cruzamento vocabular, a composição neoclássica e a recomposição, processos que justificam a existência de um *continuum*.

A flexibilidade na análise desses processos surge da necessidade de encontrar um posicionamento para os formativos que não se caracterizam, plenamente, como unidades constituintes da composição e da derivação, palavras/radicais e afixos, respectivamente, e apresentam propriedades tanto de um e quanto de outro. Tomado como exemplo o formativo *agro-*, reconhecido pela tradição gramatical como radical neoclássico, constituinte, portanto, do processo de composição (CUNHA E CINTRA, 1985; BECHARA, 2000), percebe-se que, em algumas formações como *agroecossistema* e *agrocombustível*, *agro-* é uma forma presa, a cabeça lexical posiciona-se à direita e a partícula recorrente combina-se a palavras, assemelhando-se aos prefixos e, portanto, aproxima-se da derivação. Já em construções como *agroclimático* e *agropastoril*, as bases mantêm uma relação de coordenação, comportamento que remete a formações constituídas por formas livres, aproximando-se, por isso, da composição. O comportamento de *agro-* suscita dúvidas sobre o seu posicionamento no *continuum* radical-afixo e é nesse sentido que se justifica a presente análise.

O *corpus* aqui analisado é formado de verbetes do Dicionário Eletrônico Houaiss, do Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa e informações recolhidas por meio da *Internet*, sobretudo pela ferramenta eletrônica de busca *Google*. As duas primeiras fontes serviram como recursos para observar formas já consagradas na língua; a última, por sua vez, funcionou para verificar novas formações *agro-X* e o grau de produtividade do elemento à esquerda. Na pesquisa realizada por meio do *Google*, foram excluídas palavras com *agro-* em que o formativo aparece exclusivamente como designação de empresas (oniônimos), ou seja, seu uso tem a função de relacionar a empresa à agricultura como em “Agro Ramoa Indústria; Agro



Química Maringá, Timac Agro Brasil”. No entanto, foram consideradas palavras que, embora nomeassem empresas, apresentavam, na própria ferramenta eletrônica de busca, uma definição. Tal é o caso de “Agrolink – portal de conteúdo agropecuário”

Após o levantamento dos dados, houve a divisão das formações, distinguindo *agro-* dos possíveis elementos morfológicos concorrentes: *agri-*, *agric(o)-* e *agra-*. Em seguida, as palavras foram analisadas, considerando os critérios empíricos propostos por Gonçalves (2011a) e Gonçalves e Andrade (2012) para a identificação da composição e da derivação prototípicas. De acordo com o comportamento do formativo, pode-se perceber a sua proximidade ou afastamento de um dos polos do *continuum*.

Os dados foram examinados por meio de diferentes enfoques: histórico, morfológico e semântico. Na primeira seção, expõe-se um histórico acerca do funcionamento do formativo, uma vez que, pela observação dos dados, são reconhecidas, na língua portuguesa, duas formas de diferentes origens, *agro-* e *agri-*, do grego e do latim, respectivamente, com igual significado. Tais formas co-existem em português, a exemplo de *agricultura* e *agronomia*. Pretende-se verificar as implicações históricas dessas origens no português contemporâneo. Na segunda seção, apresentamos as discussões morfológicas que norteiam a presente investigação; por fim, na última seção, relacionamos os possíveis sentidos do formativo, pois esses interferem na classificação das construções como casos de composição neoclássica, recomposição ou, ainda, um processo intermediário entre esses dois.

## PERSPECTIVA HISTÓRICA

Nesta seção, analisamos diacronicamente os elementos *agro-* e *agri-*, a fim de examinarmos, ainda que de forma incipiente, o comportamento desses formativos ao longo dos séculos. Utilizamos, para tanto, dicionários etimológicos e textos latinos dos períodos arcaico e clássico<sup>1</sup>.

Não se pretende realizar um estudo etimológico de tais elementos, tendo em vista que a grandeza dessa tarefa por si só desdobraria em outra pesquisa. Aspira-se, aqui, encontrar pistas para uma melhor compreensão do comportamento desses formativos no português brasileiro contemporâneo. Fazendo uso da metáfora empregada por Faraco (1991), pretendemos “utilizar o passado para iluminar o presente”.

## DICIONÁRIOS ETIMOLÓGICOS

O Dicionário Eletrônico de Elementos Mórnicos Houaiss apresenta *agro-* como elemento antepositivo de composição, oriundo do grego *αγρός* (campo), com registro na língua portuguesa a partir do século XIX, como vemos nos exemplos citados na obra: *agrogeografia*, *agrologia*, *agromancia*. No entanto, em outra entrada, *agro* aparece como um substantivo masculino, de origem latina, significando “terreno cultivado ou potencialmente cultivável; campo, agra”, com entrada na língua no século XIII e homônimo de “agro”, flexão do verbo *agrar*. Contudo, é feita uma ressalva: o verbete é um diacronismo antigo. O mesmo se observa para *agra*, substantivo feminino que significa o mesmo que *agro* (“campo”), com datação de 1676.

Sobre *agric-(o)*, forma originada do latim *agri*, no dicionário Houaiss, afirma-se que é um elemento antepositivo de composição ao qual se adjunge o afixo *-ico*, utilizado em compostos (*sic!*)<sup>2</sup> a partir do século XX.

Outra forma que pode ser considerada concorrente de *agro-* é *agri-* que, de acordo com o dicionário, é um elemento antepositivo de composição, proveniente do latim *ager, agri*. Nessa língua, os formativos já eram utilizados para criar palavras como *agrário, agreste, agrícola, agricultura, agrimensor e agrimensura*, introduzidas na língua portuguesa, já assim constituídas, a partir do século XV. No Houaiss, verifica-se ainda que, por analogia a essas formas, teriam sido criadas, a partir do século XIX, na língua portuguesa, as palavras *ágrico-industrial, agrícola, agrícola-industrial, agricultado, agricultar, agricultável, agricultor, agrimensão e agrimensar*.

O dicionário apresenta um possível percurso do formativo *agro-* até o português. Segundo a obra, *agro-* é o resultado da fusão entre o elemento mórfico oriundo do grego, *αγρός*, e o elemento latino *agri*, que ora permite a realização da vogal *-i-*, residual do latim, ora permite a realização da vogal *-o-*, residual do grego, presentes em *agroindústria/agrindústria, agroindustrial/agrindustrial, agrofábrica/agrifábrica*.

As informações encontradas pelo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa ([1982] 2011) ratificam alguns dados já fornecidos pelo Dicionário Houaiss, tais como as origens latina e grega de *agro-*, assim como a origem latina de *agri-*. No entanto, aquele não menciona a forma *agra-* e não faz referência à concorrência entre *agro-* e *agri-*.

Já o Dicionário Onomástico Etimológico (1984) cita, sem detalhamento, *agra*, substantivo feminino, provindo do plural latino de *agra*, utilizado como um topônimo frequente em Portugal e na Galiza. No Minho, significa *campo*. Essa obra também não menciona a origem de *agro-* nem de *agri-*.

O Dicionário Etimológico Resumido (1966) apresenta apenas duas entradas para *agro*, a primeira oriunda de *acru* (*azedo*) e a segunda de *agru*, ambas formas latinas.

Em relação aos dados históricos expostos no Houaiss, fazemos algumas observações. No que tange à etimologia latina de *agro*, vale salientar que a forma que lhe originou, *ager*, pertence à 2ª declinação, que tem tema *-o*, no dativo, assim como no ablativo assume a forma *agro*, o que pode justificar a existência de um radical latino com uma vogal final *-o*. No nominativo e no vocativo plural, *ager* assume a forma *agri*.

*Ager* não é apresentado pelo dicionário Houaiss como elemento de composição no latim, mas como forma livre. Já *agri* tem dois comportamentos: como forma livre, provavelmente, advindo da declinação de *ager*, e como elemento de composição formador de palavras no latim, como *agricultura*. Tal comportamento pode indicar um processo de morfologização<sup>3</sup> do radical *agri-* já no latim.

O lexema *agra* é uma forma com registro a partir de 1913 e é constituída por *agri-* + *-ar*, radical latino e sufixo vernáculo; já *agrário* é vocábulo latino incorporado ao português no século XVII e *agrarianismo*, uma forma derivada de *agrariano* (*agrariano* + *ismo*), datada em 1871, que, por sua vez, é derivada de *agrário*. Todos os termos, portanto, são formados por processos derivacionais.

Em relação à forma *agric-(o)*, o dicionário sugere que o sufixo *-ico*, que se adjunge à partícula *agri-*, seja uma forma vernácula agregada a *agri-*. Bechara (2000) elenca *-ico* entre os sufixos diminutivos; Cunha; Cintra (1985), além de reconhecerem-no como formador de diminutivos, relacionam-no entre os sufixos formadores de adjetivos a partir de substantivos, casos nos quais não se enquadra o uso do sufixo junto a *agri-*. Propomos, fundamentados em exemplos de palavras constituídas com o

elemento *agri-* e formadas no português a partir do século XIX, outra explicação para *agric(o)-*.

Uma análise possível para *agric(o)-* seria o truncamento, encurtamento da palavra *agrícola*, nos moldes propostos por Gonçalves (2011b, p.18) para *salafrário* >> *salaфра*. Portanto, o que atualmente é considerado um sufixo (*-ico*), seria a vogal final de *agri-*, terminação latina, e a parte inicial do constituinte da direita, *-cola*, resultando *agric(o)-*. No entanto, a concorrência de *agric(o)-* com os demais formativos pode ser relativizada, uma vez que não foram encontradas novas formações em português e as que existem, como *agricoindustrial* e *agricopecuária*, são preteridas em favor de *agroindustrial* e *agropecuária*.

Outra questão que pode gerar controvérsia é a compreensão de *agro-* como uma fusão entre os formativos latino e grego, em que ora se manifesta a vogal *-i*, ora se manifesta a vogal *-o*. Caetano (2010, p. 134) observa que Villalva (1994) e Mateus et al (2003) asseveram que essas vogais são resíduos de marcadores casuais na estrutura dos compostos do latim e do grego e no português funcionam como vogais de ligação que caracterizam composições morfológicas e delimitam as fronteiras entre radicais. Já Gonçalves (2011b, p. 25) afirma que em “português, como em inglês, não há segmento fônico que ligue palavras em compostos e, em princípio, não existem marcadores de composição com bases livres nessas línguas”. Para Caetano (2010, p. 135), a vogal *-i-* surge quando o primeiro elemento da composição é de origem latina, independente do tema a que pertença. Nos compostos em que o primeiro elemento é proveniente do grego aparece a vogal *-o-*. Contudo, os autores (Villalva, Caetano, Mateus et al) admitem que podem manifestar-se outras vogais tanto no primeiro quanto no segundo caso.

À luz de gramáticas latinas (BENNET, 1913; ALLEN; GREENOUGH, 1903) e grega (GOODWIN, 1903), consideraremos as vogais “o” e “i” dos radicais *agro-* e *agri-*, no português contemporâneo, como resíduos dos marcadores posicionais do grego e do latim, respectivamente.

## ANÁLISE FONÉTICA E MORFOLÓGICA A PARTIR DA HISTÓRIA

Segundo Chauveau (2009), críticas são feitas à etimologia por esta tratar cuidadosamente da evolução dos significantes e satisfazer-se com a aproximação da história semântica. O autor acrescenta que a história dos sentidos é tão necessária quanto a das formas, uma vez que o étimo é o signo linguístico, associando significante e significado usuais em uma comunidade linguística, em um período dado de sua história. Tomando por base essa premissa, analisamos *agro* e *agri* considerando seus significados em alguns momentos históricos sem, no entanto, negligenciar os aspectos fonológicos.

Na perspectiva morfológica, *ager* é um substantivo masculino de 2ª declinação, como já tivemos a oportunidade de afirmar. Há autores, como Aguiar e Ribeiro (1925) e Bennett (1913, p.12), que afirmam que os temas latinos são conhecidos pelo genitivo singular. Já Rosário (2008, p. 17) sustenta que para obtenção do tema em latim e, conseqüentemente, para a identificação da declinação, descarta-se a terminação do genitivo plural. Seguindo esse critério, *ager* possui tema em *-o*, pois, conforme exposto nos quadros de declinação abaixo, seu genitivo plural é *agrorum*. Sem a terminação *-rum*, evidencia-se a desinência da declinação.

Quadro de declinação de <i>Ager</i>		
Singular		Plural
Nominativo	<i>Ager</i>	<i>agri</i>
Genitivo	<i>Agri</i>	<i>agrorum</i>
Dativo	<i>Agro</i>	<i>agris</i>
Acusativo	<i>Agrum</i>	<i>agros</i>
Vocativo	<i>Ager</i>	<i>agri</i>
Ablativo	<i>Agro</i>	<i>agris</i>

Rosário (op.cit.) salienta que a declinação nos dicionários é apresentada no nominativo e no genitivo singular. Logo, os dicionários exibem as formas *ager* e *agri*, nominativo e genitivo singular, com tema em *-i*, o que indica irregularidade: nominativo com sequência vogal + consoante + vogal + consoante (*ager*); e genitivo com sequência vogal + consoante + consoante + vogal (*agro-*). De acordo com Rosário (2008, p. 17), a alomorfa é provocada por regras fonológicas que influenciam o tema de alguns nomes, fazendo alterações significativas, principalmente no nominativo, como é o caso de *magister*, *puer*, *uir*<sup>4</sup> e *ager* que possuem, respectivamente, os seguintes temas: *magistro-*, *puero-*, *uiro-* e *agro-*.

Rosário (op.cit) apresenta alguns metaplasmos para justificar as alterações fonéticas nas palavras acima citadas. Sobre *puer* e *uir*, agem sobretudo a síncope e a assimilação. Em *magistro-*, assim como em *agro-*, além das regras já mencionadas, atua a epêntese, cujas mudanças podem ser assim esquematizadas: *\*agros > agrs > agrr > agr > ager*, o que explicaria, dessa forma, as duas realizações: *ager* e *agro*.

Para justificar a existência das duas formas, o autor sugere, já que não deixa claro em sua obra, uma forma hipotética, *\*agros*, que coincide com o acusativo plural. No entanto, essa escolha suscita alguns questionamentos:

a) sendo o nominativo e o genitivo singulares casos referenciais para os dicionários latinos e o genitivo plural para identificação do tema, por que escolher o acusativo para ilustrar as alterações fonéticas?; b) caso seja uma forma hipotética, a partir de que dados é construída?; e c) sendo o nominativo a primeira forma da palavra, segundo Seabra Filho (2012, p. 79), e a entrada das palavras declináveis, de acordo com Aldrigue e Faria (2008, p. 12), o percurso feito pelos metaplasmos deveria partir desse caso?

Buscando responder a essas questões, serão apresentadas algumas informações históricas a respeito da forma *ager* na língua latina.

## BREVES COMENTÁRIOS SOBRE A HISTÓRIA DO LATIM: A FORMA ‘AGER’

Marcus Fabius Quintilianus<sup>5</sup> (± 35 d.C. – 95 d.C ±.), em seu *Institutio Oratoria*, menciona a origem e o significado da forma *ager*, assinalando o deslize de Varrão no seu *Tratado de Língua Latina*:

Mas a quem, depois de Varrão, não se perdoará, se ele próprio desejou convencer a Cícero (pois a este dedicou seu tratado), acerca de *ager*

‘campo’, que assim se diz porque nele se faz algo, e de *gragulli* ‘gralhas’, porque essas aves voam em bandos, quando o primeiro termo deriva claramente do grego, o segundo é onomatopaico? (QUINTILIANO, *Inst. Orat.* I, 6, 37, In VALENZA, Giovanni Mazzaro)<sup>6</sup>

Lyons (1979, p.13-14) afirma que os gramáticos latinos dependiam quase completamente dos modelos gregos, não apenas nas suas doutrinas gerais acerca da língua, mas também em questões de detalhe. Os gramáticos latinos introduziram apenas algumas pequenas modificações quanto às diferenças que eles observaram entre as duas línguas.

As considerações de Codeço (2008, p. 110-111) ratificam o exposto anteriormente. De acordo com a autora, a influência grega inicialmente deu-se de forma indireta por meio dos etruscos; no entanto, a partir do século IV e V a.C., o helenismo é notado em diferentes áreas de conhecimento: arte, religião e arquitetura, entre outras. Roma e suas províncias, em grande medida, passam a falar o grego e latim. Um romano culto falava as duas línguas. Havia ensino do grego nas escolas e alguns romanos iam completar seus estudos em Atenas.

Segundo Garcia (2010, p. 127-130), a *koiné*, língua comum grega, foi, no auge da expansão da cultura helenística, a língua franca do Império, que compreendia imenso domínio nas costas mediterrâneas, Egito e Oriente Médio até as fronteiras da Índia, áreas dominadas por Alexandre, o Grande, até o final do século IV a.C. A influência cultural do grego permaneceu nas regiões colonizadas mesmo após o fim do Império Alexandrino. A autora (op. cit.) ressalta que, durante a colonização romana, o grego manteve-se como língua franca no Oriente Médio e também era utilizado no Império Romano do Ocidente, uma vez que era língua de prestígio.

O cristianismo, que se expandiu com o Império Romano, também contribuiu para o uso da língua grega, pois o que chegou a nós do seu livro sagrado, o Novo Testamento, foi escrito em *koiné*. Como dito anteriormente, o grego era a língua da cultura e do conhecimento.

As considerações apresentadas pelos diferentes autores referenciados levam-nos a concluir que as semelhanças entre as línguas grega e latina são fruto de uma forte influência cultural. Contudo, expomos o parecer de Pierre Monteil (1992), que defende, como motivação para as semelhanças entre as duas línguas, uma origem comum: o indo-europeu.

Segundo Pierre Monteil (1992, p. 28), o latim é, assim como o persa, o bretão, o irlandês, o grego e o sânscrito, entre outras, um membro da família de línguas chamadas “indo-europeias” - Língua concebida como arquétipo das línguas indo-europeias conhecidas concretamente; contudo, não há do indo-europeu um documento que o registre. O indo-europeu seria a língua comum a partir da qual algumas alterações particularizantes deram lugar às línguas indo-europeias, faladas nos territórios da Península Indiana até o Atlântico. Os registros que nos chegam delas são de datas distintas e há diferenças entre elas; no entanto, existem semelhanças significativas que indicam um parentesco genético entre as línguas.

Para descrever os elementos fonéticos e morfológicos do latim, Monteil (1992) expõe uma série de transformações que lhe deram origem. Com base no grego, no latim e no sânscrito, o autor faz uma reconstrução linguística, a fim de estabelecer uma relação entre o indo-europeu e essas línguas e justificar a semelhança entre elas.

Apresentamos alguns exemplos do autor pertinentes a *ager*, que, embora tenham sido utilizados para uma reconstrução linguística, comprovam a semelhança entre o grego e o latim. Segundo o autor (1992, p. 176), a formação dos temas em latim, assim como em grego, resulta de uma tematização secundária, uma vez que no indo-europeu a flexão temática não possuía nomes raízes<sup>7</sup>, nem temas primários, mas temas secundários, com sufixação. Assim considerando, a terminação *-ro*, presente em *ager* = *αγρός*, *uesper* = *έσπερος*, *aper* = *κ-άπρος*, *taurus* = *ταύρος*, *uir* < *\*wī-ro*<sup>8</sup>, é um sufixo indo-europeu remanescente.

## AS POSSÍVEIS TRANSFORMAÇÕES DE ‘AGER’

Ao analisar as vogais herdadas do indo-europeu, Monteil (1992, p. 125-126) as observa em diferentes ambientes fônicos. Em *\*agros*, examina-se a sílaba final fechada, em que, por regra geral, a vogal seria conservada; contudo o *ō*, no grupo *-rōs*, é considerado um caso especial. Nesse ambiente, ocorrem os seguintes fenômenos segmentais: o *ō* é absorvido pela líquida sonora, permanecendo o grupo *rs* que evolui a *-r* (*r*), que, por sua vez, desenvolve um centro vocálico, representado na seguinte trajetória: *\*agros* > *\*agr* > *\*ag<sup>o</sup>r* > *ager*, justificando a passagem de *agros* a *ager*.

Monteil (1992), assim como Rosário (2008), apresenta *agros* como uma forma hipotética. No entanto, não oferece uma reconstrução histórica para elucidar a existência da palavra latina coincidente com a grega, *αγρός*. E sendo *agros* uma forma hipotética, por que a língua materializa as duas formas?

A própria língua latina possui uma estrutura gramatical e sintática, em casos, muito similar à grega. Então, de certa forma, os romanos souberam absorver e adaptar grande parte da cultura helênica na formação de seu Império, por isso o termo greco-latino, relativo à cultura. Apesar de não se usar o mesmo termo em relação à língua, houve também um determinado grau de absorção e adaptação do grego no latim. (GARCIA, 2010, p.130)

Portanto, os relatos históricos corroboram a afirmação de Quintilianus sobre *ager*, forma oriunda da palavra grega masculina de segunda declinação *αγρός*, cujos casos e respectivas terminações podem ser observados no quadro abaixo, que chegou ao latim em função da impregnação da cultura romana pela cultura grega.

2ª DECLINAÇÃO				
NÚMERO	CASOS	TERMINAÇÕES GREGAS	TERMINAÇÕES LATINAS	FONEMAS
Singular	Nominativo	ος	Er	-
	Genitivo	ου	I	-
	Dativo	ω ,	O	/o/
	Acusativo	ov	Um	/on/ /um/
	Vocativo	ε	Er	/e/

Plural	Nominativo /Vocativo	οι	I	/i/
	Genitivo	ων	orum	/on/ /o(r) um/
	Dativo	οις	is	/is/
	Acusativo	ους	os	/os/

Quadro comparativo entre as declinações latina e grega.

Ao serem comparadas as terminações da segunda declinação do grego e do latim, as quais pertenciam *αγρός* e *ager*, respectivamente, observa-se a semelhança entre os mesmos casos nas duas línguas.

Aguiar e Ribeiro (1925) incluem, entre as formas pertencentes à segunda declinação latina, palavras de origem grega, o que ratifica nossas impressões. Portanto, compreende-se que os metaplasmos propostos por Rosário (2008) e Monteil (1992) foram alterações sofridas pela forma grega ao ser assimilada pelo latim, chegando assim a *ager*. Já *agro/agri*, ou seja, a sequência consoante + consoante, seria vestígios da realização grega no latim.

Em função do exposto, entendemos, diferentemente do proposto pelo Dicionário Eletrônico de Elementos Mórficos Houaiss, que as formas *agro-* e *agri-*, que se manifestam no português, são elementos distintos, o primeiro oriundo do grego, como em *agrônomo*, e segundo do latim, como em *agricultura*. Contudo, a forma latina já seria um hibridismo entre o grego e o latim na sua origem.

Retomando Chauveau (2009), uma reconstrução semântica requer, também, uma contextualização histórica e, para isso, faz-se necessário conhecer os contextos, os empregos, as distribuições e as ligações entre as palavras, principalmente em cada língua em particular e *a posteriori* nos vários estágios da reconstrução comparativa a fim de chegar aos possíveis significados originais.

Para melhor compreender o comportamento de *agro-* e *agri-* e suas significações, na seção seguinte são apresentados dados históricos, validados por textos literários, que demonstram a importância da agricultura para a sociedade romana.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Um dos textos históricos aqui analisados foi escrito no período da República (509-27 a.C.), no qual foram estabelecidos valores de civismo que permaneceram por toda a história romana. Corassin (2006) afirma que a sociedade estava organizada em dois pilares: agricultura e militarismo. O cidadão romano, considerando a definição de cidadão dentro do modelo e do período estabelecido, é um militar, um soldado, mas, antes de tudo, um agricultor. A República inaugura um período em que uma aristocracia rural controla Roma impondo-se contra os “elementos urbanos que se haviam desenvolvido durante a monarquia etrusca” (CORASSIN, 2006, p. 272). Logo, a “educação latina conservará traços desse contexto agrário” (loc. cit.). A experiência comum entre os falantes dessa comunidade faz do latim uma língua de camponeses e, de acordo com Codeço (2008, p. 109), havia muitas palavras técnicas voltadas para a agricultura.

Entre os autores que representam esse período, utilizaremos, abaixo, fragmentos do texto *De Agri Cultura* de Marco Pórcio Catão<sup>9</sup> (234 a.C. – 149 a.C.) em que *ager* e suas diferentes instanciações, isto é, suas variações formais, manifestam-se. As

ocorrências são marcadas de acordo com as seções da obra, conforme apresentadas pelo site <http://www.thelatinlibrary.com>, em que cada seção aparece em número arábico:

- a) [1] “(...) Videto quam minimi instrumenti sumptuosusque **ager** ne siet. (...)”

Onde você encontra poucas ferramentas, a fazenda não é cara de operar

- b) M. PORCI CATONIS CENSORIS  
*DE AGRI CVLTVRA.*

Marco Pórcio Catão, Censor De Agricultura

- c) [Prefatio] “(...) At ex **agricolis** et viri fortissimi et milites strenuissimi gignuntur, maximeque pius quaestus stabilissimusque consequitur minimeque invidiosus, minimeque male cogitantes sunt qui in eo studio occupati sunt. (...)”

Mas é a partir dos cultivadores do solo que brotam as melhores cidadãos, os soldados mais leais; e deles são as recompensas duradouras, são muito gratos e muito menos invejados.

- d) [61] “(...) Siquis quaeret, quod tempus oleae serendae siet, **agro** sicco per sementim, **agro** laeto per ver.”

Se alguém perguntar, qual o tempo para o plantio de uma oliveira, solo seco para semeadura, solo rico na primavera."

Nos trechos de *De Agri Cultura*, percebe-se que *ager* e suas instanciações participam das construções sintáticas como palavras, considerando o ponto de vista gráfico, isto é, “a sequência de caracteres que aparece entre espaços e/ou pontuação e que corresponde a uma sequência de sons que formam uma palavra na língua” (BASILIO, [2004] 2006, p. 13-18). O aspecto gráfico foi salientado, pois, segundo Greenough e Allen (1903, p. 161), há, em latim, os compostos sintáticos, compostos<sup>10</sup> não etimológicos, formados por palavras que recorrentemente aparecem juntas no discurso. Portanto, entre os casos que se apresentam como uma forma simples, pode haver formas complexas. Contudo, para verificação da existência desse tipo de composição, é necessário um *corpus* maior para observar a ocorrência de determinadas construções.

Identificam-se ainda as formas compostas *agricolis* e *agri cultura*, já presentes no latim arcaico, período no qual se enquadra o texto de Catão. A composição morfológica é reconhecida em *agricolis*, pela aglutinação entre o substantivo *ager*, na forma de *agri*, e o verbo *colo* e pela presença da vogal “i” no primeiro elemento da composição.

A sequência *agri cultura*, embora não apresente a forma aglutinada, nesse texto parece-nos um caso passível de uma análise, já que pode trazer elementos de dois processos composicionais em transição: uma composição sintática, gerada pela frequência de uso, passando a morfológica, conduzida pela presença acidental da vogal “i” no primeiro elemento. A forma aglutinada, existente em português, *agricultura*, e em algumas línguas neolatinas, como o francês, *agriculture*, e o espanhol, *agricultura*, corroboram a hipótese.



Os outros dois textos aqui utilizados são obras inseridas no início do Império Romano, “Ab Urbe Condita”, de Tito Lívio<sup>11</sup> (59 a.C. – 17 d.C.) e “Tibulli Elegiae”, de Álbio Tibulo (55 a.C. – 19 d.C.). Sem pretender abordar a complexidade do que se compreende por Império Romano, mas com o objetivo de situar historicamente os textos, algumas informações sobre o período serão expostas.

Segundo Collares (2010, p. 11-12), o Império Romano inicia-se após um período de guerras internas e externas que geraram um cenário político favorável ao aparecimento de um novo regime, marcando o fim da República. Em função da concentração de poder de Otávio Augusto, filho adotivo e herdeiro de Júlio César, uma nova ordem política foi estabelecida: o Império, embora não se pretendesse romper com os costumes ancestrais, denominados pelos romanos de *mos maiorum*, e com as bases de sustentação do regime republicano.

Trechos dos livros de 1-3 e 5 de “Ab Urbe Condita” – em tradução livre, *Desde a Fundação da Cidade* – são reproduzidos a seguir assim como foi apresentado “*De Agri Cultura*”, de Catão, com a ressalva de que as seções aparecem numeradas em algarismos romanos:

e) Livro V

[24] (...) cur enim relegari plebem in Volscos cum pulcherrima urbs Veii *agerque* Veientanus in conspectu sit, uberior ampliorque Romano agro? (...)

Pois, por que foram os comuns enviados para o exílio em Volscos, quando a magnífica cidade de Veii ainda estava em vista e o território de Veneza era mais fértil e extenso do que o território romano?

f) Livro II

[41] Tum primum lex *agraria* promulgata est, nunquam deinde usque ad hanc memoriam sine maximis motibus rerum agitata.

Foi a primeira vez que um direito agrário foi proposto, e nunca, tanto quanto a nossa própria lembrança, foi agitada sem maiores comoveções.

g) Livro III

[1] Iam priore consulatu Aemilius dandi *agri* plebi fuerat auctor; itaque secundo quoque consulatu eius et *agrarii* se in spem legis erexerant,

Já em seu antigo consulado, Aemilius tinha sido um conselheiro sobre a doação de terra para o povo. Assim, em seu segundo consulado os partidários à lei agrária haviam se levantado com a esperança da medida ser reeditada

h) Livro V

[24] Ab iis non urbes ui aut operibus temptatae, sed ager est depopulatus praedaeque rerum *agrestium* actae; nulla felix arbor, nihil frugiferum in agro relictum.

Nenhuma das cidades foram experimentadas pela tempestade ou por cerco, mas o país foi devastado, nenhuma árvore frutífera, nenhum vegetal foi deixado na terra.

Destacamos, nos trechos de *Ab Urbe Condita*, as formações *agerque*, *agraria*, *agrarii* e *agrestium*. *Agerque* poderia ser considerada uma forma derivada; no entanto, adjungida a *ager* está a conjunção copulativa *que*, conferindo o sentido de “e, também; isto é, a saber; e mesmo; e também, semelhante”, de acordo com Faria (1962). *Agraria* e *agrarii* são duas palavras derivadas, em que o sufixo *-arium* agrega-se a uma raiz que talvez possa ser chamada de *doublet*, nos termos de Gonçalves (2005), já que mantém a forma original grega. As duas palavras possuem entradas distintas no Dicionário escolar latino-português (1962): a primeira é um adjetivo e significa “dos campos, relativo aos campos”; a segunda é um substantivo com sentido de “os partidários da lei agrária”.

Já *agreste* pode ter sido formada por analogia a *agraria* e *agrarii*, já que *-este* não aparece como sufixo em latim; no entanto, a construção parece permitir a isolabilidade dos seus constituintes. *Agreste* e *agraria*, palavras registradas em textos do período clássico, assim como a mais antiga, *agri cultura*, foram transmitidas diretamente ao português, pela relevância que a agricultura continuou a apresentar durante o período de formação das línguas neolatinas. Como vimos, importantes tratados foram escritos sobre o assunto, o que mostra o amplo conhecimento técnico-científico dos romanos sobre esse campo de conhecimento.

Albio Tibulo<sup>12</sup> (55 a.C. - 19 d.C.) foi um dos grandes escritores latinos de elegias<sup>13</sup>. Entre as quatro obras remanescentes que são reconhecidas como de sua autoria, duas delas, sem dúvida, são suas. Abaixo seguem trechos de “Tibulli Elegiae” livros 1 e 2.

i) Livro I[I]

Nam veneror, seu stipes habet desertus in *agris*  
 Seu vetus in trivio florida certa lapis,  
 Et quodcumque mihi pomum novus educat annus,  
 Libatum *agricolae* ponitur ante deo. (...)

Eu adoro esses rudes santuários em campo solitário  
 Ou velha encruzilhada de flores, com coroas de flores  
 E qualquer que seja o fruto da nova temporada,  
 Libação do lavrador posto diante de Deus. (...)

j) Livro II

[I]

di patrii, purgarnus *agros*, purgamus agrestes:  
 uos mala de nostris pellite limitibus,  
 neu seges eludat messem fallacibus herbis,  
 neu timeat celeres tardior agna lupos

Deuses do meu país, purificai nossos campos, purificai os nossos campos:  
 Mantenha longe a má sorte,  
 Não deixe as ervas enganem-nos na colheita,  
 Nem o lobo rápido faça presa os nossos cordeiros.

A temática rural na obra de Catão mostra a relevância do assunto tratado em manuais para o cultivo do campo ou para trabalhos que cercam a vida rural, como o cuidado de animais. Já nas obras de Lívio e Tibulo, há outra perspectiva em relação a este espaço; no primeiro, o campo aparece como lugar de conquistas e guerras e no

segundo, um lugar, em contraste com a cidade, idealizado, perfeito. Independentemente do foco adotado, o campo – *ager* – é realçado, uma vez que é a “principal fonte da riqueza, e portanto da receita imperial” (MENDES, 2007, p. 40).

As palavras são “composições moleculares que reúnem informações fonéticas, semânticas, sintáticas e pragmáticas” (FERREIRO, 2010, p. 112), construídas, dinamicamente, pela interação das capacidades cognitivas do ser humano com o mundo que o cerca. Em suma, é por meio desse processo de mão dupla, com base na dinâmica ativação de conceitos disponíveis, manifestados pela linguagem, que as palavras adquirem significado.

Este estudo não tem pretensão de ser uma pesquisa etimológica. Nosso objetivo é encontrar informações que possam contribuir com a análise dos dados na atual sincronia, pois, sendo o português continuação do latim no tempo e no espaço, o latim manifesta-se no português por meio de várias influências internas; ressaltamos, particularmente, suas extensões na formação dos compostos neoclássicos a partir do século XVI.

A emersão do latim, e do grego, faz-se notar não só pelo uso de radicais eruditos, mas também pelo processo de composição das formações neoclássicas no vernáculo das diversas línguas modernas, incluindo as de origem não-românica, como o alemão, o inglês e o holandês. Observando que palavras como *agricultura*, do latim, e *agrônomo*, do grego, existem anteriormente à formação do português, podemos considerar que as construções provenientes daquele século tenham constituído-se por analogia às formas clássicas.

## CONTINUUM COMPOSIÇÃO-DERIVAÇÃO

O comportamento oscilante do formativo *agro-*, como exposto na introdução, é a motivação primeira desta pesquisa, pois, segundo Gonçalves (2011b), algumas características são esperadas dos radicais ditos eruditos– a) lexematicidade na língua de origem; b) ausência de realização na língua-alvo; c) tipo de vocabulário que formam; d) tipo de significado que atualizam; e e) presença de vogal de ligação entre os componentes– não são observadas em algumas instanciações de *agro-*. Pelo menos dois desses critérios, (b) e (c), tem sido desconsiderados por novas formações com *agro-*: em “Eu sou agro” e “agrobóy”, respectivamente, *agro* é atualizado como forma livre e, pela concatenação com *boy*, cria palavra fora do domínio técnico-científico. Essas mudanças sugerem a necessidade de uma nova perspectiva de análise desses formativos, como as propostas por Bauer (2005), Ralli (2008), Petropoulou (2009), Gonçalves (2011a, 2011b, 2012), Gonçalves; Andrade (2012) e Andrade (2013).

Serão apresentados os conceitos básicos de composição, de derivação, compostos neoclássicos e recomposição, que fundamentam este estudo, e, em seguida, serão examinados os limites e intercessões entre eles por meio dos critérios usados por Gonçalves (2011a) e Gonçalves; Andrade (2012) para diferenciar radicais prototípicos de afixos prototípicos, visto que alguns formativos possuem características tanto de um quanto de outro, o que ratifica a ideia de *continuum* composição-derivação.

Segundo Gonçalves (2011a, p. 63), geralmente, concebe-se a composição como um processo que combina palavras ou radicais para formar um item morfológicamente complexo, enquanto a derivação requer a presença de um afixo. Bauer (2005) e Booij (2005) reconhecem a diferença entre derivação e composição, mas salientam que nem

sempre são facilmente distintas, pois suas fronteiras são maleáveis de ambos os lados. Gonçalves (2011a, p. 68), assim como Kastovsky (2009), acredita que os processos são distinguíveis nas suas manifestações prototípicas; no entanto, apresentam casos difusos que se movem ao longo de um *continuum*. É a partir dessa perspectiva que as palavras complexas constituídas pelo formativo *agro-* serão aqui analisadas.

*Agro-*, assim como *-logo*, *-metro*, *auto-*, *homo-*, é uma partícula de origem grega, classificada, tradicionalmente, como radical erudito, clássico ou neoclássico, amplamente utilizada na criação de vocábulos de cunho científico ou técnico. Lüdeling (2009) afirma que os elementos neoclássicos são radicais greco-latinos que não foram totalmente assimilados à língua tomadora e tais construções são formadas por mecanismos que muitas vezes diferem da formação de palavras com radicais nativos, mesmo nas línguas românicas (GONÇALVES, 2011b, p. 8). Contudo, Gonçalves (op.cit.) observa que há controvérsias envolvendo a composição neoclássica.

A principal divergência está na sua possível incorporação ao sistema de formação de palavras da língua nativa em que os referidos radicais aparecem. Por isso mesmo, alguns formativos podem deixar de ser utilizados em contextos específicos, apresentando grande frequência de uso em formações cotidianas, como *tele-X* (FERREIRA, 2010, p.2). Outra polêmica é a natureza heterogênea dos constituintes que, como mostra Gonçalves (2011b), reflete-se nas várias designações que o formativo recebe: raízes neoclássicas (SCALISE, 1984); raízes de fronteira (ten HACKEN, 1994); afixoides (MARCHAND, 1969); semiafixos (SCHMIDT, 1987); pseudoafixos (KATAMBA, 1990); formas combinatórias iniciais/finais (BAUER, 1998); confixos (MARTINET, 1979); arqueoconstituintes (CORBIN, 2001); afixos (BAUER, 1979).

A adoção de uma dessas nomenclaturas indica as características mais salientes no formativo: afixoides, semiafixos, pseudoafixos são denominações que os aproximam dos afixos e, conseqüentemente, do processo de derivação. Já os termos raízes neoclássicas e raízes de fronteira identificam-no com os radicais e, por conseguinte, constituintes do processo de composição. A classificação desses elementos morfológicos como radicais neoclássicos demanda reconhecê-los com as seguintes propriedades, brevemente referenciadas mais acima: a) lexematicidade na língua de origem (PETROPOULOU, 2009) – originalmente eram formas livres; b) ausência de realização sintática na língua-alvo (RALLI, 2010) – geralmente, na língua tomadora, não funcionam como formas livres; c) tipo de vocabulário que formam (BAUER, 1988) – específico de uma área técnico-científica ou filosófico-literária; d) tipo de significado que atualizam (RALLI, 2010) – comportam-se mais como morfemas lexicais do que gramaticais; e) presença de uma vogal de ligação entre os componentes (CORBIN, 2001) – vogal *-i-* para formas oriundas do latim e vogal *-o-* para formas oriundas do grego (GONÇALVES, 2011b). Propomos uma sexta propriedade para esses elementos: manutenção do significado original, latino ou grego, visto que na recomposição adquirem novo sentido.

A manifestação desses critérios gera uma gradação entre os formativos que compõem essa categoria, evidenciando que há, portanto, radicais neoclássicos prototípicos e formativos que se assemelham mais aos afixos, além dos que se aproximam mais dos radicais em geral.

As formas morfológicas que constituem a composição neoclássica manifestam-se também no processo nomeado recomposição. Segundo Monteiro (1986, p.170), trata-se de “um processo associado à composição (...) que ocorre quando apenas uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova composição”, como em *agroecossistema* (*agro-* = *área agrícola*). De acordo com

Gonçalves; Andrade (2012, p.134), nas formações recompostas um arqueoconstituente (designação mais neutra para radical neoclássico), por meio de uma metonímia formal, assume o significado do composto de que era constituinte e atualiza esse conteúdo especializado na combinação com novas palavras.

Assim como nos demais processos de formação de palavras apresentados, na recomposição, os formativos guardam semelhanças com radicais e afixos, sendo, por isso, nomeados por Gonçalves; Andrade (2012, p. 135) de afixoides<sup>14</sup>. Os autores (op. cit.) apresentam alguns pontos de interseção dos afixoides: a) são extremamente aplicáveis em português, aproximando-os dos afixos e, logo, da derivação; b) realizam-se em palavras prosódicas diferentes; c) apresentam paridade entre forma truncada e forma plena, como em *homo* que evoca *homossexual* e d) são sensíveis à regra de redução de coordenação para frente (FCR) (KENESEI, 2007), a exemplo de *agro e econegociação*, identificando-se com radicais e, portanto, deslocam-se para a composição.

Os três processos de formação de palavras (composição, derivação e recomposição) são marcados pela fluidez das características dos formativos que os constituem, ora apresentando partículas com atributo de radical ora de afixo. Entretanto, a composição, a derivação e a composição neoclássica possuem como diferencial os formativos prototípicos de cada processo. Composição e derivação exibem elementos morfológicos vernáculos; compostos neoclássicos, por sua vez, apresentam formativos procedentes do latim ou do grego emprestados para a formação de tecnicismos. Já a recomposição é originalmente um processo híbrido, pois surge da atualização de formativos neoclássicos que podem vir a se tornar prefixos (*tele-*), sufixos (*-dromo*) ou mesmo formas livres (*homo*).

Gonçalves (2011a, p. 68) observa que é necessário operar com um conjunto pré-determinado de atributos para identificar tendências gerais da composição e da derivação, possibilitando o reconhecimento de casos mais emblemáticos. Portanto, para a análise das características de *agro-*, empregaremos, como mencionado anteriormente, os critérios apresentados a seguir, utilizados por Gonçalves (2011a, p. 68) e Gonçalves & Andrade (2012, p. 122-123). A fim de formar um único quadro, aos critérios propostos por Gonçalves (op.cit.), acrescentamos, em negrito, os sugeridos por Gonçalves; Andrade (op.cit.).

	<b>Composição</b>	<b>Derivação</b>
As unidades	Radicais Palavras	Afixos
	Lexemas autônomos Formas encurtadas, presas, que remetem a palavras.	Elementos de fronteira (formas presas que não correspondem a palavras).
Características estruturais	Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra.	Unidades definidas por uma posição pré-determinada na estrutura da palavra (à esquerda ou à direita).
	A variável lexical utilizada é predominantemente a palavra.	A variável lexical utilizada é predominantemente o radical.
	Cabeça lexical à direita ou à esquerda.	Cabeça lexical à direita.
	Possibilidade de existir relação de coordenação entre constituintes.	Ausência desse tipo de relação.
	Possibilidade de flexão entre constituintes.	Flexão periférica.

		<b>O formativo seleciona a categoria lexical da base.</b>
		<b>Os afixos não se combinam entre si.</b>
Característica fonológica	Realização em mais de uma palavra prosódica.	Realização em uma única palavra prosódica.
Características semânticas	Expressa um significado lexical.	Manifesta um conteúdo gramatical ou funcional.
	Pode ser endocêntrica ou exocêntrica.	Predominantemente endocêntrica.
		<b>Apresenta função semântica pré-determinada.</b>
		<b>Recorrentemente, os afixos atribuem a mesma ideia a todas as formas a que se vinculam.</b>
Produtividade e produção	Forma conjuntos mais fechados de palavras (é mais <i>ad hoc</i> .)	Forma conjuntos mais completos de palavras (é mais regular).
	Caracteriza grande número de formas manufaturadas.	Produz palavras em série.

## ANÁLISE DOS DADOS: A NATUREZA DAS BASES

O *corpus* analisado é constituído de 77 vocábulos, rastreados do Dicionários Eletrônicos Houaiss 3.0; do Grande Dicionário Houaiss Beta da Língua Portuguesa Online; do Aurélio e do *Google*. Pautando-nos no quadro de critérios exposto acima, dividimos as palavras, inicialmente, atendendo ao critério referente à constituição morfológica da composição e da derivação, a fim de identificar em qual dos processos as construções com *agro-* e *agri-* incluíam-se; no entanto, salientamos que, considerando os critérios como orientação para a análise de composições e derivações prototípicas, os radicais não deveriam caracterizar compostos prototípicos, visto que esses elementos distinguem os compostos neoclássicos e as recomposições, estas com as devidas ressalvas.

Nas 65 construções com *agro-*, o constituinte funciona como base presa (*agrogestão, agroecoturismo, agroaçucareiro*)<sup>15</sup>, o mesmo comportamento foi observado nas 11 ocorrências com *agri-* (*agricultar, agricultável*). Há apenas 1 ocorrência em que *agro-* comporta-se como forma livre: na campanha publicitária “Sou agro”. No entanto, esse uso de *agro-* como uma forma livre não permite classificá-lo como unidade autônoma, pois não há notícias de outras ocorrências, a não ser a da campanha empresarial lançada na mídia (2010/2011) e não há registros de frequência de uso para configurar um processo de mudança, embora esse dado corrobore a mobilidade do formativo em um possível *continuum* forma presa-forma livre.

Há dados em que a etimologia interfere de maneira relevante na análise, como em *agricultura, agrimensur, agrícola*, formados no latim, ou *agrônomo (ἀγρονόμος)* e *agronomia (ἀγρονομία)*, constituídos no grego, porém com entrada na língua via empréstimo do francês. Se considerados empréstimos, uma vez que não foram constituídos no vernáculo, não são passíveis de análise, mas essa opção não é simples, pois o português é uma língua neolatina e muitos afixos do latim foram assimilados pelo

português, a exemplo *-ario* > *-arium*; palavras foram incorporadas ao léxico (lat. *status* > port. *status*<sup>16</sup>) e deve-se ressaltar que os processos de formação de palavras do latim remanescem no vernáculo, tornando alguns vocábulos acessíveis à morfologia da língua. No caso das palavras *agrícola*, *agrônomo* e *agronomia*, embora os elementos à direita não sejam tão transparentes, pela menor frequência de uso, é possível reconhecê-los por meio da comparação com outros vocábulos na língua, a exemplo de *vinícola*, *gastrônomo*, *economia*, respectivamente. As semelhanças estruturais e lexicais que aproximam essas palavras levam-nos a analisar os dados como compostos neoclássicos<sup>17</sup>, a fim de estabelecer semelhanças e diferenças entre os dois processos de formação de palavras.

Entre os critérios utilizados por Gonçalves (2011a) e Gonçalves; Andrade (2012) para distinção entre radicais e afixos está a seleção da categoria lexical do constituinte a que se adjuge, característica própria dos afixos. As palavras que compõem o *corpus* têm a função de nomear ou de caracterizar. Essas funções resultam das construções em que o formativo *agro-* se adjuge a lexemas pertencentes a uma das seguintes categorias morfológicas: substantivo ou adjetivo. Esse comportamento assemelha *agro-* aos prefixos, visto que não mudam a categoria da palavra da base, como visto nos exemplos abaixo:

- 1) *agrofloresta* (substantivo) = *agro-* (formativo) + *floresta* (substantivo).
- 2) *agropastoril* (adjetivo) = *agro-* (formativo) + *pastoril* (adjetivo)

Outra questão que vale ser ressaltada é que das 65 formações com *agro-*, em 51, o formativo combina-se com formas de livre curso na língua, como *agrobandidismo*, *agromineral*, *agropesca*; em 5 casos, coaduna-se a outros radicais eruditos: *-metro* (*agrômetro*), *-logo*<sup>18</sup> (*agrólogo*), *-grafo* (*agrógrafo*) e *-logia* (*agrologia*), *-grafia* (*agrografia*) que, de acordo com as análises feitas por Rondinini (2009) e Gonçalves (2011a), são formativos que admitem uma revisão dos seus estatutos, uma vez que apresentam comportamento semelhante ao de sufixos.

Às formas *agrólogo* e *agrógrafo* junta-se o sufixo *-ico*, formador de adjetivo a partir de substantivos, gerando *agrológico* e *agrográfico*. O sufixo *-ico* adicionou-se à *agronomia* e *agronometria*, formando-se *agronômico* e *agronométrico*. Em *agronomando* (estudante de agronomia com formatura iminente), observa-se a união de *agrônomo* ao sufixo *-ndo*, próprio dos participípios, em analogia à palavra *graduando*. Bauer (1998, p. 408), ao estudar o caso dos compostos no inglês, atenta para o caráter híbrido que essas formações adquirem no vernáculo, já que é possível encontrá-las combinadas com afixos, a exemplo de *gynocidal*, composto neoclássico *gynocide* (assassinato de mulheres) mais o sufixo inglês *-al* (formador de adjetivo). O autor (*op.cit*) ressalta o ajuste desses compostos à língua a ponto de permitir uma derivação.

Em 5 ocorrências, o formativo anexa-se a estrangeirismos, formando hibridismos: *agrosurf*; *agroservice*, *agrolink*, *agroboy* e *agrofit*, que foram agrupados entre as construções constituídas de base presa + base livre, uma vez que são empréstimos usados em outras construções do português, como as encontradas no Google, a exemplo de “*camerasurf*, *central surf*”, “*service contabilidade*”, “*humana service*”, “*Link Estádio – Cultura Digital*”, “*Link Brasil apresenta óculos do Google com tecnologia de realidade aumentada*”, “*motoboy*”, “*Fit São Paulo Academia*”, “*Estação Fit Academia*”.

Os dados com *agri-*, embora poucos, apresentam diferentes peculiaridades. Há um número reduzido de palavras, uma vez que não existem novas formações. A datação

dos vocábulos varia entre o século XV e início do século XX. Entre as 11 palavras, 4 já existiam no latim clássico, *agricultura*, *agrimensor*, *agrimensura*<sup>19</sup> e *agrícola*. Em função da postura adotada, isolamos o segundo elemento dessas construções, tomando como referência palavras existentes na língua (*cultura*, *mensura*) ou comparando-as a outros compostos, já existentes (*vinícola*, *silvícola*). Nos dois primeiros casos, *agri-* combina-se a formas livres, sendo *cultura* mais transparente que *mensura*, devido a sua maior frequência de uso. Já em *agrícola*, *agri-* une-se a uma base presa e opaca, sem livre curso na língua, mas passível de ser isolada, em razão de haver outras construções complexas com o mesmo formativo.

Em *agricoindústria*, ainda que preterida por *agroindústria*, consideramos a base à esquerda como um truncamento de *agrícola* ao qual se agrega uma base livre, sendo *agri-* um dos elementos constituintes.

As construções formadas no português selecionam radical e sufixo, gerando verbo e adjetivo:

- 3) *agricultar* (verbo) = *agri-* (formativo) + *cult-* (radical) + *-ar* (sufixo).
- 4) *agricultado* (adjetivo) = *agri-* (formativo) + *cult-* (radical) + *-ado* (sufixo).

Considerando os critérios norteadores e a análise da natureza das bases, observa-se que *agro-*, assim como *agri-*, tem as seguintes características: a) é forma presa; b) possui posição pré-determinada, à esquerda; e c) combina-se a palavras, aproximando-se dos afixos e, conseqüentemente, da derivação; entretanto, *agro-* pode unir-se a radicais eruditos, como *-metro*, *-logo*, *-grafo* e *-logia*, *-grafia*, que se comportam como sufixos e, de acordo com os critérios estruturais, afixos não se combinam entre si, o que afastaria *agro-* da derivação.

O próximo critério leva em conta a posição da cabeça<sup>20</sup>. Em 32 ocorrências com *agro-*, a cabeça está à direita, independente de os formativos a que se adjunge serem bases livres ou presas:

- 5) *agroexportação* – exportação de produtos agrícolas;
- 6) *agroecossistema* – ecossistema artificial que se estabelece em áreas agrícolas;
- 7) *agrógrafo* – especialista em agrografia;
- 8) *agrólogo* – especialista em agrologia;

Nas palavras com *agri-*, observa-se o mesmo comportamento:

- 9) *agricultar* – dedicar-se à agricultura.
- 10) *agrícola* – aquele que cultiva a terra

Em 2 palavras do *corpus*, constituídas por base presa + base livre, a cabeça está à esquerda:

- 11) *agroaçucareiro* - cultivo e industrialização da cana-de-açúcar;
- 12) *agroalimentar* - relativo à produção, processamento e embalagem de produtos alimentares de origem agrícola, destinados ao uso humano.



Segundo Sandmann (1989, p. 123), a relação sintática própria dos compostos da língua portuguesa é representada pela sequência DM-DT (determinado– determinante), como visto em (11) e (12), já a relação DT-DM (determinante – determinado), presente de (5) a (10), seria “influência de modelos estrangeiros bem como, possivelmente, do modelo de prefixação”.

Bennett (1913, p. 115), os compostos em latim são formados pela união de palavras simples. O segundo membro contém o significado essencial da composição e o primeiro membro funciona como um modificador do sentido. Ainda que *agro-* seja um formativo de origem grega, as palavras seguem um padrão clássico de composição.

Existem 6 casos em que ocorre uma relação de coordenação entre os constituintes; na sequência, apresentamos 2 deles:

13) *agroambiental* - concernente à produção agrícola e ao meio ambiente

“A Gestão *Agroambiental* tem como propósito ordenar as atividades desenvolvidas nas propriedades rurais, de forma a integrar os sistemas produtivos respeitando a capacidade de suporte do agrossistema onde está inserida (...).” (<http://www.agencia.cnptia.embrapa.br>)

14) *agroclimatérico/agroclimático* - referente à agricultura e ao clima.

“O zoneamento *agroclimático* age pelo conhecimento do clima relacionado aos trabalhos na agricultura, principalmente em tempos de aquecimento global, perdas na agricultura podem ser causadas por questões climáticas.” (<http://www.infoescola.com/geografia/zoneamento-agroclimatico>)

Nas formações híbridas, *agrofít* (software para produtos agrários), *agroservice* (serviço de jardinagem) e *agrolink* (portal de conteúdo agropecuário), *agrobóy* (filho protegido, mimados de latifundiários ou de empresários do ramo do agronegócio), coletadas no *Google* e não dicionarizadas, a cabeça mantém-se à direita, reiterando a tendência DT-DM das construções *agro-X*. Não analisamos a cabeça de alguns dados recolhidos da ferramenta de busca, por não apresentarem uma definição, tais como *agropesca* e *agrosurf*.

Em relação aos latinismos *agrimensura*, *agrícola*, a analogia com outras palavras da língua (*mensurar*, *vinícola*) leva-nos a inferir que o produto tenha cabeça lexical à direita: *medida das terras* e *cultivo da terra*, respectivamente.

Verificamos que há um número maior de formações em que o segundo elemento é uma base livre e que, na maior parte dos dados, a cabeça, tanto em *agro-* quanto em *agri-* está à direita, fato que aproxima os formativos à classe dos afixos; no entanto, não se pode ignorar que há palavras em que a cabeça encontra-se à esquerda e outras em que não há cabeça, pois os elementos estão numa relação de coordenação, comportamento que remete aos radicais.

## O CRITÉRIO SEMÂNTICO E A RECOMPOSIÇÃO

Os vocábulos foram distribuídos em cinco grupos, de acordo com domínios de conhecimentos sugeridos por suas definições nos dicionários e no *Google*. No primeiro

grupo, estão palavras cuja acepção está voltada para o manuseio da terra, seus produtos e fenômenos naturais (*agricultura, agroindústria, agroecossistema*, respectivamente). No segundo, estão os termos que remetem a estudos ou artes específicos relacionados à produção de alimentos e ao campo (*agrobiologia e agromancia*). No terceiro, encontram-se palavras que se referem a instrumentos e produtos utilizados no cultivo de alimentos (*agrômetro e agrotóxico*). No quarto, as definições relacionam-se indiretamente com a agricultura (*agrovía, agrosurf*). Por fim, no quinto grupo, os significados reportam-se às pessoas que vivem ou trabalham com a agricultura (*agroempresário, agrológo*).

A palavra *agroquímico* é alocada em dois grupos: no terceiro, por ser um produto utilizado no processo agrícola, e também no quinto, por nomear o profissional desta área. Em sua maioria, as palavras destinam-se a nomear atividades, produtos ou pessoas relacionadas à agricultura.

A construção do significado desses itens lexicais passa pela composição entre os significados das bases que os constituem. Essa composicionalidade é gradiente, uma vez que há significados mais transparentes e outros mais opacos. Os termos abaixo são formados por base presa + base livre. As bases livres dessas construções possuem alta frequência de uso na língua, conferindo às palavras maior transparência:

15) *agroexportador* – “diz-se da empresa, instituição, país, especializado em produzir gêneros agrícolas para exportação.” ([http://pt. Wikitionary.org/wiki](http://pt.wiktionary.org/wiki));

16) *agroecologia* - “estudo que visa à integração equilibrada da atividade agrícola com a proteção do meio ambiente.” (AURÉLIO);

17) *agrobandidismo* – “ações de bandidos no campo” (GOOGLE).

Já o significado técnico das bases presas à direita das formações abaixo é menos transparente; no entanto, é possível acessar seus significados, pois *-metro* remete a unidade de medida, *-grafo* reporta-se à palavra *grafia* e *-logia* é forma produtiva utilizada para referir-se a estudo de determinada área, como demonstrado por Rondinini (2009):

18) *agro + metro = agrômetro* – “instrumento usado para fazer agrimensura.” (HOUAISS);

19) *agro + logia = agrologia* – “ramo da agricultura ligado ao estudo dos solos” (HOUAISS);

20) *agro + grafo = agrógrafo* – “especialista na descrição dos campos” (HOUAISS).

As palavras a seguir, embora vindas do latim, do grego e do francês, permitem a isolabilidade dos seus constituintes, pois têm formas correlatas em português. Os vocábulos são formados por bases presas à direita com significados técnicos com menor frequência de uso na língua do que as citadas em (18), (19) e (20), tornando as composições mais opacas:

21) *agrimensor* – do latim – “que ou quem está legalmente habilitado para medir, dividir e/ou demarcar terras ou propriedades rurais.” (Houaiss)

22) *agromancia* – do grego – “suposta arte de adivinhar pelo aspecto dos campos.” (HOUAISS);

23) *agronometria* – do francês – “ramo da agronomia que tem por objetivo avaliar a capacidade produtiva do solo.” (HOUAISS).

Nos vocábulos de significados mais opacos ou nos de significados mais transparentes, as construções são pautadas em uma relação sintática de subordinação, em que o primeiro elemento, *agro-* ou *agri-*, é o determinante e o segundo elemento (seja ele uma forma de livre curso na língua ou uma forma presa), o determinado, ratificando o padrão estrutural da cabeça DT-DM, que, de acordo com Sandmann (1989, p.123), não é própria das palavras compostas do português.

O significado do radical *agro-*, *campo* (BECHARA, 2000, p.374), é facilmente depreendido em palavras como *agrografia* -1871<sup>21</sup> (descrição dos campos), *agromancia* – 1652 (suposta arte de adivinhar pelo aspecto do campo), de registros mais antigos, e *agrobandidismo* (ação de bandidos no campo), palavra não dicionarizada coletada do *Google*, de registro mais recente. Esse comportamento posiciona o formativo entre os radicais neoclássicos, uma vez que mantém o sentido oriundo do grego; contudo, se a origem (grega ou latina) das bases for um dos critérios para identificação dos compostos neoclássicos, o último exemplo afasta o termo da classificação por não ser o segundo elemento um radical erudito, *banditismo*.

*Agro-* assume diferentes significados relacionados direta ou indiretamente à *agricultura*, criando uma rede polissêmica, gerada por uma relação de metonímia. No substantivo *agrógrafo* (especialista em *agrografia*), o formativo retoma a ciência. A relação semântica entre *agro-* e *agrografia* configura uma recomposição, nos termos de Gonçalves (2011b, p. 19) e Gonçalves e Andrade (2012, p. 134): a recomposição é “uma metonímia formal (de um arqueoconstituente), /que/ assume o significado do composto de que era constituinte e atualiza esse conteúdo especializado na combinação com novas palavras”.

Nos exemplos (24) e (25), *agro-* assume o sentido de *agricultura*; em (26), *propriedades rurais e arredores* e em (28) *produtos agrícolas*, aproximando o formativo dos afixoides e do processo de recomposição. Porém, os significados sintetizados não aludem à forma encontrada na recomposição:

24) *Agrogeologia* (1949) - ciência que trata da constituição física e química do solo em relação à agricultura;

25) *Agroquímica* (séc. XX) - estudo, técnica e prática da química destinados à agricultura;

26) *Agroturismo* (?)<sup>22</sup> - tipo de turismo caracterizado por visitas a propriedades rurais e a seus arredores;

27) *Agroexportação* (?) - exportação de produtos agrícolas.

Nas palavras de (24) a (27), há uma ressignificação: ora o radical grego adota o significado das palavras latinas *agricultura* e *agrícola*, uma vez que não foi encontrado vocábulo de origem grega para referir-se ao cultivo da terra, ora condensa um significado para além do sentido prototípico; todavia, não há, nessas relações, coerência entre a parte formal do encurtamento e da palavra original, não sendo possível analisá-los por meio do conceito de Monteiro (1986, p. 170) e nem de Gonçalves (2011b, p. 19) e Gonçalves e Andrade (2012, p. 134), embora haja, de fato, uma metonímia – “processo cognitivo em que uma entidade conceitual, o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceitual, dentro do mesmo domínio” (KöVECSES; RADDEN, 1998, p. 39).

O encurtamento e a nova significação assumida por *agro-*, em palavras como *agrogeologia* e *agroexportação*, não foram classificados como truncamento, uma vez que a forma resultante do encurtamento não pode ser “escaneada” da palavra primitiva *agricultura* e *agrícola*, pois há alteração da vogal do vocábulo (originalmente -i-, passando a -o-). A mudança da vogal é algo extremamente relevante (e instigante), tanto do ponto de vista histórico quanto morfológico, já que há dois formativos em concorrência, *agri-* e *agro-*. Entretanto, nota-se, no truncamento, primeiro aspecto a se considerar na recomposição (MONTEIRO, 1986; OLIVEIRA; GONÇALVES, 2010<sup>23</sup>), que o formativo que assume o significado do todo contém uma vogal diferente em sua constituição.

Warren (1990, p. 119) propõe o conceito de *secretion*, processo no qual as unidades linguísticas que sofrem truncamento conservam alguns elementos semânticos e descartam outros. As palavras passam por um encurtamento na forma e no conteúdo, tornando o truncamento semanticamente incompleto e, por isso, precisa ser preenchido. Examinando os dados que mantêm uma metonímia cognitiva, em que a forma ativa um conteúdo diferente do original, pode-se propor uma construção semântica em que os elementos preservados sejam “campo”, contrapondo-se à cidade, e/ou “agrícola”, relacionado à “agricultura”, sendo os demais elementos preenchidos de acordo com a base à direita a que *agro-* se adjuge. Retomando o exemplo (27), *agro-* tem seu significado preenchido por *produtos*; em *agroboby*, a palavra *playboy* (empréstimo do inglês) sofre um truncamento, mas diferente do que acontece na recomposição, o segundo elemento, *boy*, passa a valer pelo todo – jovem rico, ocioso e ostentador sustentado pelo pai – e une-se a *agro-* que semanticamente é preenchido por latifundiário, identificando o pai que sustenta o jovem, um proprietário de terras.

Fazemos uma observação em relação à palavra *agroboby*; não denominamos *-boy* de *splinter* (partícula não-morfêmica formadora de novas palavras) por ser esse empréstimo uma das palavras constituintes da composição do inglês, *play + boy*.

Há ainda o empréstimo do inglês, *agribusiness*, formado do truncamento *agriculture* mais a palavra *business* em inglês. Esse empréstimo gerou um decalque<sup>24</sup> em português, *agronegócio*, mas na tradução, a língua optou pelo formativo *agro-* e não por *agri-*, embora disponha de tal elemento. O mesmo pode ser observado em *agricopecuário* e em outras nas quais *agrigo-* aparece como formativo, todas em desuso. Nesses casos, a forma selecionada é sempre *agro-*.

Das 76 construções morfológicas complexas, 65 são formadas com *agro-* e 11 com *agri-*. A transparência semântica de *agro-* pode ser um agente favorecedor de sua maior produtividade<sup>25</sup>. Como exemplos, temos as palavras recém-formadas *agropesca*, *agrosurf*, *agroboby*, *agrolink*, *agroservice*, *agrofit* e *agrovida*, *agroturismo*.

O comportamento de *agro-* não pode ser observado em *agri-*, pois não foram encontradas palavras novas com esse formativo, inviabilizando a comparação entre significados novos e os registros mais antigos. As poucas palavras que compõem o *corpus* são datadas entre o século XVI e século XVIII:

- 28) *agricultado* – 1552
- 29) *agricultar* – 1552
- 30) *agricultável* - 1799

Outras formas com *agri-* são latinismos, como *agricultura*, com entrada no português no século XV; *agrícola* em 1635, *agrimensor* em 1795 e *agrimensura* em 1784. A exceção é *agribusiness*, empréstimo do inglês, datado em 1985.

Observando os critérios semânticos de distinção entre radical e afixo, verificamos que *agro-* expressa um significado lexical, de maior densidade significativa, restringindo as combinações com outras formas da língua, ou seja, as formas livres ou presas a que *agro-* se adjunge deverão pertencer a domínios cognitivos relacionados direta ou indiretamente com a agricultura e o meio rural. Outra característica que aproxima *agro-* dos radicais é a variedade de significados que lhe podem ser atribuídos. No entanto, apresenta-se em posição fixa, à esquerda de outro constituinte, como um prefixo.

A análise semântica de *agro-* mostra a complexidade do comportamento desse formativo e, conseqüentemente, a dificuldade em classificá-lo.

## CONCLUSÃO

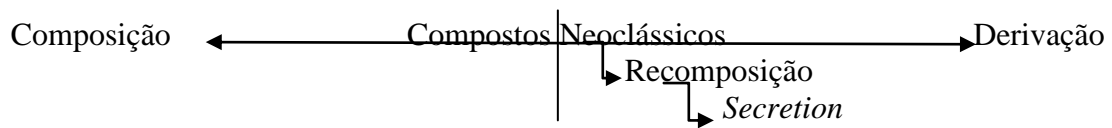
O levantamento dos dados para este estudo mostrou haver, em português, formas concorrentes para o formativo *agro-*: *agri-*, *agrigo-* e *agra-*. Por isso, procuramos informações históricas que pudessem esclarecer diante de qual formativo estávamos: um radical erudito de origem grega ou uma variante do radical latino. A pesquisa em dicionários etimológicos, manuais de filologia e textos de história antiga, levou-nos a concluir que havia apenas dois formativos em concorrência, *agro-* e *agri-*, sendo *agrar* um arcaísmo formado por derivação e *agrigo-* um truncamento em desuso. Os dados históricos também mostraram que *ager* é um empréstimo do grego feito pelo latim, havendo vestígios daquela língua nessa; contudo, o que chegou ao português foi uma forma latina, *agri-*, e outra grega, *agro-*.

*Agro-* apresentou um comportamento heterogêneo, ora com características de radicais e palavras – maior densidade semântica, possibilidade de estabelecer relação de coordenação entre constituintes da construção e até o uso, ainda que único, como forma livre, aproximando-se da composição –; ora com características dos afixos: posição à esquerda das formações, manutenção da categoria da base à direita, como os prefixos, aproximando-se da derivação.

Sintaticamente, a relação de subordinação entre os constituintes mostrou-se diferente do padrão geral dos compostos vernáculos, determinado + determinante, pois nos compostos formados por *agro-* e *agri-* os determinantes mantêm-se à esquerda, seguindo o modelo latino de composição.

Notou-se também que nas novas formações com *agro-*, como indica Gonçalves (2011b, p. 12 e 19), o formativo vem assumindo novos significados, o que pode caracterizá-lo como afixoide e, conseqüentemente, como responsável pelo processo de recomposição.

Ressaltou-se a existência de construções formadas também por metonímia, assemelhando-se à recomposição, mas distinguindo-se desse processo, pois o formativo contém uma vogal diferente daquela manifestada no todo. A essa construção, denominamos de *secretion* – processo periférico da recomposição. Deparamo-nos com três tipos de construções: compostos neoclássicos (*agrografia*), recomposição (*agronegócio*) e *secretion* (*agroquímica*, *agroexportação*), processos com características de composição e derivação que compartilham uma série de atributos formais e semânticos com os extremos prototípicos ilustrados na representação a seguir:



## NOTAS

- (1) Fases da Língua Latina: período proto-histórico (séc. VII - 240 a.C.), com as primeiras inscrições encontradas; período arcaico (240-81 a.C.) – com textos epigráficos e literários de autores como Livio Andronico, Nêvio, Ênio, Catão, Plauto, Terêncio e Lucílio; período clássico (81 a.C. - 17 d.C.) - quando a prosa e a poesia chegam ao apogeu com autores como Cícero, Virgílio, César, Horácio, Salústio, Lucrécio, Catulo, Ovídio, Tito Lívio, entre outros; período pós-clássico (17 d.C – séc. II d.C) com poetas e prosadores não originários da Itália, já que não seguem os modelos clássicos da Itália em sua totalidade, a exemplo de Fedro, Sêneca, Plínio, Marçal, Juvenal, Tácito, Quintiliano; e período cristão (Séc. III d.C – V d.C) representado pelos escritos de Tertuliano, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, dentre vários outros. (MONTAGNER, A. C. *Língua Latina I*. Rio de Janeiro: UCB, 2008, p. 21)
- (2) Se *-ico* é um afixo e *agr*, uma base, tecnicamente teríamos um derivado e não um composto.
- (3) Lehmann (1982, p.11) denomina gramaticalização “como processo que consiste na passagem de um item lexical para um item gramatical”, posição classicamente definida por Kurilowicz que “concebe a gramaticalização como um processo de morfologização, que pode levar à mudança de estatuto de um item não somente lexical a gramatical, mas também do menos gramatical para o mais gramatical”. (GONÇALVES, S.C.L.; LIMA-HERNANDES, M.C.;CASSEB-GALVÃO, V.C. (Orgs). *Introdução à Gramaticalização* – em homenagem a Maria Luiza Braga. São Paulo: Parábola. 2007. p. 22)
- (4) De acordo com o *Dicionário Escolar Latino-Português* de Ernesto Faria, *magister* e *puer* significam, respectivamente, “o que comanda, dirige e conduz” e “menino, criança, rapazinho”. Em relação a *uir*, o autor adota a grafia com “v”, *vir*, que significa homem.
- (5) Marcus Fabius Quintiliano 35 d.C.- 96 d.C), foi professor de latim e escritor. Seu trabalho *Institutio Oratoria* trata da educação e do domínio da oratória (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA).
- (6) “*Sed cui non post Varronem sit uenia? Qui “agrum”, quia in eo agatur aliquid, et “gragulos”, quia gregatim uolent, dictos uoluit persuadere Ciceroni (ad eum enim scribit), cum alterum ex Graeco sit manifestum duci, alterum ex uocibus auium”*”.

VALENZA, G.M. *De língua latina, de Marco Terêncio Varrão. Tradução dos livros VIII, IX e X.* 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

- (7) Pierre Monteil (1992) define raiz como um esquema, reconstruído da estrutura indo-europeia, que corresponde ao elemento significante da palavra.
- (8) Forma hipotética indo-europeia.
- (9) CATÃO, M. P. *De Agri Cultura.* Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com>> Acesso em: 15 mar. 2014.
- (10) O autor define palavras compostos como aquela cuja raiz é formada por duas ou mais raízes. (Greenough e Allen, 1903, p.160)
- (11) LÍVIO, T. *Ab Urbe Condita.* Disponível em: < <http://www.thelatinlibrary.com>> Acesso em: 15 mar. 2014.
- (12) TIBULO, A. *Tibulli Elegiae.* Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com>> Acesso em: 15 mar. 2014.
- (13) Elegia – 1. Entre os gregos e latinos, poema formado de versos hexâmetros e pentâmetros alternados. 2. Poema lírico, cujo tom é quase sempre terno e triste. (Novo Dicionário Aurélio – Dicionário eletrônico – versão 6.0)
- (14) “À luz de seus constituintes, o termo afixoide remete para algo ‘semelhante a um afixo’, o que implica afirmar que essa entidade partilha de certas semelhanças com um afixo, ao mesmo tempo em que ostenta diferenças em relação a esse elemento morfológico” (cf. GONÇALVES, 2011a, p. 64)
- (15) As formas dicionarizadas constituídas por *agro-*, *agri-* e *agric(o)-* arroladas tanto no Houaiss quanto no Aurélio apresentam grafia uniforme e a escrita é aglutinada. No entanto, os verbetes encontrados no *Google* que ainda não estão dicionarizados não apresentam padronização em relação (a) ao emprego ou não do hífen e (b) à escrita aglutinada ou não. Em função dessas distinções, optamos por uniformizar a grafia, não utilizando o hífen.
- (16) Cf.: VIARO, M. E. *Etimologia.* São Paulo: Contexto, 2014. p.114.
- (17) “/.../ a noção de 'neoclássico' não é simplesmente uma noção etimológica. Em primeiro lugar, não se pode esperar que os falantes tenham conhecimento etimológico. Além disso, muitas vezes é difícil determinar a origem de um elemento morfológico porque muitos elementos entram para uma língua através de outras.” (LUDELING, 2006, p.580)
- (18) Os exemplos fornecidos por Basílio corroboram a ideia de que sequências como *-(o)logia* e *-(o)grafia*, denominadas formas combinatórias finais (BAUER, 1988), talvez, não sejam constituídas de apenas um, mas de dois morfemas, uma vez que se prestam à análise morfológica adicional, e podem ser divididas em

- (o)log-ia e (o)graf-ia, respectivamente, como sugerido na comparação de palavras como *soci-(o)log-ia / soci-(o)lóg-ico* e *ginec-(o)log-ia / ginec-(o)log-ista*; *geo-graf-ia / geográf-ico* e *tele-graf-ia / tele-graf-ista*, entre outras. (cf. ANDRADE, 2013, p.25)
- (19) Cf. “De arte Mensora” de Sexto Julio Fontino (30 a.C-140 d.C).
- (20) “Utilizamos o termo *cabeça* para nos referir à ‘cabeça lexical’, pois estamos deixando de lado a tripartida distinção entre cabeças categoriais, morfológicas e semânticas proposta recentemente por Scalise et al (2009). À cabeça lexical subsumem cabeças categoriais e morfológicas, responsáveis, respectivamente, pela classe gramatical de todo o composto e por características como gênero e número, enquanto a cabeça semântica funciona como um hiperônimo do todo, como nos casos de *futebol-de-areia* e *futebol-de-salão*. Estes compostos denotam dois hipônimos de *futebol*, sua cabeça semântica. Ao contrário, os compostos *puxa-saco* e *criado-mudo* não apresentam cabeça semântica, porque nenhum de seus constituintes funciona como um hiperônimo do todo.” (cf. ANDRADE, 2013, p.31)
- (21) Ao lado dos vocábulos em itálico, estão as datas de registro do vocábulo na língua.
- (22) A interrogação faz referência à data de registro de entrada na língua.
- (23) OLIVEIRA, P. A.; GONÇALVES, C. A. V. O processo de recomposição e os formativos eco- e homo- no português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 2, p. 171-182, 2010.
- (24) “/.../ a denominação neológica inspirada na tradução das partes da palavra ou da expressão original”. (VIARO, 2014, p.277)
- (25) Por envolver conceitos relativos a domínios diferentes de análise (lexical e discursivo), o termo produtividade suscita várias interpretações. A ambiguidade do termo se instaura sobretudo quando estão em foco as noções de disponibilidade (*availability*) e rentabilidade (*profitability*) de um processo morfológico (ARONOFF, 1976, p. 211). Corbin (1984) define o conceito de disponibilidade como a possibilidade de um processo ser usado para a produção de novas palavras à medida que estas forem necessárias e, em decorrência, situa-se no âmbito da competência lexical. Em outros termos, disponibilidade, grosso modo, correlaciona-se ao grau de frequência de aplicação de uma dada regra, que é atribuído pelo conjunto de especificidades e restrições que se estabelece com as formas de base sobre as quais a regra opera, denominado por Basilio (1980; 1990) de “condições de produtividade”, isto é, condições estruturais correspondentes às especificidades das regras. Já rentabilidade diz respeito ao emprego de um processo para a formação de uma grande quantidade de novas palavras, refletindo, assim, o seu grau de frequência no uso da língua. A rentabilidade de um processo, portanto, está atrelada a fatores extralinguísticos – discursivos, pragmáticos e socioculturais –, ou melhor, às “condições de produção”, fatores que facilitam ou dificultam (até mesmo impedem) a aplicação



de uma determinada regra (BASILIO, op. cit.). Desse modo, neste trabalho, utilizamos o termo produtividade tanto para nos referir a um processo responsável pela formação de um grande número de palavras, como também, àquele dotado da capacidade de atualizar/renovar constantemente o inventário lexical. (BAUER, 2001), (cf. ANDRADE, 2013, p.14)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, M.; RIBEIRO, G. *Gramática latina*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1925.

ALDRIGUE, A. C. de S.; FARIA, E. M. B. de. *Linguagens: usos e reflexões*. v 2. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008. Disponível em: <portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wp-content/uploads/2009/07/latim.pdf> Acesso em: 12 jun. 2009.

ANDRADE, K. E. *Proposta de um continuum composição-derivação para o português do Brasil*. 2013. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

BASILIO, M. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006 [2004].

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et al. *Morphology and its demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 97-108.

BAUER, L. Is there a class of neoclassical compounds, and if so is it productive? *Linguistics*, v. 36, n.3, p. 403-422, 1998.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BENNETT, C. E. *A latin grammar*. Massachusetts: Nowood Press, 1973. Disponível em: <<http://www.textkit.com>> Acesso em: 02 fev. 2014

CAETANO, M. do C. A meio caminho entre derivação e a composição. *Estudos linguísticos/linguistic studies*, v. 5. Lisboa: Colibri, 2010. p.131-140.

CHAUVEAU, J.P. De la nécessité pour l'etymologie de reconstituer l'histoire des sens. *Recherches linguistiques de Vincennes*, n. 38. Paris: Presses Universitaires de Vincennes e Revues Org., 2009. Disponível em: [rlv.revues.org/1755] Acesso em: 03 jun. 2014.

CODEÇO, V. F de S. A presença da paideia helenística na educação romana. In: CANDIDO, M. R. (Org). *Roma e as sociedades na antiguidade: política, cultura e economia*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2008. p. 108-112.

COLLARES, Marco Antonio. *Representações do senado romano na ab urbe condita libri de Tito Lívio: livros 21-30*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CORASSIN, M. L. *O cidadão romano na república*. Projeto História. n 33. São Paulo: PUC-SP, 2006. p. 271-287.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 1982 [2011].

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1991.

FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 3 ed. Rio de Janeiro: MEC, 1962.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário eletrônico aurélio da língua portuguesa, versão 6.0*. Curitiba: Positivo, 2009.

FERREIRA, R. G. *Uma abordagem morfossemântica das formações tele-x no português brasileiro*. In: VI JEL Programação e Resumos. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. p. 2.

FERREIRO, M. S. *A palavra em construção: um estudo wittgensteiniano sobre a identidade das unidades linguísticas*. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2010. p. 88-121.

GARCIA, N. A. Panorama histórico da língua grega. *Revista Philologus*, v. 16, n. 48. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2010. p. 124-134.

GONÇALVES, C. A. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GONÇALVES, C. A. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, v. 5, n. 2, 2011a. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>>. Acesso em: 10 fev. 2013

GONÇALVES, C. A. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *ReVel*, edição especial, n. 5, 2011b. Disponível em: <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)>. Acesso em: 10 fev. 2013

GONÇALVES, C. A. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *Signum*, Londrina, v. 15, n.1, p.169-199, 2012.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en portugués. *Linguística*, v. 28 (2), p. 119-145, 2012. Disponível em: <<http://www.mundoalfal.org>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

GOODWIN, W. W. *Greek grammar*. Boston: Gin & Company, 1900. Disponível em: <<http://www.textkit.com>>. Acesso em: 02 jun. 2014.

GRANDE DICIONÁRIO HOUISS BETA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://acesso.uol.com.br/login.html?skin=houaiss&dest=REDIR|http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 02 jun. 2014.

GREENOUGH, J. B.; ALLEN, J. H. *New latin grammar*. 1903. Disponível em: <http://www.textkit.com>. Acesso em: 02 fev. 2014.

HOUAISS, A. et al. *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Objetiva. Versão 3.0, 2009.

KÖVECSES, Z.; RADDEN, G. Metonymy: developing a cognitive linguistic view. *Cognitive Linguistics*, v. 9, n. 1, p. 37-79, 1998.

LÜDELING, A. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. Trad. de Rosa Virgínia Mattos Silva; Helio Pimental. São Paulo: Nacional, 1979.

MACHADO, J. P. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, v.1. Lisboa: Conferência Editorial, 1984.

MENDES, N. M. *Império e romanização: “estratégias”, dominação e colapso*. *Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, v. 7, n. 1, p. 25-48, 2007. Disponível em: <[ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair](http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair)>. Acesso em: 14 fev. 2014.

MONTEIL, P. *Elementos de fonética y morfología del latín*. Trad. de Matínez, Fernández. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1992.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: EDUFC. 1986.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: INL, 1966.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY.  
<http://www.etymonline.com/index.php?l=r&p=3>. Acesso em: 23 fev. 2013.

PETROPOULOU, E. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. *Patras Working Papers in Linguistics*, Rio/Grécia, v. 1. p. 40-58, 2009. Disponível em: <<http://pwpl.lis.upatras.gr/index.php/pwpl/article/view/15/12>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

RALLI, A. Greek deverbal compounds with bound stems. *Journal of Southern Linguistics*, Mississipi, v. 29, n. 1/2, 2008.

RONDININI, R. B. Análise das formações com –logo e –grafo segundo a morfologia derivacional. *ReVel*, v.7, n. 12, 2009. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 23 fev. 2013.

ROSÁRIO, M. B. *Latim básico*. Disponível em: <http://www.latim-basico.pro.br>. Acesso em: 06 mar. 2013.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LOYD, B. B. (Orgs.). *Cognition and categorization*. New Jersey: Erlbaum, 1978. p. 27-48.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et labor/Ícone, 1989.

SEABRA FILHO, J. R. Grammaticale iudicium. *Principia*, XXIV. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. p.79-84.

WARREN, B. The importance of combining forms. DRESSLER, W. U. et al (Orgs.). *Contemporary morphology*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990. p. 111-132.

---

## NEOLOGISMOS FORMADOS POR COMPOSIÇÃO E EXPRESSIVIDADE LÉXICO-SEMÂNTICA NA POESIA DE PAES LOUREIRO

Raphael Bessa FERREIRA  
Universidade de São Paulo – USP (Doutorando)  
ru-98@hotmail.com

**RESUMO:** Sendo recorrentes na poesia de João de Jesus Paes Loureiro, os neologismos formados por composição, além de muito motivados, carregam expressividade poética ao jungirem, em plano morfológico de equivalências (*substantivo+substantivo*), o teor semântico relativo de suas bases. Contudo, tais compostos revelam-se verdadeiras metáforas, promovendo ainda a transposição das ideias originárias de tais elementos morfológicos, de modo a irradiar campos plurissignificativos diversos ao discurso poético. Tais criações vocabulares revelam-se parte de uma rede léxico-semântica que dialoga com o contexto e a cultura amazônica, visto que muitas das bases agregadas nas composições neológicas derivam de vocábulos oriundos do léxico da fauna, da flora e do universo mítico daquela região. Desse modo, é somente com o suporte teórico da Estilística Lexical e da Semântica Cultural que os aspectos relacionados ao plano da expressividade lexical, bem como ao da expressividade léxico-semântica, se tornam cabíveis de interpretação nos compostos presentes no material literário aqui analisado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paes Loureiro; Neologismos formados por composição; Estilística lexical; Semântica cultural; Léxico amazônico.

### INTRODUÇÃO

Fenômeno comum na literatura, mais ainda no gênero de poesia, é o uso de processos de formação de palavras no intuito, por parte do autor, de ampliar a expressividade do conteúdo poético, demonstrando, para tanto, uma característica linguístico-literária que se baseia, quando muito, em tais possibilidades morfológicas de modo a ressignificar o acervo lexical de uma determinada língua, bem como a transvalorizar o artefato estético que é a arte da palavra.

Ora, de modo que as criações lexicais, mais precisamente os neologismos, tem como fundamento no texto literário exprimir uma visão pessoal do mundo do autor, compete ao estilo deste expressar uma profundidade individual aliada a uma originalidade no manejo do léxico. Tal expressividade se revela efeito estético ligado a um universo cultural vivenciado pelo criador do texto. Afinal de contas, como aponta Guilbert, “le texte littéraire est en même temps un acte linguistique et la création linguistique ne peut être un acte d’expression purement personnel, parce que la langue

est en même temps l'object de la création et ce par quoi cette création est véhiculée.” (GUILBERT, 1975, p. 42).

Desta feita, se a criação lexical é, ao mesmo tempo, uma criação linguística de uma determinada comunidade linguística, comprovando assim o aspecto mimético da obra de arte ante a simulação de uma realidade dada, não menos consistente é constatar em alguns autores literários o uso de artifícios de criação de palavras com o objetivo de explorar não só o universo linguístico como também o universo social, político, histórico, cultural e mesmo psíquico de um grupo de falantes daquele idioma.

O romance *Ulisses*, de James Joyce, por exemplo, se vale de inúmeros processos de formação de palavras, tanto da língua inglesa quanto de outros idiomas, para conseguir captar uma essência irlandesa, ou mesmo dublinense, presente no universo sociocultural do norte da Grã-Bretanha.

O universo linguístico do sertão de Guimarães Rosa, o de Ariano Suassuna ou o de Graciliano Ramos; bem como o do pantanal de Manoel de Barros; e da São Paulo de Oswald de Andrade são caros exemplos de mundos ficcionais que mimetizaram na literatura os usos da língua portuguesa. Como afirma Ferrarezi Jr:

as línguas naturais refletem aspectos da organização do mundo pelos falantes, funcionam como meios de registro da complexa construção de saberes da cultura, interferem na maneira como as pessoas enxergam os elementos do seu mundo, enfim, sabemos que há uma estreita relação entre toda a construção cultural de uma comunidade e sua língua, desde os aspectos mais puramente gramaticais (como uma forma de concordância, por exemplo) até a construção dos sentidos das expressões mais complexas. (FERRAREZI JUNIOR, 2013, p. 73)

Ademais, existem ainda obras que, à sua maneira, ultrapassam os regionalismos e localismos, jungindo referências linguísticas múltiplas à escrita literária, como no caso de Haroldo de Campos e Mário de Andrade, no Brasil; e no de Mia Couto em Moçambique.

Na literatura do norte de nosso país, a obra de João de Jesus Paes Loureiro representa mais um exemplo dentre os muitos escritores que reinventaram a língua portuguesa por meio do artifício da criação neológica de modo a transcender o mero regionalismo. Não é por acaso que, para este poeta, a poesia é uma verdadeira “encantaria da linguagem”. (PAES LOUREIRO, 2008b, p. 7)

Dentre os muitos fenômenos de criação lexical manifestos na poesia loureiriana, a derivação e a composição fazem parte de uma acentuada tendência de escolha de processo morfológico comum a outros autores brasileiros a partir do movimento modernista, pois é a partir dali que, conforme postula Martins (1989, p. 113), “acentua-se o gosto pelos neologismos”.

Contudo, muito recorrentes no texto literário deste autor são os neologismos compostos formados pela junção de duas bases, que agregam-se em uma única e nova unidade morfológica. Estilisticamente falando, estes dois elementos de significação, quando juntos, são “mais fortemente motivados que os derivados”. (MARTINS, 1989, p. 122)

Os neologismos *vaca-silêncio*, *silêncio-vaca* e *som-porteira*, de Carlos Drummond de Andrade; e *cinco-salomão* e *signo-salomão*, de João Guimarães Rosa, são exemplos de criações de novos vocábulos a partir da junção de duas bases,

constituindo assim criações neológicas por composição bastante expressivas poeticamente.

Na obra poética de Paes Loureiro, tais criações são, de fato, bastante recorrentes e quase sempre formuladas a partir da junção de substantivo + substantivo, ou base + base. Tais bases, que possuem significatividade relacionada ao contexto cultural, histórico e geográfico da região amazônica, desempenham função primordial às particularidades estilísticas do autor.

Assim, para dar conta à pesquisa, um *corpus* que abrange seis obras do poeta paraense – *Água da fonte* (2008a), *As Encantarias* (2000a), *Deslendario* (2000b), *Epístolas e baladas* (2000c), *Para ler como quem anda nas ruas* (2000d) e *Porantim* (2000e) –, e que contém um total de dezenove ocorrências de neologismos formados por composição, foi utilizado com o objetivo de se constatar como, de fato, uma expressividade poética se constitui a partir do uso criativo do léxico e de suas particularidades regionais, e não menos universais, que se revelam em um significado local e extralocal perceptível no estilo do autor.

## A FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR MEIO DO PROCESSO DE COMPOSIÇÃO

A criação de palavras pelo processo de composição possui tradicionalmente uma divisão em seus conceitos: “composição por justaposição” e “composição por aglutinação”. Esta diferencia-se daquela pela subordinação tônica e perda de elemento mórfico de uma palavra constituinte, enquanto que na justaposição há uma integridade fônica dos constituintes em consonância com uma isenção de perdas ou cortes de suas partes mórficas (ALMEIDA; CORREIA, 2012, p. 52). Decorre disso o ponto de vista de alguns especialistas de que a aglutinação e a justaposição “são processos fonológicos, não morfológicos”. (MONTEIRO, 2002, p.188)

Contudo, morfológicamente, a composição pode formar uma nova unidade por meio de elementos coordenados ou por meio de uma subordinação entre estes elementos. Câmara Jr (1986), à guisa de ilustração, cita como exemplo de composição formada por subordinação a palavra *guarda-chuva*, e exemplifica como composto formado por coordenação o vocábulo *luso-brasileiro*.

De qualquer modo, o que se constata ainda nas formações por composição é o tom singular e dinâmico que as novas unidades procedidas possuem, tendo em vista que, por decorrer tal processo de formação da união de duas bases plenamente carregadas de sentido, o caráter exclusivo da nova unidade torna este um dos fenômenos morfológicos formador das mais inusitadas agregações vocabulares. Em outras palavras, “A unidade léxica composta, que funciona morfológica e semanticamente como um único elemento, não costuma manifestar formas recorrentes, o que a distingue da unidade constituída por derivação.” (ALVES, 2004, p. 41)

Estilisticamente falando, um neologismo formado por composição pode ensejar ao texto maior agilidade e expressividade (CARDOSO, 2013), elevando com isso tanto o significado real, e denotativo, das suas partes constituintes, como os sentidos múltiplos figurativizados poeticamente, promovendo ao novo vocábulo uma elevada semasiologização ao destituir-se de suas cargas prosaicas passando a adquirir valores metafóricos e, portanto, poéticos.

Isto ocorre devido ao aspecto particularizante que as bases possuem – diferentemente dos afixos, que possuem caráter generalizante –. Os compostos somente ganham carga metafórica por conta do âmbito semântico que lhes envolve (SANDMANN, 1992). Afinal, podendo ser um composto exocêntrico (em que todo o vocábulo é metafórico) ou endocêntrico (em que somente uma parte é figurativizada, restando a outra à referência), o que se tem, de fato, é um composto formado por elementos que agora irrompem caráter flutuante de significado (TYNIA NOV, 1982), ensejando motivação à nova unidade lexical.

## OS NEOLOGISMOS ELABORADOS POR COMPOSIÇÃO NA POESIA LOUREIRIANA

Na seleção dos neologismos formados por composições presentes na obra de Paes Loureiro, deu-se preferência àqueles que possuem valores semânticos significativos ao contexto amazônico, apresentando carga expressiva regional, contudo revitalizadora ao universo lexical do falante nativo de língua portuguesa, uma vez que universaliza marcas e traços temáticos comuns existentes na individualidade e na coletividade do brasileiro.

As dezenove ocorrências destas criações neológicas têm portanto, semântica e lexicalmente, pertencimento ao campo de palavras oriundas de significatividade inerente aos conceitos de flora e de fauna da floresta Amazônica, bem como de campos nocionais a rios, igarapés, braços fluviais e furos da bacia hidrográfica do rio Amazonas, e ainda de alguns elementos referentes ao contexto histórico, folclórico e mesmo social (como os problemas decorrentes de disputas territoriais e conflitos agrários) da região.

Em todos os casos analisados deste tipo de formação de palavras verifica-se o modo de combinação substantivo + substantivo posto em ordenação determinado/determinante, em que a base substantiva à esquerda possui função de sujeito; enquanto que a base alinhada à direita expressa função predicativa.

Em “Paisagem recordada: Abaetetuba, de avião”, o autor se vale de uma composição formada por dois substantivos justapostos de modo a unir duas realidades hídricas distintas em extensão, tamanho e salinidade: o igarapé (de água doce) e o oceano (de água salgada): “Ali a vida – igarapeoceano –”. (PAES LOUREIRO, 2000a, p. 265)

A junção destas duas palavras – de campo semântico idêntico, mas de significados distintos – promove no verso uma amplificação expressiva do substantivo “vida”, curta e vasta em sua extensão temporal e afetiva. O neologismo, nesse caso, promove noção de qualidade (qual um adjetivo) à palavra “vida”, dando a esta uma característica grandiosa. Ao mesmo tempo, o neologismo transfigura a existência dos seres da região, não mais viventes apenas à beira do igarapé, mas também do oceano Atlântico, onde as águas do Amazonas são lançadas, mesclando tanto os tipos de água (uma, doce; outra, salinizada) quanto ampliando o caráter infinito da vida daqueles caboclos.

No “Cântico III”, pertencente ao livro *Porantim*, verifica-se fenômeno de criação lexical semelhante ao analisar-se o neologismo “maroceano”:



Agora o peixe lento vai sozinho  
 e busca a foz  
 o nada,  
 maroceano  
 mar do mar. (PAES LOUREIRO, 2000c, p. 34)

Neste caso, há uma amplificação de carga semântica, *ad infinito*, da vastidão imensurável do mar, pois agora ele se pactua ao oceano, expandindo-se incessantemente rumo a uma nova união ao mar, tornando-se “mar do mar” em movimentação cíclica destas águas. Isto é promovido graças a “uma fusão semântica” (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2011, p. 54) que a unidade lexical neológica constituída por duas bases permite expressar.

No mesmo campo sêmico, em “Cântico XXIX” a neologia *poluição-piracema* transcende o universo linguístico dos significados fundamentais, denotativos ou ainda dicionarizados de suas palavras-base, e alcança uma intensificação de significação claramente metafórica:

Na linha da navalha há o armistício.  
 Piabas esconjuram a vazante.  
 Poluição-piracema sobre o rio. (PAES LOUREIRO, 2000e, p. 78)

A construção neológica impulsiona à leitura do poema a imagem exuberante da volumosa e numerosa porção de peixes nos rios amazônicos. Em movimentação reprodutora, conhecida como piracema, os peixes “derramam-se” pelas águas dos rios. Nota-se ainda que a base de caráter semântico fecundante e intensificador, “piracema”, passa a determinar a base de aspecto negativo, “poluição”. Ora, neste caso a metaforização implicada pelo neologismo é clara: a quantia de peixes sobre o rio torna-se aos olhos do espectador um espetáculo tão grandiloquente quanto o provocado pela imagem da poluição quando presente nos leitos de cursos aquáticos.

De mesmo campo semântico é o neologismo *águas-medo*, presente também no poema “Cântico XXIX”. Contudo, ainda que uma das bases tenha relação de significado com “liquidez”, como é o caso da palavra “água”, a carga significativa da criação lexical é figurativizada graças à presença do vocábulo “medo”, que carrega sentidos de temor. Nesse caso, a criação neológica pode expressar tanto o aspecto de perigo natural que ronda as águas dos rios amazônicos (enchentes, correntezas impetuosas, movimento de cheia dos rios etc.) quanto de perigo humano subjacente àquelas águas (piratas de rios, movimentação excessiva de embarcações etc.):

Caaporas decidem que caminho  
 Entre os que as águas-medo lhe negaram. (PAES LOUREIRO, 2000e, p. 77)

Já no “Hino dionisíaco ao boto”, o poeta agrega à palavra significativa da figura lendária do mamífero encantador das moças ribeirinhas, o boto, o vocábulo simbolizador do órgão reprodutor masculino, o falo (no poema, em sua forma latina,

*falus*), promovendo ao neologismo um determinado traço metafórico de carga erótica, sexual e reprodutiva.

Eu te saúdo nome-falus  
 como encantado que és  
 e te celebro  
 nesse cantar que te mantém cativo  
 do mesmo encantamento que me cativas. (PAES LOUREIRO, 2000a,  
 p. 29)

Qual uma nova figura mítico-lendária, ou uma “relenda”, e assemelhando-se a um Baco/Dioniso, o ente folclórico amazônico torna-se motivo de celebração sacro-profana por conta de sua imagem agregadora de aspecto viril e sexual. Não é por acaso que o falo representa “poder gerador, fonte e canal do sêmen, enquanto princípio ativo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 418). De outro modo, é sabido ainda que nas lendas amazônicas o boto rapta as moças, geralmente ainda virgens, e as “encanta”, copulando com estas e engravidando-as. A simbologia fálica, no caso especificado da unidade léxica neológica *nome-falus*, faz ecoar tradições arcaicas e simbologias primitivas de crença em um ser divino representativo da fecundidade.

Com o mesmo sentido mágico-religioso, o composto *verso-rio*, presente no poema “Cântico XLII”, torna-se imagem metafórica do fazer poético por conta da relação de determinante que o segundo elemento impõe ao elemento determinado, *verso*. Sendo um verso aquoso, ou fluídico, o *verso-rio* angaria tons de escritura de íntima relação com a natureza amazônica, e mesmo com a água, que, segundo Bachelard, “é a senhora da linguagem fluida, da linguagem que abranda o ritmo, que proporciona uma matéria uniforme a ritmos diferentes. (BACHELARD, 2013, p. 193). Sendo matéria movente e fonte de uma experiência poética imaginativa, como pontua o filósofo francês, o neologismo congrega sentidos metafóricos de uma metapoesia (ou do poema que dialoga consigo mesmo) e também de uma figura metalinguística que o fazer poético, qual o balançar das águas do rio, promove à escrituração do poético.

O mito agora é medo e mais morte,  
 motor imóvel sobre a correnteza  
 do eterno verso-rio em preamar (PAES LOUREIRO, 2000e, p. 92)

Tal interpretação pode ser corroborada pelo ponto de vista do próprio poeta, que afirma que o poema “faz emergir uma linguagem epifânica, do fundo das encantarias do rio da linguagem, tornando sua poeticidade dominante, realçando ‘a denominação poética’, fazendo o poema ou mito-poema inserir-se com significação própria no contexto circundante” (PAES LOUREIRO, 2002, p. 116).

Essa esfera de relações poema/poeta, poeta/linguagem poética e poeta/língua encontra em “A casa de madeira” a realização máxima das construções neológicas por composição que tem referencialidade com uma discussão metalinguística e mesmo metapoética do autor:

A voz de meu pai boiava na linguagem. Sílabas-mururés, verbos-terra, periantãs-adjetivos, sintaxe de ondas. (PAES LOUREIRO, 2008a, p. 19)

Remontando discursivamente a um tom fantástico que permeia também a literatura de outro artesão de neologismos, o moçambicano Mia Couto, a série de três compostos apresenta-se como parte da faculdade comunicativa paterna, que boiava “na linguagem”, suscitando ainda inferências interpretativas das neologias com elementos característicos da flora amazônica, como os mururés (planta aquática) e os periantãs (locais alagadiços e cobertos por peris).

Expressando um discurso paterno que se constitui pelo aspecto flutuante (*sílabas-mururés*), alagado (*periantãs-adjetivos*) e mesmo fluídico (*sintaxe de ondas*) e enlameado (*verbos-terra*) de uma linguagem amazônica, o autor encadeia uma sequência de neologismos reveladores de uma relação entre língua e mundo amazônico. Em outras palavras, segundo o próprio poeta, isso constitui fator de uma “transacionalidade de linguagem entre o local e o extralocal” (PAES LOUREIRO, 2014, p. 40), que, por meio da língua, exprime na arte literária uma atmosfera simbólica da cultura.

Em sentido parecido, o neologismo *verbos-espinhos*, presente no poema “Tia Maria”, alia, além da relação entre os sentidos próprios à cultura amazônica tradicional (como na representação do amazônida que se engasga, durante a alimentação, com a espinha do peixe), um tom alegórico sacro (o pano, o exílio e o espinho como símbolos da crucificação de Cristo):

Havia nomes em pano roxo recobertos, fonemas exilados no silêncio, verbos-espinhos presos na garganta. (PAES LOUREIRO, 2008a, p. 52)

Sabe-se ainda que a interinfluência entre campos semânticos ligados a aspectos religiosos e culturais que envolve a palavra “espinho” é registrada também ao outro elemento-base do neologismo: *verbos*. Afinal, como escrito no primeiro versículo do capítulo inicial do evangelho de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p. 1353). Dessa forma, a criação neológica de Paes Loureiro evidencia duplamente a visão de mundo do ser amazônico, seja em seu aspecto linguístico-cultural ou mesmo em sua característica religiosa, graças à operação metafórica que os significados particularizantes de *verbos-espinhos* envolvem.

Outros compostos criados pelo poeta paraense se investem da relação literária e mítica, perfazendo um jogo semântico de caráter intertextual, visto que são evidenciados diálogos com textos outros, literários ou não. Isso pode ser constatado no “Cântico XLII”, em que três criações lexicais são expressivas dessa interinfluência:

Tambatajá  
Que já não faz feliz,  
A yara-selva morta,

A selva-cunhantã, a selva-lindóia  
Perdida entre mamíferos ferozes. (PAES LOUREIRO, 2000e, p. 91)

Em *yara-selva* a ocorrência de uma base de etimologia tupi, *yara*, que contém valor semântico mítico-folclórico e, ao mesmo tempo, o indicativo de feminilidade – Yara é símbolo da entidade feminina protetora da natureza e a grande mãe da mata virgem –, confere à criação lexical um verdadeiro leque de interpretações peculiares. A floresta, antes virgem e intocada, já que era protegida, é agora destituída de sua primitiva originalidade.

A mesma relação semântica é percebida em *selva-cunhantã*, que agrega à base designadora do *locus* silvestre por excelência (*selva*) o também termo tupi *cunhantã*, que, conforme o Houaiss (2009), designa a mulher moça, jovem e ainda menina. Em relação analógica à *yara-selva*, a *selva-cunhã* representa ainda uma ideia de inocência do ambiente selvagem, ainda não tocado pelas mãos cobiçosas do homem.

Por fim, *selva-lindóia* refere-se, em sua base determinante, a uma personagem da literatura brasileira, Lindóia, oriunda da obra *O Uruguai*, de Basílio da Gama. Na epopeia árcade, a personagem feminina deixa-se picar por uma cobra venenosa no intuito de manter-se honrada ao evitar desposar um outro homem que não Cacambo, o cacique que lhe desposara. Lindóia representa a bravura e vitalidade jovial da natureza feminina. Tal nome representa ainda o sacrifício diante do amor.

Desse modo, intensificando o derradeiro suspiro da natureza diante das mazelas que lhe assolam, os neologismos são providos de valores intensivos, num crescendo semântico que passa pelas fases adulta (*yara*), infantil (*cunhantã*) e jovial (*lindóia*) até o culminante estado de aniquilamento, pois a selva agora jaz “Perdida entre mamíferos ferozes”.

O uso de bases providas de significatividade intertextual mostra-se uma constante na poesia de Paes Loureiro. Além dos neologismos formados por palavras ligadas a entidades míticas, a personagens literários ou a símbolos religiosos, verifica-se ainda o registro de elementos constituídos pela junção de bases de campo semântico histórico, não raro pertencentes ao imaginário heroico de um passado glorioso à região amazônica. Prova são os neologismos *Rio-Angelim*, *Rio-Ajuricaba* e *Rio-Guaimiaba*, presentes no “Cântico XIV”:

O musculoso rio  
cabano insano  
é desumano em seu destino humano.  
Rio-Angelim  
Rio-Ajuricaba  
Rio-Guaimiaba (PAES LOUREIRO, 2000e, p. 66)

Neste poema, verifica-se a presença de três nomes representativos à história social e à cultura combativa do estado do Pará. A começar pela figura de Eduardo Angelim, *Rio-Angelim*, emblemático político engajado na luta pela independência da província do Grão Pará na revolta conhecida como movimento Cabano, ou Cabanagem. Angelim, líder dos cabanos, ganha mais relevo histórico por ter sido preso e exilado durante o processo revolucionário (RICCI, 2006). A inventividade do neologismo decorre da bravura e do senso de justiça que o nome da figura histórica de Angelim conota ao rio Amazonas, um *vero cabano insano*.

Por seu turno, Ajuricaba, líder da tribo dos Manaos, é símbolo da resistência indígena contra os portugueses que invadiam e exploravam as terras e as populações indígenas da região onde hoje se localiza o estado do Amazonas (LEITE, 1950). Ajuricaba, em tentativa de evitar a escravidão e a submissão aos colonizadores, afoga-se nas águas do Amazonas em célebre ato de suicídio marcado por heroísmo. Mais uma vez o senso de bravura e de honra marca outra criação neológica do poema.

Também personalidade histórica, desta vez pertencente ao fato conhecido como “levante dos Tupinambás”, o cacique Guaimiaba, líder de tribo homônima, enfrentou a colonização portuguesa nas terras da Santa Maria de Belém do Grão Pará (atual Belém) na segunda década dos idos de 1600 (ALVES FILHO, 2001). Guaimiaba é considerado mártir da luta indígena contra a escravização e dominação lusitana naquela região. Em sentido contínuo e crescente, as três figuras históricas, líderes revolucionários permeados pelo senso de heroísmo e de libertação, influem à imagem do Amazonas sentidos virtuosos de comportamento exemplar face às adversidades beligerantes promovidas pelo progresso e pela expansão comercial decorrida no norte do país.

Na poesia de Paes Loureiro os problemas sociais ligados aos conflitos de terra, a espoliação agrária e os atentados à vida do pequeno agricultor – historicamente reincidentes na região amazônica – são mote de duas criações lexicais formadas por composição do tipo substantivo-substantivo.

Primeiramente, na “Deslenda narcísica do boto VII”, há a criação *homens-terra*, que integra sentidos aproximativos entre as lutas fundiárias na desolada paisagem amazônica com o banditismo promovido pelas disputas por posse de terra.

Áreas improdutivas, cego pão  
de posseiros, lavradores, homens-terra...  
com pastorais grelando em araguaias. (PAES LOUREIRO, 2000b, p. 149)

A criação lexical possui ainda correspondência metafórica ao mesclar, graças à composição, sentidos de aspecto físico que a base *terra* comporta, à base *homens*, solapando, assim, o caráter humanizado que anteriormente a palavra *seres* possuía. No sentido metafórico adquirido pela composição, tais personagens, que lutam pelas disputas latifundiárias, são realocados a uma nova categoria de seres, já em coletividade, que existem somente em detrimento de disputas por terrenos férteis e por territórios produtivos.

Já no “Primeiro poema da enchente amazônica ou deslenda fluvial II”, Paes Loureiro, ao remeter-se à figura do canoeiro, ou do pescador, reflete sobre a condição sub-humana, e por isso (des)esperançosa, a qual este indivíduo se vê às voltas na dura realidade de sua atividade:

O canoeiro  
vai-se pescando ao rio,  
isca-esperança (PAES LOUREIRO, 2000b, p. 133)

Ao pescar, o canoeiro intenta obter não o alimento de sua subsistência, o “peixe”, mas a própria esperança de êxito em seus anseios e desejos. Nesse caso, a

pesca do canoeiro é a busca por algo melhor. Daí sua isca, ou o chamariz para atrair o peixe, ser também “esperança”. Desta feita, o que o canoeiro almeja é capturar seus sonhos e suas ilusões.

Ainda falando em conflitos, desta vez em âmbito nacional, no poema intitulado “Epístola sobre Edson Luís Lima Souto”, a criação neológica *balas-verbo* enfatiza a violência sofrida pelos estudantes universitários durante o regime ditatorial brasileiro. Daí a homenagem do poeta ao secundarista Edson Souto, morto a tiros por policiais militares, em 1968, durante passeata no Rio de Janeiro contra o preço dos alimentos:

A fome é a esfinge dessa encruzilhada.  
A caneta desfere as balas-verbo  
no muro do papel. (PAES LOUREIRO, 2000c, p. 285)

Em sentido cruzado (“esfinge dessa encruzilhada”), a caneta desfere as *balas-verbos*, ou *palavras de ordem*; enquanto que o *muro do papel* é a folha ou o cartaz contestador, e por isso subversivo.

De igual modo, as *balas-verbo* e o *muro de papel* representam também a violência com a qual o estudante, alvejado à queima-roupa, se estendia sobre o espaço do conflito com a polícia. As *balas-verbo* sintetizam o tom denunciante e combativo da manifestação em consonância ao discurso opressor enunciado pelo regime de exceção.

## CONCLUSÃO

Como se vê, para a leitura da poesia de João de Jesus Paes Loureiro, faz-se de suma relevância aliar aos conhecimentos da língua os conhecimentos culturais da comunidade falante que a ela se vincula. São relações entre língua e conteúdos extralinguísticos que podem tornar elucidativas as interpretações de tais criações vocabulares presentes na obra do autor aqui estudado.

Esse circuito língua-cultura enseja à criação lexical uma organicidade própria que passa a motivar sentidos poéticos característicos. Subjacente a isso, é, de fato, pelo léxico de uma língua que “se reiteram, se transformam, se mantêm, se sustentam os modelos mentais, os sistemas de valores, os recortes culturais, os pontos de vista e as práticas de um grupo sociocultural” (CARDOSO, 2013, p. 10), o que, não menos, investe à expressão artística uma relação de equivalência entre matéria e forma e entre língua e cultura.

De outro modo, a expressividade do texto literário é evidenciada por um conjunto relacional entre aspectos morfológicos e semânticos alinhavados a informações culturais que constituem um universo marcado por uma língua que resemantiza temas históricos, culturais, sociais, geográficos e políticos graças a uma determinada técnica empregada pelo autor, o seu estilo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, G. M. de B.; CORREIA, M. *Neologia em Português*. São Paulo: Parábola, 2012.

ALVES, I. M. *Neologismo*. Criação lexical. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.

ALVES FILHO, A. dos S. *Pontos de história da Amazônia – v. I*. Belém: Paka-Tatu, 2001.

BACHELARD, G. *A água e os sonhos – ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

*BÍBLIA SAGRADA*: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1997.

CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*: referente à língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARDOSO, E. de A. *Drummond – um criador de palavras*. São Paulo: Annablume, 2013.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos – mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

FERRAREZI JUNIOR, C. Semântica cultural. In: JUNIOR, C. F.; BASSO, R. (Orgs.). *Semântica, semânticas – uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p.71-87.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2009.

LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil – Tomos de I a X*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950.

MARTINS, N. S. *Introdução à Estilística – a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T.A. Queiroz: 1989.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.

PAES LOUREIRO, J. de J. *Água da fonte*. São Paulo: Escrituras, 2008a.

PAES LOUREIRO, J. de J. *A arte como encantaria da linguagem*. São Paulo: Escrituras, 2008b.

PAES LOUREIRO, J. de J. *A poesia como encantaria da linguagem*. Elementos de Estética. Belém: EDUFPA, 2002. p.107-120.

PAES LOUREIRO, J. de J. *As encantarias*. Obras reunidas. São Paulo: Escrituras, 2000a. p.23-138.

PAES LOUREIRO, J. de J. Deslendarário. *Obras reunidas*. São Paulo: Escrituras, 2000b. p. 97-208.

PAES LOUREIRO, J. de J. Epístolas e baladas. *Obras reunidas*. São Paulo: Escrituras, 2000c. p. 251-316.

PAES LOUREIRO, J. de J. Mundamazônico – do local ao global. *Sentidos da Cultura*. Belém: EDUEPA, v. 1. n. 1, p. 31-40, 2014.

PAES LOUREIRO, J. de J. Para ler como quem anda nas ruas. *Obras reunidas*. São Paulo: Escrituras, 2000d. p. 07-22.

PAES LOUREIRO, J. de J. Porantim. *Obras reunidas*. São Paulo: Escrituras, 2000e. p. 23-96.

RICCI, M. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 15-40, 2006.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical: formação de palavras, ampliação do léxico, produtividade lexical*. São Paulo: Editora Contexto, 1992.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de; KOCH, I. *Linguística aplicada ao português – morfologia*. São Paulo: Cortez, 2011.

TYNIANOV, Y. Os traços flutuantes da significação no verso. *Poétique – Dossiê O Discurso na Poesia*. n. 28. Coimbra: Almedina, 1982. p. 15-27.

ULLMANN, S. *Semântica – uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.



## OS *SPLINTERS* –*NESE*, –*NEJO* E –*TONE*: UMA ANÁLISE PELA GRAMÁTICA MULTISSISTÊMICA

Regina Simões ALVES  
 Universidade Federal do Rio de Janeiro (Doutora)  
 salvesregina2011@yahoo.com.br

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo analisar, à luz da teoria Multissistêmica adotada por Castilho (2010), que tem como fulcro pressupostos funcionalistas e cognitivistas e que concebe a língua como um multissistema radial, o processo de formação de palavras com os formativos *-nese*, *-nejo* e *-tone*, denominados *splinters*, termo proposto para designar constituintes dos cruzamentos vocabulares, a exemplo de *macarronese*, *sorvetone* e *sambanejo*, formados a partir da fusão de dois vocábulos: macarrão + (maio)nese, sorvete + (pane)tone, e samba + (serta)nejo, respectivamente. Com base no fato de que os modelos clássicos apenas dão conta de estruturas cristalizadas como sofá-cama, guarda-roupa etc, é de nosso interesse mostrar o que o modelo multissistêmico oferece para o entendimento desses constituintes. Depois da análise desses formativos que podem figurar em novas unidades morfológicas, este trabalho visa a apresentar, se possível, a regularidade desse tipo de formação de palavras que nos parece um importante recurso na ampliação do léxico. Os dados foram recolhidos de dicionários eletrônicos como Houaiss (2009) e, com o objetivo de chegar um maior número possível de formações recentes, utilizamos os rastreadores eletrônicos *Google* e *Yahoo*, assim como dados ouvidos em diferentes situações de interação linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Splinters*; Formação de palavras; Análise Multissistêmica; Léxico.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a mostrar, além da análise de palavras com os formativos *-nese*, *-nejo* e *-tone*, que o processo de formação das novas unidades morfológicas em que figuram esses constituintes é um recurso produtivo na ampliação do léxico e que exemplares como *macarronese*, *sambanejo* e *chocotone* não devem ficar à margem por não se enquadrarem em um modelo clássico de análise.

Esses constituintes (*-nese*, *-nejo* e *-tone*) recebem o nome de *splinter*, termo conceituado por Bauer como: “uma parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras” (BAUER, 1983, p. 77; DANKS, 2003). É importante pontuar que, para a formação de *splinter*, uma parte da palavra passa a reter o significado do todo, podendo assim ser utilizada na formação de novos vocábulos.

Tentar analisar os *splinters* à luz da teoria multissistêmica, ou teoria do caos, implica considerar a língua enquanto processo estruturante e como agente e produto de construção de mundo, tal como defende Castilho (2010):

Aplicada às línguas naturais, esta percepção implica que não podemos nos ater a um modelo teórico apenas. A complexidade linguística põe em cheque uma afirmação constantemente repetida entre nós, acerca da necessidade de consistência teórica e da proibição de posições ecléticas. Para rever essa afirmação, devemos levar em conta a natureza do objeto empírico em exame. Os modelos clássicos dão conta das estruturas cristalizadas. Os modelos que a ciência dos domínios complexos vier a desenvolver na linguística darão conta das estruturas em construção. (CASTILHO, 2010, p. 63)

Com base no exposto, organizamos o trabalho da seguinte forma: primeiramente, mostramos os conceitos relacionados a esses constituintes na literatura. Após essa exposição, apresentamos o aporte teórico com o qual analisamos os formativos. Logo após, faremos a análise dos *splinters* de acordo com as ferramentas que a teoria multissistêmica nos oferece.

## O CRUZAMENTO VOCABULAR E *SPLINTER*

Danks (2003), em sua tese de doutorado, mostra que *blending* (cruzamento vocabular) é um processo muito utilizado e faz parte da linguagem diária. Segundo a autora, esse processo apresenta inventividade e jocosidade, o que o torna um processo atrativo não só para linguistas, mas também profissionais da escrita como, por exemplo, escritores de piada, gracejos etc. O conceito da autora para *blend* difere do de alguns autores, como Bauer, 1983 e Adams, 1973. Adams (1973) aponta a origem do termo *splinter* (termo criado por Berman em 1961), e o conceitua da seguinte forma: “... às partes de uma mistura que são descendentes de cada uma das palavras de entrada para a mistura” (ADAMS, 1973, p. 147). Para Adams, qualquer palavra que tenha *splinters* pode ser considerada um caso de *blend*. Já Bauer (1983) afirma que para ser *blend* é necessário que haja redução em ambas palavras. Concordamos com Danks (2003), que postula que algumas palavras possuem em sua formação um *splinter* e não são consideradas *blends*, pois para serem *blends*, pelo menos uma das palavras precisa apresentar redução no ponto de fusão, descrição importante para entender o processo de *blend*. Em *Computertech* (*computer* + *technology*), por exemplo, *tech* é considerado por Danks um *splinter* e *computer* é uma palavra inalterada e a presença do *splinter* (*tech*) na forma *output* não significa que se trata de um caso de *blend* visto que não houve mudança no ponto de fusão. Portanto, é possível que uma palavra tenha um *splinter* e não seja considerada um exemplar de *blend*. Concluímos que se não houver coincidência de elementos ou misturas, a mera presença de um *splinter* não fará com que a palavra *output* seja um *blend*.

Ressaltamos que é com o conceito de Danks (2003)<sup>1</sup> que analisaremos as formações que apresentamos como objeto de nossa investigação, pois, como veremos na

seção que trata da análise dos dados, elas podem ser considerados, por nós, um caso de “blend”, baseando-nos no conceito da autora.

Se no processo de encurtamento se retém o começo da base, denominamos o *splinter* de “initial splinters”, a exemplo de *choco-* (de *chocotone*). Quando retém a parte final, “terminal splinters”, como *-nese* (de *macarronese*). Quando aparece no meio da palavra, trata-se de “mid splinters” como *flu* de *influenza*, exemplo de Adams (1973 apud DANKS, 2003, p. 14). Também pode acontecer de a palavra perder o meio e ficar com o início e o final. Esse último caso é raro, mas é considerado um processo de encurtamento. Danks (2003, p. 15) o nomeia “not mid splinters”, é o caso de “*alium*, de *aluminium*”.

Quando a palavra encurtada é utilizada na língua como forma livre, tem-se um caso de *clipping*, considerado um tipo de encurtamento, assim como o *splinter*, porém o *clipping* é utilizado sem a necessidade de se unir a um outro vocábulo, a exemplo de *refri* (de refrigerante), *Maraca* (de Maracanã) etc. Para Danks (2003), a formação de *splinter* e *clipping* ocorre da mesma forma, porém a regra de formação de palavras é diferente, pois os *splinters* precisam combinar com outro elemento para formar a palavra ao passo que o *clipping*, não.

Os autores Gonçalves e Andrade (2012) aprofundam o questionamento a respeito da categorização das unidades morfológicas envolvidas nesse tipo de formação de palavras e afirmam que as unidades envolvidas nesse tipo de formação “podem ser dispostas num *continuum* morfológico determinado tanto por propriedades estruturais quanto semânticas”, (GONÇALVES; ANDRADE, 2012, p. 1-2). Para mais informação a respeito do processo de formação de *splinters*, remetemos ao trabalho de Alves e Gonçalves, 2014.

## O SPLINTER E O AFIXO

Afixos são elementos que se adjungem a uma base para formar uma nova palavra. Quando anexados à frente da base, recebem o nome de prefixo; quando acrescentados no final da base, o nomeamos sufixo. Segundo Danks (2003), geralmente, as bases a que são adjungidos os afixos são de livre curso na língua. Assim como os afixos, os *splinters* são formas presas, mas que podem ser adjungidos tanto a bases presas como livres. Podemos, por exemplo, juntar dois *splinters* e formar uma nova palavra, mas não formamos palavras novas juntando afixos.

O *splinter*, quando utilizado em outras palavras, passa a se assemelhar a um afixo, porém a principal diferença entre eles está no fato de o afixo ser mais gramatical, possuir grande potencial de aplicabilidade e ser polissêmico, ao passo que o *splinter* é altamente lexical e não apresenta grande potencial de aplicabilidade e, nesse caso, o *splinter* possui mais semelhança com os radicais neoclássicos.

## O SPLINTER E OS RADICAIS NEOCLÁSSICOS

Antes de pontuarmos as diferenças e semelhanças entre *splinters* e radicais neoclássicos, vejamos o conceito deste último. Concordamos com Bauer de que eles “são elementos da linguagem clássica que entram na formação de palavras...” (BAUER,

1983, p. 216). No nosso caso, essas formas entram no processo de formação de palavras da Língua Portuguesa. Como exemplo, podemos citar: *tele* (forma inicial) que se junta a *fone* (forma em posição final) e formam a palavra *telefone*, denominada composto neoclássico. Mas podemos ter uma forma encurtada como *foto* que passa a ter o valor semântico do composto fotografia e se juntar a uma palavra da língua como *jornalismo* e formar *fotojornalismo*. Esse fato dificulta a classificação desses compostos. Para Danks (2003), *fotojornalismo* é um exemplo de composto neoclássico, mas a autora reconhece que são exemplos diferentes e que ela não se sente confortável de colocá-los sob o mesmo rótulo.

De acordo com Gonçalves (2011b), algumas formas neoclássicas (*bi*, *mega*...) são consideradas por alguns autores como prefixo, a exemplo de Sandmann (1988). Bauer (1983) também considera *super-* um prefixo, mas classifica *hiper-* como “*combining form*”, o que nos parece uma incoerência. Algumas formas apresentam raízes *doublets* (*pisci* de *pisciano*, *piscicultura*), outras fazem parte ao mesmo tempo de lista de radicais gregos e latinos. Parece que não há um consenso entre os autores na classificação de alguns elementos neoclássicos: se são radicais ou prefixos ou se são de origem grega ou latina.

Uma outra peculiaridade dos radicais neoclássicos é que, sintaticamente, a maioria apresenta a mesma estrutura de palavras derivadas (determinante-determinado): o primeiro funciona como adjunto e o segundo como núcleo (*inseti* + *cida* = que serve para matar insetos), ou seja, núcleo à direita, modificador à esquerda. A maior parte dos *splinters* não apresenta essa peculiaridade, mas como a maioria desses radicais, eles são forma presa e é importante notar que há uma regularidade na composição do significado das expressões com o mesmo *splinter*, de maneira análoga aos compostos neoclássicos (fator de maior semelhança); ambos são partes que retêm o significado do todo, como *telepizza* em que *tele* tem o significado da forma completa *telefone*.

A regra de formação deles (*splinter* e neoclássico) é um fator de dessemelhança: os neoclássicos têm origem grega ou latina ao passo que os *splinters* são formados a partir de bases livres da língua, as quais sofrem redução não sistemática de seu corpo fônico.

## O SPLINTER E O COMPOSTO POR AGLUTINAÇÃO

No que diz respeito a sua formação, os *splinters* são formados a partir de duas bases, assim como os compostos por aglutinação. Porém, no processo de aglutinação, as bases perdem material fônico por elisão (*plano* + *alto* = *planalto*) ou crase (*água* + *ardente* = *aguardente*), por exemplo. A perda é sistemática e a mudança pode ser explicada por processos fonológicos, o que não ocorre com os *splinters* (principalmente com os que fazem parte deste trabalho). Um fator de dessemelhança também é o fato de se poder formar outras palavras com esse formativo, como veremos na análise dos dados.

Não há consenso entre os autores quanto ao pertencimento desses tipos de formações, pois elas apresentam semelhança tanto com a composição quanto com a derivação. Concordamos com Gonçalves e Andrade (2012), que os colocam como um caso de fronteira Derivação X Composição.

Como não é objetivo desta pesquisa mostrar a diferença entre composição e derivação, remetemos aos trabalhos de Gonçalves, 2011 e a tese de Doutorado de Andrade, 2013<sup>2</sup>.

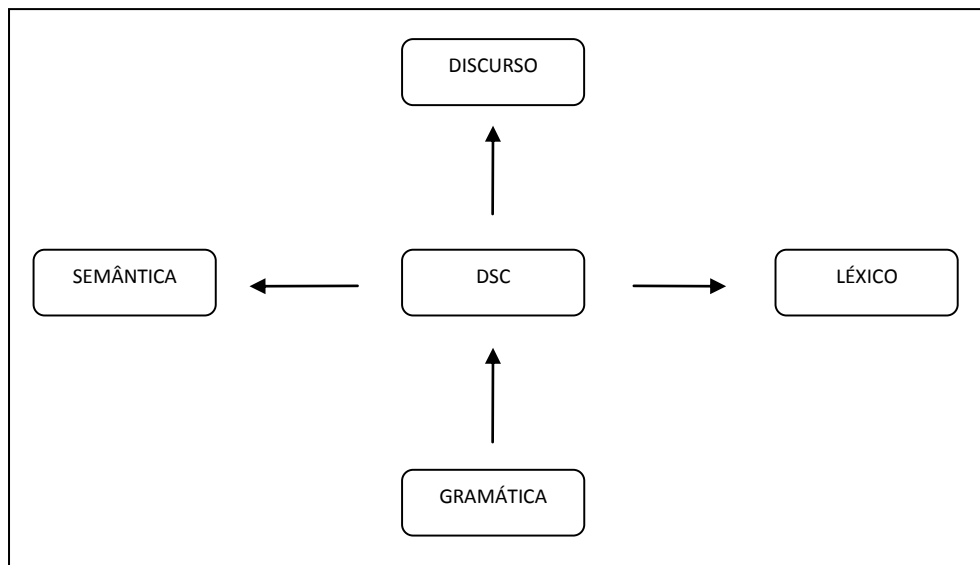
## **A TEORIA MULTISSISTÊMICA**

A teoria multissistêmica concebe a língua como um conjunto de operações cognitivas e, de acordo com essa teoria, encontramos quatro formas de estruturação de todo enunciado linguístico: formas lexical, sintática, semântica e discursiva. Essas formas ocorrem de modo articulado graças a um dispositivo chamado Dispositivo Sociocognitivo, doravante DSC. De acordo com Castilho (2010), os sistemas lexical, semântico, gramatical e discursivo funcionam independentemente, mas de forma articulada devido ao DSC, considerado central, dado a sua importância. Esse dispositivo regula esses sistemas, operando diretamente sobre eles e se organiza de acordo com três princípios, cuja descrição será vista ao longo do trabalho: ativação, reativação e desativação. A teoria nos licencia uma maior liberdade epistemológica, indo de encontro a ranços analíticos característicos das ciências humanas que a pesquisa linguística vem rebatendo e demonstrando, há algum tempo, que a análise linguística deverá se coadunar com o tipo de objeto que será analisado.

## **O DISPOSITIVO SOCIOCOGNITIVO**

No cerne do arcabouço teórico utilizado no trabalho de Castilho está o DSC, que afeta quatro sistemas linguísticos: o léxico, o discurso, a semântica e a gramática, que atuam de forma independente entre si (CASTILHO, 2010). Esse dispositivo se organiza de acordo com três Princípios: (a) Princípio da ativação: a projeção pragmática. Castilho propõe que esse princípio se fundamenta no princípio da projeção conversacional. Ele é responsável (i) pela ativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais, cujas descrições veremos ainda nesta seção; é considerado um princípio de projeção, por meio do qual organizamos a estrutura argumental da sentença simples e da complexa e (ii) inserção do tópico novo; (b) Princípio da reativação: ele regula a reativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais e se fundamenta na estratégia de correção pragmática e (c) Princípio da desativação ou elipse, que se fundamenta na estratégia conversacional de despreferências; trata-se do movimento que ocasiona o abandono das propriedades que estavam sendo ativadas para ativarem e reativarem outras. Esses princípios operam ao mesmo tempo e não sequencialmente, enfatiza o autor.

Para explicitar sua tese, o autor produz uma representação gráfica em que demonstra a independência entre os sistemas e a influência do DSC.



CASTILHO (2010, p. 69)

## O SISTEMA LÉXICO E A LEXICALIZAÇÃO

Cada sistema é conceituado e posteriormente descrito. Castilho conceitua a lexicalização da seguinte forma: “é um processo negociado ao longo das interações linguísticas, não se trata de uma iniciativa individual, pois obviamente as palavras são criadas para a comunicação”. (CASTILHO, 2010, p. 110). Já o léxico, o autor define como: “um conjunto de categorias cognitivas e traços derivados que são representados por palavras por meio da lexicalização” (CASTILHO, 2010, p. 110). Segundo o autor, é durante a interação que locutor e interlocutor decidem como administrar o léxico, ativando, reativando e/ou desativando suas propriedades. Vale ressaltar que a lexicalização é o processo de **criação** de palavras mediante categorias cognitivas, cujo produto é a palavra. Segundo o autor, essa criação se dá por (a) etimologia, quando um item da língua-fonte é integrado na língua-filha; por (b) neologia, quando a lexicalização ocorre na língua-alvo e por (c) empréstimo, quando a lexicalização ocorre por contato linguístico. Castilho (op.cit.) inclui na criação por neologia no léxico o caso dos neologismos formais e dos empréstimos. Vejamos os exemplos do autor: *dolarizar*, *neovanguardismo*, *matafome*, *fotojornalismo*. Mas a descrição não inclui exemplos que se assemelhariam aos *splinters*. Também há a criação por neologismo na semântica: quando uma base léxica sofre alteração de sentido. Seria difícil incluímos os *splinters* neste último caso, pois a base sofre alteração, mas não de sentido.

Talvez devêssemos, portanto, incluir o fenômeno na **relexicalização** (derivação e composição), ainda que o conceito de derivação e composição também não abarque totalmente o fenômeno. Mas, a definição de relexicalização pode incluir o processo de formação com os *splinters*, pois, segundo o autor, esse termo designa: “o movimento mental por meio de que rearranjamos categorias cognitivas e seus traços semânticos, realocando-as nas palavras, renovando assim o vocabulário” (CASTILHO, 2010, p. 117). Na relexicalização por derivação, Castilho afirma que “juntamos prefixos e sufixos derivacionais a um radical pré-existente, criando palavras, tais como *falar* ~ *desfalar*, *amor* ~ *amoroso* ~ *amorosamente*” (CASTILHO, 2010, p. 117) e no caso da

relexicalização por composição, “juntamos radicais pré-existentes, criando palavras compostas, como em *guarda-chuva e pé de moleque*” (CASTILHO, 2010, p. 117). Palavras com *splinters* têm regra de formação diferente, mas não deixa de ser uma relexicalização, já que se trata de formação de palavras com unidades pré-existentes, nos termos de Castilho (2010) e há um rearranjo de categorias cognitivas e a realocação de um significado em uma parte da palavra.

Segundo essa teoria, o léxico “é um inventário de categorias e subcategorias cognitivas e de traços semânticos inerentes” (CASTILHO, 2010, p. 110). Vejamos um outro sistema descrito pelo autor.

## O SISTEMA GRAMÁTICA E A GRAMATICALIZAÇÃO

Segundo Castilho (2010), gramática “é o sistema linguístico constituído por estruturas cristalizadas ou em processo de cristalização, dispostas em três subsistemas: (i) a fonologia, (ii) a morfologia e (iii) a sintaxe”. Gramaticalização, para o autor, é “o processo de constituição da gramática”. O termo gramaticalização também é definido como:

um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante os quais ela ganha novas propriedades sintáticas, fonológicas, morfológicas e semânticas; podendo se transformar numa forma presa, e até mesmo desaparecer, como consequência extrema de uma cristalização. (CASTILHO, 2010, p. 138)

## O SISTEMA SEMÂNTICO E A SEMANTICIZAÇÃO

Segundo a teoria, “Semântica é o sistema através do qual criamos os significados”. E a semantização: “é o processo de criação dos sentidos, administrado pelo DSC” (CASTILHO, 2010, p. 122). Mais à frente, pontuaremos como esse sistema contribui para a análise dos *splinters* e das formas de *output* que carregam esse formativo.

## O SISTEMA DISCURSO E A DISCURSIVIZAÇÃO

O discurso aqui “é o conjunto de negociações em que se envolvem o locutor e o interlocutor”. E a discursivização é definida como “o processo de criação de textos administrado pelo DSC”. (CASTILHO, 2010, p. 133-134). O DSC atribui à conversação um papel principal no processo em tela.

Com todos os conceitos em mente, podemos afirmar que o DSC orienta a discursivização no sentido de unir os processos envolvidos na criação de uma nova palavra com as mudanças socioculturais do mundo extralinguístico.

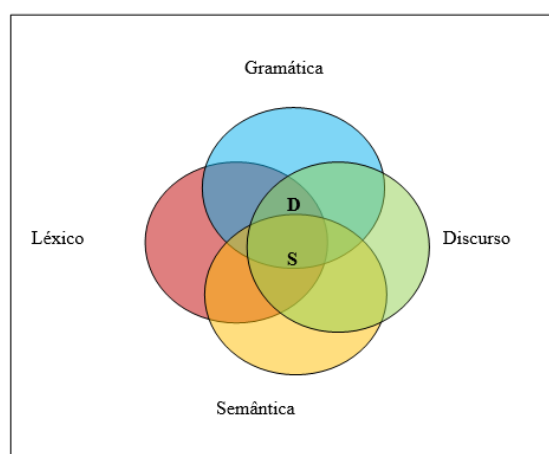
## ANÁLISE DOS DADOS.

Com relação ao DSC, tema central de um dos postulados da Teoria Multissistêmica, concordamos com Castilho quando afirma que o dispositivo é cognitivo porque se fundamenta em categorias e subcategorias cognitivas; entretanto, ao enunciar, em seguida, que são sociais, pois são “baseados na análise continuada das situações que ocorrem numa conversa, mais particularmente, na gestão dos turnos conversacionais” (CASTILHO, 2010, p. 79), Castilho parece restringir o fator social à conversação.

É evidente que a interação comunicativa entre duas ou mais pessoas é essencialmente social, mas o que subjaz a essa relação social é a confluência de fatores históricos e culturais que interagem de forma indissociável para que possa haver esse entendimento entre esses dois elementos sociais (falante e ouvinte).

Outra afirmação que nos inquietou foi referente à possibilidade de interface e a independência entre os quatro sistemas linguísticos. Na opinião do autor, as interfaces podem ocorrer, mas não regras de independência. Na nossa opinião, consoante ao que explicitamos acima, a interface é uma condição *sine qua non* entre os sistemas linguísticos, e sua relação realmente não seria de independência, mas sim de interdependência, uma vez que não podemos proceder a uma análise lexical sem levarmos em consideração a semântica do termo em questão, do mesmo modo que não poderemos analisar um termo e seu significado sem testarmos seu funcionamento no discurso... e assim por diante.

Para melhor explicitarmos nossa opinião e objetivando levantar uma discussão em torno do tema, formulamos um gráfico para representar as relações entre os sistemas:



## DA COLETA DOS DADOS

Todos os dados com *-nese*, *-nejo* e *-tone* foram retirados de sites, propagandas e em situação de conversa informal, mas para a testagem, utilizamos as ferramentas de busca *Google* e *Yahoo* e dicionários eletrônicos. Os dicionários eletrônicos *Houaiss*, *Michaelis* e *Aurélio*<sup>3</sup> não apresentam definições para nenhuma palavra que compõe o *corpus*. O único dado do *corpus* que se encontra dicionarizado é *chocotone* (aparece



fazendo referência a uma iguaria da culinária brasileira), porém sua referência é da *Infopédia* (da Porto *online*)<sup>4</sup> O VOLP (*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*)<sup>5</sup> também não apresenta registro de nenhum dado com os *splinters*, foco desta pesquisa. Já o *Dicionário Informal, online*, somente apresenta definição para *chocotone*, que foi inserido por Franco, RJ em 24 de dezembro de 2010.

Os dados com *-nejo* aparecem em dezenas de anúncios *online* e propaganda de shows. As formas *forronejo*, *sextaneja*, *sambanejo*, *pagonejo*, *arrochanejo* aparecem em mais de 50 anúncios e propagandas de shows, cada um. *Topnejo* e *popnejo* aparecem em cerca de 20 anúncios cada. Dados com *-nese* aparecem em sites de receita culinária e anúncio de produto. *Macarronese* aparece com mais de 16 ocorrências, *ovonese* com 4, *molhonese* tem 3 e *alhonese*, 3. *Chocotone* (forma já dicionarizada) e *sorvetone* aparecem em vários sites de propaganda do produto e site de receita culinária e com muitas ocorrências.

De acordo com Alves:

não basta a criação de um neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não difusão, que decide sobre a integração dessa nova forma ao idioma. (ALVES, 1994, p. 84)

Porém há um contrassenso nas obras lexicográficas, pois observamos que termos com pouquíssimo uso constam em suas páginas, ao passo que outros, com uso mais difundido, ficam de fora. Talvez esse fato explique o motivo de uma palavra tão utilizada como *macarronese*, assim como outras, não constarem em nenhuma obra lexicográfica.

Após essa etapa, iniciamos a análise dos dados de acordo com cada sistema.

## ANÁLISE DOS DADOS COM BASE NO SISTEMA LEXICAL

As estruturas cristalizadas, tais como guarda-roupa e sofá-cama, já foram devidamente observadas e se enquadram no conceito clássico de composição, como vimos na seção que trata do Sistema Lexical. De modo diferente, as estruturas em construção e de formação nem tão recentes na língua e que não se enquadram no modelo clássico de análise, como *chocotone* e *sambanejo*, não são analisadas e nem sequer são dicionarizadas (dicionários brasileiros). Tais formas não são exemplares prototípicos da composição nem da derivação, pois apresentam, em pelo menos uma das bases do formativo, uma diminuição não sistemática ou regular de seu corpo fônico, conforme Sandmann (1997).

Em relação ao conceito de lexicalização, acordamos com Castilho quando afirma que este é o processo por meio do qual conectamos o léxico, entendido como um inventário pré-verbal, pois, desse modo, assumimos a importância da cognição na criação e conservação das palavras. O autor ainda reforça essa ideia, ao acrescentar que as palavras e suas propriedades não são apriorísticas, não representam uma espécie de “pacote” que recebemos pronto, assumindo-se, ao contrário, que esse tipo de conhecimento linguístico é continuamente feito nas situações concretas de fala.

Nesse caso, fazemos uma ressalva, uma vez que consideramos que o léxico nos guia a um determinado lugar semântico de acordo com Fauconnier (1994), perpassando por categorias cognitivas que não se encontram inerentes à palavra, mas sim em uma confluência de fatores sociais e culturais.

Para Castilho, como já observamos na seção de lexicalização, “a relexicalização é um movimento mental por meio de que rearranjamos as categorias cognitivas e seus traços semânticos, realocando-as nas palavras, renovando assim o vocabulário” (CASTILHO, 2010, p. 117). Não há exemplos com os *splinters*, mas o conceito pode englobar essas formações, pois nele se afirma que há uma reativação de propriedades (morfológica, sintática, semântica...). Na palavra *macarronese*, por exemplo, ocorre a morfologização da palavra ‘maionese’, pois houve uma alteração na sua forma e ao mesmo tempo ocorreu reativação semântica de maionese em sua forma modificada, – *nese*. Castilho afirma que ao receber ou produzir uma palavra, nossa mente refaz os caminhos da lexicalização ou relexicalização; a nosso ver, esse fato corrobora com a construção do sentido e com a formação de palavras com os *splinters*.

Pensemos na análise que faz da categoria substantivo (classe dos dados). Castilho a analisa com base na teoria da Linguística Cognitiva, mais precisamente, com base na teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1984, 1985). Segundo Castilho, com base em Fauconnier, as estruturas mentais fornecem indícios sobre a construção de espaços mentais (trata-se de percepções evocadas diretamente por uma expressão linguística ou por uma situação pragmática). Para o autor, os significados podem ser descritos como a construção mental permanente de espaços, de elementos, de papéis, e de relações no interior desses espaços, a partir de índices gramaticais e pragmáticos. Conceito importante para nossa análise.

Observemos os dados com *-tone*: O *splinter –tone* (originado do encurtamento de panetone) figura em palavras como *chocotone* e *sorvetone* e faz referência a “um tipo de”. *Chocotone* é um tipo de panetone com chocolate no lugar das frutas, assim como *sorvetone* é um tipo de panetone com sorvete. Nesse caso, temos, tanto em *chocotone* como em *sorvetone*, a redução do corpo fônico de ambas palavras, porém houve uma redução maior na palavra chocolate que em sorvete. A regra de formação desse cruzamento é *splinter* inicial + *splinter* final, tanto para Danks (2003) como para Bauer (1983). A motivação do processo é denominadora e tanto as formas de origem como as de *output* pertencem à mesma classe de palavras: substantivo.

O *splinter –nejo* tem uma formação parecida com a do *splinter –tone*, acima citado, pois aparece em posição final e o processo de formação em *pagonejo* é *splinter* inicial + *splinter* final, assim como em *topnejo*. *Top* é a redução de *tope*, mas também podemos considerar “*top*” como empréstimo do Inglês. *Eletronejo* é radical neoclássico + *splinter* final. Já as palavras (*samba* e *forró*) ficaram completas. Nesse caso, temos como formação uma palavra completa e um *splinter*. *Pop* é um empréstimo do inglês, assim como *funk*, e é a forma reduzida de “*pop art*”. Em *sextaneja*, temos a redução de sexta-feira (*sexta* que é um *clipping*) + *splinter* -neja de *sertaneja*. Ou seja, todos os exemplos são *blends* para Danks (2003). Para Adam (1983) não seriam, pois segundo ela, deveria haver redução em ambas palavras. Vejamos os dados em 01.

01. eletronejo	funknejo	pagonejo
sambanejo	forronejo	sextaneja
arrochanejo	popnejo	topnejo

Da mesma forma, o *splinter –nese* aparece em posição final agregado às palavras completas (ovo, molho, alho) e com *splinter* inicial em *macarronese*. Observemos os dados em 02.

02. *macarronese*                      *ovonese*                      *molhonese*                      *alhonese*

Com base no exposto acima, podemos formalizar a análise da seguinte maneira:

1) *Splinter* inicial + *splinter* final:

*pagonejo*                      \**topnejo*                      *macarronese*                      *chocotone*                      *sorvetone*

2) Palavra inalterada (forma completa da língua) + *splinter* final:

*arrochanejo*                      *forronejo*                      *sambanejo*

*ovonese*                      *molhonese*                      *alhonese*

3) Palavra inalterada (empréstimo) + *splinter* final:

*funknejo*

4) Radical neoclássico + *splinter*

*eletronejo*

5) Forma reduzida (*clipping*) + *splinter*

*sextaneja*                      *popnejo*

## GRAMÁTICA E GRAMATICALIZAÇÃO

Do ponto de vista fonológico, os *splinters* apresentam redução de seu corpo fônico e podem ser adjungidos às palavras completas (de livre curso na língua) e também às formas presas, como radicais neoclássicos e a outros *splinters*, como vimos na seção acima.

Do ponto de vista da morfologização, observamos que o sentido do radical (maionese) se resume numa forma presa *–nese*, assim como *–tone* e *nejo*. Podemos postular que em *sextaneja* não temos um tipo novo de ritmo musical, como nos outros casos das formas com *–nejo*, e sim um ritmo musical, sertanejo, tocado em determinado dia da semana, nesse caso, sexta-feira, que aparece com forma reduzida, sexta, de livre curso na língua que pode ser analisada como um caso de *clipping*, nos termos de Danks (2003). Também observamos que em *sextaneja*, o DSC, opera sobre o sistema gramatical, possibilitando o surgimento da concordância com a palavra sexta, que é feminina. Houve, nesse caso, uma reativação de uma propriedade gramatical, em termos morfológicos. Não é econômico pensar que *–neja* seja um novo *splinter* na forma feminina de *–nejo*. Mas poderíamos assumir que o *splinter* é *–neja*, provindo de

sertaneja, palavra conceituada no *Houaiss* como: “composição musical ou cantiga do sertão brasileiro” e a forma masculina, *-nejo* é que faria a concordância com as palavras do gênero musical que são masculinas, a exemplo de (o) samba, (o) forró, (o) pagode etc. Da mesma forma, teríamos a operação do DSC operando sobre a Gramática em termos morfológicos, possibilitando a concordância.

Os subprocessos foram descritos separadamente, pois de acordo com Castilho (2010) cada um representa um diferente aspecto da mudança linguística, embora ocorram simultaneamente.

## A SEMÂNTICA E A SEMANTICIZAÇÃO

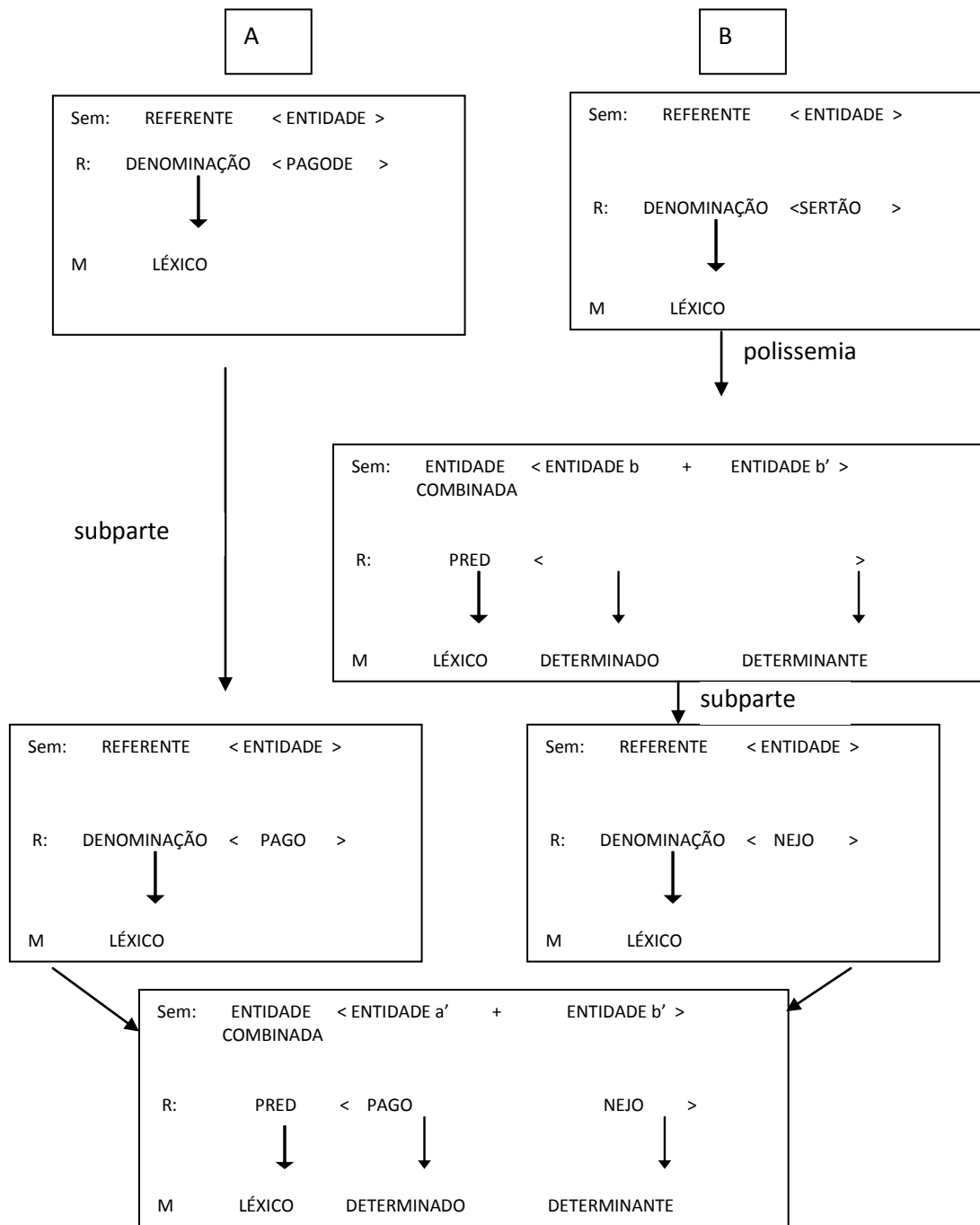
No caso empírico analisado, verificou-se um movimento de propriedades semânticas dos radicais para os *splinters*, o que licenciou a relação de herança por subparte nos termos de Goldberg (1995), dotada de características metonímicas.

O sistema semântico age introduzindo uma ressemanticização no léxico, representado pela formalização construcional “alterando-se a adequação à representação dos objetos e dos eventos” (CASTILHO, 2010, p. 133). O significado do *splinter* é o mesmo da forma lexical ativada. O fato é que ocorre, no *splinter*, uma reativação do significado, mas que não muda o objeto. Há sim uma mudança na forma, mas não no sentido. O *splinter* se junta a uma outra forma com o objetivo de nomear uma nova entidade ou objeto. *Chocotone*, por exemplo, não é apenas pão e nem apenas chocolate e sim um novo objeto, é um panetone com recheio de chocolate.

Os *splinters*, na verdade, são formas cortadas, fragmentadas, modificada, mas que carregam o significado do todo. É uma forma que herda o sentido da forma que lhe deu origem. É o que Goldberg (1995) chamaria de herança por subparte. Para a autora, uma construção é um pareamento de forma e significado, tal que algum aspecto da forma ou do significado não é estritamente predizível das partes componentes da construção ou de outras construções previamente estabelecidas.

As construções, no nosso caso, morfológicas, possuem relações entre si, formando uma Rede de Construções da língua. Em seu estudo seminal, Goldberg enumera quatro tipos de relações de herança entre construções em que uma construção herda características formais ou semânticas de uma construção mais básica. O primeiro é a relação por polissemia, em que se estabelece uma relação entre a semântica da construção base e cada extensão que esse significado pode adquirir nas construções herdadas. Uma herança por subparte ocorre quando uma construção é propriamente a subparte de uma construção base e existe independentemente dessa. Esse é o nosso caso. O terceiro tipo de herança é por instanciação, nesse caso, todos os elementos da construção-base são instanciados na construção herdada. O último caso diz respeito ao mapeamento metafórico entre construções, ou seja, o domínio semântico de uma construção é mapeado para outra por uma extensão metafórica.

Vejamos a representação da herança.



Segundo Castilho, o domínio da semântica não é diretamente o da referência e o das condições de verdade, e sim o da estruturação de espaços mentais. Os significados podem ser descritos como a construção mental de espaços, de elementos, de papéis e de relações no interior desses espaços. “Falar é engajar-se nessas construções” (CASTILHO, 2010, p. 462). Esses espaços mentais são ativados pela expressão linguística. Na formação *macarronese*, por exemplo, ativamos “macarrão” e “maionese”, os dois itens pertencem ao mesmo domínio (alimentos /culinária). Em *sambanejo*, acessamos o domínio de ritmo musical e ativamos os ritmos de “samba” e “sertanejo”. Nessas formações, temos a demonstração na construção cuja relação entre

as partes primeiramente se dá por herança de subparte como exemplificado no esquema acima. O mesmo não acontece com *sextaneja*. Nesse caso, temos espaços mentais sendo ativados por domínios diferentes: um da música ou ritmo musical e o outro de “dias da semana”, que em nossa cultura, são sete e sexta é o último dia útil da semana, sendo considerado o dia ideal para comemorar o fechamento da semana.

Essas formações são possíveis graças ao princípio da integração dos espaços mentais.

## DISCURSIVIZAÇÃO

Como bem nos orienta o autor, a análise deve utilizar diversos campos do conhecimento para se tornar cada vez mais multissistêmica e resolvemos então relacionar os processos linguísticos aos conceitos de território e cultura que são planos que se misturam e se influenciam mutuamente. O espaço físico determina atividades produtivas e ritos de uma população, ao mesmo tempo em que a população modifica o ambiente onde vive de acordo com valores, costumes e interpretações da realidade.

Dessa forma, o falante faz uso do que Deleuze; Guatari (1995) chamaram de pensamento rizomático em contraposição às dicotomias fixas que orientaram o pensamento durante muito tempo. Eles afirmam que

Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (DELEUSE e GUATARI, 1995, p. 15).

É nessa inter-relação incessante que se executam os processos, entre eles, o de discursivização, que atualizam as instâncias no texto de acordo não só com as necessidades comunicativas, mas também com as necessidades de adequação a um convívio social que se encontra em permanente mutação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria que se encontra em desenvolvimento nos fornece elementos e nos faz buscar ferramentas além do cenário linguístico para tentar dar conta de fenômenos que não se encontram entre os processos regulares, mas que não devem ficar excluídos de uma análise.

Ao relacionar os produtos e processos linguísticos ao DSC, Castilho inclui um importante meio para conjugar os processos que ocorrem no mundo, sejam eles sociais, políticos, históricos e culturais, aos processos linguísticos *lato e strictu sensu*, que se encaixam com correntes filosóficas que influenciam o pensamento do homem.

Poder considerar a palavra como um território – metafórico, é lógico – faz-nos entender melhor a projeção de propriedades semânticas de uma parte do território para

outro. E a própria reconfiguração da palavra e a realocação de seu sentido em apenas uma parte nos remete diretamente às necessidades sociais da ordem vigente em que o tempo possui um valor incomensurável e milésimos de segundo são economizados ao se juntar partes de duas palavras em vez de pronunciá-las separadamente.

Seguindo as ideias de Castilho, podemos afirmar que, ao nomear um novo ritmo musical que possui a mistura de dois ritmos, por exemplo, o falante tem em mente que ele também pode misturar os nomes desses dois ritmos para chegar a um novo nome para esse novo ritmo, como, *pagonejo*, *sambanejo*, *eletronejo*, e o faz com maestria, ativando e reativando propriedades que deixam transparentes o caminho feito por ele para chegar a essas novas formas. O mesmo caminho é percorrido para formar palavras como *macarronese*, *chocotone* etc.

Na formação de *sextaneja* há a junção de dois domínios distintos, diferentemente dos outros dados, há o domínio da música e o domínio dos dias da semana que são integrados por meio de mescla, que surge graças à junção de espaços mentais. Com isso, o falante, de acordo com as suas necessidades comunicativas, apropria-se de diversos recursos disponíveis na língua, utilizando-os para inovar, renovar e ampliar o léxico.

## NOTAS

- (1) O conceito original de Debbie Danks: “A blend occurs when two (or possibly more) elements “blend” together, so that at the point(s) of fusion something is either lost from at least one source element, or shared by both. (DANKS, 2003, p. 40)  
“If there is no overlap, though, curtailment of at least one of the source elements is essential and that curtailment must come at the point of fusion. I thus have my working definition of what makes up a blend.” (DANKS, 2003, p. 39)
- (2) Tese de doutorado de Kátia Emmerick de Andrade cujo título é: *Proposta de continuum composição-derivação para o Português do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- (3) A Infopédia é um serviço da Porto Editora, que inclui 22 dicionários online, em várias línguas. Endereço eletrônico: [www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt). Acesso em: 27 abr. 2015.
- (4) O VOLP pertence à Academia Brasileira de Letras. É um dicionário Ortográfico da Língua Portuguesa. Endereço eletrônico: [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acesso em: 27 abr. 2015.
- (5) Os dicionários online Michaelis e Aurélio foram consultados através dos seguintes endereços eletrônicos: Michaelis: [www.michaelis.uol.com.br](http://www.michaelis.uol.com.br) e [www.dicionariodoaurelio.com](http://www.dicionariodoaurelio.com) e o dicionário Informal aparece junto com o dicionário Aurélio. O endereço é [www.dicionaioinformal.com.br](http://www.dicionaioinformal.com.br). Todos acessados com último acesso em: 27 abr. 2015.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, V. *An introduction to modern English word formation*. London: Longman, 1983.

ALVES, I. M. *Neologismo*. Criação lexical. São Paulo: Ática, 1994.

ALVES, R. S.; GONÇALVES, C. A. O processo de formação de palavras com os *splinters* –nese, -nejo e –tone. *Entretextos*, Londrina, v. 14, n. 1, p. 27-42, Jan/Jun. 2014. Disponível em: [www.uel.com.br](http://www.uel.com.br).

BAUER, L. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CASTILHO, A. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

DANKS, D. *Separating blends: A formal investigation of the blending process in English and its relationship to associated word formation processes*. Liverpool: University of Liverpool, 2003.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FAUCONIER, G. *Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GONÇALVES, C. A. Composição e Derivação: polos prototípicos de um *continuum*? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 5, 2011a. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

GONÇALVES, C. A. Compostos neoclássicos: Estrutura e formação. REVEL. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, v. 14, 2011b. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en portugués. *Linguística*, Madrid, v. 28 (2), p. 119-145, 2012. Disponível em: <<http://www.mundoalfal.org>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

GOLDBERG, A. E. *Contractions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD ROM.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1998.

SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1997.



## PROCESSOS DE AMPLIAÇÃO LEXICAL

Vito MANZOLILLO

Universidade de São Paulo (Pós-doutorando)  
vicemanzolillo@globomail.com

**RESUMO:** O léxico reflete, de modo inequívoco, as transformações socioculturais sofridas por uma dada comunidade. Como se sabe, toda língua viva apresenta sempre a necessidade de expansão lexical, processo que garante aos usuários a possibilidade de expressão de realidades inéditas, tanto aquelas ligadas diretamente ao progresso científico e tecnológico, por exemplo, quanto aquelas relacionadas a novos hábitos, costumes e modos de pensar. Ademais, mesmo fatos e elementos já conhecidos podem ser vistos sob ângulos e perspectivas diferentes, o que também pode ensejar a criação de palavras. Nesse sentido, vários são os processos capazes de propiciar o surgimento de palavras numa língua. Em primeiro lugar, assinala-se que um idioma pode criar novos itens lexicais a partir de unidades léxicas já existentes, situação em que se verifica a utilização de recursos como a *derivação* e a *composição*. Além disso, é possível pensar ainda nos casos em que as palavras ampliam suas capacidades expressivas, constituindo amostras do que se costuma considerar *neologismo semântico*. Dignos de nota também são os *empréstimos linguísticos*, evidências de uma influência linguística e cultural que um povo exerce sobre outro. Assim, explicar e comentar os principais mecanismos produtores de neologismos é basicamente o que se pretende com essa exposição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Léxico; Neologismo; Formação de palavras; Empréstimo.

### LÉXICO: CARACTERÍSTICAS E PROPRIEDADES

Nos dias que correm, trabalhos concernentes ao léxico indubitavelmente constituem vastos campos de pesquisa à disposição dos estudiosos.

O termo, assim como grande parte das unidades lexicais de cunho científico, provém do grego, mais especificamente da forma *lexikón*, e designa o conjunto – teoricamente infinito – de vocábulos de um idioma, “constitui[ndo] um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos [que] abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Nas palavras de Vilela (1994),

o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico

e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes numa comunidade (p. 6).

O léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais directamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se reflectem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, económicas, sociais, culturais ou científicas. (1994, p. 14)

Já para Fiorin (2004, p.116),

o léxico de uma língua é constituído da totalidade das palavras que ela possui /.../. Ele permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, porque nos mostra a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém. É reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual.

Propriedade intrínseca do léxico, já foi possível perceber, é sua mobilidade, isto é, sua capacidade de transformação ao longo do tempo, característica comum dos fenômenos antropológicos e sociais de maneira geral. Por dizer respeito basicamente à realidade extralinguística, o vocabulário, definido por Vilela (1979, p. 55) como “o último nível linguístico antes da passagem à realidade não linguística”, encontra-se sujeito a todo tipo de variação apresentada pelo mundo biossocial, deixando transparecer a visão de mundo – também ela mutante – da comunidade que o partilha. Alves (2007, vocabulário crítico: *léxico*), ao caracterizá-lo como “conjunto estruturado de todas as unidades léxicas de uma língua que são utilizadas numa mesma sincronia”, deixa implícita a ideia de que, com o passar do tempo – com a mudança de sincronia –, o léxico também se modifica.

Devido a essas características, conclui-se com Vendryes (1943, p. 256) que, muito mais do que a gramática, “o vocabulário jamais está pronto, porque depende das circunstâncias”, o que obriga os usuários da língua a “aprendê-lo” até o final de suas vidas.

Já de acordo com Preti (1988, p. 119), é

o léxico [que] melhor se presta a mostrar as transformações sociais de uma comunidade e se constitui na parte menos conservadora de uma língua. Vocábulos que surgem e desaparecem, num processo contínuo e natural de neologia e obsolescência, são o reflexo mais perfeito das mudanças sociais.

Mudança e progresso apresentam dois lados contraditórios: ao trazerem novidades, muitas vezes, sepultam o já estabelecido, que perde espaço diante da inovação, quer seja ela um objeto, artefato ou produto, quer seja ela um hábito, costume ou fenômeno cultural. Convém notar ainda que, nem sempre, a unidade léxica nova aparece para nomear um referente inédito. Um sinônimo pode ser acolhido simplesmente

para que se possam vencer os desgastes naturais das palavras, comunicando velhas coisas de novas maneiras.

## POSSIBILIDADES DE AMPLIAÇÃO LEXICAL

Variadas são as maneiras pelas quais os neologismos podem surgir numa língua. Deixando de lado as raríssimas criações *ex-nihilo* (a partir do nada) e aquelas “fruto de errôneos ou falhos verbetes de dicionários (...) ou de equívoca segmentação do discurso” – cf. Assumpção Jr. (1986, p. 26, nota 32)<sup>1</sup> –, em linhas gerais, isso se dá pela criação de formas inéditas a partir de palavras da própria língua, mormente através de processos como *derivação* e *composição*, mas igualmente por meio de recursos como uso de *siglas* ou de *acrônimos*, *onomatopeia*, *redução* ou *abreviação*, *reduplicação* (ou *duplicação silábica*), *recomposição* e *palavra-valise* (*cruzamento vocabular*, *palavra portmanteau*, *palavra-centauro*, *palavra entrecruzada*, *amálgama lexical*, *combinação*, *fusão*, *mistura*, *blend* e *contaminação* também são designações usadas para nomear o processo). Outra alternativa são os chamados *neologismos semânticos*, *de sentido*, *conceituais* ou *conceptuais*, ou seja, o alargamento de significado de forma já conhecida, mediante aplicação de artifícios como a metáfora, a metonímia e a conversão. Trata-se de um significante já existente que incorpora um conteúdo que não tinha antes; em outras palavras, há um acréscimo de semas, e o item lexical vai se tornando polissêmico. Além dessas opções, devem ser mencionados ainda os empréstimos linguísticos, adoção de forma proveniente de outro sistema, situação na qual a capacidade criadora dos usuários é posta de lado, uma vez que o elemento novo já vem pronto. Não obstante suas diferenças estruturais, a capacidade de documentar uma nova realidade sociocultural é a característica comum de todas essas possibilidades neológicas.

Lembre-se ainda o fato de que uma inovação léxica de qualquer natureza é, normalmente, uma ação individual e anônima, sendo o seu responsável, bem como o instante de seu surgimento, passíveis de identificação apenas em situações especiais. Por outro lado, nem todas as inovações propostas serão acolhidas pelo sistema. Somente aquelas aceitas pela coletividade terão garantida sua incorporação à língua.

Além disso, “sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica” (Alves, 2007, p. 6), e desse processo “tanto participam os literatos, os artistas e os cientistas como o simples cidadão integrante da comunidade” (BECHARA, 1998, p. 2), já que, como também enfatiza Bréal (1992, p. 176), “todos preparamos, mais ou menos, o vocabulário do futuro, ignorantes ou sábios, escritores ou artistas, pessoas da sociedade ou homens do povo”.

Acrescente-se também que, com respeito aos sistemas linguísticos, as formas mais corriqueiras – e rápidas – de mutação interna são justamente as devidas aquisições e as perdas lexicais. O estudo dessas mudanças, além do interesse estritamente linguístico, desperta igualmente o sociológico, uma vez que permite analisar as transformações histórico-sociais por que passam os grupos humanos bem como as influências culturais por eles sofridas ao longo do tempo.

## NEOLOGISMOS: EXEMPLOS ILUSTRATIVOS

À guisa de ilustração, seguem exemplos de neologismos<sup>2</sup> extraídos da imprensa escrita.

1) “Ser um gestor, estudar, dedicar tempo e aprofundar-se no tema, sem ser um ‘**pedagogo-educador**’, parece um pecado neste país”. (*O Globo*, 07 nov. 2014, p. 21.) (composição subordinativa).

2) “O MEC vasculhará redes sociais e eliminará quem postar *selfies* na prova”. (*O Globo*, 08 nov. 2014, p. 1.) (empréstimo).<sup>3</sup>

3) Fachadas de prédios públicos e novos seriam obrigatoriamente pintadas com tinta **antipichação**<sup>4</sup>, e os edifícios que tivessem pichações em sua fachada seriam severamente multados”. (*O Globo*, 11 nov. 2014, p. 15.) (derivação prefixal).

4) “O bucólico Volta, por exemplo, serve um **blend** que foi desenvolvido com exclusividade para a casa pela barista Isabela Raposeiras, do CoffeeLab de São Paulo”. (*O Globo*, Rio Show, 17 out. 2014, p. 4.) (empréstimo).

5) “Após seis meses parado, **tatuzão** retoma escavações em Ipanema” (tít.) (*O Globo*, 11 nov. 2014, p. 9.) (neologismo semântico).

6) “**Designmóvel**<sup>5</sup> mostra como funciona impressora especial” (subtít.) (*O Globo*, 07 nov. 2014, p. 14.) (composição satírica).

7) “Depois de [o AXN] mover ‘Criminal minds’ da grade noturna, está mandando brasa no **reprisódromo**<sup>6</sup> dessa que é uma das suas melhores séries”. (*O Globo*, Segundo Caderno, 22 ago. 2013, p. 8.) (composição satírica).

8) “[Uma haste com suporte para celular] lembra a câmera GoPro, sonho de consumo dos **selfiemaniacos**”. (*O Globo*, 07 nov. 2014, p. 16.) (composição subordinativa).

9) “A presença das miúdas no aeroporto mais rentável do país reflete a nova política de distribuição de *slots* (horários de pousos e decolagens) do governo”. (*O Globo*, 05 nov. 2014, p. 18.) (empréstimo).

10) “Galisteu **magrelinda**” (tít.) (*O Globo*, 05 nov. 2014, p. 18.) (cruzamento vocabular).

11) “O **antipetismo** cresce na proporção de um rechaço das classes média e alta à mobilidade que ameaça seu lugar privilegiado”. (*O Globo*, 31 out. 2014, p. 5.) (derivação prefixal).

12) “Ele diz que, em uma época **pré-internet**<sup>7</sup>, tomar café era coisa de pessoas de meia e terceira idade, mas que o perfil do consumidor, e dos cafés, mudou bastante ao longo dos anos”. (*O Globo*, Rio Show, 17 out. 2014, p. 5.) (derivação prefixal).

13) “Artilheiros a postos na **arena**” (tít.) (*O Globo*, Copa 2014 (ed. especial), 01 jul. 2014, p. 13.) (neologismo semântico).<sup>8</sup>

14) “Primeiro brasileiro premiado em Cannes, filme de Vitor Lima Barreto que consagrou o gênero ‘**nordestern**’<sup>9</sup> chega aos 60 anos sem honrarias” (subtít.) (*O Globo*, Segundo Caderno, 01 ago. 2013, p. 1.) (cruzamento vocabular).

15) “STF: relator vota a favor da **desaposentação**” (tít.) (*Destak*(Rio de Janeiro), 10 out. 2014, p. 6.) (derivação prefixal).

16) “É o chamado segmento da **monodose**: o preparo individual”. (*O Globo*, Rio Show, 17 out. 2014, p. 5.) (composição entre bases não autônomas).

17) “(...) ele serve o chamado café americano, que tem uma torra média, que deixa o café um pouco mais suave – mas não tão fraco como o ‘**chafé**’ dos americanos”. (*O Globo*, Rio Show, 17 out. 2014, p. 5.) (cruzamento vocabular).

18) “Mas, em alguma medida, ela se mantém prisioneira do estilo fisiológico de exercício do poder pelo **lulopetismo**.” (*O Globo*, 08 nov. 2014, p. 22.) (composição entre bases não autônomas).

19) “É um avanço admitir **problemas-chave**<sup>10</sup> como a inflação.” (*O Globo*, 08 nov. 2014, p. 22.) (convergência entre derivação e composição).

20) “**FOTOGALERIA**: Confirma imagens da abertura do (*sic.*) túneis da Linha 4 do metrô”. (*O Globo*, 11 nov. 2014, p. 13.) (recomposição).<sup>11</sup>

21) “O jogo de hoje será o segundo da **oposta** Andreia, que se juntou ao time nesta temporada”. (*O Globo*, 14 nov. 2014, p. 32.) (neologismo semântico).

22) “Na ação, Evelyn Rosenzweig, presidente da associação, alega que o ‘**cachorródromo**’<sup>12</sup> foi instalado à revelia de 120 moradores”. (*O Globo*, Segundo Caderno, 07 dez. 2013, p. 3.) (composição satírica).

23) “Operação vazou, indica PF; 6 têm **preventiva**<sup>13</sup> decretada” (tít.) (*Metro* (Rio de Janeiro), 19 nov. 2014, p. 8.) (conversão).

24) “Definindo-se como uma ‘**popstora**’<sup>14</sup> – uma pastora pop – a cantora Baby do Brasil está animada para dividir o palco com Maria Rita, amanhã à noite”. (*Metro* (Rio de Janeiro), 07 nov. 2014, p. 21.) (cruzamento vocabular).

25) “Dos 12 no **semiaberto**<sup>15</sup>, só Jefferson não pediu progressão de regime”. (*O Globo*, 15 nov. 2014, p. 19.) (conversão).

26) “Ficou famosa uma intervenção da filósofa **grã-petista** Marilena Chauí, quando afirmou com todas as letras: ‘Eu odeio a classe média (...)’”. (*O Globo*, 15 nov. 2014, p. 23.) (composição entre bases não autônomas).

27) “Um dos personagens mais importantes nas feiras do Rio é pouco conhecido da maioria da população. É o ‘**troqueiro**’, uma espécie de banqueiro dos feirantes, que, bem cedinho, percorre as barracas pra garantir troco a uma legião de comerciantes”. (*O Globo*, 15 nov. 2014, p. 25.) (derivação sufixal).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o encerramento destas reflexões, recorre-se a Estrela (1991, p. 151), que, de forma um tanto quanto poética, faz observações pertinentes a respeito da questão da dinâmica lexical:

Um dia, a palavra inexistente, desconhecida, emerge das trevas pela mão do poeta, pela voz do povo, pela pena do gramático, do cientista, dos obreiros do idioma, vai-se expandindo, aumentando mais e mais a sua implantação, tornando-se frequente no discurso cotidiano, na linguagem comum ou numa linguagem específica, até que os dicionaristas se dignem reconhecê-la e dar-lhe entrada nos seus dicionários. Uma vez introduzido nos cânones da língua, o novo termo adquire legitimidade, reconhecimento, prestígio. Durante mais ou menos tempo, anda nas bocas do mundo, até que um dia – tudo é possível – pode cair em desgraça, ser escorraçado, esquecido... Até que alguém o recupere, e o ciclo recomeça, ou até que a morte o

apague e dele não mais rezerá a história. É assim a vida das palavras. Como acontece com os heróis, algumas palavras lá se vão da lei da morte libertando; outras viverão por todo o sempre no limbo; outras, ainda, “tabus linguísticos”, ficarão desterradas nas margens do socialmente tolerado.

## NOTAS

- (1) O autor esclarece que se trata das formas que Ernest Weekley chamou de “ghost-words”. Outra denominação usada é *voxnihilli*– cf. Lázaro Carreter (1974: *voxnihilli*). Relativamente ao português, os exemplos que Assumpção Jr. fornece são *inopinoso* e *retratibilidade* (verbetes equivocados) e *busílis* e *quinau* (segmentação do discurso equivocada). Haensch et al (1982, p. 431) lembram que a causa para a existência de tais palavras, às vezes, reside no fato de que, através dos séculos, muitos dicionários foram feitos com base em outros já existentes, o que propicia o aparecimento de erros de cópia ou de interpretação. Além disso, continuam eles, algumas dessas criações serviriam também para justificar etimologias falsas, inventadas por certos estudiosos.
- (2) Nesta exposição, o objetivo principal é apresentar as possibilidades existentes para o surgimento de novas palavras em uma língua. Nesse sentido, adotou-se como critério para que se considere um item lexical neológico a ausência de registro no dicionário *Aulete* (digital). A consulta à obra foi realizada em 18 nov. 2014. Mencione-se ainda que a classificação dos neologismos levou em conta basicamente a proposta de Alves (2007).
- (3) Em outra oportunidade, a distinção *empréstimo/estrangeirismo* já foi tratada. Assim, aos interessados no aprofundamento do tema, recomenda-se a leitura de Manzóllilo (2013b).
- (4) Como já observado em outra ocasião – cf. Manzóllilo (2013a, p. 11-12) –, alguns autores consideram que prefixos não mudam a classe gramatical do radical a que se ligam. No exemplo em pauta, o substantivo-base, com o acréscimo do prefixo, transformou-se em adjetivo. Sobre essa questão consultar também Alves (2007, p. 23-25).
- (5) Segundo se lê em Alves (2007, p. 47), de uma “intenção satírica resultam as criações léxicas substantivas de que faz parte, como determinante, o elemento *móvel*, forma abreviada de *automóvel*”. Neste caso específico, é interessante observar também que o determinado *design* é uma unidade léxica estrangeira ainda não aportuguesada, fato que não a impediu de participar do processo de formação de um item lexical novo em português, mostrando, de alguma forma, sua integração no léxico dessa língua.
- (6) De acordo com Alves (2007, p. 47), “curiosas são as formações obtidas com a base não autônoma *-ódromo*, frequentes a partir de *sambódromo*, o ‘lugar do desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro.’” No caso em questão, bastante peculiar é a formação neológica *reprisódromo*, em que a ideia de local não existe.

- (7) Ver nota 4.
- (8) Neste exemplo, é possível supor que a aceção nova da palavra tenha sofrido alguma influência do uso que a unidade lexical *arena* apresenta em inglês, o que configuraria um caso de *empréstimo semântico*.
- (9) Mais um caso de unidade léxica não aportuguesada (*western*) que participa da formação de uma nova palavra em português. Ver nota 5.
- (10) Conforme explica Alves (2007, p. 48), “o processo da composição subordinativa entre substantivos /.../ tem mostrado que um tipo de composição vem ocorrendo com bastante produtividade na imprensa contemporânea: um elemento substantivo, em função determinante, repete-se com tanta frequência nessa segunda posição que seu emprego não é mais sentido como eventual, chegando a perder parte de seu significado e a adquirir valor sufixal”. Assim, *problema-chave* é um problema importante, fundamental ou relevante.
- (11) Segundo Monteiro (2002, p. 191), “a recomposição na realidade constitui uma espécie de composição, com uma diferença bastante específica. Trata-se de um mecanismo formador de novas palavras em que apenas uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova composição”. Entre os exemplos que fornece, encontram-se *fotocópia*, *fotolegenda*, *fotonovela*, *fotocarta* e *fotomontagem*. Seja como for, é preciso salientar ainda que a forma reduzida *foto*, em alguns contextos, é usada como sinônimo de *fotografia*. Outros aspectos teóricos do processo podem ser vistos em Cunha e Cintra (1985, p. 111-112).
- (12) Ver nota 6.
- (13) Como esclarece Alves (2007, p. 60), “a conversão, também denominada derivação imprópria, designa um tipo de formação lexical pelo qual uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição sem que haja manifestação de mudanças formais. Exemplos frequentes são apresentados por adjetivos empregados substantivamente”. Ainda segundo a autora (2007, p. 60), “num grupo sintagmático composto por substantivo e adjetivo, a conversão pode possibilitar a elipse do substantivo, pois o adjetivo, em papel substantival, assume toda a carga semântica do conjunto”. No exemplo em questão, *preventiva* = *prisão preventiva*.
- (14) Mais um caso de unidade léxica não aportuguesada (*pop*) que participa da formação de uma nova palavra em português. Ver nota 5.
- (15) No exemplo em questão, *semiaberto* = *regime semiaberto*. Ver nota 13.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. *Neologismo*. Criação lexical. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ASSUMPCÃO Jr., A. P. de. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BECHARA, E. Imexível: uma injustiça a ser reparada. In: ELIA, S. et al (Orgs.). *Na ponta da língua I*. Rio de Janeiro: Lucerna/Liceu Literário Português, 1998. p. 1-3.

BIDERMAN, M. T. de C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRÉAL, M. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Coord. e rev. téc. da trad. Eduardo Guimarães. São Paulo: EDUC; Pontes, 1992.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ESTRELA, E. *Dúvidas do falar português IV*. Lisboa: Editorial Notícias, 1991.

FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/99. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola, 2004. p. 107-25.

HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

LÁZARO CARRETER, F. *Diccionario de términos filológicos*. 3. ed. corr. Madrid: Gredos, 1974.

MANZOLILLO, V. A derivação e seus subtipos: um estudo comparativo. *Cadernos do CNLF*, v. XVIII, n. 3: minicursos e oficinas. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 9-18, 2013a.

MANZOLILLO, V. Empréstimo e estrangeirismo: confrontos e contrastes. *Revista Philologus*, Ano 19, n. 57. Supl.: *Anais da VIII JNLFLP*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 435-445, set./dez. 2013b.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes, 2002.

PRETI, D. A gíria na sociedade contemporânea. In: VALENTE, A. C. (Org.). *Língua, linguística e literatura: uma integração para o ensino*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 119-29.

VENDRYES, J. *El lenguaje: introducción lingüística a la historia*. Trad. de Manuel de Montoliu e José M. Casas. Barcelona: Cervantes, 1943.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

VILELA, M. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.